



TINAN 500 anos YEARS



Portugal – Timor

**RESISTÊNCIA
TIMORENSE**
ARQUIVO & MUSEU

**REZISTÉNSIA
TIMORENSE**
ARKIVU & MUZEU

FUNDAÇÃO
MÁRIO SOARES

Timor-Leste, 2015



RESISTÊNCIA
TIMORENSE
ARQUIVO & MUSEU

REZISTÉNSIA
TIMORENSE
ARKIVU & MUZEU

FUNDAÇÃO
MÁRIO SOARES

Timor-Leste, 2015

PREFÁSIU

Ua'inhira navegadór sira, komersiante sira ho evanjelizadór portugés sira tau ain iha illa Timór iha sékulu XVI, eventu ida ne'e konstitui inisiu ba prosesu naruk ida iha tinan 500 nia laran ne'ebé marka enkontru entre kultura husi povu rua ne'e.

Konvivénsia entre povu rua ne'e nunka fasil i ninia perkursu markadu ho disputa no violénsia barak. Maibé buat ne'ebé loos duni maka, katak identidade própria povu Timór nian mosu iha kruzamentu husi tradisaun animista prevalesente ho relijiaun katólika ne'ebé portugés sira introdús, nune'e hodi hamoris iha Timór Orientál, espesifisidade ida ne'ebé ajuda harii ninia identidade rasik.

Atu marka tinan 500 husi enkontru ida ne'e, Governu Rapúblika Demokrátika de Timor-Leste pretende atu obzerva perkursu ida ne'e ho ninia antecedente sira, atu estuda no kompriende di'ak liu tan momentu sira ne'e, no sei hasai lisaun oioin ba futuru.

Ita sei la omite buat komérsiu oioin ne'ebé estabelese ho Timór, enkuantu ita mós hatene kona-ba valór rezisténsia husi ita-nia Povu hasoru tentativa oioin atu subjuga no divide ita-nia povu. Istória tenke kompriende duni husi narornan husi époka oioin i ohin importante ba ita atu hasán unidade kultura ho politika povu Timór nian, nune'e mós labele haluha ninia insersaun iha mundu globál no rejionál.

Tanba ne'e, ita saúda inisiativa husi Arquivo & Museu da Resistência Timorense no husi Fundação Mário Soares ne'ebé apresenta ba ita estudu aprofundadu ida kona-ba istória komum husi ita-nia povu na'in rua ne'e no mós espozisaun ida ne'ebé permite ita atu koñese di'ak liu tan.

Finálmente, ita hakarak hasán katak komemorasaun sira ne'e sei hala'o iha Oe-cusse-Ambeno, fatin ne'ebé portugés sira tun dahuluk, no mós hodi marka tinan dala-haat nulu iha aniversáriu Proklamaun Independênsia iha ita-nia rain, adoptada iha 28 de Novembro 1975 “atu salvaguarda ita-nia lejítimu direitu ho interesse ne'ebé aas liu hotu-hotu mak Nasaun Soberana”.



Dr. Rui Maria de Araújo

Primeiru-Ministru
Repúblika Demokrátika Timór-Leste

PREFÁCIO

A chegada dos navegadores, comerciantes e evangelizadores portugueses à Ilha de Timor, no século XVI, constitui o inicio do encontro de culturas entre os dois povos, e que conta já com cinco séculos.

Nem sempre foi fácil essa convivência e o seu percurso está marcado por inúmeras disputas e violências. Mas o certo é que a própria identidade do povo timorense se forjou no cruzamento das tradições animistas prevalecentes com a religião católica, introduzida pelos portugueses, criando assim, em Timor Oriental, uma especificidade que ajudou a construir a sua identidade própria.

Ao assinalar os 500 anos deste encontro, o Governo da República Democrática de Timor-Leste pretende, precisamente, que se atente nesse percurso e nos seus antecedentes, que se estudem e compreendam melhor os seus momentos e que se tirem lições para o futuro.

Temos consciência do tipo de relações comerciais estabelecidas com Timor, do mesmo modo que sabemos o valor da resistência do nosso Povo às diferentes tentativas de o subjugar e dividir. A História tem de ser entendida também à luz das diferentes épocas e hoje importa acentuar a unidade cultural e política do povo timorense, sem esquecer a sua inserção num mundo global e regional.

Saudamos, por isso, estas iniciativas do Arquivo & Museu da Resistência Timorense e da Fundação Mário Soares, que nos trazem um estudo aprofundado sobre a história comum dos nossos dois povos e uma exposição que a permitirá conhecer melhor.

Queremos, finalmente, acentuar que as comemorações que se vão realizar em Oe-Cusse Ambeno, onde primeiro desembarcaram os portugueses, assinalam igualmente o 40.º aniversário da Proclamação da Independência do nosso país, adotada em 28 de novembro de 1975, “para salvaguarda dos seus mais legítimos direitos e interesses como Nação Soberana”.



Dr. Rui Maria de Araújo

Primeiro-Ministro
República Democrática de Timor-Leste

FOREWORD

The arrival of the Portuguese navigators, traders and evangelisers on the Island of Timor in the 16th century started a meeting of cultures between both peoples – a meeting that is already 5 centuries long.

This relationship has not always been easy. Indeed, it is fraught with disputes and acts of violence. Still, the truth is that the very identity of the Timorese people was forged in the crossing between the prevailing animistic traditions and the Catholic religion introduced by the Portuguese, thus creating a unique condition in East Timor that helped the people to build their own identity.

As we celebrate the 500th anniversary of this meeting, the Government of the Democratic Republic of Timor-Leste wants precisely to look at that path and its background, so that we may study and understand its moments more effectively and thus learn lessons for the future.

We are aware of the type of trade relationships established with Timor, as we are aware of the value of our People's resistance against the different attempts to subjugate and divide it. History must be understood in the light of the different times, and today we must focus on the cultural and political unity of the Timorese people, without forgetting its insertion in a global and regional world.

As such, we praise these initiatives by the Timorese Resistance Archive & Museum and the Mário Soares Foundation, which provide us with a thorough study on the common history of our two peoples and with an exhibition that will allow us to know that history better.

Lastly we want to highlight that the celebrations that will be taking place in Oecusse-Ambeno, the site where the Portuguese first set foot on our shores, also mark the 40th anniversary of our country's Proclamation of Independence, adopted on 28 November 1975, "for safeguarding its most legitimate rights and interests as a Sovereign Nation".



Dr. Rui Maria de Araújo

Prime Minister
Democratic Republic of Timor-Leste

APRESENTAÇÃO

O Governo da República Democrática de Timor-Leste decidiu assinalar os 500 anos da chegada dos navegadores e missionários portugueses a Lifau, Oecussi-Ambeno, enquanto marco histórico na afirmação da nova identidade timorense e na construção de Timor-Leste, devendo as cerimónias programadas ter o seu ponto alto no dia 28 de novembro de 2015, 40.º aniversário da proclamação unilateral da independência de Timor-Leste.

O Arquivo & Museu da Resistência Timorense e a Fundação Mário Soares responderam ao apelo para o estabelecimento de uma abordagem histórica, cultural e intelectual do encontro de culturas entre os dois povos, promovendo para o efeito uma exposição que se realizará em Oecussi-Ambeno e em Díli e editando um catálogo com textos e imagens sobre essa realidade.

A dignificação da História exige uma abordagem aprofundada e cientificamente correta da vivência entre os dois povos ao longo de cinco séculos e da sua inserção na evolução política, económica e social da região e do cruzamento incessante de influências.

Com efeito, a nossa história comum liga locais tão distantes e diferentes como Lisboa, Goa, Malaca, Macau, Solor, Flores e Timor, expressando a globalização ocorrida há 500 anos no comércio e na troca de culturas.

Essa história comum não pode esquecer o que era a Ilha de Timor nessa época e, sobretudo, como viviam e estavam organizados os Povos Timorenses.

É uma história atravessada por mil e um episódios que expressam, por um lado, a natureza colonial da implementação portuguesa no território, o comércio estabelecido, os pactos celebrados e os pactos rompidos, a inserção na permanente mutação das construções sociais, culturais e políticas regionais e globais, a implementação gradual da religião católica e a sua relação com as práticas animistas

PRESENTATION

The Government of the Democratic Republic of Timor-Leste has decided to commemorate the 500th anniversary of the arrival of the Portuguese navigators and missionaries to Lifau, Oecussi-Ambeno, as an historic milestone in the affirmation of the new Timorese identity and in the construction of East Timor. The scheduled celebrations culminate on the 28th November 2015, the 40th anniversary of the unilateral declaration of independence of East Timor.

The Archives & Museum of Timorese Resistance and Mário Soares Foundation answered the call to set up an historical and cultural approach of the gathering of the two nations by promoting an exhibition to be held in Oecussi-Ambeno and Dili and the publication of a catalog with texts and images about that reality.

Historical elevation demands rigorous approach and a scientifically accurate depiction of life experiences between the two peoples over the course of five centuries and their relation with the political, economical and social evolution of the region and the endless crossing of influences.

Indeed, our common history links places as far and different as Lisbon, Goa, Malacca, Macao, Solor, Flores and Timor, expressing the globalisation that occurred 500 years ago in trade and in the cultural exchanges.

This mutual history cannot forget what the island of Timor was at that time and, above all, how the Timorese people lived and were organized.

It is an history crossed by countless episodes that express the nature of the colonial implementation in the territory, the established trade, the signed and broken agreements and pacts, the inclusion in the permanent changes on social, cultural and political, regional and global policies, the progressive implementation of the Catholic religion

APREZENTASAUN

Governo RDTL hakarak haktuir kona bá comemorasaun tinan atus lima, bainhira ro nain sira no mos nai-lulik sira mai hosi Portugal toó iha Lifau, Oé-kusi Ambeno. Hakarak haktuir hanesan marku historiku bo'ot ida, bainhira halo comemorasaun 40º aniversário Proclamaçāo Unilateral Independencia iha loron 28, fulan novembro, tinan 2015.

Arquivo Museu da Resistência Timorense no mos Fundação Mario Soares, simu knaar ida atu halo haktuir kona ba historia no mos kultura, bainhira povu nain rua(timor ho portugues) hasoru malu, hodi hari exposisaun ida iha Oé-kusi Ambeno no mos iha Dili. Acompanha exposisaun nee, halo mos katalogu ida ho textu no mos retratu kona ba realidade ida nee.

Bainhira ita hakarak dignifika historia ita tenki hare di-diak tuir abordagem científika, hodi haktuir di-diak povu nain rua nia moris iha tinan atus lima nia laran, no mos hare di-diak tuir evolusaun politika, economika e social regiaun nian, hetan influensia barak.

Ita nia historia hamutuk, lekar ba fatin barak, dook malu tebetebes, hanesan Lisboa, Goa, Malaca, Solor, Flores no mos Timor. Fatin sira nee hatudu Globalizaçāo neebe halo kedas iha tinan atus lima nia laran, bainhira troka malu sasan no mos kultura.

Ita nia historia hamutuk, labele haluha, rai timor oin sa, iha tempu ida neeba, timor oan sira moris halu nu sa, no mos halo nusa maka sira organiza aan.

Historia hamutuk, hetan episodi barak, haktuir kona ba natureza kolonial bainhira Portugal hari nia ukun iha Rai Timur, haktuir kona ba troka sasan, haktuir kona bá hari paktu no mos bainhira sobu paktu, haktuir kona ba intervensaun iha estrutura sosial, kultural no mos politika regional ka mundo tomak nian, haktuir kona bá Uma Kreda hari nia aan iha ema nia let no mos iha lulik

dominantes, a adaptação de hábitos e costumes às novas realidades.

E, por outro lado, expressa a resistência dos povos e dos reinos timorenses à progressiva ocupação das suas terras, ao incremento da prática esclavagista, à reordenação forçada das organizações sociais e políticas tradicionais, ao recrutamento de timorenses para ações militares (geralmente, contra outros timorenses), à aplicação de impostos (como as fintas).

Não foi assim a nossa história comum uma sequência fácil. Quantas vezes conflituosa, o certo é que também aí se estabeleceram relações de mútuo interesse, aprendizagens complementares e um melhor conhecimento.

Assinalando estes 500 anos de intercâmbio, solicitámos um texto ao Doutor Paulo Jorge de Sousa Pinto, investigador do Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (CHAM), unidade de investigação interuniversitária vinculada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e à Universidade dos Açores – texto que pretende, precisamente, estabelecer um quadro, necessariamente sintético, da história e formação desse relacionamento, sem esquecer a coexistência, nem sempre pacífica, entre Portugal e a Holanda na ocupação da ilha de Timor.

No contexto destas comemorações, entendeu-se que se devia privilegiar o nascimento e evolução do relacionamento entre os timorenses e os portugueses até ao século XX, ou seja, até à implantação e estabelecimento de uma administração colonial estruturada e duradoura, após a Ilha de Timor ter sido formalmente dividida entre as duas potências europeias, Portugal e a Holanda.

Ao longo de todos esses anos, um papel crucial foi desempenhado pela igreja católica, e designadamente pelos frades dominicano, contribuindo para a introdução dessa religião entre os naturais do Timor ocupado pelos portugueses – o que seguramente moldou muitos hábitos e costumes, em paralelo com as tradições e sistemas de crenças locais.

and its relationship with dominant animist practices, the adjustment of habits and customs to the new realities.

On the other hand, it expresses the resistance of the peoples and the Timorese kingdoms to the progressive occupation of their land, the increasing of the slave trade, the forced reordering of social and political organic structures and traditional policies, the recruitment of Timorese for military actions (usually, against other Timorese) and the application of taxes (as the fintas).

Our shared history was not an easy sequence. Many times conflicting, the fact is that, also there, it established mutual beneficial relations, complementary learning and a better knowledge.

Celebrating these 500 years of reciprocal exchange, we asked Dr. Paulo Jorge de Sousa Pinto, researcher at the Centro de História d'Aquém e d'Além-Mar (CHAM), an Inter-university research unit linked to the Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e à Universidade dos Açores, to write a article precisely intending to establish a view, necessarily synthetic, of the history and formation of those relationships, not forgetting the coexistence, not always peaceful, between Portugal and Holland in the occupation of the island of Timor.

In the context of these celebrations, it was understood that it should be given preference to the birth and development of the relationship between the Timorese and the Portuguese until the 20th century, i.e. until the implementation and the establishment of a structured and longstanding colonial administration, after the Island of Timor had been formally split between the two European powers, Portugal and Holland.

Throughout those years, a crucial role was played by the Catholic Church, and particularly by the Dominican Friars, by contributing to the introduction of that religion among the natives from the occupied Timor by the Portuguese – what surely has shaped many customs and

nain sira nia let, haktuir mos ba adaptasaun kostumes iha tempu seluk.

Sorin mai, haktuir kona bá resistensia povu timor nian no mos resistensia reinu sira nian

bainhira estadu hadau ema nia rain, halo boot liu trafiku ema atan sira, halo oin seluk fali timor oan sira nia organizasaun social, politika tuir tradição lokal, rekruta timor oan sira atu halo funu hasoru malu, hari impostu ida naran finta.

Ita nia historia hamutuk laós fasil. Dala barak ita hetan konflictu. Maibé ita estebelese relasaun tuir ida-idak nia interesse, aprende hó malu no mos hatene malu diak.

Haktuir tinan atus liman nia laran ita nia moris hamutuk, ami husu ba Doutor Paulo Jorge de Sousa Pinto, investigador do Centro d'Áquém e d'Além-Mar (CHAM), unidade de investigação vinculada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e à Universidade dos Açores- textu ida halo sintese historia ho relacionamento, no mos la haluha relacionamento ho Holanda potensia Europa nian, ida nebeé fahe rai Timor ho Portugal.

Iha comemorasaun nee hakarak fó privilegiu liu bá moris no relacionamento ema Portugal nian ho ema timor nian to'o sekulu xx, bainhira Portugal hari estrutura administraun kolonial, hahu keda tempu ida nebeé fahe rai Timor ho Olanda.

Iha tinan ba tinan, Uma Kreda kaer knaar bo'ot liu, nai lulik dominikanu sira lekar religiaun katolika ba fatin rai timur neebé hela iha portugues sira nia ukun laran, halo kostume foun hamutuk ho timor nia lisan tuan no mos ho nia lulik sira.

Iha tinan 1974 ema sarani sira hamutuk halo 30 por cento. (Iha tinan 1952 iha 13 por cento). Iha tempu indonesia nia okupasaun, tanba politika Pancasila(ema hotuhotu tenki fihir religiaun ida entre religiaun lima neebé reconhecido hanesan oficial), ema barak fihir religiaun katolika. Hamutuk halo 90 por cento. Bainhira halo escolha nee,

O certo é que, chegados a 1974, o número de católicos recenseados na colónia portuguesa de Timor não atingia os 30% da população (em 1952, não ultrapassava os 13%). Foi durante a ocupação indonésia, e em grande medida pela aplicação da política indonésia da Pancasila (obrigatoriedade de opção pela crença num único Deus, ou seja, pela adoção de uma das cinco religiões reconhecidas como tal) que se verificaram “conversões em massa” ao catolicismo, que passou a representar cerca de 90% da população – essas “conversões” evitavam ainda que fossem considerados pelas autoridades indonésias como ‘comunistas’ ou simpatizantes da Resistência.

O período da Resistência à ocupação e de luta pela Dignidade e Independência foi, precisamente, um momento marcante dessa relação, mostrando uma Igreja ao lado do seu Povo, contribuindo e valorizando a afirmação da identidade timorense e da unidade nacional.

Estamos em crer, finalmente, que estas cerimónias permitirão aprofundar o conhecimento das linhas mestras do encontro de povos e culturas entre timorenses e portugueses, hoje parceiros na defesa da democracia e do desenvolvimento.

traditions, in parallel with the traditions and local systems beliefs.

The fact is that, in 1974, the number of Catholics counted in the Portuguese colony of Timor did not reach 30% of the population (in 1952, it did not exceed the 13%). It was during the Indonesian occupation, and largely by the application of Indonesian policy of Pancasila (mandatory option to believe in one God, i.e., by the adoption of one of the five recognized religions as such) that “massive” conversions to Catholicism occurred, which accounted for around 90% of the population – those “conversions” avoided them to be considered as ‘communists’ or supporters of the Resistance by the Indonesian authorities.

The period of Resistance to occupation, for the Dignity and Independence, was accurately a fundamental moment of that relationship, revealing a Church on the side of his People, contributing and valuing the affirmation of the Timorese identity and national unity.

Finally, we believe that these ceremonies will deepen the knowledge of the broad lines of the reunion of the people and cultures between Timorese and Portuguese, nowadays together defending the memory, the democracy and the development of both our countries.



Marek Smith

halo atu indonesia nia autoridade sira la bele konsidera hanesan komunista ka simpatizante Resistênciā nian.

Iha tempo Resistênciā nian, bainhira halo luta bá Dignidade no mos bá independensia, Uma Kreda hela iha povu nia sorin, hari identidade timor nian no mos unidade nasional.

Serimonia sira nee, bele fó haktuir no mos fo hatene, dalan lo'os neebe povu timor no povu portugues hetan, atu defende memoria, demokracia no mos desenvolvimentu.

Hamar, Antoninho Baptista Alves

Diretor Ezekutivu no Presidente Arkivu & Muzeu Rezisténsia Timorensen
Diretor Executivo e Presidente do Arquivo & Museu
da Resistência Timorense
Executive Director and President of the Arquivo & Museu
da Resistência Timorense

Alfredo Caldeira

Administradór Arkivu & Biblioteka Fundação Mário Soares
Administrador do Arquivo & Biblioteca da Fundação Mário Soares
Fundação Mário Soares Archives & Library Administrator

500 ANOS

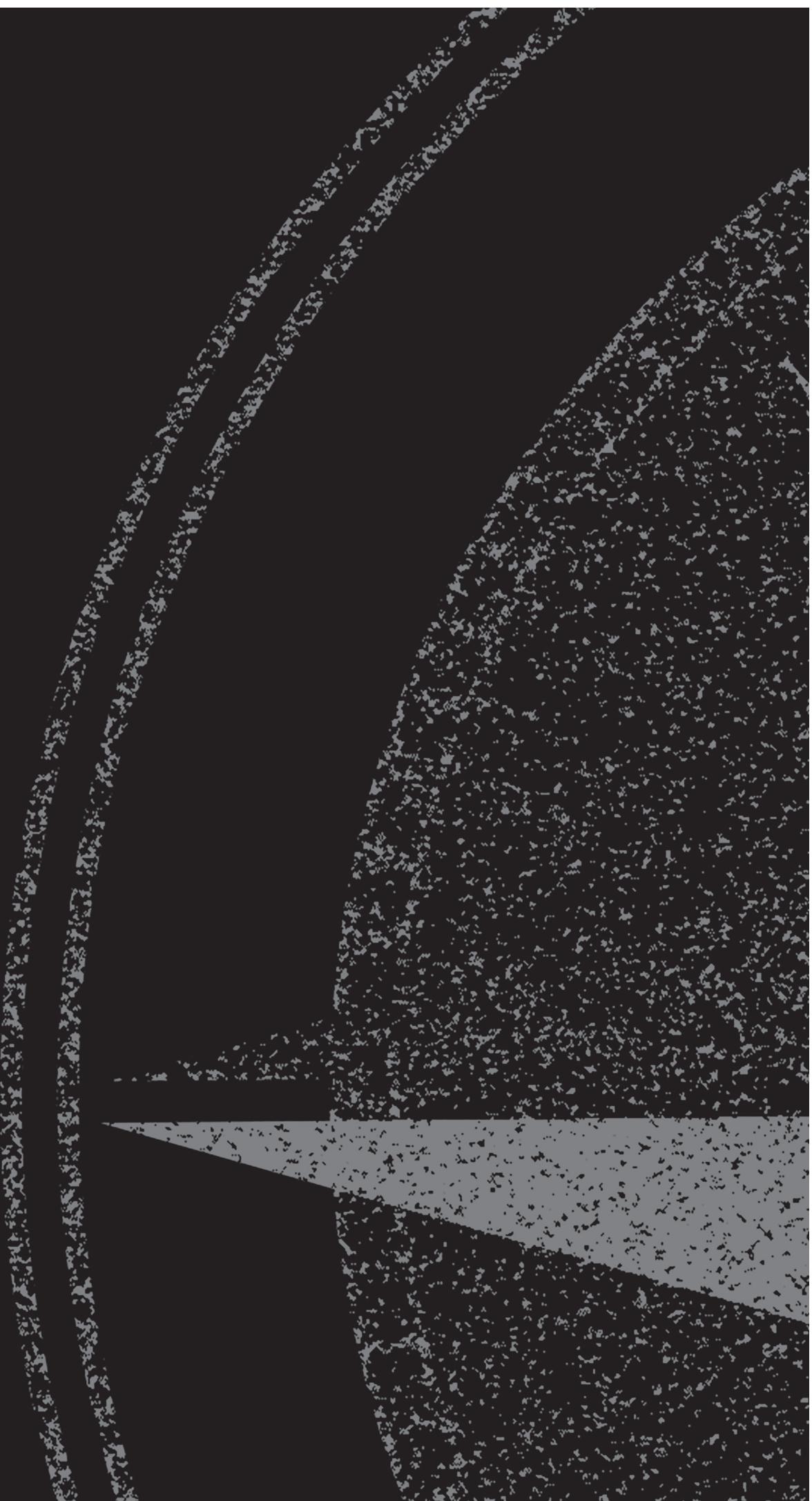
Portugal – Timor

Paulo Jorge de Sousa Pinto

500 YEARS

Portugal – Timor

Paulo Jorge de Sousa Pinto



TINAN 500 Portugal – Timor

Paulo Jorge de Sousa Pinto

CHAM – Universidade Nova de Lisboa / Fundação para a Ciência e Tecnologia

Illa ai-kameli nian
A ilha do sândalo
The island of the sandalwood

DE ENTRE AS JUSTIFICAÇÕES apresentadas pelo regime indonésio para a invasão militar de Timor Leste, em 1975, não constavam apenas questões de índole geopolítica decorrentes da alegada “ameaça comunista” ou do receio de uma “nova Cuba”, após a derrota americana no Vietname. Os ideólogos de Suharto tentaram igualmente justificar a ocupação por via de uma legitimação “histórica” que se baseava num presumido domínio militar de Java sobre todo o arquipélago, de Samatra a Timor, numa época anterior à chegada dos portugueses^[1]. Esta presunção dizia respeito ao reino javanês de Majapahit (sécs. XIII-XVI), visto pelo regime indonésio como um precursor da *Orde Baru* (“Nova Ordem”) então vigente no país.

Na verdade, o *Negarakertagama* – assim se chama a crónica javanesa, escrita em 1365, cujos dados alimentavam as pretensões ideológicas de Suharto – fala de reinos vassalos de Majapahit e não de domínio militar ou político. É preciso compreender que se trata de uma obra cortesã destinada a glorificar Hayam Wuruk (1334-1389), o rei de Majapahit que conduziu o reino javanês ao cume do seu poder e influência. Sobre Timor, a crónica diz muito pouco; apenas refere o seu nome numa lista de ilhas situadas a leste^[2]. Esta informação, longe de significar que a ilha estivera alguma vez submetida a Java, revela, contudo, a importância de Timor no contexto dos contactos culturais e comerciais que emanavam desta civilização hindu-budista. Confirma, por outro lado, que a ilha estava integrada nas redes mercantis asiáticas antes da chegada dos portugueses no século XVI.

A esta simples menção numa crónica javanesa do século XIV juntam-se referências mais pormenorizadas em crónicas chinesas da mesma época. A mais antiga é do século XIII, no *Ju Fan Zhi* (c. 1250), que faz referência ao país “Diwu”, de onde vinha o sândalo. Um pouco mais tarde, os “Anais da Dinastia Song” (*Song Shih*) mencionam a ilha sob a designação de “Dimen”, mas é a crónica do viajante chinês Wang Dayuan (o *Daoyi Zhi Lüe*), escrita por

¹ Vickers (2005), p. 81.

² Canto (*pupuh*) 14, em <http://jejaknusantara.com/terjemahan-nagarakretagama>.

AMONG THE JUSTIFICATIONS presented by the Indonesian regime for the military invasion of Timor in 1975, not only geopolitical issues or the fear of a “new Cuba” were considered about the alleged “communist threat” after the American defeat in Vietnam. Suharto’s ideologues also tried to justify the occupation through an “historical” legitimacy based on an assumed military dominance of Java over the entire archipelago from Sumatra to Timor at a time prior to the arrival of the Portuguese^[1]. This presumption was related to the Javanese kingdom of Majapahit (13th-16th centuries), seen by the Indonesian regime as a precursor of the *Orde Baru* (“New Order”).

Actually, the information presented in the *Negarakertagama* – the name of the Javanese chronicle written in 1365 whose data fed Suharto’s ideological pretensions – is about Majapahit’s vassal kingdoms, not military or political domain. It is important to remember that it is a courtier literary work intended to glorify Hayam Wuruk (1334-1389), the King of Majapahit who led the Javanese kingdom to the pinnacle of its power and influence. The chronicle is scarce on information about Timor. It only refers its name in a list of islands to the east^[2]. However, this information, far from meaning that the island had been submitted to Java, reveals the importance of Timor in the context of cultural and commercial contacts with this Hindu-Buddhist civilization. It confirms, on the other hand, that the island was integrated in the Asian commercial networks before the arrival of the Portuguese on the 16th century.

Other, more detailed information from contemporary Chinese chronicles may be added to this simple indication in a Javanese 14th century chronicle. The oldest one is from the 13th century, the *Ju Fan Zhi* (c. 1250), which mentions the country “Diwu”, where sandalwood came from. Soon after, the “Annals of the Song Dynasty” (*Song Shih*) refer to the island as “Dimen”, but it is the chronicle

¹ Vickers (2005), p. 81.

² Canto (*pupuh*) 14, in <http://jejaknusantara.com/terjemahan-nagarakretagama>.

HAREE BA JUSTIFIKASAUN ne'ebé rejime indonéziu aprezença kona-ba invazaun militár iha Timór Leste, iha tinan 1975, laiha de'it kestaun geopolítica ne'ebé relasiona ho "ameasa komunizta" ka tauk katak bele mosu "Kuba ida foun", depoizde amerikanu sira lakon iha Vietnam. Suharto nia ema ideólogu koko mós justifika okupasaun liuhusi dalam lejitimasaun "istórika" nian ne'ebé bazeia ba opiniaun kona-ba Java nia domíniu militár iha arkipélagu tomak, husi Sumatra to'o Timór, iha tempu molok portugés sira to'o iha Timór^[1]. Hanoin ne'e relasiona ho reinu javanés Majapahit (século XIII-XVI), ne'ebé rejime indonéziu haree nu'udar hahú ida husi *Orde Baru* ("Ordén Foun") ne'ebé vigora iha NASAUN iha tempu ne'ebá.

Loloos, krónika javaneza *Negarakertagama*, ne'ebé ema hakerek iha tinan 1365, inklui dadus ne'ebé tane Suharto nia hakarak ideolójiku – krónika ne'e ko'alia kona-ba reinu vasalu Majapahit nian no la ko'alia kona-ba domíniu militár ka político. Ita tenke comprende katak obra-ne'e hanesan obra kortezā ida hodi fó glória ba Hayam Wuruk (1334-1389), liurai Majapahit ne'ebé tulun reinu javanés ba podér no influénsia ne'ebé boot. Kona-ba Timór, krónika la ko'alia barak; refere de'it nia naran iha lista ida ho naran husi illa sira parte leste nian^[2]. Informasaun ne'e, la signifika katak illa ne'e uluk submete ba Java, maibé nia hatudu Timór nia importânsia iha kontestu husi kontaktu kulturál no komersiál sira ne'ebé mosu iha sivilizasaun hindu-budista ne'e. Konfirma, mós, katak illa ne'e uluk integra iha rede merkantil aziática molok portugés sira to'o mai iha século XVI.

Hamutuk ho referénsia ne'e iha krónika javaneza ida husi século XIV, iha mós referénsia detalladu liu iha krónika sira xineza husi tempu ne'ebá. Krónika antigu liu mak husi século XIII, iha *Ju Fan Zhi* (maizoumenus iha tinan 1250), ne'ebé halo referénsia ba NASAUN "Diwu", NASAUN husi ne'ebé ai-kameli mai. Tarde liu, iha "Anais husi Dinastia Song" (*SongShih*) halo referénsia ba illa ho naran "Dimen", maibé krónika ne'e lemurai xinés Wang



1 Vickers (2005), p. 81.

2 Kantu (*pupuh*) 14, iha <http://jejaknusantara.com/terjemahan-nagrakretagama>.

volta de 1350, que fornece a primeira descrição conhecida de Timor, nos seguintes termos:

“Dimen [Timor] está situado a nordeste de Zhong Jia Luo [Java]. Nas suas montanhas não crescem outras árvores senão sândalo, que é muito abundante. É trocado por prata, ferro, tijelas [de porcelana], tecidos dos países ocidentais e tafetás coloridos. Existem no total doze localidades que podem ser chamadas de portos. Existe um chefe local. O solo é adequado para o cultivo de cereal. O clima é irregular, quente durante o dia e fresco à noite.”^[3]

É possível que Wang Dayuan tenha visitado a ilha, uma vez que descreve hábitos da população timorense e relata um episódio ocorrido a um juncos chinês que ali se deslocou. Os dados contidos no seu relato, embora breves e sumários, demonstram que Timor recebia a navegação chinesa nos seus portos e que mercadores de outras paragens da Ásia – malaios, javaneses, talvez guzerates (ou seja, da região do Gujarat, no norte da Índia) e árabes – também ali aportavam. Se a ilha foi ou não visitada por alguma das armadas do almirante Zheng He, que percorreram a Ásia marítima na primeira metade do século XV, é uma questão que permanece ainda em aberto^[4].

Timor consta igualmente nos roteiros árabes, nomeadamente nas obras do geógrafo Ahmad ibn Majid (séc. XV). Apesar de alguma informação confusa, uma vez que estas obras designam frequentemente por “Timor” o conjunto de ilhas que se estende a oriente de Java (isto é, as Pequenas Sunda), o conhecimento da localização da ilha era real, uma vez que o nome surge associado ao sândalo^[5]. Por esta altura, Timor era certamente uma referência importante na rede comercial articulada em torno do sultanato de Malaca, que floresceu como grande empório malaio até à conquista portuguesa em 1511.

O sândalo branco (*Santalum album* L.), que existia então de forma abundante por toda a ilha, constituía o grande atrativo de Timor. Desde a Antiguidade que a madeira

of the Chinese traveller Wang Dayuan (*Daoyi Zhi Lüe*), written around the year 1350 that provides the first known description of Timor, in the following terms:

“Dimen [Timor] is situated to the northeast of Zhong Jia Luo [Java]. Its mountains do not grow any other trees but sandalwood which is most abundant. It is traded for silver, iron, cups [of porcelain], cloth from western countries and coloured taffetas. There are altogether twelve localities which are called ports. There is a local chieftain. The soil is suitable for the raising of grain. The weather is irregular, hot in the day, cool at night.”^[3]

It is possible that Wang Dayuan has visited the island, since he describes the habits of the Timorese population and reports an incident with a Chinese junk that went there. The information in his writings, although brief and summarised, demonstrate that Timor received Chinese navigation in their harbours and that other Asian merchants – Malays, Javanese, perhaps Gujarati (from Gujarat, in the north of India) and Arabs – also docked there. If the island was visited or not by the fleets of Admiral Zheng He, that crossed maritime Asia in the early 15th century, is a question that remains still open.^[4]

Timor also appears in Arab navigational treatises, in particular in the works of the geographer Ahmad ibn Majid (15th century). Despite some confusing information – these works often designate “Timor” as an ensemble of islands spreading to the East of Java (i.e. the Lesser Sunda) -, they denote a real knowledge about the island, since the name is associated to sandalwood^[5]. By this time, Timor was certainly an important reference in the commercial networks articulated around the sultanate of Melaka, which flourished as a great Malay emporium up to the Portuguese conquest in 1511.

The white sandalwood (*Santalum album* L.) was the main attraction of Timor, due to its abundance all across the island. This aromatic wood was much appreciated in

3 Ptak (1983), p. 37.

4 Ptak (1987), pp. 91-92.

5 Tibbets (1979), pp. 217, 225.

3 Ptak (1983), p. 37.

4 Ptak (1987), pp. 91-92.

5 Tibbets (1979), pp. 217, 225.

Dayuan (*Daoyi Zhi Lüe*), ne'ebé hakerek maizoumenu iha tinan 1350, fó deskrisaun dahuluk nian ne'ebé ema hate-ne kona-ba Timór, tuij termus tuirmai:

"Dimen [Timór] iha Zhong Jia Luo [Java] nia parte nordes-te. Iha nia foho-lolon buras de'it ai-kameli, ne'ebé barak. Ai-kameli ne'e sira troka ho osan-mutin, besi, manku [por-selana], hena husi NASAUN osidentál nian no *tafetá*^[3] ho kór oioin. Total fatin ne'ebé bele bolu portu mak sanulu-resin-rua. Iha xefe lokál ida. Rai di'ak hodi kuda sereál^[4]. Klima irregulár, manas durante loron no kalan fresku."^[5]

Iha posibilidade katak Wang Dayuan vizita illa ne'e, tanba nia halo deskrisaun kona-ba populasaun timoroan nia kostume balun no hatudu epizódiu ida ne'ebé akontese ba junku^[6] xinés ida ne'ebé ba iha ne'ebá. Dadus sira ne'ebé inklui iha relatu ne'e, maské uituan no badak, hatudu katak Timór simu navegasaun xineza iha nia portu sira no merkador husi fatin seluk Ázia nian mós pára iha ne'ebá – malaiu, javanez, karik guzerate (ne'e katak, husi rejiaun Gujarat, husi Índia parte norte) no árabe sira. Kestaun ida mak to'o agora sei laiha resposta mak hatene kona-ba armada ruma husi almirante Zheng He, ne'ebé iha sorin dahuluk sékulu XV la'o iha Ázia Marítima, vizita illa ne'e^[7].

Timór tama mós iha roteiru árabe nian, liuliu iha obra husi jeógrafu Ahmadibn Majid (iha sékulu XV). Maské iha informasaun balun laklaru, tanba obra sira ne'e hatudu beibeik "Timór" nu'udar illa lubuk ida husi parte oriente Java nian (Sunda Ki'ik), koñesimentu kona-ba illa Timór tebes duni, tanba Timór nia naran asosia ho ai-kameli^[8]. Iha tempu ne'ebá, Timór hanesan referénsia importante iha rede komersiál ne'ebé artikula ho sultanatu Malaka nian, ne'ebé buras nu'udar empóriu^[9] malaiu boot to'o iha tempu konkista portugeza iha tinan 1511.

Ai-kameli mutin (*Santalum album* L.), ne'ebé iha tempu ne'ebá barak iha illa tomak, mak Timór nia atrativu boot.

3 Tipu hena ida ne'ebé halo ho kabas seda.

4 Sereál mak hanesan trigu, batar.

5 Ptak (1983), p. 37

6 Ró orientál

7 Ptak (1987), p. 91-92.

8 Tibbets (1979), p. 217, 225.

9 Portu ka prasa komersiál importante



Zhu fan zhi, autoria husi oficial xinés Zhao Rugua. Ko'alia kona-ba kolesaun informasaun no deskrisaun comunidade, costume no atividade ho merkante husi NASAUN estrangeira barak durante Dinastia Song.

Zhu fan zhi, da autoria do oficial chinês Zhao Rugua. Trata-se de uma coleção de informações e descrições de comunidades, costumes e atividades mercantis de várias nações estrangeiras durante a Dinastia Song.

Zhu Fan Zhi, by the Chinese official Zhao Rugua. It is a collection of information and descriptions of communities, commercial customs and activities of several foreign nations during the Song Dynasty.

aromática era muito apreciada na Índia, na China e mesmo na Europa, e usada para diversos usos farmacêuticos. Na China era também utilizada como incenso nas cerimónias religiosas^[6]. Tratava-se portanto de um produto de grande valor comercial, que não se degradava com o transporte nem sofria quebras no seu peso, ao contrário, por exemplo, das especiarias.

A *Suma Oriental*, o roteiro completo da Ásia Marítima redigido por Tomé Pires em Malaca (entre 1515 e 1518) e que reflete a visão do arquipélago malaio-indonésio a partir desta cidade, confirma a importância do sândalo - e, por consequência, de Timor - nas rotas e mercados de toda a Ásia, pois afluía ali em abundância e era apreciado “por entre todas as nações”. Curiosamente, repete a informação que consta nos roteiros árabes, isto é, que as ilhas a leste de Java eram todas chamadas de “timor” (*timur*, “oriente” em malaio-indonésio). Acrescenta ainda que a viagem para carregar sândalo a Timor era muito lucrativa e que a madeira era aqui trocada por panos brancos e tecidos do norte da Índia. E remata com a ideia corrente que circulava entre os mercadores malaios: “que Deus criou Timor de sândalos e Banda de maças e as [ilhas] de Maluco, de cravo, e que no mundo não é sabido outra parte que estas mercadorias haja, somente nestas”^[7].

O *Livro* de Duarte Barbosa, escrito sensivelmente pela mesma altura que a *Suma Oriental* de Pires, dá conta das informações que corriam na Índia acerca do sândalo de Timor: era uma mercadoria muito apreciada e valiosa na Índia e na Pérsia e era ali carregada pelas “naus de Malaca e Java”, em troca de machados, espadas, tecidos indianos, porcelanas, estanho e chumbo, entre outras mercadorias^[8]. A presença abundante de sândalo era, portanto, a principal marca distintiva de Timor antes da chegada dos portugueses, e continuaria a sê-lo ao longo dos séculos seguintes.

India, China and even in Europe since ancient times, and it had several pharmaceutical uses. In China it was also used as incense in religious ceremonies^[6]. Therefore, it was a product of great commercial value that did not deteriorate on transportation or suffered losses in its weight, unlike, for example, the spices.

Suma Oriental is a complete *roteiro* of maritime Asia written by the Portuguese Tomé Pires in Melaka between 1515 and 1518. This important work reflects the vision of the Malay-Indonesian archipelago from this city and attests the relevance of sandalwood - and, consequently, the importance of Timor - in routes and markets of all Asia, because it flowed there in abundance and it was appreciated “among all the nations”. Curiously, it repeats the information that is present in the Arab treatises, that is, all the islands east of Java were called “timor” (*timur*, “East” in Malay-Indonesian). Yet, it adds that the journey to load sandalwood in Timor was very profitable and that the wood was exchanged here for white cloth and other textiles from the North of India. And it concludes with the current idea that circulated among the Malay merchants: “that God created Timor from sandalwood, Banda from mace and the [islands of] Maluco from cloves, and that no other part of the world is known where these goods exist, only in these”.^[7]

The *Livro* of Duarte Barbosa, written approximately by the same time as Pires’ *Suma Oriental*, provides an overview of the information that circulated in India about sandalwood: it was a very appreciated and valuable commodity in India and Persia and it was loaded in Timor by “the ships of Melaka and Java”, in exchange for axes, swords, Indian textiles, porcelains, tin and lead, among other goods^[8]. Therefore, the abundant presence of sandalwood was the main hallmark of Timor before the arrival of the Portuguese and would continue to be so over the following centuries.

6 Villiers (1985), p. 573-574.

7 Pires (1978), pp. 328-329.

8 Barbosa (1989), p. 151.

6 Villiers (1985), pp. 573-574.

7 Pires (1978), pp. 328-329.

8 Barbosa (1989), p.151.

Desde Antiguidade ema iha Índia, Xina no Europa apresia tebe-tebes ai ne'ebé morin, no ema mós uza ai-morin hodi halo aimoruk. Iha Xina ema mós uza ai ne'e hodi sunu hanesan insensu iha serimónia religioza [10]. Ne'e duni, ai-kameli hanesan produtu ida ho valór komersiál ne'ebé aas, ne'ebé la aat bainhira tula iha transporte rumá no la lakon todan hanesan, porezemplu, espesiaria sira [11].

Suma Orientál, roteiru kompletu kona-ba Ázia Marítima ne'ebé Tomé Pires hakerek iha Malaka (entre 1515 no 1518), hatudu vizaun kona-ba arkipélagu malaiu-indonéziu liuhusi sidade ida-ne'e, konfirma ai-kameli nia importânsia – no Timór nia importânsia mós tanba ai-kameli – iha dalan no merkadu Ázia tomak nian, tanba ai-kameli to'o barak iha ne'ebá no “nasaun sira hotu” apresia tebes. Interesante katak, nia repete fali informasaun ne'ebé inklui iha roteiru árabe, ne'e katak, illa sira hotu iha parte leste Java nian ema bolu “timór” (*timur*, “oriente” ho dalen malaiu-indonéziu). Nia hakerek tan katak viajen hodi tula ai-kameli iha Timór hetan folin boot no katak troka ai ne'e ho hena mutin no hena husi parte norte Índia nian. Nia remata ho hanoin ida baibain ne'ebé sirkula entre merkadór malaui katak: “Maromak uluk kria Timór ho ai-kameli no Banda ho masa no [illa sira] Maluku ho kravu [12] no iha mundu ema lahatene fatin seluk ne'ebé iha markadoria sira-ne'e, iha fatin ne'e de'it mak iha” [13].



Aspetu ai-kameli iha tahan no fuan, dezeñu iha tinan 1887. Wellcome Library, Londrez.

Aspecto do sândalo em flor e fruto, desenho datado de 1887. Wellcome Library, Londres.

Detail of sandalwood, flower and fruit, drawing dated 1887. Wellcome Library, London.

Livro husi Duarte Barbosa, hakerek iha data maizoumenus hanesan ho *Suma Orientál* Pires nian, hatudu informasaun ne'ebé la'o iha Índia kona-ba ai-kameli iha Timór: ai-kameli hanesan markadoria ne'ebé ema apresia tebes no ho folin aas tebtebes iha Índia no iha Pérsia no “nau [14] husi Malaka no Java” mak tula ai-kameli iha ne'ebá no troka ai-kameli ne'e ho baliun, surik, hena husi Índia, porselana, estañu no xumbu, entre markadoria sira seluk [15]. Ai-kameli ho kuantidade ne'ebé barak mak hanesan Timór nia marka rasik prinsipál molok portugés sira to'o, no marka ne'ebé kontinua durante sékulu sira tuirmai.

¹⁰ Villiers (1985), p. 573-574.

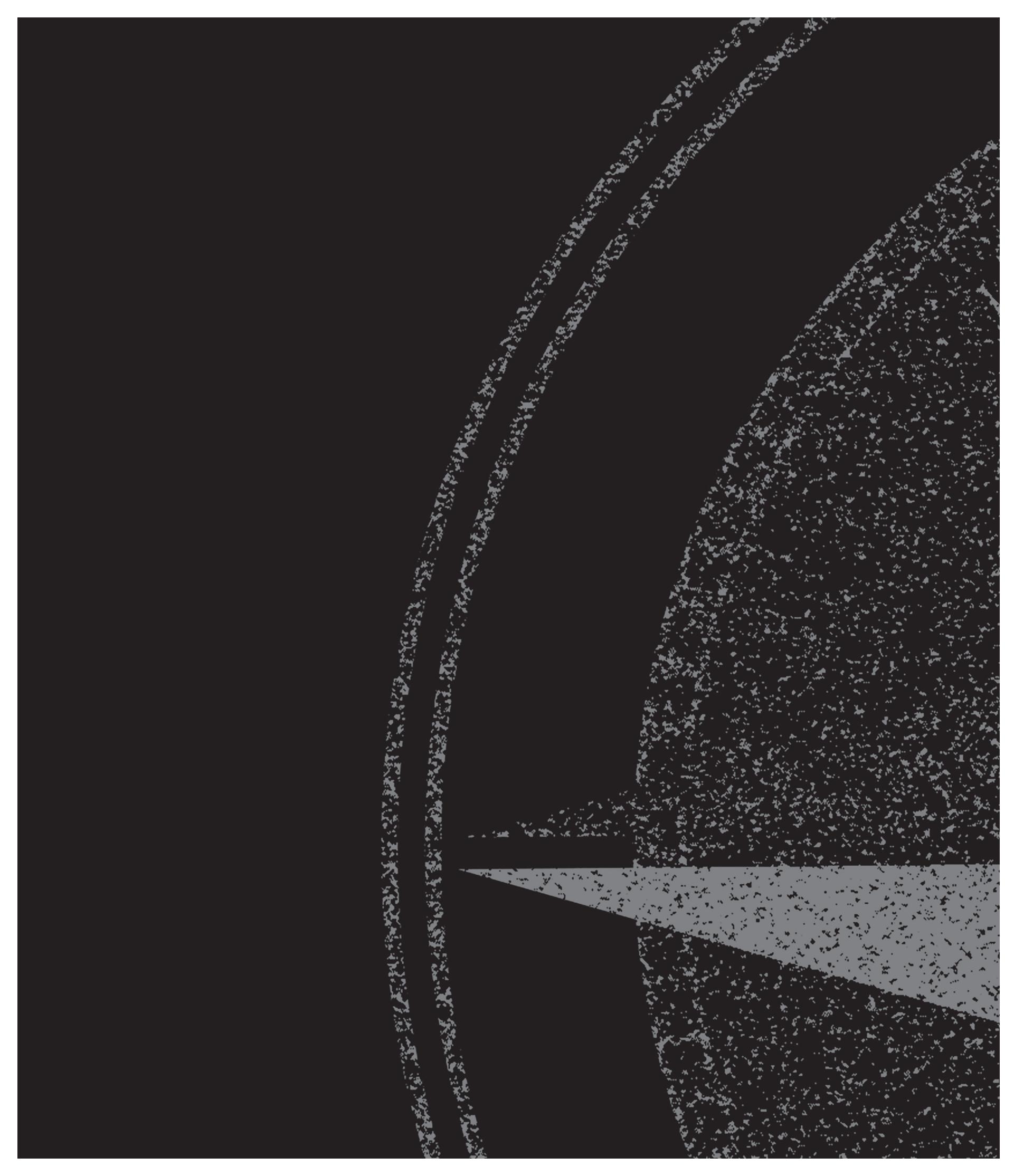
¹¹ Espesiaria mak hanesan pimentu, kinur no temperu sira seluk tan.

¹² Espesiaria (temperu) ne'ebé ema hatene ho naran indonéziu cengkeh

¹³ Pires (1978), p. 328-329.

¹⁴ Tipu ró ida

¹⁵ Barbosa (1989), p. 151.



2

Malaka no Timór
Malaca e Timor
Melaka and Timor

TRAÇAR O QUADRO SOCIAL, político ou económico de Timor à data da chegada dos portugueses não é fácil. Não dispondo de registos documentais próprios, o conhecimento das sociedades timorenses nesta época depende, em grande parte, do olhar e das impressões, sempre muito fragmentadas, deixadas pelos estrangeiros que visitavam a ilha ou das informações que circulavam no exterior. Os dados da antropologia e da linguística são igualmente relevantes.

A presença humana em Timor está atestada, pelo menos, desde 35.000 a.C., e a agricultura terá aqui começado nos inícios do 3º milénio a.C. O uso dos metais foi introduzido mais tarde, por volta de 500 a.C. As informações fornecidas pelos estudos de antropólogos, arqueólogos e linguistas permitem traçar um quadro complexo de presenças, migrações e contactos entre Timor e o mundo exterior, até à chegada dos europeus no século XVI. A ilha possui uma grande diversidade linguística, cultural e política, com uma maioria de grupos de origem austronésia e segmentos da população falantes de línguas de origem melanésia. O milho miúdo, o sorgo e a planta conhecida como “lágrimas de Job” foram outrora importantes na economia agrícola mas vieram posteriormente a desaparecer e a ser substituídas pelo arroz e pelo milho maís. Animais como o búfalo para a preparação dos trabalhos agrícolas e o porco e a cabra na economia doméstica desempenharam historicamente um papel relevante^[9].

A religião tradicional dos povos de Timor é habitualmente designada por “animista”, sem traço de influências budistas, hindus ou muçulmanas. O culto dos antepassados e o poder mágico associado a certos objetos sagrados ou “relíquias” (*lulic*), o equilíbrio cósmico entre o mundo dos vivos e dos mortos, mantido por via de oferendas e sacrifícios, são alguns dos seus traços. Como é natural, nada disto transparece nas fontes portuguesas do século XVI, segundo as quais os timorenses e os povos das ilhas vizinhas eram apenas “gentios”.

⁹ Bellwood et al. (eds.) (2006); Hägerdal (2012), pp. 15-17.

DRAWING THE SOCIAL, political or economic framework of the Timorese by the time of the Portuguese arrival is not an easy task, due to the absence of documentary records of their own. Therefore, the knowledge of Timorese societies at this time depends, in great part, on the look and impressions, always partial and fragmentary, left by foreigners who visited the island or from the information circulating in the outside world. The data provided by Anthropology and Linguistics are also relevant.

The human presence in Timor is attested at least since 35.000 B.C. and the agriculture probably started here at the beginning of the 3rd millennium B.C. The use of metals was introduced later, around 500 B.C. The information revealed by the studies from anthropologists, archaeologists and linguists provides a complex framework referring to the presence, migration and contacts between Timor and the outside world until the arrival of the Europeans in the 16th century. The island has a large linguistic, cultural and political diversity, with a majority of groups from Austronesian origin and segments of the population speaking languages of Melanesian origin. Millet, sorghum and the plant known as “tears of Job” were important in the agricultural economy, but they disappeared later and were replaced by rice and maize. The use of the *buf alo* in the agricultural works and animals like the pig or the goat in the domestic economy played important roles in Timorese History.^[9]

The traditional religious beliefs of the Timorese are usually referred to as “animist”, without trace of Buddhist, Hindu or Muslim influence. The cult of the ancestors and the magical power associated with certain sacred objects or “relics” (*lulic*), the cosmic balance between the world of the living and the dead, sustained by means of gifts and sacrifices, are some important features. Naturally, none of this transpires from the Portuguese sources of the 16th century, according to which the Timorese and other people from the neighbouring islands were only “Gentiles”.

⁹ Bellwood et al. (eds.) (2006); Hägerdal (2012), pp. 15-17.

HATUDU TIMÓR NIA KUADRU SOSIÁL, polítiku ka ekonómiku bainhira portugés sira to'o la'os fásil. Tanba laiha rejistru dokumentál rasik, koñesimentu barak liu kona-ba sosiedade timoroan iha époka ne'e depende husi ema nia haree no ema nia hanoin, balun-balun de'it, ne'ebé estranjeiru sira, mak mai vizita illa husik ka, informasaun ne'ebé sirkula iha liur. Antropolojia no lingüística nia dadus mós relevante.

Iha konfirmasaun kona-ba prezensa umana iha Timór, pelumenus, desde 35 000 m.K., no agrikultura hahú iha ne'e iha milénio da-3 m.K. Uza metál hahú tarde liu, maizoumenus iha tinan 500 m.K. Informasaun ne'ebé antropólogu, arkeólogu no línguista nia estudo sira fó permite ema halo kuadru kompleksu kona-ba prezensa, migrasaun no kontaktu sira entre Timór no rai liur, to'o europeu sira to'o iha sékulu XVI. Illa ne'e nia diversidade linguística, kulturál no política boot, ho maioria grupu ho orijen austronézia no populasaun balun ko'alia dalen ho orijen melanézia. Batar kiik, sorgu no ai-horis ida ne'ebé ema hatene ho naran "Job nia matan-been" uluk importante tebes ba ekonomia agrícola maibé depois lakon tiha no troka ho haree no batar más. Balada sira hanesan karau-búfalu ne'ebé uza hodi prepara traballu agrícola no fahi no bibi ba ekonomia doméstica iha knaar istóriku relevante^[16].

Relijiaun tradisionál husi povu sira iha Timór baibain ema bolu "animista", relijiaun ne'e laiha buat ida husi influénsia budista, hindu no musulmana. Kultu ba bei'ala sira no podér májiku ne'ebé relasiona ho objetu lulik balun ka "relíkia" (*lulik*), ekilíbriu kósmiku entre mundu ema moris no matebian nian, ne'ebé mantein liuhusi kaaran no sakrifísiu, mak nia karakterística balun. Klaru, ne'e la mosu iha fonte portugeza husi sékulu XVI, sira hatudu de'it katak timoroan no povu sira husi illa viziña mak ema "jentiu".

Organizasaun sosiál iha Timór mak sistema ho ierarkia tuir política, hahú husi baze ne'ebé forma ho aldeia ka povoasaun hamutuk unidade kompleksu liu ne'ebé



Aspetu husi uma lulik. Fotografia Mário Soares.

Aspecto de uma casa sagrada, Lulik. Fotografia Fundação Mário Soares.

View of a sacred house, Lulik. Photo Fundação Mário Soares.

¹⁶ Bellwood et al. (eds.) (2006); Hägerdal (2012), p. 15-17.

A organização social de Timor caracterizava-se por um sistema politicamente hierarquizado, desde a base formada por aldeias ou povoações que se agregavam em unidades mais complexas, os chamados *sucos*. A um nível mais elevado, vários *sucos* formavam unidades mais complexas com continuidade territorial e abrangendo áreas mais extensas, a que os portugueses chamaram “reinos” e cujos chefes se designam em tétum por *liurai*. Por fim, existiam relações de subordinação e de hegemonia entre os diversos reinos, assumindo alguns uma posição de preponderância ao longo da História. Apesar da extrema fragmentação política, é possível detetar, à data da chegada dos portugueses, a existência de um sistema de laços e alianças que uniam os reinos em torno de um centro político localizado em Wehali, na parte oriental da ilha. Esta dominância era mais simbólica e ritual do que efetivamente política, e poder ter prevalecido sobre a maior parte da ilha até ao século XVII, quando a presença portuguesa e holandesa veio a interferir e a perturbar o sistema tradicional de alianças^[10]. De facto, os europeus detetaram a preponderância e o prestígio deste reino na metade oriental da ilha, e o de Sonbai na parte ocidental, o que os levou a descrever a ilha como dividida em “duas províncias” ou “duas “confederações” (respetivamente, o “país dos Belos” e o “Serviço”). Porém, esta visão europeia conduziu, muitas vezes, a uma simplificação grosseira da diversidade e complexidade ideológica, social e política de Timor, como a historiografia mais recente sobre a ilha tem vindo a demonstrar^[11].

Os timorenses não possuíam tradição marítima. Ao contrário das populações de outras ilhas produtoras de mercadorias de grande valor nas redes de comércio asiático, como Ternate ou Banda, as comunidades da “ilha do sândalo” não desenvolveram técnicas e práticas de navegação que lhes permitissem contactar outras paragens para além das ilhas vizinhas. Numa palavra, isto significa que os contactos de Timor com o exterior faziam-se por intermédio dos mercadores estrangeiros, que procuravam a ilha para obter os produtos de que necessitavam: sândalo, cera e escravos. No

The social organization of Timor was characterised by a hierarchical system with political significance. The base was formed by the villages or settlements that aggregated themselves into more complex units, the so-called *sucos*. At a higher level, several *sucos* formed more composite units with territorial continuity and covering more extensive areas, called “kingdoms” by the Portuguese and whose leaders were named *liurai* in Tetum. Finally, there were relations of subordination and hegemony among the diverse kingdoms, some of them assuming a position of preponderance throughout History. At the time of the Portuguese arrival, and despite the extreme political fragmentation, one may trace the existence of a system of links and alliances that united the kingdoms under a political centre located in Wehali in the eastern part of the island. This dominance was more symbolic and ritual than effectively political, and may have prevailed over the major part of the island until the 17th century, when the presence of the Portuguese and the Dutch has interfered and disturbed the traditional system of alliances^[10]. In fact, the Europeans discovered the preponderance and prestige this kingdom had in the eastern half of the island, and Sonbai in the western part. This feature led them to consider the island as divided in “two provinces” or “two “confederations” (the “Country of Belo” and the “Country of Servião”, respectively). However, this European vision was a gross simplification of the diversity and the ideological, social and political complexity of Timor, as recent studies on the island have shown.^[11]

The Timorese had no maritime tradition. Unlike the people from other islands that produced valuable goods in the Asian trading networks, like Ternate or Banda, the communities of the “island of the sandalwood” did not develop techniques and practices of navigation which would enable them to contact other places beyond the neighbouring islands. In a word, this means that the contacts of Timor with the outside were made through foreign merchants, who were looking for the island to get the products they

¹⁰ Schulte Nordholt (1971).

¹¹ Hägerdal (2006).

¹⁰ Schulte Nordholt (1971).

¹¹ Hägerdal (2006).

naran suku. Iha nível aas liu, suku balun forma unidade kompleksu liu ho kontinuidade territoriál no ne’ebé okupa área boot liu, ne’ebé portugés sira bolu “reinu” no nia xefe sira naran *liurai* iha dalen tetun. Ikus liu, iha relasaun subordinasaun no ejemonia entre reinu oioin, no balun iha pozisaun superioridade iha Istória nia laran. Maské fragmentasaun política boot liu, ita bele hetan, iha data portugés sira to’o, katak iha sistema aliansa ne’ebé halibur reinu iha sentru político ida ne’ebé lokaliza iha Wehali, iha illa nia parte orientál. Domíniu ne’e simbóliku no rituál liu duké político, no bele mantein nafatin hanesan ne’e iha illa to’o iha sékulu XVII, bainhira prezensa portugeza no olandeza interfere no bo’ok sistema tradisionál aliansa nian^[17]. Europeu sira deteta superioridade no prestíjiu husi reinu ida-ne’e iha sorin orientál illa nian, no Sonbai nian iha parte osidentál, no sira halo deskriskaun husi illa ne’ebé fahe ba “provínsia rua” ka “konfederasaun rua” (mak, “nasaun Belu” no “Serviaun”). Maibé, vizaun europeia ne’e tulun, dala barak, ba simplifikaun ida kasar kona-ba Timór nia diversidade no kompleksidade ideolójika, sosiál no política, hanesan istoriografia ikus mai hatudu^[18].

Timoroan sira laiha tradisaun marítima. Lahanesan ho populasaun husi illa seluk ne’ebé prodús merkatoria ho folin aas iha rede komérsiu aziátiku, hanesan Ternate ka Banda, komunidade “illa ai-kameli” la dezenvolve téknika no práтика navegasaun ne’ebé permite halo kontaktu ho fatin seluk aleinde illa viziña sira. Ho liafuan ida, ne’e signifika katak kontaktu sira husi Timór ba liur ema halo liuhusi merkadór estranjeiru, ne’ebé buka illa ne’e hodi hetan produtu ne’ebé presiza: ai-kameli, sera no atan. Aleinde merkadór aziátiku ne’ebé vizita illa ne’e durante sékulu hirak nia laran, iha sékulu XVI, portugés to’o iha illa ba dahuluk, sira mai husi mundu nia sorin seluk, ho teknolojia foun, kostume foun no relijiaun foun.

Portugés sira to’o iha Timór depoizde sira foti Malaka, iha tinan 1511, ne’ebé loke dalan ba Estremo Oriente no



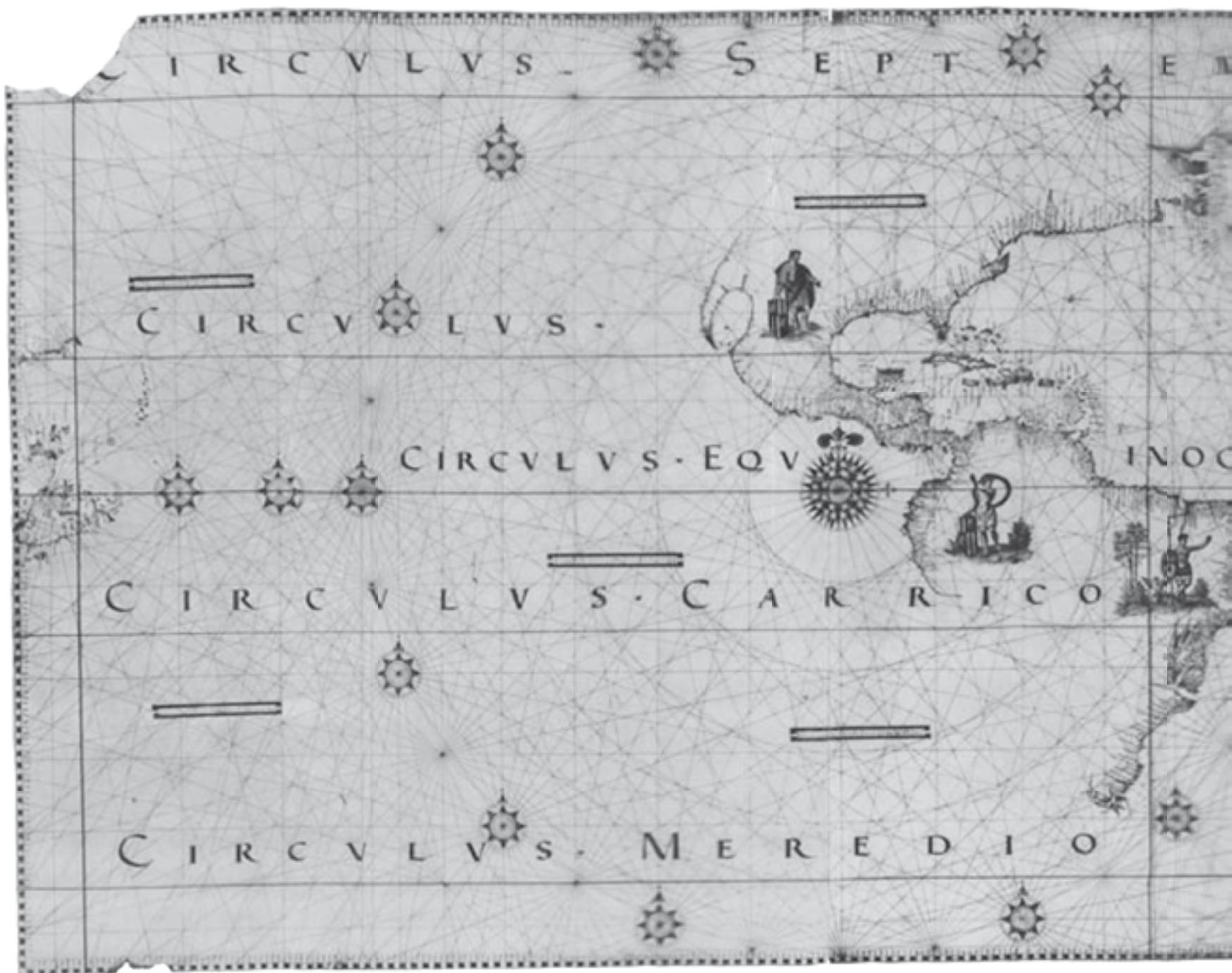
Karau natar nian, iha Timor-Leste, liu tan husi uzu iha servisu natar nian, karau mos hanesan símbolu prosperidade, dalabarak uza hanesan soin ou iha serimónia no ritual sira. Fotografia Fundação Mário Soares.

Búfalos dos pântanos. Em Timor-Leste, para além do seu uso nos trabalhos do campo, o búfalo é também símbolo de prosperidade, muitas vezes usado como dote ou em cerimónias e rituais. Fotografia Fundação Mário Soares.

Swamp Buf alo. In East Timor, in addition to their use in agricultural work, the buf alo is also a symbol of prosperity, often used as dowry or in ceremonies and rituals. Photo Fundação Mário Soares.

¹⁷ Schulte Nordholt (1971).

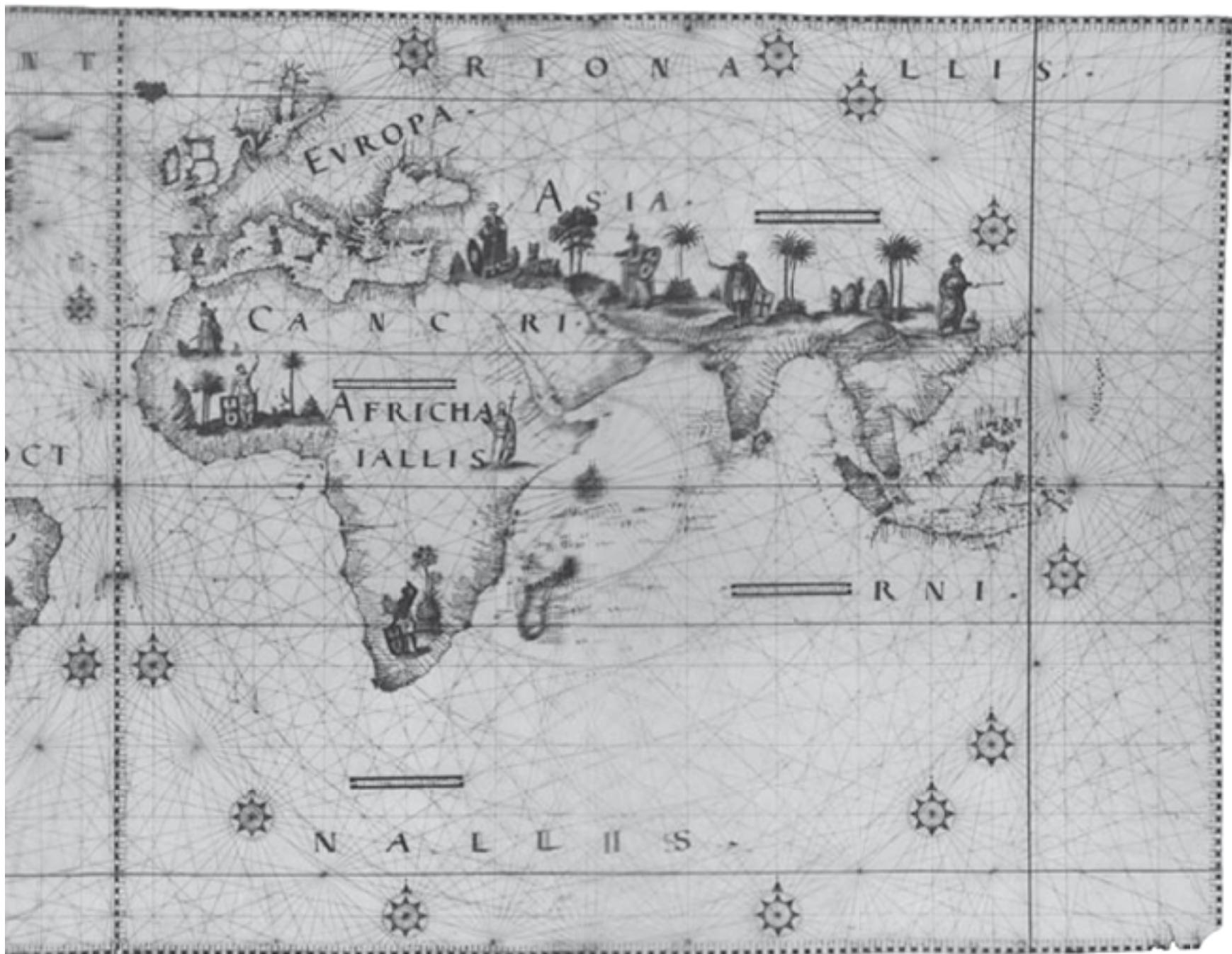
¹⁸ Hägerdal (2006).



século XVI, além dos mercadores asiáticos que há séculos a visitavam, chegaram pela primeira vez os portugueses, originários do outro lado do mundo, com novas tecnologias, novos costumes e uma nova religião.

Os portugueses chegaram a Timor após a tomada de Malaca, em 1511, que lhes abriu as portas do Extremo Oriente e do vasto arquipélago que se estendia até Timor e

needed: sandalwood, beeswax and slaves. In the 16th century, side by side with Asian traders who had visited the Island for centuries, the Portuguese arrived for the first time, coming from the other side of the world with new technologies, new habits and a new religion.



Mapa dezena husi autór deskoñsidu, c. 1545 reprezenta ba Eurupa, Amérika, África no parte ida husi Ázia, inklui Timor. Oesterreichische Nationalbibliothek, Viena, in *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. I.

Mapa de autor anónimo, c. 1545 representando a Europa, América, África e parte da Ásia, incluindo Timor. Oesterreichische Nationalbibliothek, Viena, in *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. I.

Map by anonymous author, c. 1545, representing Europe, America, Africa and parts of Asia, including Timor. Oesterreichische Nationalbibliothek, Vienna, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Armando Cortesão (Org.), Lisbon, 1960, vol. I.

à região de Maluku. A cidade, localizada estrategicamente no Estreito com o mesmo nome, era um ponto de junção de várias rotas que se estendiam da Índia à China e Japão, o que a tornava um excelente ponto de escala e um entreposto comercial de primeira grandeza à escala mundial. Em Malaca, os homens do governador Afonso de Albuquerque obtiveram junto das comunidades mercantis os conhecimentos geográficos, náuticos e comerciais necessários ao posterior reconhecimento e exploração do mundo que se estendia para Oriente. Timor era, assim, uma referência de uma ilha e de um produto associado – o sândalo – no quadro de uma longa lista de reinos, portos, ilhas, mercadorias e rotas que os portugueses intentavam alcançar e explorar. Ao longo dos anos seguintes foram, portanto, enviadas várias expedições, muitas vezes em parceria com mercadores indianos, malaios ou chineses, para diversas regiões.

Uma delas é por vezes associada à chegada dos primeiros portugueses a Timor. Tratou-se da viagem de António de Abreu, que partiu de Malaca em 1512 ao comando de uma armada para explorar o arquipélago oriental e atingir as ilhas produtoras de especiarias. Foi uma expedição atribulada, com acidentes e um naufrágio. Um dos participantes na viagem, Francisco Rodrigues, deixou um conjunto de desenhos e mapas, um deles sobre Timor – a primeira representação da ilha na cartografia – com a legenda de “a ilha de Timor onde nasce o sândalo”. Porém, aceita-se hoje que a expedição não passou por Timor e que Francisco Rodrigues não teve contacto direto com a ilha, mas o facto de tê-la incluído num mapa revela que as informações sobre a sua localização circulavam nos meios mercantis onde os portugueses se moviam e obtinham informações.

A data exata da chegada dos portugueses a Timor não é fácil de determinar com total segurança, embora seja aceite pela generalidade dos historiadores como muito provável que tenha ocorrido em 1515. A informação que aponta nesse sentido consta numa carta de 6 de janeiro de 1514, escrita pelo capitão de Malaca Rui de Brito Patalim ao governador da Índia Afonso de Albuquerque, onde se lê o seguinte: “a Timor quisera mandar [um navio] e, por

The Portuguese arrived in Timor after the conquest of Melaka in 1511, which opened them the gates of the navigation to the Far East and to the vast archipelago extending to Timor and the Maluku region. Melaka, strategically located in the Strait with the same name, was a junction point of several routes that stretched from India to China and Japan. This exceptional feature made it an excellent port of call and a trade emporium of global dimension. In Melaka, the men of the Portuguese Governor Afonso de Albuquerque men acquired the geographic, nautical and commercial knowledge necessary for further recognition and exploration of the world that stretched to the East. Timor was, therefore, just a reference of an island and a product associated – the sandalwood – within a framework of kingdoms, harbours, islands, commodities and routes that the Portuguese intended to reach and explore. Therefore, several expeditions were sent to diverse regions in the following years, often in partnership with Indian, Malay or Chinese merchants.

One of these expeditions is sometimes associated to the Portuguese arrival in Timor: the journey of António de Abreu, who sailed from Melaka in 1512 commanding an *armada* to explore the eastern archipelago and to try to reach the spice-producing islands. It was a troubled expedition, with accidents and a wreckage. One of the participants in the journey, Francisco Rodrigues, left a set of drawings and maps, one of them about Timor – the first representation of the island in cartography – with the caption “the island of Timor where sandalwood germinates”. However, it is widely accepted today that the expedition did not reach Timor and Francisco Rodrigues had no direct contact with the island. However, the inclusion of Timor on a map shows how the data regarding its location was spread among the Asian mercantile milieu where the Portuguese moved.

The precise year of the Portuguese arrival in Timor is not easy to determine with total certitude, although it is assumed as highly probable by scholars that it occurred in 1515. The information leading in this direction

ba arkipélagu luan ne’ebé ba to’o iha Timór no rejaun Maluku. Sidade, ne’ebé ho lokalizasaun estratéjika iha Estreitu, nu’udar pontu halibur dalan barak husi Índia to’o iha Xina no Japaun, razaun ne’e mak halo nia sai pontu eskala kapás loos no entrepostu komersiál boot loos iha eskala mundiál nian. Iha Malaka, governadór Afonso de Albuquerque nia ema konsege hetan, besik komunidade merkantíl sira, koñesimentu jeográfiku, náutiku no komersiál ne’ebé presiza atu, depois, bele halo rekoñesimentu no esplorasaun ba mundu ne’ebé ba to’o iha Oriente. Iha tempu ne’ebá Timór hanesan referénsia ida kona-ba illa ida ho produtu ida – ai-kameli – iha kuadru ho lista naruk kona-ba reinu, portu, illa no merkadoria no dalan sira ne’ebé portugés buka atu to’o no esplora. Ne’e duni durante tinan sira tuirmai sira haruka espedisauñ oioin, dala barak parseria ho merkadór indianu, malaiu ka xinés sira, bá rejaun oioin.

Espedisauñ ida dala rumá ema relasiona ho portugés sira dahuluk ne’ebé to’o iha Timór. António de Abreu nia viajen, ne’ebé sai husi Malaka iha tinan 1512 no komanda armada ida hodi esplora arkipélagu orientál no to’o iha illa sira ne’ebé prodús espesiaria. Ida ne’e hanesan espedisauñ ida ne’ebé komplikadu, ho asidente balun no ho naufrájiu^[19] ida. Partisipante ida iha viajen ne’e, Francisco Rodrigues, husik dezeñu no mapa lubuk ida, ida kona-ba Timór – ne’e mak illa nia reprezentasaun dahuluk iha kartografia – ho lejenda “illa Timór fatin iha ne’ebé ai-kameli moris”. Maibé ohin ita simu katak espedisauñ ne’e laliu iha Timór no katak Francisco Rodrigues laiha kontaktu diretu ho illa ne’e, maibé tanba nia inklui illa nia naran iha mapa ida hatudu katak informasaun kona-ba nia lokalizasaun uluk sirkula iha meiu merkantíl sira iha ne’ebé portugés sira la’o no foti informasaun.

Determina portugés sira-nia data to’o iha Timór la’os fásil, maské maioria istoriadór sira simu data provável mak tinan 1515. Informasaun ne’ebé hatudu ba data ne’e inklui iha surat husi loron 6 fulan janeiru tinan 1514, ne’ebé kapitaun Rui de Brito Patalimao husi Malaka governadór



Fortaleza husi Malaka, harii hafoin manán tiha sidade husi Afonso de Albuquerque. Dezeñu kór husi Pedro Barreto de Resende. Livru *Planta husi fortaleza sira hotu, sidade no povoasaun Estadu Índia Oriental nian*, António Bocarro, Goa, 1635. Biblioteca Pública husi Évora, Portugal.

Fortaleza de Malaca, construída após a conquista da cidade por Afonso de Albuquerque. Desenho a cores da autoria de Pedro Barreto de Resende. Livro das Plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental, António Bocarro, Goa, 1635. Biblioteca Pública de Évora, Portugal.

Fortress of Malacca, built after the conquest of the city by Afonso de Albuquerque. Color Drawing by Pedro Barreto de Resende. In António Bocarro, *Livro das Plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental*, Goa, 1635. Public Library of Évora, Portugal.

¹⁹ Ró mout.

não ter juncos, não foram esta monção lá; para o ano, prazendo a Nosso Senhor, irão lá para trazerem o sândalo; é muito boa navegação”^[12]. O mesmo diz uma outra carta, escrita pelo mesmo capitão no mesmo dia. Rui de Brito revela, portanto, que devido à falta de navios disponíveis não pudera enviar a sua gente a Timor nessa monção, mas que o faria na seguinte, ou seja, em finais de dezembro desse ano ou em janeiro de 1515, altura em que sopravam os ventos propícios para a viagem. Esta, como o próprio indica, era fácil, ou seja, era uma rota bem conhecida dos mercadores e a sua execução não apresentava qualquer dificuldade. Tudo leva a crer, portanto, que a viagem se tenha realizado, embora não se conheça, até ao momento, qualquer documento que o confirme.

As primeiras notícias sobre a chegada dos portugueses a Timor estão contidas numa carta de 1518 e reportam-se ao governo de Jorge de Brito, que foi capitão entre os finais de 1515 e meados de 1517. Esta carta é um rol de queixas ao rei D. Manuel sobre, precisamente, os atos e abusos cometidos por este capitão e pelo seu cunhado, o feitor da fortaleza. Nela estão presentes duas informações sobre Timor^[13]: a primeira é a de que Jorge de Brito enviara ali um juncos comandado por Jorge Fogaça, que voltou a Malaca com uma carga de sândalo, acrescentando que a diferença de preço entre a compra em Timor e a venda naquela cidade era de 1/15. A data do evento não é revelada, mas é provável que tenha ocorrido em 1516. A segunda informação revela que os portugueses já haviam perdido dois juncos na ilha, devido a excesso ou a mau acondicionamento da carga. Poderá ser uma referência à viagem de 1515? É uma hipótese que permanece em aberto.

A primeira descrição vivencial de Timor não é da autoria de um português, mas sim de um italiano, Antonio Pigafetta, que aportou à ilha na nau *Victoria*, a 25 de janeiro de 1522. Trata-se do cronista que integrou a expedição de Fernão de Magalhães ao serviço do rei de Espanha, Carlos

¹² Carta de Rui de Brito a Afonso de Albuquerque, 6.1.1514, in Sá (ed.) (1954-58), vol. I, p. 54.

¹³ Carta de Pero de Faria ao rei D. Manuel I, 5.1.1518, in *As Gavetas da Torre do Tombo* (1967), pp. 348 e 355. A data de 1517 que surge na publicação é inverosímil e resulta certamente de erro de transcrição.

is set on a letter written by the Captain of Melaka Rui de Brito Patalim, on January 6th 1514, to the Governor of India Afonso de Albuquerque, which reads as follows: “it was my intention to send [a vessel] to Timor, but because there was no junk available, they did not go there this monsoon; next year, consenting Our Lord, they will go there and will bring sandalwood; it is easy to navigate there”^[12]. In another letter written in the same day, the Captain wrote similar words. Rui de Brito informs, therefore, that due to the lack of available ships he was unable to send his men to Timor in the previous monsoon, but that he would do it in the following one, say, at the end of December in that year or in January 1515, when favourable winds blow. The journey, as he informs, was easy, that is to say, it was a route well known by the merchants and its fulfilment did not present any trouble. Therefore, it may be assumed that the journey has been carried out, although no document that would confirm it has been discovered so far.

The first news about the arrival of the Portuguese in Timor are included in a letter dated 1518 and relate to the government of Jorge de Brito, who was the Captain between late 1515 and mid-1517. The letter is a list of complaints to the king D. Manuel about, precisely, the acts and abuses committed by this Captain and his brother-in-law, the *feitor* of the fortress. Two pieces of information about Timor are present^[13]: the first one informs that Jorge de Brito had sent there a junk commanded by Jorge Fogaça, who returned to Melaka with a load of sandalwood, adding that the price difference between the purchase in Timor and the sale in that city was 1 to 15. The date of the event is not revealed, but it probably took place in 1516. The second information reveals that the Portuguese had already lost two junks on the island, due to excessive or bad cargo securing. Can it be a reference to the trip of 1515? It is a hypothesis that remains open.

¹² Letter from Rui de Brito to Afonso de Albuquerque, 6.1.1514, in Sá (ed.) (1954-58), vol. I, p. 54.

¹³ Letter from Pero de Faria to the King Manuel I, 5.1.1518, in *As Gavetas da Torre do Tombo* (1967), pp. 348 e 355. The date of 1517 included in the published version is implausible, most likely due to a transcription error.

Índia Afonso Albuquerque, no iha surat ne'e ita bele lee: "ba Timór ha'u hakarak haruka [naviu ida], maibé tanba laiha junku, sira labá durante monsaun ne'e; tinan oin, se agrada ba Nosu Señor, sira atu bá iha ne'ebá hodi lori ai-kameli; navegasaun bá ne'ebá di'ak" [20]. Iha surat seluk, ne'ebé kapitaun ida-ne'e hakerek iha loron ne'ebé hanesan, nia mós hatete liafuan hanesan. Ne'e duni, Rui de Brito hatudu katak tanba laiha naviu ruma disponível nia labele haruka nia ema bá iha Timór durante tempu monsaun ne'ebá, maibé katak nia atu haruka iha monsaun oin mai, ne'e katak, iha fulan dezembru nia rohan ka iha fulan janeiru tinan 1515, bainhira anin huu di'ak hodi halo viajen. Viajen ne'e, hanesan nia rasik hatudu, fásil, ne'e signifika katak, dalan ida ne'ebé merkadór sira hatene didi'ak no nia ezekusaun la apresenta difikulda-de ida. Ne'e duni, buat-hotu hatudu katak viajen realiza duni, maské ita latetene, to'o ohin loron, dokumentu ida ne'ebé bele konfirma.

Notísia dahuluk kona-ba portugés sira ne'ebé to'o iha Timór inklui iha surat ida husi 1518 husi governu Jorge de Brito nian, ne'ebé kapitaun iha 1515 nia rohan no iha 1517 nia klaran. Surat ida-ne'e hanesan lista ho kesa sira ba liurai D. Manuel kona-ba, liuliu, aktu no abuzu husi kapitaun ne'e no nia kuñadu, fortaleza nia feitór. Iha surat-ne'e inklui informasaun rua kona-ba Timór [21]: ida dahuluk mak Jorge de Brito haruka ba ne'ebá junku ida ne'ebé Jorge Fogaça komanda, no ne'ebé fila-fali ba Malaka ho ai-kameli karregamentu ida, no aumenta tan katak diferença entre folin sosa iha Timór no fa'an iha sidade ne'ebá mak 1/15. Eventu ne'e nia data la hatudu iha surat, maibé iha possibilidade katak nia akontese iha 1516. Informasaun daruak hatudu katak portugés sira lakon ona junku rua iha illa ne'ebá, tanba lori sasan barak liu ka karregamentu arruma ladi'ak. Bele referénsia ba viajen 1515 nian? Ne'e mak ipóteze ida ne'ebé sei nakloke.

20 Carta de Rui de Brito a Afonso de Albuquerque, 6.1.1514, in Sá (ed.) (1954-58), vol. I, p. 54.

21 Carta de Pero de Faria ao liurai D. Manuel I, 5.1.1518, in *As Gavetas da Torre do Tombo* (1967), p. 348 no 355. Data 1517 ne'ebé mosu iha publikasaun labele loos no mosu karik tanba sala iha transkrisaun.

V, na primeira viagem de circum-navegação do globo. Por esta altura, o navegador português havia já desaparecido, depois de uma escaramuça ocorrida em Mactán, nas Filipinas, e a expedição era agora comandada por Juan Sebastián Elcano. O navio tocou em Timor depois de passar pelas Molucas e antes de intentar a travessia do Oceano Índico em direção ao Cabo da Boa Esperança.

Os espanhóis aportaram ao norte da ilha, onde permaneceram até ao dia 11 de fevereiro. O seu principal interesse era o de procurar alimentos e provisões para abastecer a nau, antes da longa jornada de regresso à Europa. Depois do desembarque, chegaram a uma localidade chamada “Amaban”, onde contactaram com o chefe da terra e tentaram comprar búfalos, porcos e cabras. Este primeiro contacto foi atribulado: achando o preço demasiado elevado, os espanhóis retiveram no navio um outro chefe que havia subido a bordo e disseram-lhe que só recuperaria a liberdade se este lhes fornecesse os mantimentos que pretendiam. A descrição de Pigafetta, embora breve, contém dados sobre o quotidiano dos timorenses, os seus hábitos e crenças, assim como da importância do sândalo e do comércio que os de Malaca e de Java ali efetuavam. Faz também uma súmula da situação política da ilha, afirmando que havia quatro reis, que “eram irmãos”. Entre outros aspetos, descreve o seguinte:

“O chefe de Amabán, em cuja casa estive, não tinha ao seu serviço senão mulheres, que andavam nuas como as de outras ilhas; nas orelhas traziam brincos de ouro com franjas de seda e, nos braços, até ao cotovelo, braceletes de ouro e de bronze. Os homens, também nus, com colares de folhas redondas de ouro, traziam os cabelos presos com pentes de cana, adornados com brincos de ouro.”¹⁴

The first European description of Timor is not from a Portuguese author, but from an Italian, Antonio Pigafetta, who came to the island in the *Victoria* on January 25th 1522. Pigafetta was the official chronicler of the expedition of Fernão de Magalhães that made the first circumnavigation of the Globe at the service of the Spanish King Charles V. By this time, the Portuguese navigator had already disappeared, after a skirmish occurred in Mactán, in the Philippines, and the expedition was now headed by Juan Sebastián Elcano. The ship briefly stopped in Timor after passing the Moluccas and before crossing the Indian Ocean towards the Cape of Good Hope.

The Spaniards anchored on the north of the island, where they remained until February 11th. Their main goal was to search for food and provisions to supply the ship, before the long journey back to Europe. After disembark, they arrived to a place called “Amaban”, where they contacted the local chief and tried to buy buffaloes, pigs and goats. This first contact was troubled: Considering the price too high, the Spaniards held captive another chief who went aboard and told him he would remain prisoner unless he provided them the supplies they demanded. Although brief, Pigafetta’s description contains data about the daily life of the Timorese, their habits and beliefs, as well as the importance of sandalwood and the trade performed by merchants from Melaka and Java. He also summarizes the political situation in the island, saying that there were four kings, who were “brothers”. Among other issues, he presents the following statement:

“The chief of Amabán, in whose house I stayed, had not at his service other people but women that walked around naked as those in other islands; they carried golden earrings with fringes of silk on their ears, and bracelets made of gold and bronze in their arms, up to the elbow. Men were also naked, wearing collars with golden round leaves, with their hair grabbed and seized with cane combs, adorned with golden earrings.”¹⁴

¹⁴ Pigafetta (1922), p. 176.

¹⁴ Pigafetta (1922), p. 176.

Deskrisaun dahuluk la'os husi portugés ida, maibé husi italianu ida, Antonio Pigafetta, ne'ebé to'o iha nau *Victoria*, iha loron 25 fulan Janeiro tinan 1522. Kronista ne'e mak integra Fernão de Magalhães nia espedisau enkuantu nia servisu ba Liurai España nian, Carlos V, iha viajen dahuluk sirkum-navegasaun nian iha globu. Iha tempu ne'ebá, navegadór portugés lakon tiha ona, depoizde luta iha Maktán, iha Filipinas, no Juan Sebastián Elcano mak agora komanda espedisau ne'e. Naviu to'o iha Timór depoizde liu tiha Molukas no molok koko tesik Oseanu Índiku ba Kabu Boa Esperansa.

Españól sira to'o iha parte norte illa nian, no hela iha ne'ebá to'o iha loron 11 fulan Fevereiro. Sira nia interesse prinsipál mak buka ai-han no sasán hodi abastese sira-nia nau, molok viajen naruk hodi fila ba Europa. Hafoin dezembarka, sira to'o iha fatin ida naran "Amaban", no iha ne'ebá sira halo kontaktu ho xefe no koko atu sosa karau-búfalu, fahi no bibi. Kontaktu dahuluk ne'e komplikadu uituan: tanba sira hanoin katak folin aas tebetebes, español sira kaer iha naviu xefe seluk ne'ebé tama iha ró laran no sira hatete xefe ne'e katak nia bele sai livre karik xefe sira fó hahán no sasan sira seluk ne'ebé sira hakarak. Pigafetta nia deskrisaun, maské badak, inklui dadus kona-ba timoroan sira-nia moris loron-loron, sira-nia kostume no fiar, nomós ai-kameli no komérsiu ne'ebé Malaka no Java halo iha ne'ebá. Iha mós rezumu kona-ba illa nia situasaun política, afirma katak uluk iha liurai haat, "maun-alin" hotu. Entre aspetu sira seluk, nia halo deskrisaun tuirmai:

" Ha'u ba Xefe Amabán nia uma, ema ne'ebé servisu ba nia feto de'it, ne'ebé la'o isin molik hanesan feto sira iha illa sira seluk; iha tilun sira tau brinku osan-mean nian ho franja seda no, iha sira-nia liman, to'o iha liman-sikun, kelu osan mean no bronze. Mane sira, mós la'o molik, uza korrente ho tahan kabuar osan mean, kesi fuuk ho sasuit au, enfeita ho brinku osan mean." [22]

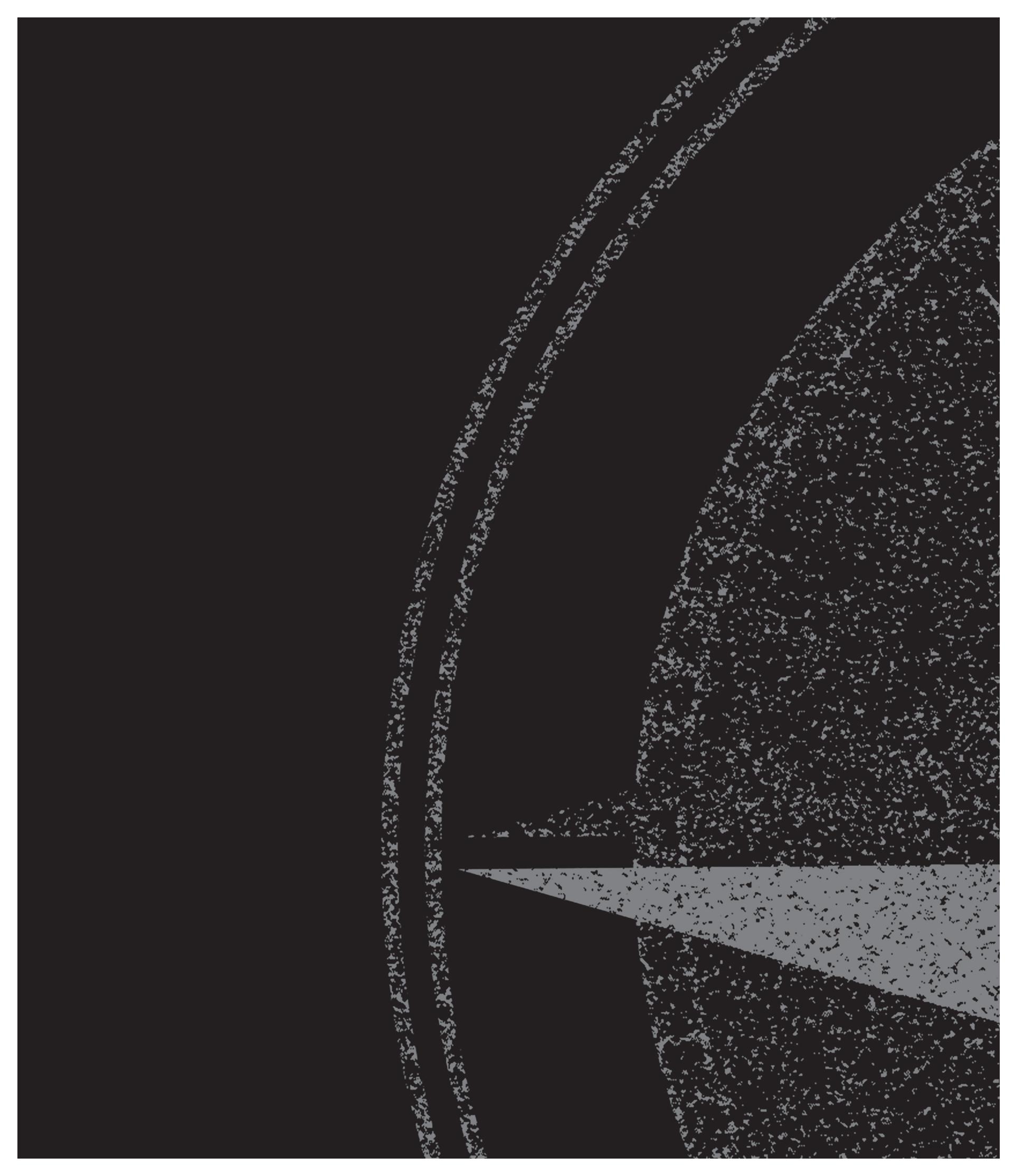


Mapa Timor nian inklui iha obra husi Antonio Pigafetta. Yale University, Beinecke Rare Book & Manuscript Library.

Mapa de Timor incluído na obra de Antonio Pigafetta. Yale University, Beinecke Rare Book & Manuscript Library.

Map of Timor included in the work of Antonio Pigafetta. Yale University, Beinecke Rare Book & Manuscript Library.

²² Pigafetta (1922), p. 176.



3

Frade no merkadór sira
Frades e mercadores
Friars and merchants

APÓS ALGUMAS DÉCADAS DE OBSCURIDADE, as referências a Timor e à presença portuguesa na ilha ressurgiram na segunda metade do século XVI, por dois motivos distintos, embora relacionados entre si: a regulamentação do comércio do sândalo e as primeiras tentativas de missão em Timor e nas ilhas vizinhas.

O comércio português nesta região era organizado em “viagens” a partir de Malaca, ou seja, no envio anual de um ou mais navios a um determinado porto ou ilha para adquirir as mercadorias aí produzidas. Tal como acontecia noutras paragens, existia uma “viagem de Maluco” para adquirir cravo em Ternate (mais tarde, em Tidore), uma “viagem de Banda” destinada à compra de noz-moscada na ilha com o mesmo nome e uma “viagem de Timor” que aqui carregava sândalo. Malaca era o ponto de partida e de retorno, porque permitia a redistribuição das mercadorias para os mercados asiáticos e para a Europa. Mais tarde passaram a ser feitas também “viagens de Timor” a partir de Macau, porque a China era um importante consumidor de sândalo.

O regime em que estas “viagens” eram efetuadas conheceu várias alterações ao longo do século XVI. Inicialmente, eram feitas por conta da Fazenda Real da coroa portuguesa – sobretudo a “viagem de Maluco” – em regime de monopólio, mas a certa altura houve necessidade de liberalizar estes tratos, quer através de arrendamento, quer por concessão como recompensa de serviços prestados. Sabe-se que o vice-rei da Índia D. Pedro Mascarenhas (1554-1555) propôs ao rei o arrendamento da alfândega de Malaca, ficando o rendeiro com o controle sobre várias “viagens”, entre elas a de Timor^[15]. Gradualmente, porém, o comércio do sândalo – e a respetiva “viagem” – acabou por cair sob o controle do capitão de Malaca, que a explorava diretamente ou vendia a terceiros. Na década de 1580, o preço da venda da “viagem” de Timor estava avaliada em 500 cruzados^[16]. O seu valor relativamente modesto, quando comparado com o de outras (a mais rica, de Malaca para

¹⁵ Carta do governador da Índia Francisco Barreto a D. João III, 6.1.1557, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 276.

¹⁶ Luz (ed.) (1952), pp. 143-144.

AFTER SOME DECADES OF OBSCURITY, the references to Timor and to the Portuguese presence in the island re-emerged in the late 16th century, for two different reasons, although related to each other: the regulation of the sandalwood trade and the first attempts to introduce the Catholic faith in Timor and in the neighbouring islands.

The Portuguese trade in this region was organized in “voyages” departing from Melaka, meaning an annual shipping of one or more vessels to a certain port or island to purchase the commodities produced there. As it happened in other places, there was a “voyage of the Moluccas” to acquire cloves in Ternate (later, in Tidore), a “voyage of Banda” intended to buy nutmeg on the island with the same name and a “voyage of Timor” to load sandalwood. Melaka was the point of departure and return, because it allowed the redistribution of the commodities to Asian markets and Europe. Later on, there were also “voyages of Timor” prepared and departing from Macao, because China was a major consumer of sandalwood.

The regime in which these “voyages” were carried out has experienced several changes throughout the 16th century. Initially, they were undertaken on behalf of the Royal Treasury of the Portuguese Crown – especially the “voyage of the Moluccas” – in a regimen of monopoly, but at some point there was a need to liberalise this trade, either through tenancy, or by granting as a reward for rendered services. It is known that the Viceroy of India D. Pedro Mascarenhas (1554-1555) proposed to the King the leasing of the Melaka customhouse, getting the tenant the control over several “voyages”, being Timor one of them^[15]. Gradually, however, the sandalwood trade – and the respective “voyage” – fell under the control of the Captain of Melaka, who directly explored it or sold it to third parties. In the 1580s, the price for the sale of the “voyage” of Timor was evaluated in 500 *cruzados*^[16]. It was a relatively modest amount, when compared to

¹⁵ Letter from the Governor of India Francisco Barreto to the King John III, 6.1.1557, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 276.

¹⁶ Luz (ed.) (1952), pp. 143-144.

LIUTIHA DÉKADA BALUN IHA NAKUKUN, referénsia kona-ba Timór no kona-ba portugés sira-nia prezensa iha illa mosu fali iha sorin daruak sékulu XVI, tanba razaun rua ne’ebé lahanesan, maské iha relasaun ba malu: regulamentasaun komérsiu ai-kameli nian no tentativa dahuluk kona-ba misionasaun iha Timór no iha illa viziña.

Komérsiu portugés iha rejiaun ne’e organiza liuhusi “viajen” husi Malaka, ne’e katak, haruka tinan-tinan naviu ida ka barak liu ba iha portu ka illa ruma ne’ebé determinadu hodi adkire merkatoria ne’ebé prodús iha ne’ebá. Hanesan akontese iha fatin seluk, uluk iha “viajen husi Maluku” hodi sosa kravu iha Ternate (ikus liu iha Tidore), “viajen Banda nian” hodi sosa nozmoskada iha illa ho naran hanesan no “viajen Timór nian” hodi tula ai-kameli. Malaka mak pontu partida no fatin hodi mai fali, tanba nia husik merkatoria sira-nia distribui-saun ba merkadu aziátiku no ba Europa. Ikus liu hahú mós “viajen Timór nian” husi Makau, tanba Xina hanesan konsumidór ai-kameli importante.

Rejime kona-ba “viajen” sira-ne’e hasoru alterasaun balun iha sékulu XVI nia laran. Iha tempu hahú, viajen sira ne’e Fazenda Real koroa portugeza mak selu – liuliu “viajen Maluku nian” – tuir rejime monopóliu, maibé iha momentu ida iha nesesidade hodi liberaliza tratu sira ne’e, liuhusi arrendamentu, ka liuhusi konsesaun hanesan selu ema nia kolen ba servisu prestadu. Ita hatene katak vise-liurai Índia nian D. Pedro Mascarenhas (1554-1555) propõen ba liurai halo arrendamentu ba Malaka nia alfândega, no hanesan ne’e rendeiru^[23] mak iha kontrolu ba “viajen” balun, hanesan viajen bá Timór^[24]. Ne’e duni, neneik-neneik komérsiu ai-kameli nian – no ninia viajen – ikus liu kapitaun Malaka mak kontrola, halo nia esplosaun direta ka fa’an ba ema seluk. Iha dékada 1580, folin hodi fa’an Timór nia “viajen” avalia ho valór kruzadu^[25] 500. Nia valór sei ki’ik bainhira kompara ho sira seluk

²³ Ema ne’ebé halo arrendamentu

²⁴ Carta do governador da Índia Francisco Barreto a D. João III, 6.1.1557, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 276.

²⁵ Luz (ed.) (1952), p. 143-144.



Mapa husi Diogo Homem, 1858, reprezenta ba Índia no Xina, Moluka no Banda sira, hetan iha illa Timor nia laran. British Museum in *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. II

Mapa da autoria de Diogo Homem, 1858, representando a Índia e a China, as Molucas e Banda, distinguindo-se, na parte inferior, a Ilha de Timor. British Museum in *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. II.

Map by Diogo Homem, 1858, representing India and China, the Moluccas and Banda. At the bottom, the island of Timor. British Museum in *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Armando Cortesão (Org.), Lisbon, 1960, vol. II.

Macau, valia pelo menos 10 vezes mais) devia-se certamente ao risco que a sua realização envolvia.

Até aos meados do século XVII, os portugueses não possuíram um estabelecimento estável em Timor. Para uma melhor organização do comércio na região, a base de operações era a ilha vizinha de Solor, que possuía melhores condições para abrigo e proteção das embarcações. Tipicamente, o navio que fazia a “viagem” era armado em parceria entre o dono e vários mercadores, que partilhavam assim despesas e riscos. Partia de Malaca com diversas mercadorias, adquiridas aqui ou pelo caminho (em Java, por exemplo), até chegar a Solor. As mais importantes eram os tecidos da costa oriental da Índia. Em Solor procedia-se então à preparação da jornada a Timor, sendo necessário embarcar um contingente militar que garantisse a segurança e que era pago em sândalo. Era uma empresa arriscada, cara e demorada. O primeiro perigo era o de deparar com embarcações de muçulmanos rivais, nomeadamente macaçares ou javaneses que viviam em guerra intermitente com os portugueses. Depois, havia que percorrer mais do que um ponto da costa timorense para fazer várias cargas e era necessário seguir uma estratégia diplomática cautelosa com os reis e chefes timorenses, fornecendo-lhes os pagamentos e presentes adequados. Muitas vezes era preciso embrenhar-se no interior da ilha, o que implicava entrar em domínios de reinos diferentes e potencialmente hostis, e tratar do transporte da madeira até à costa, de onde era carregada para Solor e posteriormente para Malaca^[17].

Para os timorenses, nada disto constituía novidade. Os portugueses frequentavam determinados portos e percorriam a costa da ilha em busca das melhores oportunidades para adquirir sândalo, da mesma forma como o faziam macaçares, malaios ou chineses. O fator que verdadeiramente marcou a diferença e teve consequências a longo prazo no forjar da identidade de parte da população timorense não era económico, mas sim ideológico: a religião católica, que foi introduzida em Timor de forma

other “voyages” (the most valuable one, from Melaka to Macao, had a cost at least 10 times higher), certainly due to the risks involved.

Until the mid-17th century, the Portuguese did not have a permanent settlement in Timor. To better organize their trading activities in the region, the Portuguese used the neighbouring island of Solor as their base of operations, which had better conditions for shelter and protection of vessels. Typically, the ship making the “voyage” was armed in partnership between the owner and several merchants who thus shared costs and risks. It departed from Melaka with several commodities, purchased here or throughout the journey (in Java, for example), until it arrived in Solor. The most important ones were textiles from the east coast of India. In Solor, the journey to Timor was then organized and prepared, being necessary to board military effects (paid in sandalwood) to ensure safety. It was a risky, expensive and slow venture. The first risk to consider was unfriendly contacts with Muslim rival vessels, notably from Makassar or Java, who lived in intermittent war with the Portuguese. Then, they had to stop at more than one point on the shores of Timor to load several cargos of sandalwood. They also had to follow a cautious diplomatic strategy with the Timorese kings and rulers, providing them the appropriate payments and gifts. Often it was necessary to penetrate in the interior of the island, which meant entering into different and potentially hostile kingdoms and dealing with the transportation of wood from the mountain to the coast, where it was shipped to Solor and subsequently to Melaka.^[17]

For the Timorese, none of this was new. The Portuguese attended certain harbours and explored the coast of the island looking for the best opportunities to acquire sandalwood, the same way as the Makassarese, the Malays or the Chinese used to. What really made the difference and had long-term consequences forging the identity of part of the Timorese population was not an

¹⁷ Lobato (2000), pp. 362-363.

¹⁷ Lobato (2000), pp. 362-363.

(ida riku liu mak husi Malaka ba Makau, ho folin ne'ebé liu dala 10 maizoumenus tanba haree ba risku ne'ebé nia realizasaun inklui.

To'o iha sékulu XVII nia klaran, portugés sira laiha establesimentu di'ak iha Timór. Hodi organiza di'ak liutan komérsiu iha rejiaun ne'ebá, baze ba operasaun mak iha illa viziña Solor, tanba nia kondisaun di'ak liu hodi mahon no proteje embarkasaun sira. Baibain, naviu nia na'in hamutuk ho merkadór oioin mak prepara naviu, ne'ebé halo "viajen", no fahe despeza no risku. Naviu uluk sai husi Malaka ho merkatoria oioin, ne'ebé sosa iha ne'e, ka iha dalan (iha Java, porezemplu), to'o Solor. Merkatoria importante liu mak hena husi kosta orientál Índia nian. Iha Solor ema halo preparasaun hodi ba to'o iha Timór, no presiza embarca kontinjente militár ida, ne'ebé selu ho ai-kameli, hodi bele garante seguransa. Viajen ne'e risku boot, karu no han tempu barak. Perigu dahuluk mak hasoru embarkasaun ho rival musulmanu, liuliu makasar ka javanês ne'ebé funu intermitente ho portugés sira. Depois, sira tenke la'o fatin ida liu kosta Timor nian hodi halo karregamentu oioin no sira presiza tuir estratéjia diplomática ho kuidadu ho liurai no xefe timoroan sira, fó pagamentu no presente ne'ebé adekua-du ba sira. Dala rumo sira tenke tama iha parte interior illa nian, no ida ne'e signifika katak sira tenke tama iha reinu sira ho domíniu ne'ebé lahanesan ne'ebé bele simu sira ladi'ak, no sira tenke organiza tula ai to'o iha tasi ibun, no husi ne'e sira tula ai to'o Solor no, depois, bá Malaka^[26].

Ba timoroan sira buat ne'e la'os buat foun ida. Portugés sira frekuenta portu balun no la'o iha illa nia kosta hodi buka oportunidade di'ak liu hodi sosa ai-kameli, hanesan ne'e mós makasár, malaiu ka xinés sira halo. Fatór ne'ebé marka duni diferença no iha konsekuénsia ba prazu naruk kona-ba kria identidade populasaun timoroan balun la'os ekonómiku, maibé ideolójiku: religiaun katólika, ne'ebé hatama iha Timór neneik-neneik no ho maneira



Rai Timor reprezenta iha karta ida ne'ebé hakerek ba Manuel Godinho de Erédia, kartógrafo luzu-maliu, c. 1615-1622, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. IV.

Ilha de Timor representada numa carta atribuída a Manuel Godinho de Erédia, cartógrafo luso-malaio, c. 1615-1622, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. IV.

The Island of Timor represented in a letter attributed to Manuel Godinho de Erédia, Portuguese-Malay cartographer, c. 1615-1622, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Armando Cortesão (Org.), Lisbon, 1960, vol. IV.

²⁶ Lobato (2000), pp. 362-363.

gradual e muito turbulenta, em sintonia com a própria história conturbada da presença portuguesa na região.

São comuns as referências, mesmo em obras de historiadores, ao trabalho pioneiro de um dominicano chamado António Taveira, que teria alegadamente desembarcado em Timor em 1556 e convertido milhares de timorenses à fé cristã. É preciso, contudo, deixar a ressalva de que esta informação é duvidosa e tardia. Na verdade, apenas consta em crónicas daquela ordem religiosa e reporta-se a uma referência no prólogo de uma obra de 1569, onde se lê esta breve passagem: “tem feito um frade de S. Domingos passante de cinco mil cristãos na ilha de Timor, de onde vem o sândalo, e na ilha de Ende também tem feito muitos”^[18]. No século XVII, o cronista João dos Santos foi o primeiro a atribuir a este frade anônimo o nome de “frei António Taveiro” e a mencionar a data de 1556, a partir de uma dedução errada daquele excerto^[19]. Por fim, estas informações foram reproduzidas na *História de S. Domingos* de Luís de Sousa – que acrescenta que o frade terá viajado na companhia de um mercador – e noutras fontes mais tardias^[20].

Na verdade, e embora seja possível que algum missionário tenha chegado a Timor viajando em alguma embarcação que aqui tenha aportado para carregar sândalo, o impacto de uma ação isolada seria sempre mínimo. É preciso atentar ao quadro geral das estratégias e da evolução do trabalho das diversas ordens religiosas que estavam presentes na Ásia, no âmbito da proteção que lhes era concedida pela coroa portuguesa no Padroado Português do Oriente. Jesuítas, franciscanos, dominicanos e, mais tarde, agostinhos repartiam entre si os diversos espaços onde os navios portugueses haviam chegado, desde a costa oriental africana até ao Extremo Oriente. Para evitar disputas e rivalidades – como viriam a ocorrer no Japão, no século

economic, but an ideological factor: the Catholic religion, which was introduced in Timor gradually and in a very turbulent way, in line with the restless history of the Portuguese presence in the region.

It is common to find mentions, even in the works of scholars, to the pioneering work of a Dominican friar named António Taveira, who had allegedly disembarked in Timor in 1556 and converted thousands of Timorese to the Christian faith. However, it must be emphasized that this piece of information is dubious and late. Actually, it only appears in the chronicles of that religious order and refers to a short information included in the prologue of a work dated 1569, where this short passage may be found: “a friar of Saint Dominic has done more than five thousand Christians in the island of Timor, from where the sandalwood comes, and on the island of Ende has also converted many”^[18]. In 17th century, the chronicler João dos Santos was the first to assign to this anonymous friar the name of “Friar António Taveiro” and to indicate the date of 1556 from a wrong deduction of that extract.

^[19] Finally, this information has been reproduced in the *História de S. Domingos* by Luis de Sousa - who adds that the friar had travelled in the company of a merchant - and in other later sources.^[20]

In fact, and although it is possible that some cleric may have reached Timor traveling on a ship that had docked here to load sandalwood, the impact of an isolated action would always have been minimal. It is necessary to pay attention to the general framework of the strategies and evolution of the several religious orders in Asia, under the protection granted by the Portuguese crown within the Portuguese Patronage in the East (*Padroado Português do Oriente*). Jesuits, Franciscans, Dominicans and, later, Augustinians shared the areas where the Portuguese vessels had arrived, from the East African coast to the

¹⁸ Cruz (1989), p. 154.

¹⁹ Santos (1999), liv. II de vária história, cap. IV, p. 467. Este autor escreveu a sua obra entre 1607 e 1609 e menciona o trabalho de fr. Gaspar da Cruz, mas a atribuição que faz da data de 1556 resulta de uma interpretação incorreta do texto.

²⁰ Sousa (1767), liv. IV, cap. XIII, p. 282; “Breve relação” in Matos (1974), p. 442.

¹⁸ Cruz (1989), p. 154.

¹⁹ Santos (1999), liv. II de vária história, cap. IV, p. 467. This author wrote his work between 1607 and 1609, and mentions the book of fr. Gaspar da Cruz, but his inference about 1556 is the result of a wrong interpretation of the text.

²⁰ Sousa (1767), liv. IV, cap. XIII, p. 282; “Breve relação” in Matos (1974), p. 442.

lahakmatek, no ne’ebé tuir istória prezensa portugeza iha rejiaun ne’ebé mós lahakmatek.

Iha referénsia barak, inklui mós iha istoriadór sira-nia testu, kona-ba servisu dahuluk husi dominikanu ida naran António Taveira, ne’ebé tuun iha Timór karik iha tinan 1556 no halo konversaun ba timoroan rihun ba rihun ba fiar kristā. Maibé, ita tenke hatete katak informasaun ne’e hamosu dúvida no mosu tarde liu. Loloos, informasaun ne’e inklui de’it iha krónika sira husi ordén religioza ne’ebá no nia referénsia iha prólogu husi obra ida husi tinan 1569, no iha ne’ebá ita bele lee: “frade ida S. Domingus nian halo tiha ona kristaun liu rihun lima iha illa Timór, fatin husi ai-kameli, no nia mós halo barak iha illa Ende”^[27]. Iha sékulu XVII, kronista João dos Santos mak ema dahuluk ne’ebé fó ba frade anónimu ida-ne’e naran “frei António Taveiro” no nia mak hatudu data 1556, tanba hanoin sala ida kona-ba exertu ida-ne’ebá^[28]. Ikus liu, informasaun sira-ne’e reproduz iha *Istória S. Domingos nian* husi Luís de Sousa – ne’ebé aumenta tan katak frade ne’e halo viajen hamutuk ho merkadór ida – no iha fonte sira seluk ne’ebé mosu tarde liu^[29].

Loloos, no maské posível misionáriu ida to’o iha Timór iha embarkasaun ne’ebé mai hodi tula ai-kameli, im-paktu husi asaun mesak ida de’it mak mínimu. Ita tenke haree ba kuadru jerál kona-ba estratéjia evolusaun servisu nian husi ordén religioza oioin iha Ázia, iha ámbitu protesaun ne’ebé sira simu husi koroa portugeza iha Padroadu Portugés Oriente nian. Jezuíta, fransiskanu, dominikanu no, ikus liu, agostiñu sira hamutuk sira fahe fatin oioin iha ne’ebé naviu portugés to’o, husi kosta orientál afrikana to’o iha Oriente Estremu. Hodi evita disputa no rivalidade – hanesan depois akontese iha Japau, iha sékulu XVII – iha akordu ida klaru hodi labele harii misaun iha fatin ne’ebé misaun seluk harii ona.



Símbolu Ordem Dominikanu sira mós koñesidu hanesan Pregador sira

Símbolo da Ordem dos Dominicanos, também conhecidos como Pregadores.

Symbol of the Dominican Order, also known as Preachers.

27 Cruz (1989), p. 154.

28 Santos (1999), liv. II de vária história, kap. IV, p. 467. Autór ida-ne’e hakerek nia obra entre 1607 no 1609 no hatudu fr. Gaspar da Cruz nia traballu, maibé atribuisaun ne’ebé nia fó ba data 1556 resultadu husi testu nia interpretasaun sala.

29 Sousa (1767), liv. IV, kap. XIII, p. 282; “Breve relação” in Matos (1974), p. 442.

XVII – havia um acordo tácito de não criar missões em áreas onde outros já o tivessem feito.

Assim, Timor e as ilhas vizinhas só despertaram o interesse das ordens religiosas na segunda metade do século XVI, quando a missão passou a ser uma opção estratégica relevante para o Estado da Índia e para a própria presença portuguesa na Ásia. Cedo se percebeu que o trabalho de conversão ao catolicismo era mais fácil junto de populações onde a religião muçulmana não houvesse penetrado. Ao contrário da Península Malaia, de Java ou das Molucas, a presença do islão era residual naquela região. Portanto, a oportunidade de criar uma missão em Timor ou em Solor estava à disposição das diversas ordens religiosas.

A Companhia de Jesus parece ter sido a primeira a demonstrar interesse em dar esse passo. Em 1559, talvez como resultado de contactos prévios feitos pelos padres da missão das Molucas, há notícias de que um chefe timorense havia escrito uma carta ao jesuíta Baltasar Dias, do colégio de Malaca, declarando-se cristão e solicitando o envio de missionários para a conversão dos seus conterrâneos²¹. Uma carta desse mesmo padre, contudo, localiza este “rei cristão” não em Timor, mas sim em Lawunama, na ilha das Flores, onde diz existirem mais de duas centenas de cristãos, convertidos por um português de nome João Soares²².

A Companhia de Jesus, apesar desse interesse inicial, não considerou esta região como prioritária e acabou por não abrir qualquer missão nestas ilhas, cedendo essa função à Ordem de S. Domingos²³. Para isto, muito terá contribuído o apoio do bispo de Malaca, D. fr. Jorge de Santa Luzia, também ele dominicano, que patrocinou a iniciativa. Em 1562, fr. António da Cruz e três companheiros fundaram a primeira missão católica nas Pequenas Sunda, mais precisamente na ilha de Solor, onde já existia uma presença portuguesa intermitente de apoio ao comércio do sândalo.

21 Luís Fróis, 24.11.1559, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 340.

22 Baltasar Dias, 3.12.1559, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 346.

23 Loureiro (2001), pp. 147-148.

Far East. To avoid disputes and rivalries – as it would occur in Japan, in the 17th century – there was a tacit agreement not to create missions in areas where others had already done so.

Thus, Timor and the neighbouring islands only aroused the interest of the missionaries in the late 16th century, when their work became a relevant strategic option to the *Estado da Índia* and to the Portuguese in Asia. Soon it was realized that the work of conversion to Catholicism was easier among populations where the Muslim faith did not penetrate. Unlike the Malay Peninsula, Java or the Moluccas, the presence of Islam was residual in that region. Therefore, the opportunity to create a mission in Timor or Solor was available to the various religious orders.

The Society of Jesus seems to have been the first to show interest in taking this step. In 1559, possibly as a result of earlier contacts made by the priests from the Moluccas mission, there are news that a Timorese chief had written a letter to the Jesuit Baltasar Dias, of the Melaka College, declaring himself a Christian and asking for missionaries to convert his locals²¹. However, a letter from this priest does not locate this “Christian king” in Timor, but in Lawunama, in the island of Flores, where he says there were more than two hundreds Christians converted by a Portuguese called João Soares.²²

Despite this initial interest, the Jesuits did not consider this region as a priority and did not open a mission on these islands, yielding this role to the Order of Saint Dominic²³. The support from the Bishop of Melaka, the Dominican D. Jorge de Santa Luzia, who sponsored the initiative, may have been decisive. In 1562, Friar António da Cruz and three companions founded the first Catholic mission in the Lesser Sunda, more precisely in the island of Solor, where there was already a Portuguese intermittent presence to support the sandalwood

21 Luís Fróis, 24.11.1559, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 340.

22 Baltasar Dias, 3.12.1559, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 346.

23 Loureiro (2001), pp. 147-148.

Ne'e duni, Timór no illa viziña sira hahú hamosu orden relijioza nia interesse iha sorin daruak sékulu XVI, bainhira misionasaun hanesan opsaun estratéjika ida relevante ba Estadu Índia nian no ba portugés sira-nia prezensa iha Ázia. Sira komesa comprende sedu loos katak servisu hodi konverte ema ba katolisizmu fásil liu besik populasaun sira iha ne'ebé relijiaun musulmana seidauk tama. Lahanesan ho península Malaia, Java ka Molukas, iha rejiaun ne'ebá islaun sei uituan de'it. Ne'e duni, iha oportunidade ba orden relijioza oioin hodi kria misaun ida iha Timór ka iha Solor

Kompañia de Jezus mak ida ne'ebé hatudu dahuluk nia interesse hodi ba oin. Iha tinan 1559, karik hanesan rezultadu husi kontaktu molok, ne'ebé amu sira husi misaun Molukas halo, iha informasaun katak xefe timoroan ida hakerek surat ida ba jezuíta Baltasar Dias, husi koléjiu Malaka, hodi dehan katak nia kristaun no husu ba nia hodi haruka misionáriu sira hodi halo konversaun ba nia maluk^[30]. Maibé surat ida husi amu ida-ne'e nian hatudu katak “liurai kristaun” ne'e la'os iha Timór maibé iha Lawanama, iha illa Flores, no nia dehan katak iha ne'ebá iha kristaun liu atus rua, ne'ebé portugés ida narán João Soares konverte^[31].

Kompañia de Jesus, maské nia interesse inisiál, lakonsidera rejiaun ne'e hanesan prioritária no laloke misaun ida iha illa, no nia fó funsaun ne'e ba Orden S. Domingos^[32]. Apoiu husi bispu Malaka, D. Fr. Jorge de Santa Luzia, dominikanu, kontribui barak ba situaun ne'e tanba nia fó patrosíniu ba inisiativa. Iha tinan 1562, fr. António da Cruz no nia kompañeiru na'in tolu harii misaun dahuluk iha Sunda Kiik, liului iha illa Solor, iha ne'ebá iha ona prezensa portugeza intermitente hodi fó apoiu ba komér-siu ai-kameli. Sentru ba misaun ne'e mak fortaleza, harii ho materiál peresível no ho palisada ida. Dala barak ema ataka no halo asédiu, hetan depois reforsu ho muru forte liu no baluarte no artillaria, hanesan deskrisaun 1613 hatudu: “kristaun sira mak kria fortaleza Solor hodi defende

30 Luís Fróis, 24.11.1559, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 340.

31 Baltasar Dias, 3.12.1559, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 346.

32 Louliurairo (2001), p. 147-148.



Capela do Rosário, Basílica de S. Domingos, Bolonha, Itália.

The Rosary Chapel, Basilica of San Domenico, Bologna, Italy.

O centro da missão era a fortaleza, construída com materiais perecíveis e com uma palizada. Várias vezes sujeita a ataques e assédios, veio mais tarde a ser reforçada com muros mais resistentes e baluartes e dotada de artilharia, como refere uma descrição de 1613: “a fortaleza de Solor foi fundada por os cristãos para defensão daquela cristandade principiada e conservada pelos religiosos da ordem dos pregadores. A forma da fortaleza é quadrada, com quatro baluartes em cada ângulo, um baluarte de mato e taipas, com artilharia, munições e armas, e mantimentos, e guarnição de soldados e casados, donde favorecem aos cristãos circunvizinhos”^[24].

A partir da sua base em Solor (mais precisamente em Lohayong), os missionários dominicano desenvolveram o seu trabalho nas ilhas vizinhas, nomeadamente em Larantuka (Flores), Ende, Adonara e, naturalmente, Timor. Apesar do otimismo e do tom apologetico de alguns relatos, os resultados foram modestos durante muito tempo, devido à falta de missionários, à permanente insegurança causada por ataques muçulmanos e à turbulência política que existia nas ilhas. O caso mais flagrante deste contraste diz respeito à fundação de uma igreja no reino de Mena (provavelmente a primeira a ser criada em Timor), em 1589 ou 1590, por fr. Belchior da Luz, que converteu o filho do rei e o levou a Malaca para ser batizado. Apesar de os cronistas dominicanos rejubilarem com o evento, a verdade é que não passou de um episódio sem consequências^[25].

Deste modo, à atividade puramente mercantil ligada ao comércio do sândalo veio a agregar-se a ação dos missionários, embora o seu número fosse ainda muito reduzido. Devido à hostilidade das comunidades muçulmanas na área e para melhor salvaguardar o trabalho dos missionários, proteger as incipientes comunidades cristãs e supervisionar o comércio do sândalo, a coroa portuguesa criou o cargo oficial de “capitão de Solor e Timor”, com jurisdição sobre toda a região. A primeira ordem

trade. The head of the mission was the fortress built with perishable equipment and a palisade. Under permanent attacks and harassment, it came later to be strengthened with more resistant walls and ramparts and endowed with artillery, as mentioned in a description of 1613: “the fortress of Solor was founded by the Christians to defend that Christianity initiated and preserved by the clerics of the order of preachers. The shape of the fortress is square, with four bastions at each angle, and a bulwark built of bush and adobe, with artillery, ammunition and weapons, and provisions, and a garrison of soldiers and married men [casados], hence in favour of the neighbouring Christians”.^[24]

From their base in Solor (more precisely in Lohayong), the Dominicans developed their work in the surrounding islands, in particular in Larantuka (Flores), Ende, Adonara and, naturally, Timor. Despite the optimism and the apologetic tone of some reports, the results were modest for a long time, due to the lack of missionaries, the permanent insecurity caused by Muslim attacks and the political turmoil that existed in the islands. The most striking case of this contrast concerns the foundation of a church in the kingdom of Mena (probably the first to be created in Timor), in 1589 or 1590, by Friar Belchior da Luz, who converted the son of the king and took him to Melaka to be baptized. Although the Dominican writers rejoiced when reporting the event, it had no significant consequences.^[25]

Thus, the Portuguese trade in sandalwood developed in parallel with the work of the missionaries, although their number was very low. Due to the hostility of the Muslim communities in the area and to better safeguard the work of the missionaries and protect the incipient Christian communities and the sandalwood trading, the Portuguese Crown created the official title of “Captain of Solor and Timor”, whose jurisdiction extended to the whole region. The first order in this direction was

24 Erédia (1613), f. 14v.

25 Santos (1999), liv. II de vária história, cap. IV, p. 468; Lobato (2000), p. 366.

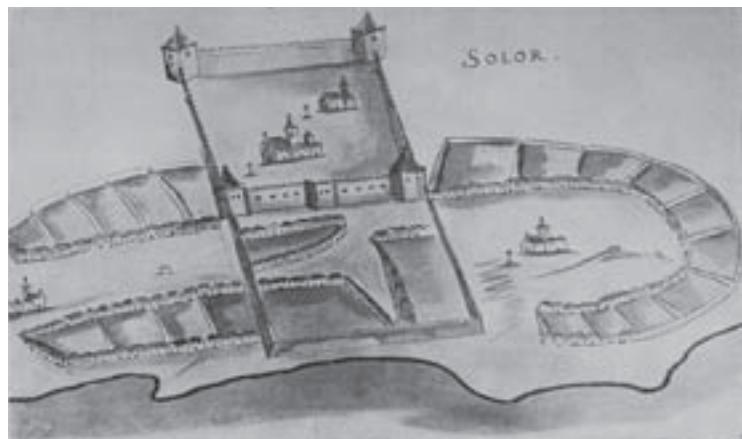
24 Erédia (1613), f. 14v.

25 Santos (1999), liv. II de vária história, cap. IV, p. 468; Lobato (2000), p. 366.

kristandade ne'bé hahú iha ne'ebá no ne'ebé religiozu sira husi ordén pregadór konserva nafatin. Fortaleza nia forma kuadrada, ho baluarte haat iha ángulu idak-idak, baluarte ida ho ai-horis fuij no rai-mean, ho artillaria, munisaun no arma, mantimentu, no guarnisaun ba soldadu no kaben-na'in, no husi ne'e sira ajuda kristaun sira ne'ebé besik malu”^[33].

Husi sira-nia baze iha Solor (iha Lohayong), misionáriu dominikanu dezenvolve sira-nia servisu iha illa viziña, liuliu iha Larantuka (Flores), Ende, Adonara no, klaru, iha Timór. Maské relatu balun hatudu otimizmu no ton di'ak, rezultadu balun kiik liu durante tempu naruk nia laran, tanba falta misionáriu, tanba insegransa permanente husi atake musulmanu no política lahakmatek iha illa sira. Kazu evidente liu kona-ba kontraste ne'e mak ida ne'ebé relasiona ho fundasaun igreja ida iha reinu Mena (karik ida dahuluk ne'ebé kria iha Timór), iha tinan 1589 ka 1590, liuhusi fr. Belchior da Luz, ne'ebé konverte liurai nia oan no lori nia hodi sarani iha Malaka. Maské kro-nista dominikanu haksolok loos ho eventu ne'e, lia loos mak eventu ne'e hanesan epizódiu ida ne'ebé laiha konsekuénsia^[34].

Hanesan ne'e, asaun misionáriu sira-nian komesa inklui iha atividade merkantil ne'ebé relasiona ho komérsiu ai-kameli nian, maské nia número sei kiik. Tanba ostili-dade husi komunidade musulmana sira iha área no hodi proteje misionáriu sira-nia servisu, proteje komunidade kristā foun no halo supervizaun ba komérsiu ai-kameli nian, koroa portugeza kria kargu ofisiál “kapitaun husi Solor no Timór”, ho jurisdisaun iha rejiaun tomak. Orden dahuluk kona-ba ida-ne'e emite iha 1571, bainhira governadór husi Índia, hodi hatan ba dominikanu sira, fó responsablidade ba kapitaun husi Malaka hodi hatudu ema ida ba funsaun ne'e, tuir proposta husi misionáriu sira^[35]. Tinan sanulu liu tan, fonte anónima portugeza halo deskrisaun tuirmai: “iha illa rua Solor no Timór iha kristaun balun, liuliu iha Solor ne'e, no iha ne'ebá iha



Representasaun eskemática husi Fortaleza Solor. *Ensaiu Ikonografia Cidade Portugeza sira Ultramar nian*, Luís Silveira, Hamutuk Investigasaun sira Ultramar, Lisboa, 1951, vol. III.

Representação esquemática da Fortaleza de Solor. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1951, vol. III.

Schematic representation of Solor Fortress. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, by Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisbon, 1951, vol. III.

³³ Erédia (1613), f. 14v.

³⁴ Santos (1999), liv. II de vária história, kap. IV, p. 468; Lobato (2000), p. 366.

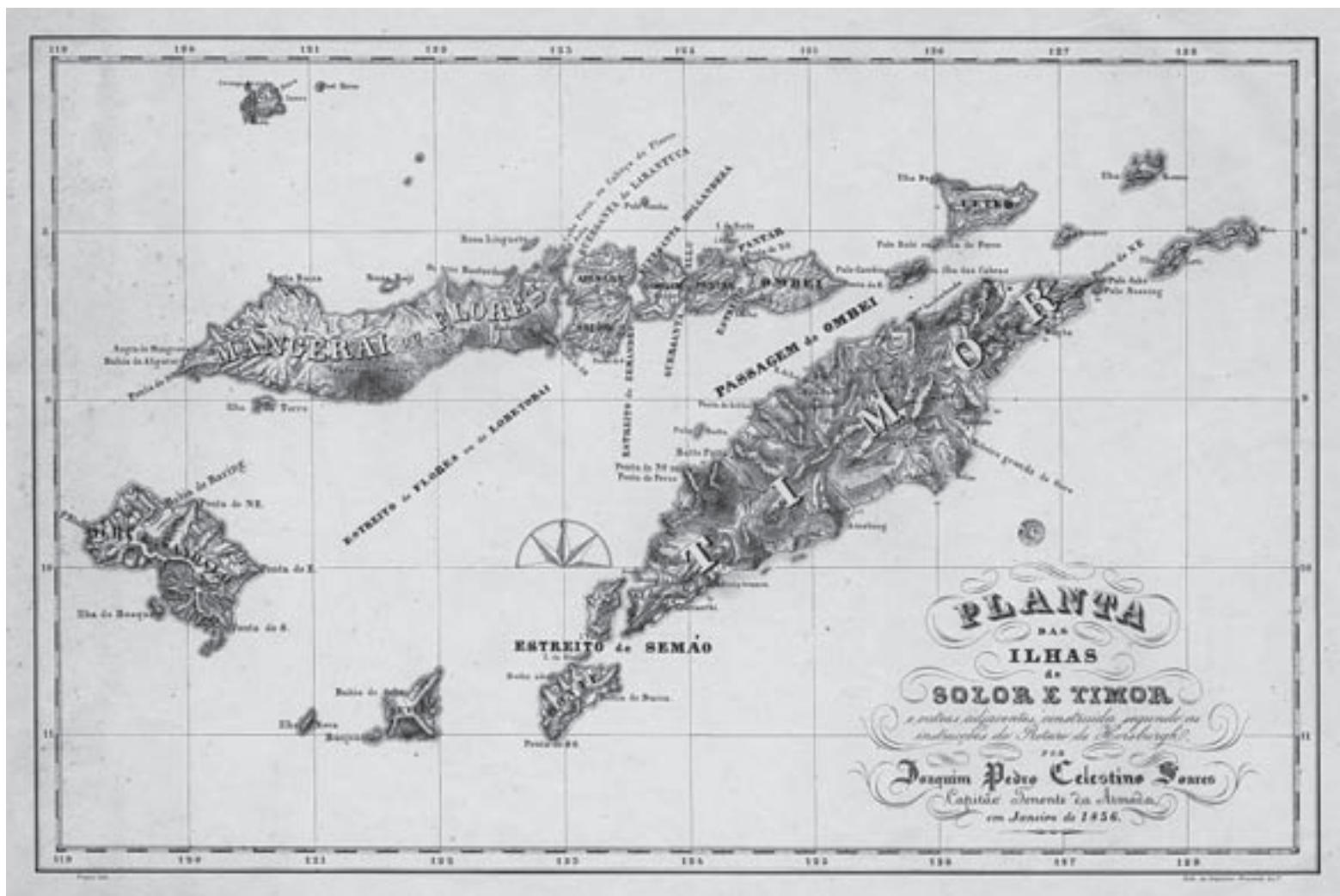
³⁵ Alvará de António Moniz Barreto, 14.9.1571, in Sá (ed.) (1954-58), vol. V, p. 3.

nesse sentido foi emitida em 1571, quando o governador da Índia, a pedido dos dominicanos, encarregou o capitão de Malaca de designar alguém para essa função, sob proposta dos missionários^[26]. Dez anos mais tarde, uma fonte anónima portuguesa faz a seguinte descrição: “em ambas estas ilhas de Solor e Timor há alguns cristãos, principalmente nesta de Solor, na qual está um mosteiro de frades de S. Domingos com uma fortaleza pequena em que está um capitão que os capitães de Malaca costumam prover, e não tem ordenado nenhum à custa da Fazenda Real”^[27]. Sabe-se que em 1585 entrou em funções um capitão de nome António Viegas, a que se seguiu, em 1593, um morador de Malaca chamado António de Andria. Apesar do título oficial que teoricamente lhes conferia a autoridade máxima, o seu poder era limitado e, na prática, eram os frades dominicanos quem realmente dominava as comunidades cristãs e garantia a sobrevivência da presença portuguesa.

issued in 1571, when the Governor of India, by request of the Dominicans, instructed the captain of Melaka to appoint someone to this function, upon a proposal from the missionaries^[26]. Ten years later, an anonymous Portuguese author wrote the following description: “in both these islands of Solor and Timor there are some Christians, especially in Solor, where there is a monastery of friars of Saint Dominic with a small fortress in which stays a captain appointed by the Captains of Melaka, and he receives no wages at the expense of the Royal Treasury”.^[27] It is known that in 1585 a captain called António Viegas took office, followed by a resident of Melaka called António de Andria in 1593. Despite the official title that theoretically gave them maximum authority, their power was limited. The real power was in the hands of the Dominican friars, who actually dominated the Christian communities and allowed the survival of the Portuguese presence.

26 Alvará de António Moniz Barreto, 14.9.1571, in Sá (ed.) (1954-58), vol. V, p. 3.
27 Luz (ed.) (1952), p. 144.

26 Alvará by António Moniz Barreto, 14.9.1571, in Sá (ed.) (1954-58), vol. V, p. 3.
27 Luz (ed.) (1952), p. 144.



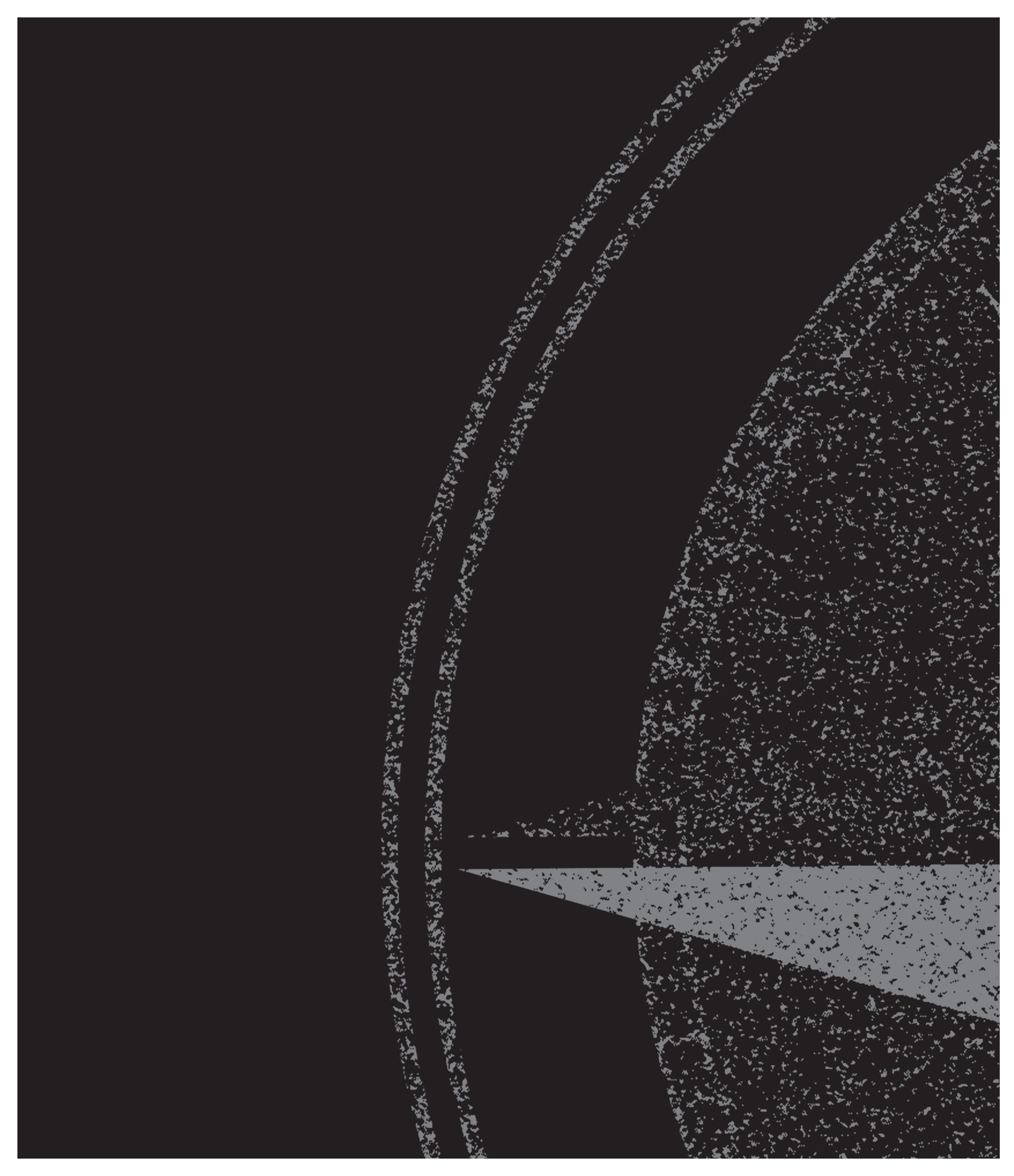
mosteiru ida husi frade S. Domingos nian ho fortaleza ida ki'ik ho kapitaun ida ne'ebé kapitaun sira husi Malaka fó, no lasimu saláriu husi Fazenda Real”^[36]. Ita hatene katak iha 1585 hahú knaar kapitaun ida ho naran Atónio Viegas no, tuirmai, iha 1593, ema ida ne'ebé hela iha Malaka ho naran António de Andria. Maské título ofisiál ne'ebé tui teoria fó ba nia autoridade máxima, ninia podér limitadu uituan no, iha práтика, frade dominikanu sira mak domina duni komunidade kristā sira no garante prezensa portugeza nia sobrevivénsia.

Planta husi illa Solor no Timor no sira seluk nebé besik, harfi tuir instrusaun ba mata-dalan Horsburgh nian, husi Joaquim Pedro Celestino SOares (1793-1870), Lisboa, Janeiru 1836. Biblioteka Nasional Portugal.

Planta das ilhas de Solor e Timor e outras adjacentes, construída segundo as instruções do roteiro de Horsburgh, por Joaquim Pedro Celestino Soares (1793-1870), Lisboa, janeiro de 1836. Biblioteca Nacional de Portugal.

Planta das ilhas de Solor e Timor e outras adjacentes, construída segundo as instruções do roteiro de Horsburgh, by Joaquim Pedro Celestino Soares (1793-1870), Lisbon, January 1836. National Library of Portugal.

³⁶ Luz (ed.) (1952), p. 144.



4

Jau no makasár sira
Jaus e macaçares
Javanese and Makassarese

O ISLÃO CHEGARA nos finais do século XIII ao Sueste Asiático, mais precisamente a Samatra, mas a sua penetração foi muito lenta e desigual. Uma vez que se tratava de uma religião difundida através das redes de comércio, a conversão do rei de Malaca, no início do século XV, forneceu um impulso vital para o seu avanço no arquipélago malaio-indonésio. A expansão comercial do sultanato potenciou, deste modo, a islamização de reis e de elites dirigentes por toda a região. Quando os portugueses tomaram a cidade, em 1511, e procederam ao reconhecimento das regiões que ficavam para lá do Estreito com o mesmo nome, tomaram contacto com uma realidade cada vez mais adversa: a religião muçulmana estava em expansão, o que colidia naturalmente com o trabalho dos missionários católicos. Os principais portos de Samatra e de Java eram muçulmanos, o reino javanês de Majapahit sucumbiu a um ataque do sultanato de Demak, em 1527, e até as longínquas Molucas estavam sob o controle de dois sultanatos, Ternate e Tidore, que disputavam entre si a hegemonia política da região.

Timor e as ilhas vizinhas, por não disporem de centros urbanos ou cidades portuárias e devido à sua localização distante dos principais focos de difusão do islão, não haviam sofrido a sua influência para além da presença intermitente de navios malaios e javaneses. A fragmentação política da ilha em pequenos reinos e a inexistência de uma tradição marítima nas suas populações limitavam igualmente os contactos com o exterior e prolongavam o isolamento; como escreveu um jesuíta em 1559, os timorense “não moram à borda do mar, por causa dos ladrões, [antes] habitam por dentro das ilhas”^[28].

Os portugueses registaram os portos, as regiões e as ilhas onde existia presença muçulmana e, naturalmente com maior agrado, onde ela não ocorria. Logo em 1518, um português (possivelmente o capitão de Malaca) escreveu que “em Banda e Timor, estes reis têm portos muito bons e muitos mantimentos, e são gentios e aborrece-lhes a

ISLAM REACHED Southeast Asia by the end of the 13th century, more precisely in Sumatra, but its diffusion was very slow and unbalanced. Being a religion that spread throughout the trade routes, the conversion of the King of Melaka in the early 15th century was an important boost to the progression of this religion in the Malay-Indonesian archipelago. The commercial expansion of the sultanate was therefore an incentive to the conversion of kings and ruling elites throughout the region. After the conquest of the city in 1511, the Portuguese realized an adverse reality was gradually taking shape: The Muslim religion was expanding and the process naturally clashed with the work of Catholic missionaries. The main city-ports of Sumatra and Java were Muslims, the Javanese kingdom of Majapahit succumbed to an attack from the sultanate of Demak in 1527, and even the distant Moluccas were under control of two rival sultanates, Ternate and Tidore, who competed with each other for the political hegemony of the region.

Timor and the neighbouring islands, due to their lack of urban centres or city-ports, and also because they were far from the most important Islamic centres, did not receive its influence beyond the intermittent presence of Malay and Javanese vessels. The political division of the island into small kingdoms and the lack of a maritime tradition of the population also limited contacts with the outside world; as a Jesuit wrote in 1559, the Timorese “do not live by the sea, because of the thieves, [instead] they live in the interior of the islands”.^[28]

The Portuguese took notice of the ports, areas and islands where the Muslim presence was effective and also where it did not exist, with natural satisfaction. Right in 1518, a Portuguese (possibly the Captain of Melaka) wrote that “in Banda and Timor, these kings have very good harbours and many provisions, and they are Gentiles and they dislike the talking of the Moors”^[29]. However, in Solor, where the Dominicans founded the first mission,

28 Baltasar Dias, 3.12.1559, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 346.

29 Letter to the King Manuel I, 20.8.1518, in Sá (ed.) (1954-58), vol. I, p. 103.

ISLAUN MAI TO’O iha Sudeste Aziátiku iha sékulu XII nia rohan, liuliu to’o iha Sumatra, maibé nia tama neneik no ho maneira ne’ebé lahanesan. Tanba relijaun ida ne’ebé habelar liuhusi rede komérsiu nian, liurai Malaka nia konversaun iha sékulu XV nia hahú, fó impulsu maka’as hodi nia avansa iha arkipélagu malaiu-indonéziu. Sultanatu nia espansaun komersiál kontribui, hanesan ne’e, ba liurai no elite dirijente sira iha rejiaun tomak nia islamizasaun. Bainhira portugés sira foti sidade, iha tinan 1511, no hala’o rekoñesimentu husi rejiaun ne’ebé liu tiha Estreitu ho naran ne’ebé hanesan, sira kontaktu ho realidade ida kontráriu liu: relijaun musulmana iha momentu espansaun, no ida-ne’e xoke ho misionáriu sira-nia servisu. Portu prinsipál iha Sumatra no Java musulmanu ona, reinu javanês Majapahit lakon tiha ho atake sultanatu Demak nian, iha 1527, no to’o iha Molukas sultanatu rua kontrola Ternate no Tidore, ne’ebé luta kona-ba domíniu político iha rejiaun.

Timór no illa viziña sira, tanba laiha sentru urbanu ka sidade portuária no tanba nia lokalizasaun do’ok husi foku prinsipál ba difusaun islaun nian, seidauk sofre nia influénsia aleinde presenza ba-mai husi naviu malaiu no javanês. Illa nia divizaun política ho reinu kiik sira no populasaun sira laiha tradisaun marítima limita mós kontaktu ho rai liur no hanaruk izolamentu; hanesan jesuíta ida hakerek iha tinan 1559, timoroan sira “lahela iha tasi-ibun, tanba naukteen sira, timoroan hela iha interior illa nian”^[37].

Portugés sira rejista portu, rejiaun no illa sira ne’ebé ho prezensa musulmana no, ho haksolok, fatin ne’ebé prezensa ne’e laiha. Hahú kedes iha 1518, portugés ida (karik kapitaun husi Malaka) hakerek katak “iha Banda no Timór, liurai sira-ne’e iha portu d’ak loos no mantimentu barak, no sira jentiu no la gosta dada-lia hosi musulmanu sira”^[38]. Maibé, iha Solor, fatin ne’ebé dominikanu sira kria sira-nia misaun dahuluk, uluk iha comunidade musulmanu balun, ho ligasaun possível ba portu javanês



Reprezentasaun kaligrafia ba liafuan Allah.

Representação caligráfica da palavra Allah.

Calligraphic representation of the word "Allah".

³⁷ Baltasar Dias, 3.12.1559, in Sá (ed.) (1954-58), vol. II, p. 346.

³⁸ Carta ao liurai D. Manuel I, 20.8.1518, in Sá (ed.) (1954-58), vol. I, p. 103.

conversão dos mouros”^[29]. Em Solor, porém, onde os dominicanos fundaram a primeira missão, existiam algumas comunidades muçulmanas, provavelmente com ligações a vários portos javaneses, que reagiram de imediato com ataques à fortificação portuguesa. Um missionário jesuíta de Malaca relatou ao seu superior em Goa, de forma entusiástica, a forma como 30 portugueses e cristãos da terra tinham rechaçado o ataque de duas centenas de javaneses, num feito de guerra que ecoara pelas ilhas vizinhas e que abria a porta a uma futura conversão em massa^[30].

A hostilidade javanesa para com a missão católica em Solor nem sempre tem merecido a devida atenção e enquadramento por parte dos historiadores. As fontes missionárias limitam-se a apontar para uma guerra sem quartel entre cristãos e muçulmanos, geralmente mencionando uma alegada necessidade, por parte destes últimos, de conter o sucesso da missão católica e o avanço da cristandade nestas paragens. Porém, embora seja inegável a existência de uma competição de teor proselitista entre os *ulema* muçulmanos e os missionários católicos em diversas regiões do arquipélago malaio-indonésio, esta tensão ocultava lutas políticas e interesses materiais, como o acesso a rotas, produtos e mercados. Havia, portanto, outras questões a considerar para além da simples diferença religiosa. As redes mercantis muçulmanas, financiadas pelas comunidades guzerates e apoiadas em diversos sultanatos, numa teia que se estendia do Aceh e de diversos portos javaneses até Banda e às Molucas, eram naturais concorrentes das estruturas portuguesas e dos seus aliados. O antagonismo religioso era, portanto, apenas um entre vários fatores de uma rivalidade mais ampla que alternava entre épocas de paz e de coexistência com momentos de guerra aberta.

Por outro lado, há que não esquecer que vários sultanatos como Ternate ou, mais tarde, Macaçar, tinham ambições de exercer alguma forma de hegemonia política sobre

29 Carta ao rei D. Manuel I, 20.8.1518, in Sá (ed.) (1954-58), vol. I, p. 103.

30 Carta de Lourenço Peres, nov. 1566, in Jacobs (ed.) (1974), vol. I, pp. 495-496.

there were some Muslim communities, probably with connections with several Javanese city-ports, who reacted immediately attacking the Portuguese fort. A Jesuit missionary from Melaka reported to his superior in Goa, in an enthusiastic way, how thirty Portuguese and local Christians had repelled the attack of two hundred Javanese, a feat or arms that echoed in the neighbouring islands and would open the door to a possible mass conversion.^[30]

The Javanese hostility against the Catholic mission in Solor has not received much attention from scholars and historians. The missionary sources generally report a relentless religious war between Christians and Muslims, usually mentioning the alleged urge by the latter to restrain the success of the missionary work and the expansion of Christianity. However, although there was a proselytizing competition between the Muslim *Ulema* and the Catholic missionaries in several parts of the Malay-Indonesian archipelago, these tensions concealed political struggles and economic interests, such as the access to routes, products and markets. Therefore, there were other issues to be considered beyond the simple religious rivalry. The Muslim trading networks were financed by the Gujarati communities and supported by several sultanates, extending from Aceh and several Javanese city-ports to Banda and the Moluccas, and they were natural competitors of the Portuguese structures and their allies. Therefore, the religious antagonism was just one among several factors of a wider rivalry in which periods of peace and coexistence alternated with moments of open conflict.

On the other hand, some sultanates like Ternate, or Makassar in a later period, had ambitions to exert some form of political hegemony over Timor and the neighbouring islands, in a process of expansion that collided with an hostile Portuguese and Christian presence. It is also to remember that a sort of a Muslim, anti-Portuguese alliance took shape

30 Letter from Lourenço Peres, Nov. 1566, in Jacobs (ed.) (1974), vol. I, pp. 495-496.

balun, ne'ebé halo reaksau keds ho atake ba fortifika-saun portugeza. Misionáriu jezuíta ida husi Malaka hatete ba nia superiór iha Goa, ho kontente, maneira oinsá portugés no kristaun rai-na'in 30 duni atake husi javanés atus rua, nu'udar asaun funu nian ida ne'ebé ema rona iha illa viziñu no ne'ebé loke odamatan ba konversaun husi ema barak iha tempu oin mai^[39].

Javanés sira-nia ostilidade ba misaun katólika iha Solor lasimu, dala barak, husi istoriadór sira, atensaun no enkuadramentu ne'ebé di'ak. Fonte misionária sira hatudu de'it funu ida ne'ebé laiha kuartél entre kristaun no musulmanu, beibeik sira refere nesesidade, husi musulmanu sira hodi trava misionasaun katólika nia susesu no kristandade nia avansu iha fatin sira-ne'e. Maibé, maské ita labele nega kompetisaun prozelitista entre musulmanu ulema no misionáriu katóliku iha rejiaun oioin husi akipélagu malaiu-indonéziu, tensaun ida-ne'e hasubar luta política no interesse material, hanesan asesu ba rota, produtu no merkadu. Ne'e duni, iha kestaun sira seluk ne'ebé tenke konsidera aleinde diferença religiosa de'it. Rede merkantil musulmana, ne'ebé comunidade guerrear finansia no sultanatu oioin apoia, iha dai ida husi Aceh no portu javanés oioin to'o iha Banda no Molukas, mak konkorrente naturál ba estrutura portugeza no nia aliadu sira. Ne'e duni antagonizmu religioso mak fatór ida de'it husi rivalidade luan liu ne'ebé troka malu, entre momentu dame no momentu funu.

Husi sorin seluk, labele haluha katak sultanatu balun hanesan Ternate ka, tarde liu, Makasar, sira-nia ambi-saun mak ezerse domíniu político iha Timór no iha illa viziña sira, no ida-ne'e xoke ho prezensa portugeza no kristā ne'ebé ostil. Ita bele hanoin fali katak iha dékada 1560 no dékada sira tuimai mós asiste ba formasaun husi tipu aliansa musulmana no anti-portugeza iha Oseanu Indiku tomak, husi kosta Malabar to'o iha Molukas. Aumentu husi solidariedade musulmana ne'e sai fali, entre epizódiu seluk, hanesan atake ba naviu portugés no Aceh no sultanatu malaiu no javanés halo serku

³⁹ Carta de Lourenço Peres, nov. 1566, in Jacobs (ed.) (1974), vol. I, p. 495-496.



Java, mapa olanda nian con, iha sék. XVIII

Mapa holandês de Java, inícios do séc. XVIII.

An early 18th-century Dutch map of Java island.

Timor e as ilhas vizinhas, o que colidia com a presença portuguesa e cristã que lhes era obviamente hostil. Relembre-se também que a década de 1560 e as seguintes assistiram à formação de uma espécie de aliança muçulmana e anti-portuguesa por todo o Oceano Índico, desde a costa do Malabar até às Molucas. Este acentuar da solidariedade islâmica tomou a forma, entre outros episódios, de ataques aos navios portugueses e de sucessivos cercos a Malaca por parte do Aceh e de outros sultanatos malaios e javaneses. Por fim, refira-se que este quadro global conhecia naturalmente uma expressão à escala de cada ilha e de cada reino, onde os alinhamentos religiosos, ou seja, a conversão ao islão ou ao cristianismo, eram usados como instrumento das lutas políticas e sociais.

Quem eram os “jaus” que assaltavam a missão de Solor, a navegação portuguesa e as comunidades cristãs de Larantuka e de Timor? Na década de 1570, o rei de Hitu (no norte de Amboino, onde os portugueses possuíam uma fortaleza) estabeleceu uma aliança com o sultanato javanês de Japara – que cercou Malaca em 1574 – para combater os portugueses^[31]. Era apenas mais um episódio no longo historial de tensão e guerra na região das Molucas, agravada nesta época com a fixação dos portugueses em Amboino e a degradação irreversível das relações entre cristãos e muçulmanos^[32]. É, assim, possível que o que se passava em Solor – tomado no sentido lato das comunidades cristãs das diversas ilhas, como surge frequentemente nas fontes portuguesas – fosse, portanto, um eco e uma extensão de uma luta mais feroz cujo epicentro se localizava mais a norte, na região do Maluku. É natural que os muçulmanos de Hitu e de outros sultanatos aproveitassem as forças navais javanesas para fazer razias e pilhagens onde a presença militar portuguesa era mais débil e onde não existiam armadas de vigilância, ou seja, precisamente em Timor, Solor, Larantuka e outras ilhas. Esta ideia é reforçada pela existência de dados acerca das pretensões do sultão de Ternate em tomar Solor, por intermédio dos seus aliados de Buru que lhe pediram

31 "A capitania de Amboino", in Sá (ed.) (1954-58), vol. IV, pp. 199-202.

32 Lobato (1999), pp. 121-135.

in the 1560s and the following decade throughout the Indian Ocean, extending from the Malabar Coast to the Moluccas. This emphasis on the Islamic solidarity materialized on attacks on Portuguese navigation and Melaka by Aceh and other Malay and Javanese sultanates, among other episodes. Finally, it should be noted that this global framework naturally had a local expression in each island and each realm, where the religious alignments, i.e. the conversion to Islam or Christianity were used as instruments in political and social struggles.

Who were the Javanese (*jaus*) that used to strike the mission of Solor, the Portuguese navigation and the Christian communities of Larantuka and Timor? In the 1570s, the King of Hitu (in northern Amboin, where the Portuguese had a fortress) made an alliance with the Javanese sultanate of Japara – the one that besieged Melaka in 1574 – to combat the Portuguese^[31]. It was just another episode in the long history of tension and war in the Moluccas, aggravated in these times by the establishment of the Portuguese in Amboin and the irreversible deterioration of the relations between Christians and Muslims.^[32] Therefore, it is possible that what was happening in Solor – in the broader sense of the Christian communities of the neighbouring islands – was an echo and an extension of a more ferocious war with the epicentre located further north, in the Maluku region. Muslims from Hitu and other sultanates probably used the Javanese naval power at their disposal to strike and plunder the areas where the Portuguese military presence was weaker and where there was no regular surveillance, precisely in Timor, Solor, Larantuka and other islands. This idea is strengthened by information regarding the ambitions of the sultan of Ternate to take Solor, by means of his allies from Buru who requested him vessels to this purpose^[33]. This episode took place in the aftermath of the Portuguese expulsion in 1575 and could be a renewal of an old claim from Ternate over the region.

31 "A capitania de Amboino", in Sá (ed.) (1954-58), vol. IV, pp. 199-202.

32 Lobato (1999), pp. 121-135.

33 "A capitania de Amboino", in Sá (ed.) (1954-58), vol. IV, pp. 321-323.

ne’ebé susesivu iha Malaka. Ikus liu, refere katak kuadru global ne’e hatene espresaun ne’ebé tuir eskala husi illa no reinu ida-idak, iha ne’ebé aliñamentu religiozu, ne’e katak, ema uza konversaun ba islaun ka kristianizmu hanesan instrumentu ba luta política no sosiál.

Sé mak “jau” sira ne’ebé assalta misaun iha Solor, navega-saun portugeza no komunidade kristā iha Larantuka no Timór? Iha dékada 1570, liurai husi Hitu (iha parte norte Amboinu, fatin ne’ebé portugés sira iha fortaleza ida) estabelese aliansa ida ho sultanatu javanés husi Japara - ne’ebé halo serku ba Malaka iha tinan 1574 - hodi kombate hasoru portugés sira [40]. Ne’e mak epizódiu ida tan iha istónia naruk nia laran kona-ba tensaun no funu iha rejiaun Molukas, ne’ebé aat liutan iha époka ne’e tanba portugés sira metin iha Amboinu no tanba degradasaun, ne’ebé labelle muda, kona-ba relasaun entre kristaun no musulmanu sira [41]. Ne’e duni, posível katak buat ne’ebé akontese iha Solor - haree sentidu luan husi komunidade kristā iha illa oioin, hanesan mosu beibeik iha fonte portugeza - bele hanesan eku no estensaun ida husi luta ida aat liu no ho sentru iha parte norte liu, iha rejiaun Maluku nian. Naturál katak musulmanu sira husi Hitu no husi sultanatu sira seluk aproveita forsa navál javanesa hosi halo razia no pillajen iha fatin sira ne’ebé prezensa militár portugeza fraku liu no iha fatin ne’ebé laiha armada vijilánsia, ne’e, iha Timór, Solor, Larantuka no illa sira seluk. Dadus kona-ba sultaun Ternate nia hakarak hodi foti Solor liuhusi nia aliadu sira husi Buru, ne’ebé husu ba nia embarkasaun hodi hala’o aksaun ne’e, haforsa hanoin ne’e [42]. Epizódiu akontese hafoin duni portugés sira husi sira-nia reinu iha tinan 1575 no podia konstitui moris fila-fali husi reklamasaun tuan kona-ba Ternate nia domíniu iha rejiaun.

Aleinde ne’e, nafatin iha kontestu aliansa ne’e entre musulmanu husi Moluka no javanés, ita hatene katak iha tinan 1581 fortaleza iha Solor hasoru serku ida husi kontinjente militár forte ne’ebé kompostu ho “renegadu”

40 “A Capitania de Amboino”, in Sá (ed.) (1954-58), vol. IV, p. 199-202.

41 Lobato (1999), pp. 121-135.

42 “A Capitania de Amboino”, in Sá (ed.) (1954-58), vol. IV, p. 321-323.

embarcações para o efeito^[33]. O episódio ocorreu no rescaldo da expulsão dos portugueses do seu reino em 1575 e poderia, de alguma forma, constituir um renascer da antiga reclamação de hegemonia de Ternate sobre a região.

Sabe-se, além disso, e ainda no contexto desta aliança entre os muçulmanos das Molucas e os javaneses, que em 1581 a fortaleza de Solor esteve cercada por um forte contingente militar composto por “renegados”, ou seja, antigos cristãos que se haviam reconvertido ao islão, e de “lamaqueiros”, isto é, muçulmanos da região de Lamakera, na ponta oriental da ilha. Eram apoiados por embarcações de Ternate, mas os portugueses conseguiram quebrar o cerco e atacar com sucesso o baluarte dos inimigos^[34]. Em 1588, o bispo de Malaca D. João Ribeiro Gaio escreveu ao rei manifestando a sua satisfação, entre vários sucessos militares, pela vitória obtida pela armada que os frades de Solor e o capitão António Viegas haviam preparado e que derrotara as forças que o sultão de Demak (Java) ali enviara^[35].

Nos finais do século, a situação das missões não apresentava sinais de melhoria. Sucediam-se os assédios e ataques às comunidades cristãs e aos missionários, não apenas em Solor como em Larantuka e na pequena ilha de Ende. As crónicas dominicanas relatam com algum detalhe a turbulência destes anos, com a destruição e reconstrução de fortalezas e um clima geral de instabilidade e de guerra endémica entre os portugueses e as comunidades cristãs, por um lado, e os muçulmanos, apoiados por javaneses, por outro. Talvez o episódio mais relevante tenha sido a chamada “revolta dos lamaqueiros”, ou seja, um levantamento geral dos muçulmanos de Solor, em conluio com parte da comunidade cristã, contra a fortaleza portuguesa, que ocorreu em 1598 e que se saldou na destruição total da igreja e da povoação, como descreve, de forma dramática, a *História de S. Domingos*: “arderam as igrejas e não valeram os muros à fortaleza, para deixar de ficar abrasado tudo o

In 1581, still in the context of the alliance between the Muslims of the Moluccas and the Javanese, the fortress of Solor was besieged by a strong army consisting of “renegades” (former Christians who had converted to Islam) and “lamaqueiros” (Muslims from Lamakera, on the eastern end of the island). They were supported by vessels from Ternate, but the Portuguese managed to break the siege and attack the enemy bastion with success^[34]. In 1588, the Bishop of Melaka D. João Ribeiro Gaio wrote a letter to the King of Portugal expressing his satisfaction about recent military victories achieved by the Portuguese. Among the feats of arms was the success obtained by the *armada* prepared by the friars and the Captain of Solor António Viegas that defeated the forces sent to the island by the sultan of Demak (Java).^[35]

By the end of the century, the situation of the missions had no signs of improvement. The Christian communities and the missionaries were under permanent attack, not only in Solor but also in Larantuka and in the small island of Ende. The Dominican chronicles report with some details the turmoil of these years, with the razing and reconstruction of fortresses and a general climate of instability and endemic war between the Portuguese and the Christian communities, on one hand, and the Muslims supported by Javanese, on the other. The most relevant episode was probably the so-called “uprising of the *lamaqueiros*”, in 1598. It was a general insurrection of the Muslims of Solor, in collusion with part of the Christian community, against the Portuguese fortress, that resulted in a total destruction of the church and the village, as described, in a dramatic way, in the *History of Saint Dominic*: “the churches were burned and the walls did not save the fortress, everything was covered with ola [palm leaves] and was set on fire, in the bastions as in the church and convents, and rivers of blood running between ember and hot coals and clouds of smoke that covered the sky”.^[36] There is also some available information

33 “A capitania de Amboino”, in Sá (ed.) (1954-58), vol. IV, pp. 321-323.

34 Erédia (1613), f. s. 14-17.

35 Carta do bispo de Malaca ao rei, 31.12.1588, in Pinto (1997), pp. 273 e 277.

34 Erédia (1613), f. s. 14-17.

35 Letter from the Bishop of Melaka to the King, 31.12.1588, in Pinto (1997), pp. 273 and 277.

36 Sousa (1767), liv. IV, ch. XVI, p. 296

sira, kristaun tuan ne'ebé konverte an fali ba islaun, no "lamankeiru", musulmanu husi rejiaun Lamakera, iha ponta orientál illa nian. Embarkasaun Ternate nian fó apoiu ba sira, maibé portugés sira konsege loke serku no halo atake inimigu sira-nia baluarte ho susesu^[43]. Iha tinan 1588, bispu Malaka D. João Ribeiro Gaio hakerek ba liurai hodi hatudu nia satisfasaun, entre susesu militár oioin, tanba armada ne'ebé frade sira husi Solor no kapi-taun Antóniu Viegas prepara manan no halo forsa, ne'ebé sultaun Demak (Java) haruka, lakon^[44].

Iha sékulu nia rohan, laiha sinal di'ak liu kona-ba misaun sira-nia situasaun. Asédui no atake ba komunidade kristā no ba misionáriu sira akontese bebeik, la'os iha solor de'it maibé mós iha Larantuka no iha illa kiikuan Ende. Krónika dominicana sira hatudu ho detalle balun situasaun lahakmatek iha tinan sira-ne'e nia laran, sobu no harii fila-fali fortaleza sira no klima jerál instabilidade no funu endémiku entre portugés no komunidade kristā sira, iha sorin ida, no musulmanu, ne'ebé javanês sira apoia, iha sorrin seluk. Epizódui relevante liu mak ida na-ran "lamakeiru sira-nia revolta", ne'e katak, hamriik jerál husi musulmanu sira husi Solor, hamutuk ho parte komunidade kristā, kontra fortaleza portugeza, ne'ebé akontese iha tinan 1598 no ne'ebé resulta sobu total husi igreja no povoasaun, hanesan deskreve, ho maneira dramática, *S. Domingos nia Istória*: "ai-han igreja sira no muru sira ladefende fortaleza, buat hotu ne'ebé iha fortaleza laran taka ho Akadiru-tahan motuk, nomós iha baluarte, iha igreja no iha konventu sira, no iha fatin hotu ran suli iha ai-sunu no ai-suár ne'ebé taka lalehan"^[45]. Iha mós informasaun katak forte ne'ebé portugés nian iha illa Ende mós javanês sira sobu iha 1599, no situasaun ne'e obriga kristaun lokál buka fatin seguru iha Larantuka^[46].

Iha mudansa sékulu, mosu ameasa foun ida ba komunidade kristā sira iha Timór, Solor no Larantuka. Makasár sira, mak agora hatudu iha dokumentasaun portugeza

43 Erédia (1613), f. 5. 14-17.

44 Carta do bispo de Malaca ao rei, 31.12.1588, in Pinto (1997), p. 273 no 277.

45 Sousa (1767), liv. IV, cap. XVI, p. 296

46 Matos (1974), p. 46.

que nela se cobria com ola [folha de palmeira], assim nos baluartes como na igreja e conventos, e ficaram por tudo rios de sangue correndo entre brasas e tições e nuvens de fumaça que cobriam o céu”^[36]. Há também informações de que o forte que os portugueses possuíam na ilha de Ende foi arrasado pelos javaneses em 1599, obrigando os cristãos locais a refugiar-se em Larantuka^[37].

Na viragem do século, emergiu uma nova ameaça às comunidades cristãs de Timor, Solor e Larantuka. Tratava-se, desta vez, de macaçares, que são mencionados na documentação portuguesa da primeira metade do século XVII como os seus mais ferozes inimigos. Ao contrário dos javaneses, cujo interesse na região era essencialmente comercial e estratégico e que se limitavam a fornecer apoio logístico e militar às incursões dos sultanatos das Molucas ou às comunidades muçulmanas locais, os sultões de Macaçar desenvolveram estratégias militares próprias destinadas a colocar a região sob a sua esfera de influência, ou seja, existia um projeto “imperial” por detrás das frequentes incursões navais na área.

O sultanato de Macaçar era uma unidade política dual que resultara da aliança de dois reinos, Gowa e Tallo, que dominava a região sul da ilha de Celebes (Sulawesi). Emergira ao longo do século XVI como base de uma comunidade mercantil malaia ali estabelecida e prosperara devido à sua capacidade de exportação de arroz e outros mantimentos para o comércio das especiarias das Molucas^[38]. Nos finais do século XVI, Macaçar tornou-se uma potência regional, com pretensões de alargar a sua influência para outras paragens do arquipélago. Esta evolução ficou a dever-se, em boa parte, à política desenvolvida pelo rei de Tallo, Karaeng Matoaya (1593-1623), que tutelava igualmente Gowa devido à menoridade do rei, seu sobrinho (Ala’uddin, 1593-1639)^[39]. Foi durante o reinado de Karaeng Matoaya que Macaçar passou a ser um império comercial importante e a receber tributo de várias ilhas vizinhas, nomeadamente das Pequenas Sunda.

36 Sousa (1767), liv. IV, cap. XVI, p. 296

37 Matos (1974), p. 46.

38 Reid (1993), p. 213.

39 Cummings (2002), p. 30.

saying that the Portuguese fort on the island of Ende was ravaged by the Javanese in 1599, forcing the local Christians to seek refuge in Larantuka.^[37]

At the turn of the century, a new threat to the Christian communities of Timor, Solor and Larantuka emerged: the Makassarese, described in the Portuguese documentation of the early 17th century as their fiercest enemies. Unlike the Javanese, whose interest in the region was essentially commercial, strategic and limited to providing logistical and military support to the raids carried out by their local allies or the Muslims from the Moluccas, the sultans of Makassar developed their own military strategies intended to put the region under their sphere of influence, that is to say, there was an “imperial” project behind their frequent naval incursions in the area.

The sultanate of Makassar was a dual political unit, the outcome of an alliance of two kingdoms, Gowa and Tallo, which dominated the southern region of the Celebes (Sulawesi) island. It emerged throughout the 16th century as a foothold of a Malay community established in the region, who flourished due to their ability to export rice and other supplies to the trade networks that operated in the Moluccas.^[38] At the end of 16th century, Makassar became a regional power, with ambitions to extend its influence to other regions in the archipelago. This was mostly achieved thanks to the policy pursued by the king of Tallo, Karaeng Matoaya (1593-1623), who also ruled over Gowa while the King, his nephew (Ala’uddin, 1593-1639) was underage^[39]. It was under Karaeng Matoaya’s rule that Makassar became an important emporium and received tribute from several neighbouring islands, including some in the Lesser Sunda.

Obviously, “to receive tribute” meant political hegemony and naval pressure, which collided with the presence of Portuguese missions in the region. The missionary sources report about a resident of Larantuka called

37 Matos (1974), p. 46.

38 Reid (1993), p. 213.

39 Cummings (2002), p. 30.

husi sorin dahuluk sékulu XVII hanesan inimigu aat liu. Lahanesan ho javanés sira, ne'ebé iha interese komersiál no estratéjiku de'it iha rejiaun no ne'ebéfó de'it apoiu lojístiku n militár ba sultanatu Moluka nia atake sira ka ba komunidade musulmana lokál, sultaun sira husi Makasár dezenvolve estratégia militar rasik hodi tau rejiaun iha ninia esfera influénsia, ne'e katak, iha projeto "imperial" ida ne'ebé tane atake navál iha área.

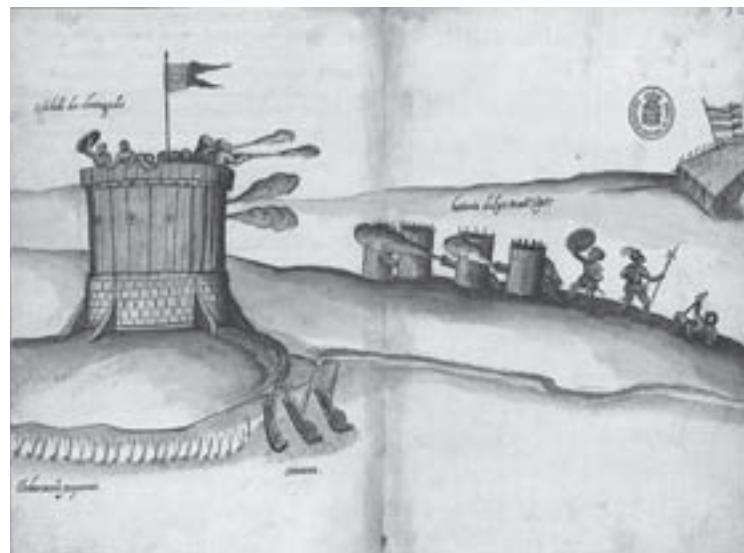
Sultanatu husi Makasar mak unidade política rua ne'ebé rezulta husi reinu rua nia aliansa, Gowa no Tallo, ne'ebé uluk domina rejiaun sul illa Selebes (Sulawesi). Nia mosu iha sékulu XVI nia laran hanesan baze ida ba komunidade merkantil malaia ne'ebé hela iha ne'ebá no hariku tanba nia kapasidade hodi halo esportasaun fós no mantimento sira seluk ba komérsiu espesiaria iha Molukas^[47]. Iha sékulu XVI nia rohan, Makasar hanesan poténsia regional ida, neebé hakarak haluan nia influénsia iha fatin sira seluk iha arkipélagu. Parte signifikativu husi evoluasaun ida-ne'e ema deve ba política ne'ebé liurai Tallu Karaeng Matoaya dezenvolve (1593-1623), nia mós tutela Gowa tanba liurai, nia sobriñu idade kiik (Ala'uddin, 1593-1639)^[48]. Enkuantu Karaeng Matoaya mak liurai, Makasar sai empóriu komersiál importante no hahú simu tributu husi illas viziña barak, liuliu husi Sunda Kiik.

Klaru ke, "simu tributu" implika domíniu político no prezensa navál, ne'ebé xoke ho misaun portugeza sira-nia prezensa iha rejiaun. Fonte misionárias hatete katak ema ida ne'ebé hela iha Larantuka ho naran "Amequira", ambisiozu hodi sa'e illa nia señor no husi kristandade sira hotu iha rejiaun, propóin ba liurai Makasar selu tributu ho osan mean no atan karik nia haruka armada ida ba nia no halo nia "vise-liurai" tuir nia naran^[49]. Ho Karaeng Matoaya nia konversaun ba islaun, iha tinan 1605, no presaun ne'ebé aumenta hodi domina komérsiu no kontrola políticamente liurai sira iha Timór no iha illas viziña, labele evita konflitu ho prezensa portugeza no influénsia husi misaun sira iha rejiaun.

⁴⁷ Liuraid (1993), p. 213.

⁴⁸ Cummings (2002), p. 30.

⁴⁹ Santos (1767), liv. IV, cap. XVIII, p. 300.



Portuguéz sira nia batalla kontra "lamakeirus" musulmanu sira no "raidor sira", kristaun sira antigu nebé konverte bá islaun. Ba karuk, "raidor sira nia kastelu". Biblioteca Nasional Portugal.

Batalha de portugueses contra "lamequeiros" muçulmanos e "renegados", antigos cristãos que se haviam reconvertido ao islão. À esquerda, o "castelo dos renegados". Biblioteca Nacional de Portugal.

Battle between Portuguese against Muslim "lamequeiros" and "renegados", former Christians who had converted to Islam. On the left, the "castle of the renegados". National Library of Portugal.

Evidentemente, “receber tributo” implicava hegemonia política e presença naval, que colidia com a presença das missões portuguesas na região. As fontes missionárias contam que foi um morador de Larantuka chamado “Amequira”, ambicioso de se fazer senhor da ilha e de toda a cristandade da região, que propôs ao rei de Macaçar o pagamento de um tributo em ouro e escravos se este lhe enviasse uma armada e o nomeasse “vice-rei” em seu nome [40]. Seja como for, com a conversão de Karaeng Matoaya ao islão, em 1605, e a crescente pressão para dominar o comércio e controlar politicamente os reinos de Timor e das ilhas circundantes, o conflito com a presença portuguesa e a influência das missões na região era inevitável.

A política “imperial” de Macaçar atingiu o seu apogeu nas décadas seguintes, sob a direção de Tumammaliang ti Timoroq (1623-1641) e Karaeng Pattingalloang (1641-1654), de Tallo, e Malikussaid (1639-1653), de Gowa, quando foram enviadas expedições militares a Timor. Timoroq comandou pessoalmente uma das ofensivas à ilha, e morreu logo após o seu regresso; é, aliás, tratado nas crónicas de Tallo como “o conquistador de Timor” [41]. Uma fonte portuguesa da época descreve as motivações do sultão macaçar da seguinte forma: “tratando eu por vezes com o rei de Macaçar sobre querer conquistar esta ilha [...], respondeu-me que nas [ilhas] circunvizinhas entravam também ilhas de vassalos seus que lhe pagam tributo e que a ilha de Timor nunca fora conquistada de nenhum rei nem nunca pagara tributo, que esta era a razão por onde que seria do primeiro rei que a conquistar” [42]. Esta foi, portanto, a fase mais aguda da hostilidade dos macaçares para com as missões em Timor e nas ilhas vizinhas e que permitiu, como se verá adiante, a criação das primeiras raízes duráveis da religião católica na ilha. Por esta altura, porém, estava já presente na região um novo e poderoso inimigo das missões e dos interesses portugueses em geral: as armadas holandesas da Companhia das Índias Orientais.

40 Santos (1767), liv. IV, cap. XVIII, p. 300.

41 Cummings (ed.) (2007), p. 91.

42 Pascoal Barreto, 1645, in Vasconcelos (1929), p. 76.

“Amequira”, who had ambitions to become lord of the island and the whole Christianity in the region, and proposed to pay the King of Makassar a tribute of gold and slaves if he sent him a fleet and appointed him “Viceroy” on his behalf^[40]. In any case, with the conversion of Karaeng Matoaya to Islam in 1605 and the increasing pressure to dominate the commerce and to exert political control over the kingdoms of Timor and the surrounding islands, the conflict with the Portuguese and the missions in the region was inevitable.

The “imperial” policy of Makassar reached its climax in the following decades, under the command of Tumammaliang ti Timoroq (1623-1641) and Karaeng Pattingalloang (1641-1654) of Tallo, and Malikussaid (1639-1653) of Gowa, when military expeditions were sent to Timor. Timoroq personally commanded one of the of ensives to the island, and died soon after his return; he is, in fact, called “the conqueror of Timor” in the chronicles of Tallo.^[41] A Portuguese source from that time describes the motivations of the sultan of Makassar as follows: “on the occasional talks I had with the king of Makassar about his wish to conquer this island [...], he replied to me saying that in the surrounding there were some islands belonging to his vassals that paid him tribute and that the island of Timor had never been conquered by any king or ever paid tribute and that it was the prize to the first king that would conquer the island”^[42]. It was in this period that the hostility of the Makassarese towards the Portuguese missions in Timor and the neighbouring islands reached its peak. As shall be seen below, it was also at this time that the Catholic faith took roots on the island. Meanwhile, a new and powerful threat to the missions and Portuguese interests in general had already reached the area: the fleets of the Dutch East India Company.

40 Santos (1767), liv. IV, cap. XVIII, p. 300.

41 Cummings (ed.) (2007), p. 91.

42 Pascoal Barreto, 1645, in Vasconcelos (1929), p. 76.

Makasar nia política imperial to'o iha nia másimu iha dékada sira tuirmai, ho Tumammaliang ti Timoroq (1623-1641) no Karaeng Pattingalloang (1641-1654), Tallo, no Malikussaid (1639-1653), husi Gowa, nia diresaun, bainhira sira haruka espedisau militár bá Timór. Timoroq rasik mak komanda atake ida iha illa, nomate hafoin fila-fali; iha krónika ema trata nia hanesan Tallo “Timór nia konkistadór”^[50]. Fonte portugeza ida iha tempu ne’ebá deskreve sultaun Makasar nia motivasaun ho maneira tuirmai ne’e: “dala rum a bainhira ha’u ko’alia ho liurai Makasar kona-ba nia hakarak hodi konkista illa ida-ne’e [...], nia hatán ba ha’u katak iha [illas] viziña iha mós illa ho ninia vasalu sirane’e bé selu tributu ba nia no katak illa Timór seidauk iha liurai ida mak konkista no nia seidauk selu tributu, no tan razaun ida-ne’e mak nia mak atu liurai ida dahuluk ne’ebé konkista”^[51]. ne’e duni, ida-ne’e mak faze susar liu husi Makasar nia ostilidade ho misaun iha Timór no iha illa viziña no nia mak permite, hanesan ita bele haree iha oin, kriasaun husi abut relijiaun katólika iha illa ne’ebé dura. Iha momentu ne’e, iha ona iha rejiaun inimigu foun no poderozu ba misaun no ba interesse portugés enjerai: armada olandeza husi Kompañia Índia Orientál sira.



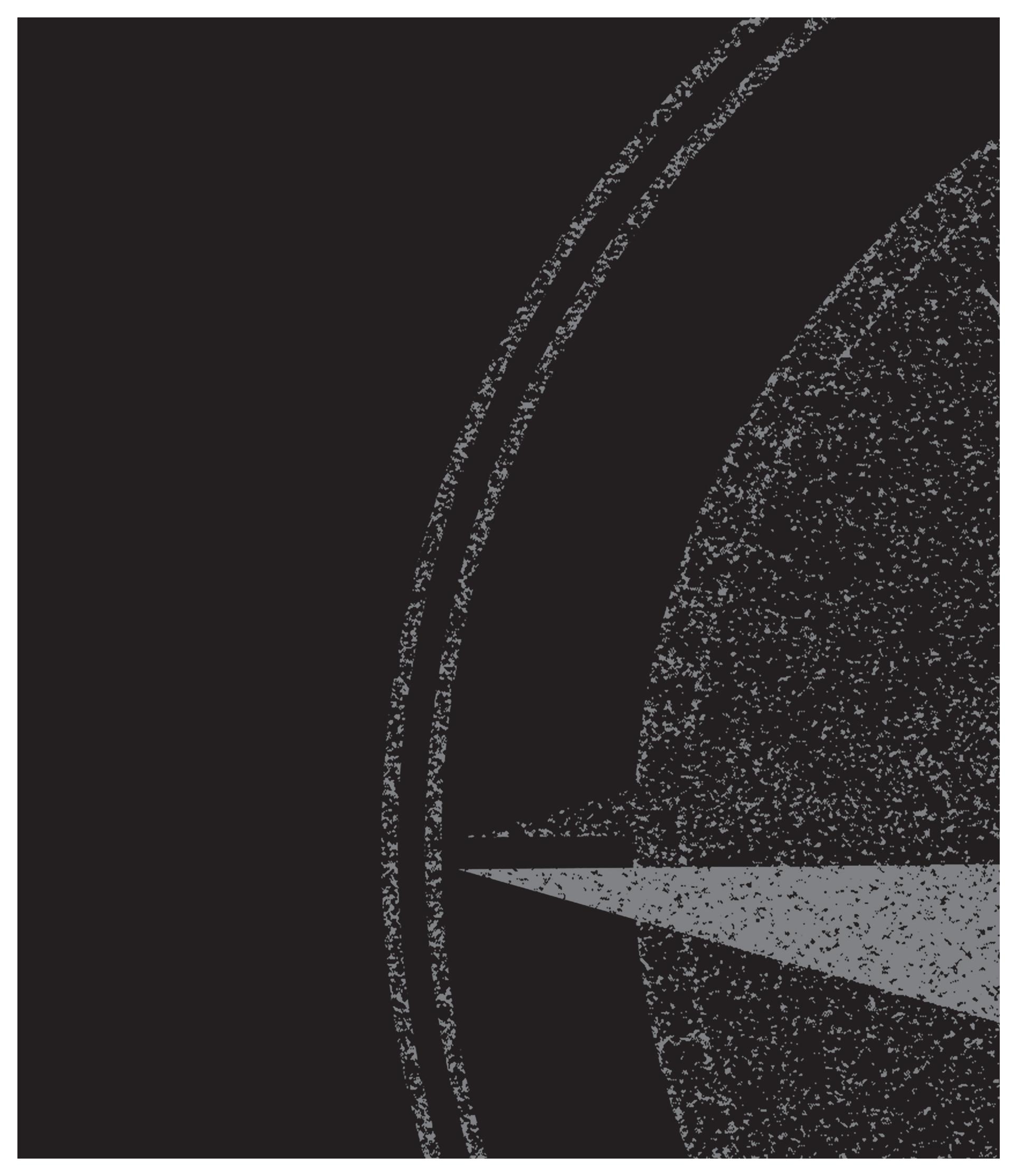
Gravura nebé representa, ba karuk, soldadu sira husi reinu Makasar no ba lós, soldadu sira husi Timor, ho “surik nebé halo husi ai-kameli”, c. 1700. Ikonografia uza tuir iha reprezentasaun índia sira husi Amérika, laiha relasaun direta ho rejiaun. Biblioteca Nacional Portugal.

Gravura representando, à esquerda, soldados do reino de Macacar e, à direita, soldados de Timor, com “espadas feitas de madeira de sândalo”, c. 1700. A iconografia segue a utilizada na representação dos índios da América, sem relação direta com a região. Biblioteca Nacional de Portugal.

Engraving representing, on the left, Makassar kingdom's soldiers and, on the right, soldiers from Timor, with “swords made of sandalwood”, c. 1700. The iconography follows the one used in the representation of American Indians, not directly related to the region. National Library of Portugal.

⁵⁰ Cummings (ed.) (2007), p. 91.

⁵¹ Pascoal Barreto, 1645, in Vasconcelos (1929), p. 76.



5

Dezafiu olandés
O desafio holandês
The Dutch challenge

NUM AVISO de certa forma premonitório, o soldado português Francisco Rodrigues Silveira escrevia, em 1599, que “nas barbas dos vice-reis chegam hoje lá [à Índia] os de Zelândia^[43] a fazer presas e a perturbar o trato e comércio das drogas. E amanhã, com ocasião de nossas desordens, tentarão lançar-nos das próprias casas, o que certamente deverá ser bastante para nossos portugueses despertarem já do sono”^[44]. Foi, de facto, o que veio a ocorrer nas décadas que se seguiram às primeiras viagens holandesas à Ásia: os primeiros anos foram de exploração e de reconhecimento, mas cedo passaram a competir nos mercados e nas rotas frequentadas pelos portugueses e a apresá naus e outras embarcações. Seguiram-se ataques e cercos a posições e fortalezas. A área principal de ação foi, precisamente, o Sueste Asiático.

A crescente hostilidade holandesa para com os portugueses resultou do facto de, entre 1581 e 1641, o trono de Portugal ter sido ocupado por monarcas espanhóis (Filipe II, III e IV). Embora as jurisdições e interesses de Portugal e de Castela continuassem teoricamente separados, esta união dinástica arrastou os portugueses para o conflito que opunha as monarquias católicas às potências protestantes do norte da Europa, como a Inglaterra e as Províncias Unidas holandesas.

A primeira viagem holandesa ao Oriente realizou-se em 1595 e dirigiu-se a Banten (Sunda), onde obteve uma carga de pimenta que existia em abundância na região. A segunda, três anos mais tarde, percorreu a mesma rota – ou seja, seguiu diretamente para o arquipélago malaio-indonésio após passar o Cabo da Boa Esperança, para evitar as armadas portuguesas – mas aportou ao Aceh. Todos os anos passaram a sair de Amesterdão várias armadas, com destinos diversos no Índico e no Atlântico. Foi verdadeiramente uma “explosão” oceânica das cidades mercantis das Sete Províncias Unidas, a parte dos Países Baixos que se rebelara contra Filipe II (I de Portugal) e que agora, depois de enfrentá-lo no palco europeu, lançava um

43 Zelândia, uma das Províncias Unidas neerlandesas que se revoltaram contra Filipe II, aqui usada na aceção genérica de “Holanda”.

44 Silveira (1996), p. 90.

IN AN ALERT somehow premonitory, the Portuguese soldier Francisco Rodrigues Silveira wrote, in 1599, that “today, these individuals from Zeeland^[43] have come in [to India] right under the nose of the viceroys, plundering and upsetting the trade and commerce in spices: and tomorrow, due to our own lack of order, they will try and evict us from our own houses. This should certainly be enough to rouse our Portuguese from their slumber”^[44]. In fact, it happened in the decades that followed the first Dutch travels to Asia: the initial years were of observation and exploration, but soon they started to compete in the markets and routes attended by the Portuguese and to capture carracks and other vessels, and finally they proceeded to attack the positions and put the Portuguese fortresses under siege. Their main area of activity was, precisely, Southeast Asia.

The increasing Dutch hostility towards the Portuguese came from the fact that, between 1581 and 1641, the throne of Portugal was occupied by Spanish monarchs (Philip II, III and IV). Although the jurisdictions and interests of Portugal and Spain remained theoretically separated, this dynastic union dragged the Portuguese into the conflict between the Catholic monarchies of the South and the Protestant powers of northern Europe, such as England and the Dutch United Provinces.

The first Dutch trip to the East was held in 1595 and headed to Banten (Sunda), where they got a load of pepper, very common in the region. The second, three years later, took the same route – i.e., directly heading to the Malay-Indonesian archipelago after passing the Cape of Good Hope, to avoid the Portuguese *armadas* – but disembarked in Aceh. Various fleets heading several destinations in the Indian and the Atlantic Oceans started to depart from Amsterdam every year. There was a truly oceanic “explosion” of the merchant cities of the Seven United Provinces, the part of the Netherlands that rise up against Philip II (I of Portugal). Now, after

43 Zeeland, one of the United Provinces in the Netherlands that rebelled against Phillip II, here used in the general sense of “Holland”.

44 Silveira (1996), p. 90.

IHA AVIZU ida premonitóriu uituan, soldadu portugés Francisco Rodrigues Silveira hakerek, iha 1599, katak “iha vise-liurai nia asarahun to’o iha ne’ebá [Índia] sira husi Zelândia^[52] hodi ka’er ema no perturba rejime no komérsiu droga nian. No aban, aproveita ami nia dezorden, koko duni ami husi ami nia uma rasik, no ida ne’ sei to’o atu fanu portugés sira ne’ebé dukur”^[53]. Ne’ mak akontese duni iha dékada sira ne’ebé tuir viajen olandeza dahuluk iha Ázia: tinan dahuluk mak esplorasaun no halo rekoñsimentu, maibé sira hahú kompete iha merkадu no dalan ne’ebé portugés sira uza no sira ka’er nau no embarkasaun sira seluk. Tuirmai iha atake no serku ba pozisaun no fortaleza sira. Sira-nia área asaun prinsipal mak Sueste Aziátiku.

Ostilidade olandeza hasoru portugés sira boot ba beibeik mosu tanba, entre 1581 no 1641, liurai español sira (Filipe II, II no IV) okupa tronu Portugál. Maské jurisdisaun no interesse Portugál no Kastela kontinua ketak, uniaun dinástica ne’ arrasta portugés sira ba konflitu ne’ebé opōin monarquia katólica ba poténsia protestante iha parte norte Europa nian, hanesan Inglaterra no Província Unida olandeza.

Viajen olandeza dahuluk ba Oriente realiza iha tinan 1595 no ba iha Banten (Sunda), no hetan karregamentu pimenta ne’ebé barak iha rejiaun. Daruak, tinan tolu tarde liu, tuir dalan hanesan – ne’ katak, ba diretamente iha arkipélagu malaiu-indonéziu hafoin liu tiha Kabu Boa Esperansa, hodi evita armada portugeza sira – maibé pára iha Aceh. Tinan-tinan armada barak sai husi Amesterdaun, ba iha destinu oioin iha Índiku no Atlántiku. Ne’ mak “esplosaun” oseánika husi sidade merkantil Província Hitu Unida, parte husi Paízes Baixus ne’ebé revolta kontra Filipe II (I Portugál) no agora, depoizde hasoru nia iha palku europeu, lança dezafiu boot ba nia impériu ultramarinu, ho eskala mundiál.

⁵² Zelândia, Província Unida neerlandesa ida ne’ebé revolta kontra Filipe II, iha ne’ uza iha nia sigif kadu jenériku “Olanda”.

⁵³ Silveira (1996), p. 90.

formidável desafio ao seu império ultramarino, à escala mundial.

A expansão marítima holandesa era diferente da portuguesa e espanhola em vários aspectos essenciais^[45]. Em primeiro lugar, não era um empreendimento régio ou estatal, como ocorria nos impérios ibéricos. Pelo contrário, tratava-se de companhias de comércio, criadas e financiadas pelas elites burguesas das cidades, que logo em 1602 se fundiram numa única Companhia Unida das Índias Orientais (mais conhecida pela sigla VOC, de *Vereenigde Oost-Indische Compagnie*). Esta era dirigida por um Conselho de 17 Senhores (que representavam as várias cidades do consórcio) e estava autorizada pela República dos Países Baixos a fazer a paz e a guerra, elaborar tratados, preparar armadas, construir fortalezas, recrutar soldados e toda a miríade de tarefas que em Portugal competiam à coroa. Mais tarde, foi fundada a WIC, que tinha como palco o Atlântico e o continente americano e funcionava em moldes idênticos.

Desta forma, os objetivos das armadas e das ações holandesas na Ásia não eram, ao contrário do que acontecia com portugueses e espanhóis, servir o rei, mas cumprir estratégias puramente comerciais e lucrativas definidas em Amesterdão. Por outro lado, não tinham qualquer pretensão missionária ou objetivo de âmbito religioso, ao contrário do Estado da Índia português que estava obrigado, no âmbito do Padroado Português do Oriente, a proteger, sustentar, promover e financiar a missão católica na Ásia. Os governadores e soldados holandeses só tinham que garantir os lucros dos acionistas da VOC.

Por fim, havia uma terceira diferença fundamental que, até certo ponto, moldou a ação holandesa no Oriente: ao contrário dos portugueses, que haviam sido obrigados a fazer o reconhecimento integral das rotas comerciais, portos, mercados e produtos e foram pioneiros no conhecimento gradual do mundo asiático, a VOC dispôs, logo de início, das informações essenciais no quadro geral da Ásia

45 Sobre a expansão ultramarina holandesa, V. Boxer (1965); Israel (1989); Furber (2004).

confronting him on the European stage, the rebellious Dutch launched a tremendous challenge to his overseas empire at a global scale.

The Dutch maritime expansion was different from both the Portuguese and the Spanish in several essential aspects^[45]. To start with, it was not a royal or state venture, as occurred in the Iberian empires. On the contrary, it was carried out by trading companies, created and funded by the urban bourgeois elites and merged in 1602 into a single United East India Company (better known by the acronym VOC, *Vereenigde Oost-Indische Compagnie*). It was led by a Council of 17 Gentlemen (who represented the several cities of the consortium) and was chartered by the Dutch Republic to make peace and war, draw up treaties, prepare fleets, build forts, recruit soldiers and a roll of myriad of tasks that in Portugal were under the King's direct command. Later, the WIC was created, a company that operated in the Atlantic Ocean and in America and worked on a similar basis.

This way, the goals of the Dutch ships in Asia were not, contrary to what happened with the Portuguese and the Spanish, to serve the Crown, but to accomplish commercial and profitable strategies that were defined in Amsterdam. On the other hand, they did not serve religious objectives or missionary intentions, unlike the Portuguese *Estado da Índia* that was forced, under the Royal Portuguese Patronage in the East (*Padroado Português do Oriente*), to protect, sustain, promote and finance the Catholic missions in Asia. The Dutch Governors and soldiers had only to ensure the profits of the VOC shareholders.

Finally, there was a third fundamental difference that, to a certain extent, shaped the action of the Dutch in the East: unlike the Portuguese, who had been forced to make full recognition of trade routes, ports, markets and products and pioneered the progressive knowledge of the Asian world, the VOC had in its hands the essential

45 About the Dutch overseas expansion, see Boxer (1965); Israel (1989); Furber (2004).

Espansaun marítima olandeza lahanesan ho portugeza no española nian iha aspetu esensiál oioin^[54]. Dahuluk, la'os emprendimentu réjiu ka estatal, hanesan akontese iha impériu ibéricu sira. Kontráriu, kompañia komér-siu, ne'ebé kria no finansia husi elite burgeza sidade si-ra-nian, ne'ebé iha 1602 kedes hamutuk iha Kompañia Unida Índia Orientál (koñesidu liu ho sigla VOC, *Vereenigde Oost-Indische Compagnie*). Konsellu ho Señor 17 mak dirije Kompañia ne'e (sira reprezenta konsórsiu nia sida-de oioin) no Kompañia iha autorizasaun husi Repúblika Paízes Baixus hodi halo dame no funu, halo tratadu, prepara armada, harii fortaleza, rekruta soldadu no buat sira seluk hotu ne'ebé iha Portugál koroa mak responsá-vel. Tarde liu, sira kria WIC, ne'ebé atua iha Atlántiku no kontinente amerikanu no funsiona ho maneira ne'ebé hanesan.

Hanesan ne'e, armada no asaun olandeza sira-nia objeti-vu Laos, hanesan akontese ho portugés no español sira, hatán ba liurai, maibé atu kumpre estratéjia komersiál no lukrativa de'it ne'ebé define iha Amesterdaun. Husi sorin seluk, sira laiha hakarak misionáriu ka objetivu iha ámbitu religiozu, hanesan akontese ho Estadu por-tugés Índia nian ne'ebé iha obrigasaun, iha ámbitu husi Padroadu Portugés iha Oriente, hodi proteje, sustenta, promove no finansia misionasaun katólica iha Ázia. Governadór no soldadu olandés sira tenke garante de'it lukru ba VOC nia asionista sira.

Ikus liu, iha diferença datoluk fundamentál ne'ebé ka-rakteriza asaun olandeza iha Oriente: lahanesan ho portugés sira, ne'ebé tenke halo rekoñesimentu integrál kona-ba dalan komersiál, portu, merkadu no produtu sira no sira mak hahú koñesimentu gradual kona-ba mundu aziátku nian, VOC iha kedes, iha momentu hahú, infor-masaun esensiál iha kuadru jerál Ázia marítima nian. Dirijente husi Kompañia bele, hanesan ne'e, define husi abut estratéjia efikás no adekuadu liu ba nia rekursu no objetivu sira, ne'e katak, portu sira atu to'o ba, produtu



Símbolu Kompañia Unida Índia Orientál, (koñese liu ho sigla VOC, Vereenigde Oost-Indische Compagnie).

Símbolo da Companhia Unida das Índias Orientais, mais conheci-da pela sigla VOC, de Vereenigde Oost-Indische Compagnie.

Symbol of the United East India Company, better known by the acronym VOC (Vereenigde Oost-Indische Compagnie).

⁵⁴ Sobre a expansão ultramarina holandesa, V. Boxer (1965); Israel (1989); Furber (2004).

marítima. Os dirigentes da Companhia puderam, assim, definir de raiz as estratégias mais eficazes e adequadas aos seus recursos e objetivos, ou seja, que portos atingir, que produtos obter e quais as fraquezas da rede portuguesa que poderiam explorar com maior vantagem. Foi essencialmente por este motivo que se dirigiram, logo nas primeiras viagens, ao Sueste Asiático, onde a presença naval portuguesa era mais débil e, simultaneamente, onde se encontravam algumas das mercadorias mais lucrativas: a pimenta de Samatra e de Sunda, o cravo das Molucas ou a noz-moscada de Banda. Foi também nesta região que em 1619 estabeleceram a sua capital, Batávia, em Java.

De certa forma, a guerra movida pela VOC aos portugueses era uma extensão da guerra que corria na Europa entre as potências protestantes do Norte e a monarquia católica da Península Ibérica. À medida que acumulava sucessos, a VOC foi definindo uma estratégia ofensiva global contra as posições do Estado da Índia, de forma a dominar a produção e circulação das principais mercadorias exploradas pelos portugueses, em primeiro lugar as especiarias do arquipélago oriental, em Banda e nas Molucas. Depois tentaram tomar Macau, mais tarde avançaram sobre Ceilão e Malaca e finalmente, já na década de 1660, expulsaram os portugueses do Malabar.

Uma das estratégias principais foi a de estabelecer alianças com os inimigos dos portugueses. Assim, em diversas partes do Índico, nomeadamente na Ásia do Sueste, estes passaram a sentir dificuldades acrescidas no acesso a mercadorias e mercados e na exploração de rotas. Cumulativamente, a chegada da nova potência naval perturbava os equilíbrios políticos e diplomáticos que haviam sido construídos ao longo do século XVI. Frequentes vezes, os reis e poderes asiáticos jogavam com a rivalidade luso-holandesa para obter proveitos e vantagens, eximir-se ao pagamento de obrigações ou, simplesmente, subir o preço de mercadorias e bens.

Timor não foi imediatamente afetado pelo novo cenário geopolítico marcado pela chegada das armadas holandesas. Apesar do interesse e valor do sândalo, era um

information about the framework of maritime Asia right from the start. Therefore, the leaders of the Company could establish, from the beginning, the most effective and appropriate strategies according to their resources and objectives, say, the city-ports to contact, the products to trade and the weak spots of the Portuguese network to be explored. This was the main reason why they have chosen Southeast Asia as a primary goal. In this region, the Portuguese naval presence was weaker and some of the more profitable commodities of Asia were produced: pepper from Sumatra and Sunda, cloves from the Moluccas or nutmeg from Banda. It was also in this region that in 1619 they established their capital, Batavia, in the island of Java.

In a way, the war moved by the VOC to the Portuguese in Asia was an extension of the war that existed in Europe between the Protestant countries of the North and the Catholic Monarchy on the Iberian Peninsula. Step by step, while the Company's activities proved to be successful, the VOC gradually defined a global offensive strategy against the positions of the *Estado da Índia*, in order to dominate the production and circulation of the main commodities explored by the Portuguese. They aimed at the spices of the eastern archipelago, from Banda and the Moluccas, at first place. Then, the Dutch tried to take Mozambique and Macao, later they grasped Sri Lanka and Melaka and finally, in the 1660s, they expelled the Portuguese from the Malabar Coast.

One of the most important strategies followed by the Dutch was to establish alliances with the enemies of the Portuguese. Thus, in several parts of the Indian Ocean, particularly in Southeast Asia, the Portuguese started to experience increasing difficulties in their access to certain commodities and markets, as well as exploring trade routes. Cumulatively, the arrival of the new naval power caused severe disturbance in the political and diplomatic balance that the Portuguese had built throughout the 16th century. Frequently, the Asian kings and

saída mak tenke hetan no rede portugeza nia pontu fraku hirak-ne'ebé sira bele esplora ho vantajen d'ak liu. Liuliu tanba razaun ne'e mak sira bá, iha viajen sira hahú nian, Sueste Aziátiku, tanba iha ne'ebá mak prezensa naval portugeza fraku liu no, iha ne'ebá mós sira hetan merkadoria lukrativu liu: pimenta husi Sumatra no Sunda, kruvu husi Molukas ka nozmoskada husi Banda. Iha rejaun ida-ne'e mós, iha tinan 1619 sira estabelese sira-nia capitál, Batávia, iha Java.

Funu ne'ebé VOC halo ho portugés sira mak estensaun husi funu ne'eke akontese iha Europa entre poténsia protestante iha Norte no monarkia katólica iha Península Ibérica. Ho susesu ne'ebé konsege ba baibeik, VOC define estratégia ofensiva global kontra Estadu Índia nia posizaun, hodi domina produsaun no sirkulasaun ba merkadoria ne'ebé portugés sira esplora, dahuluk espesiaria iha arkipélagu orientál, iha Banda no iha Molukas. Depois sira koko foti Makau, tarde liu sira avança ba Seilaun no Malaka no ikus liu, iha dékada 1660, sira duni portugés sira husi Malabar.

Estratégia prinsipál ida mak estabelese aliansa ho portugés sira-nia inimigu. Hanesan ne'e, iha parte oioin iha Índiku, liuliu iha Ázia parte Sueste, sira hahú sente difikuldade boot liu hodi hetan asesu ba merkadoria no merkadu no hodi halo esplorasaun ba dalan. Hamutuk ho ida-ne'e, poténsia navál foun ne'ebé foin to'o book ekilíbriu político no diplomátiku ne'ebé harii iha sékulu XVI nia laran. Beibeik, liurai no podér aziátiku sira halimar ho revalidade luzo-olandesa hodi hetan proveitu no vantajen, la selu obrigasaun sira ka, aumenta merkadoria no beins nia folin.

Senáriu geopolítiku foun bainhira armada olandesa sira to'o la afeta kedes Timór. Aleinde interesse no valór ai-kameli nian, nia sei objetivu sekundáriu ida iha VOC nia kuadru prioridade sira. Maibé, depoizde sira konsege duni portugés sira husi Tidore no Amboinu (1605) no konsege kontrola Banda (1609), olandés sira foti desizaun hodi avança ba Solor. Asesu ba ai-kameli, illa nia lokalizasaun estratégika, nesesidade mantimentu ba pozisaun



Ró-ahi olandesa nian. Kuadru husi Jacob van Strij, 1790. Maritiem Museum Rotterdam.

Navios holandeses. Quadro de Jacob van Strij, 1790. Maritiem Museum Rotterdam.

Dutch ships. Painting by Jacob van Strij, 1790. Maritiem Museum Rotterdam.

objetivo secundário no quadro das prioridades da VOC. No entanto, após conseguirem escorraçar os portugueses de Tidore e de Amboino (1605) e de controlarem Banda (1609), os holandeses decidiram avançar para Solor. O acesso ao sândalo, a localização estratégica da ilha, a necessidade de mantimentos para as posições nas Molucas e a vantagem em eliminar a incómoda posição portuguesa foram os motivos que levaram a VOC a atacar Solor, em 1613, após uma aliança e um tratado com o rei da ilha de Buton (a sueste de Celebes/ Sulawesi)^[46]. Depois de um cerco de três meses, a fortaleza rendeu-se.

Foi a primeira ofensiva bem-sucedida dos holandeses na região e que anunciou o fim da missão de Solor. A fortaleza mudou várias vezes de mãos durante os anos seguintes, até ser reconstruída pelos dominicano, em 1631, graças aos esforços de fr. Miguel Rangel, bispo de Cochim. Numa descrição das dificuldades da missão, o religioso enumera os graves problemas enfrentados pela comunidade cristã de Solor e o risco de perder novamente a fortaleza e todo o trabalho missionário, se as autoridades portuguesas não providenciassem rapidamente homens e recursos para a fortaleza^[47]. Na realidade, esta veio a ser definitivamente abandonada em 1636. O forte que os portugueses possuíam em Ende foi também tomado pelos holandeses, sensivelmente pela mesma altura. O centro da presença portuguesa e o principal foco da missão católica na região passou, então, para Larantuka.

Durante a década de 1630, a estratégia global da VOC assentou, essencialmente, num bloqueio a Malaca e às principais rotas portuguesas. Com a sede do seu poder fixada desde 1619 em Java, no centro do arquipélago, aos governadores holandeses faltava dar o passo essencial para abater definitivamente o que restava do poderio português no Sueste Asiático: conquistar Malaca. Diminuída na sua anterior opulência desde há vários anos, a cidade retinha um valor essencialmente simbólico. Após um cerco de vários meses, Malaca caiu, finalmente, em

powers took advantage on the Luso-Dutch rivalry for profits or political gain, to evade the payment of duties or just to raise the prices of commodities and goods.

Timor was not immediately affected by the new geopolitical scenario marked by the arrival of the Dutch. Despite the interest and value of the sandalwood, the island was a secondary goal in the framework of the VOC priorities. However, after chasing the Portuguese out of Tidore and Ambon (1605) and controlling Banda (1609), the Dutch decided to move to Solor. Access to sandalwood, the strategic location of the island, the need for supplies to the positions in the Moluccas and the advantage of eliminating the inconvenient Portuguese position were the reasons that led to the VOC decision to attack Solor in 1613, after an alliance and a treaty with the King of Buton (in the southeast of Celebes/ Sulawesi).^[46] The fortress surrendered after a three months siege.

It was the first Dutch successful offensive in the region and it announced the end of the mission of Solor. The fortress changed hands several times in the following years, until it was rebuilt by the Dominicans in 1631, thanks to the efforts of Friar Miguel Rangel, Bishop of Cochin. In a description of the difficulties of the mission, the cleric lists the serious problems faced by the Christian community of Solor and the risk of losing again the fortress and all the missionary work, if the Portuguese authorities did not supply the fortress with men and resources^[47]. Actually, it came to be permanently abandoned in 1636. The Portuguese fort in Ende was also taken by the Dutch, more or less by that time. The centre of the Portuguese presence and the main focus of the Catholic mission in region then moved to Larantuka.

In the 1630s, the global strategy of the VOC was based on a blockage to Melaka and the most important Portuguese routes. Firmly settled in Java since 1619, in the centre of the archipelago, the Dutch Governors still had to take a

46 Viola (2013), pp. 94-95.

47 "Relaçam das Cristandades e Ilhas de Solor", in Sá (ed.) (1954-1958), vol. V, pp. 343-346.

46 Viola (2013), pp. 94-95.

47 "Relaçam das Cristandades e Ilhas de Solor", in Sá (ed.) (1954-1958), vol. V, pp. 343-346.

ihā Molukas no vantajen hodi halakon pozisaun portugeza mak hanesan razaun hodi VOC ataka Solor, iha tinan 1613, depoizde aliansa ida no tratadu ida ho liurai husi illa Buton (parte sueste Selebes/Sulawesi) [55]. Depoizde serku ida durante fulan tolu, fortaleza rende.

Ne'e mak ofensiva dahuluk ho susesu husi olandés sira iha rejiaun no ida ne'eb'e anunsia misaun Solor nia fin. Fortaleza muda beibeik husi liman ida-ne'e ba liman ida-ne'ebá iha tinan sira tuirmai nia laran, to'o dominikanu sira halo nia rekonstrusaun, iha tinan 1631, tanba fr. Miguel Rangel, bispo de Koxim nia esforsu. Iha deskrisaun kona-ba difikuldade misaun ida-ne'e nian, religiozu hatudu problema boot ne'ebé komunidade kristā iha Solor hasoru no risku hodi bele lakon dala ida tan fortaleza no servisu misionáriu tomak, karik autoridade portugeza la fó lalais mane no rekursu ba fortaleza [56]. Loloos, sira abandona fortaleza ne'e iha tinan 1636. Iha tempu ne'ebé hanesan, olad'es sira mós foti forte portugés nian iha Ende. Sentru husi portugés sira-nia prezensa no prinsipál foku kona-ba misionasaun katólika iha rejiaun ba fali, Larantuka.

Iha dékada 1630, estratéjia global VOC nian hatuur, liui, iha blokeiu ba Malaka no ba rota portugeza prinsipál. Ho nia sede podér dezde 1619 iha Java, iha arkipálagu nia sentru, ba governador olandés sira falta de'it hakaat esensiál hodi hamate ba nafatin buat ne'ebé resin husi poder portugés iha Sueste Aziátiku: konkista Malaka. Tinan balun ona Malaka hamenus ona nia riku, nia iha valor simbóliku. Hafoin serku durante fulan barak nia laran, Malaka monu, iha fulan janeiru tinan 1641. Portugés sira iha autorizasaun hodi sai; balun ba Negapattinam, iha kosta orientál indiana, no balun ba sidade portuária sira seluk, hanesan Makasar. Impaktu husi lakon bastiaun portugés ikus iha rejiaun negativu loos ba komunidade kristā sira iha Sunda Kiik, ne'ebé agora mesak loos no hasoru difikuldade hodi hetan apoii materiál ka hodi halo revesaun ba kontijente misionáriu sira. Hosi sorin

55 Viola (2013), pp. 94-95.

56 "Relaçam das Cristandades e Illas de Solor", in Sá (ed.) (1954-1958), vol. V, p. 343-346.



Illa Banda representa karta ida nebé atribui ba Manuel Godinho husi Erédia, kartógrafo luso-malaiu, c. 1615-1622, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. IV.

Ilha de Banda representada numa carta atribuída a Manuel Godinho de Erédia, cartógrafo luso-malaio, c. 1615-1622, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. IV.

The Island of Banda represented in a letter attributed to Manuel Godinho de Erédia, Portuguese-Malay cartographer, c. 1615-1622, *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Armando Cortesão (Org.), Lisbon, 1960, vol. IV.

janeiro de 1641. Os portugueses foram autorizados a deixá-la; parte seguiu para Negapattinam, na costa oriental indiana, e parte dirigiu-se para outras cidades portuárias, como Macaçar. O impacto do desaparecimento do último bastião português na região foi obviamente negativo para as comunidades cristãs nas Pequenas Sunda, que se viam agora isoladas e com grandes dificuldades em obter apoio material ou renovar o contingente de missionários. Por outro lado, recrudesceram os ataques às missões, nomeadamente por parte de Macaçar, que reforçou a estratégia de estender a sua influência até à região de Timor. Ironicamente, foi a ofensiva dos macaçares que veio a permitir a fixação definitiva dos dominicano e a criação das primeiras comunidades cristãs permanentes, assim como abrir o caminho ao primeiro esboço de domínio português na ilha.

final step to definitively pull down what remained of the Portuguese power in Southeast Asia: to conquer Melaka. Decreased in its previous opulence, the city basically retained a symbolic value. After a siege of several months, Melaka fell in January 1641. The Portuguese were allowed to leave it; some went to Negapattinam, on the eastern coast of India, and others left to several city-ports, like Makassar. The fall of the last Portuguese bastion in the region had clearly a negative impact for the Christian communities in the Lesser Sunda, who were now isolated and bearing heavy problems to obtain financial support or to renew the missionary staff. On the other hand, the attacks to the missions escalated, in particular by Makassar, whose Sultans reinforced the pressure to increase their influence in the region of Timor. Ironically, it was the Makassarese offensive that would allow the definitive settlement of the Dominicans in the island and the creation of the first permanent Christian communities, as well as the first draft of a Portuguese rule on the island.

Mapa husi rai sira iha Índia Orientál sira husi Jodocus Hondius (1563-1612).
Mapa husi Mundu nian, husi Michael Swift, Lizboa, 2006.

Mapa das ilhas das Índias Orientais de Jodocus Hondius (1563-1612).
Mapas do Mundo, de Michael Swift, Lisboa, 2006.

Map of the islands of the East Indies, by Jodocus Hondius (1563-1612).
Mapas do Mundo, by Michael Swift, Lisbon, 2006.



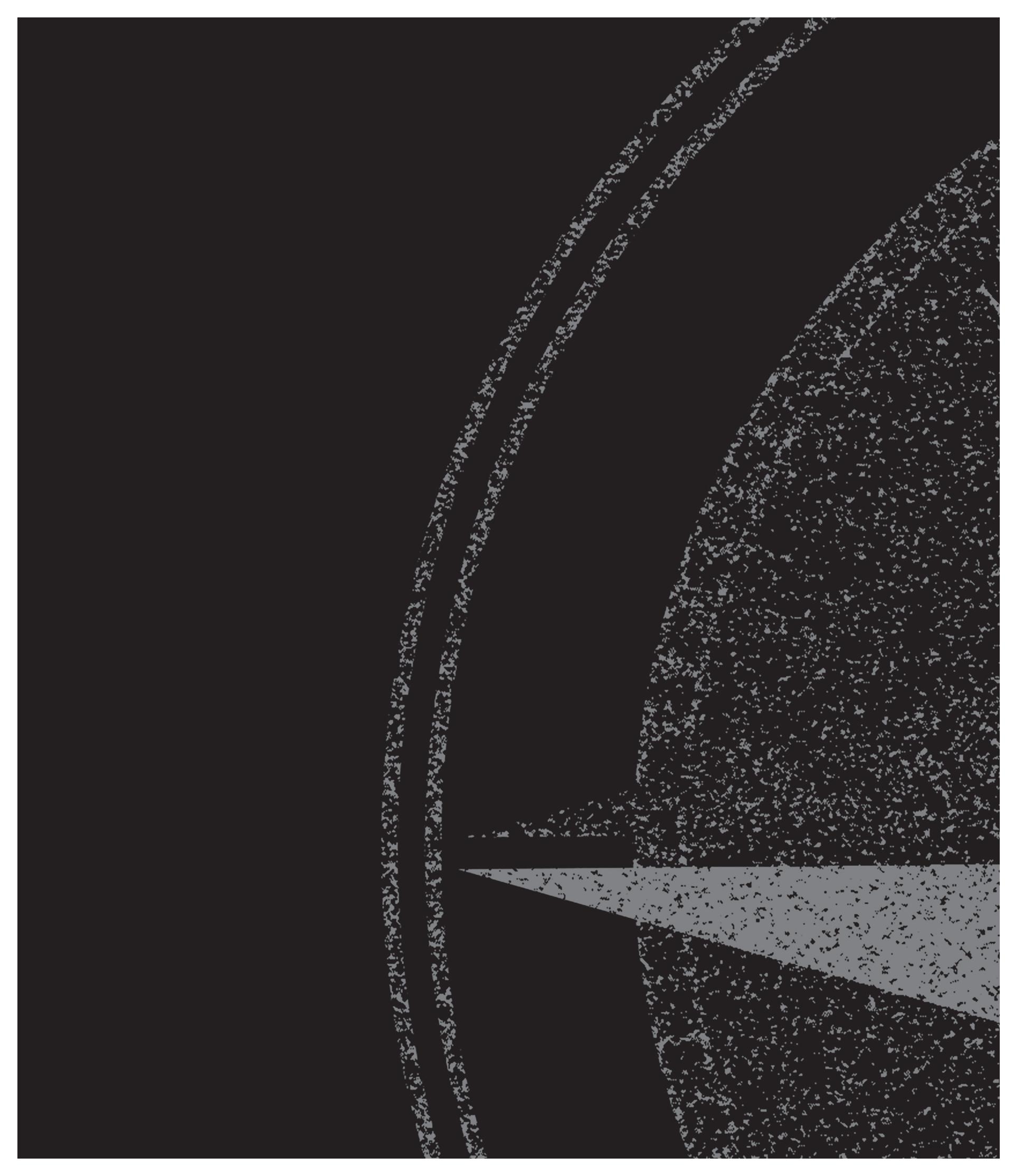
seluk, mosu fali atake ba misaun, liuliu iha parte Makasar, ne'ebé haforsa estratéjia hodi aumenta nia influénsia to'o iha rejiaun Timór. Ironikamente, Makasar nia ofensiva mak husik dominikanu sira bele metin iha ne'ebá no kria komunidade kristā permanente dahuluk, nomós loke dalan ba hahú husi domímiu portugés iha illa.



Illa Solor, tuir gravura olandeza ba dala sanulu resin hitu. *Ênsaiu Ikonografia Sidade Portuguéza sira husi Ultramar*, Luís Silveira, hamutuk Investigasaun sira husi Ultramar, Lisboa, 1951, vol. III.

A ilha de Solor, segundo uma gravura holandesa seiscentista. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1951, vol. III.

The island of Solor, according to a seventeenth-century Dutch engraving. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, by Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisbon, 1951, vol. III.



6

Tinan 1641 no nia efeitu sira
1641 e os seus efeitos
1641 and its effects

EM 1641, no mesmo ano em que os holandeses tomaram Malaca, o sultão de Tallo (Macaçar), Timoroq, preparou uma armada de centena e meia de embarcações e rumou a Larantuka, onde atacou a missão católica. De seguida, rumou para Timor, onde fez várias razias e levou milhares de pessoas como cativos para o seu reino. As crónicas dominicanas descrevem detalhadamente este episódio, naturalmente para enaltecer a valentia e determinação dos defensores cristãos de Larantuka e os efeitos da devastação dos macaçares em Timor. Relatam igualmente, e com algum pormenor, a ida do padre António de S. Jacinto de Larantuka para Timor e a aliança que celebrou com a rainha de Mena, que escapara à devastação causada pelas investidas dos muçulmanos e que aceitou, nessa ocasião, o batismo^[48]. Apesar das iniciativas anteriores, ainda no século XVI ou em datas mais próximas, foi este episódio que verdadeiramente assinalou a introdução do catolicismo em Timor.

Deste modo, a adoção da religião católica e, a breve trecho, a aceitação da presença oficial portuguesa na ilha ficou a dever-se a necessidades políticas que decorriam da pressão de Macaçar e dos seus aliados. É que, embora a presença muçulmana em Timor tivesse sido insignificante até à época, a ofensiva de Macaçar destinada a colocar a ilha sob a sua zona de influência e a obter tributos resultava inevitavelmente na difusão do islão. São, portanto, desta altura as primeiras notícias que dão conta da existência de reinos muçulmanos: “[Timor] foi sempre de gentios; de alguns anos para cá lhe entraram mouros por via de Macaçar, de que estão duas povoações em duas paragens, a que chamam Manatuto e Adê, que são também portos de comércio com ela, ainda que de pouca importância”^[49].

Aceitar a religião católica era, portanto, um passo com efeitos políticos, uma vez que permitia obter a proteção das armas portuguesas, ter acesso aos seus recursos e aceder às suas redes de comércio. A religião, embora viesse futuramente a contribuir de forma decisiva para forjar

48 “Fundação das primeiras Cristandades nas ilhas de Solor e Timor”, in Sá (ed.) (1954-58), pp. 502-505.

49 Santa Catarina (1767), liv. IV, cap. II, p. 661.

IN 1641, the same year of the fall of Melaka to the Dutch, the sultan of Tallo (Makassar), Timoroq, prepared a fleet of a hundred and fifty ships and sailed to Larantuka, where he attacked the Catholic mission. He then moved to Timor, where several raids were made and thousands of people were taken as captives and carried to his kingdom. The Dominican chronicles describe this episode in detail, praising the courage and determination of the Christian defenders of Larantuka and mourning the devastation caused by the Makassarese in Timor. They also report with detail the departure of Friar António de S. Jacinto from Larantuka to Timor and the alliance he established with the Queen of Mena, who had escaped the ravage caused by the Muslim raids and accepted the baptism on that occasion.^[48] Although there had been previous attempts to create Christian communities in the 16th century or in the early years of the 17th, this episode marks the introduction of Catholicism in Timor in an irreversible way.

Adopting the Catholic faith and accepting the official Portuguese presence in the island had mostly political motives, as a result of the pressure by Makassar and its allies. Although the Muslim presence in Timor was insignificant at the time, the offensive of Makassar intended to put the island under its area of influence and to obtain tributes would inevitably lead to the spread of Islam. Therefore, the earlier information reporting the existence of Muslim kingdoms in Timor is from this period: “[Timor] have been always inhabited by Gentiles; a few years ago, some Muslims have settled here from Makassar; there are two villages in two locations, called Manatuto and Ade, which are ports with trade with it, but of little importance”.^[49]

Accepting the Catholic religion was, therefore, a step with political effects, since it would enable the protection of the Portuguese weapons, the access to its resources and the admission to their trading routes. The religion, although it might contribute decisively in the

48 “Fundação das primeiras Cristandades nas ilhas de Solor e Timor”, in Sá (ed.) (1954-58), pp. 502-505.

49 Santa Catarina (1767), liv. IV, cap. II, p. 661.

IHA TINAN 1641, tinan ne’ebé hanesan ho ida ne’ebé olandés sira foti Malaka, sultaun husi Tallo (Makasar), Timoroq, prepara armada ida ho embarkasaun atus ida resin ba Larantuka no ataka misaun katólika. Tuimai, ba fali Timór, no nia halo estragu barak no lori ema rihun ba rihun hanesan atan ba nia reinu. Krónika dominikana halo deskrisaun detalladu ba epizódiu ne’e, liuliu hodi haforsa defensor kristaun husi Larantuka nia aten-barani no determinasaun no efeitu estragu sira ne’ebé Makasar halo iha Timór. Sira mós halo relatu, ho detal-le, kona-ba padre António de S. Jacinto husi Larantuka bá Timór no aliansa ne’ebé halo ho liura-feto iha Mena, ne’ebé konsege eskapa ba estragu husi atake musulmanu no sarani, iha okaziaun ne’e^[57]. Maské iniciativa molok, iha sékulu XVI ka iha data besik liu, epizódiu ne’e mak marka loloops introdusaun katolisizmu iha Timór.

Hanesan ne’e, adota religiaun katólika no, iha tempu badak nia laran, simu prezensa ofisiál portugeza iha illa akontese tanba nesesidade política ne’ebé mosu husi presaun husi Makasar no nia aliadu sira. Tanba, maské prezensa musulmana iha Timór to’o iha momentu ne’ebá kuaze insignifikante, atake iha Makasar hodi koloka illa tuir nia influénsia no hetan tributu no halo difuzaun ba islaun. Ne’e duni, korresponde ba momentu ne’e notísia dahuluk kona-ba liurai musulmanu sira: “[Timór] husi jentiu; iha tinan balun liubá musulmanu tama liuhusi Makasar, no iha povoasaun rua iha parajen ruade, ho naran Manatuto no Adê, fatin ne’e mós hanesan portu komérsiu maské ladun importante liu”^[58].

Ne’e duni, simu religiaun katólika mak hakaat ida ho efeitu político, tanba ajuda hetan protesaun husi arma portugeza, iha asesu ba nia rekursu sira no asesu ba ninia rede komérsiu. Religiaun, maské iha tempu oin mai kontribui ho maneira desiziva hodi kria identidade rasik no lahensan ba populauna parte balun, iha époka ne’e, religiaun hanesan instrumentu ida ne’ebé reinu no podér timoroan uza ba nia proveitu rasik. Ho liafuan seluk,



Fundu Malaka. *Ensaiu Ikonografia Sidade Portuguéz sira husi Ultramar*, Luís Silveira, hamutuk Investigasaun sira Ultramar nian, Lisboa, 1951, vol. III.

Malaca em fundo. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1951, vol. III.

Malacca in background. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, by Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisbon, 1951, vol. III.

57 “Fundação das primeiras Cristandades nas illas de Solor e Timór”, in Sá (ed.) (1954-58), p. 502-505.

58 Santa Catarina (1767), liv. IV, cap. II, p. 661.

uma identidade própria e distinta de boa parte da população timorense era, nesta época, algo de instrumental que os reinos e poderes timorenses utilizavam em seu proveito. Por outras palavras, e apesar da retórica presente em todas as fontes missionárias que relatam estes eventos, não existia verdadeiramente um conflito religioso a opor cristãos a muçulmanos.

O que se passava em Macaçar era sintomático. Sobre este sultanato circulavam informações aparentemente contraditórias que deixavam os cronistas, por vezes, confusos e que não deixaram igualmente de causar alguma perplexidade nos autores dos séculos seguintes. Aos olhos dos missionários presentes em Timor, os macaçares eram campeões do islão e inimigos irredutíveis da cristandade, mas a verdade é que os portugueses eram muito bem recebidos no reino. À semelhança de situações idênticas que ocorriam noutras sultanatos, os religiosos explicavam esta duplicidade por uma mudança dinástica ou por simples oportunismo. No caso do ataque a Larantuka e Timor em 1641, as fontes missionárias mencionam a morte do antigo sultão que “tantos anos havia professava amizade com o Estado [da Índia]” e as alterações levadas a cabo pelo seu sucessor que aproveitou a queda de Malaca para lançar a ofensiva e que era motivado pela soberba e pela cobiça^[50].

Na verdade, os sultões de Macaçar nunca haviam hostilizado os cristãos. Karaeng Mataoya (de Tallo) havia recebido missionários jesuítas na sua corte e revelara uma imensa curiosidade e interesse acerca da religião cristã. A sua conversão ao islão, em 1605, envolve histórias acerca de um alegado convite que teria feito a Malaca e ao Aceh para lhe enviarem teólogos das duas religiões, após o que se decidira pela religião muçulmana; o culto católico era ali livremente celebrado e o sultão Ala'uddin (de Gowa) chegou a escrever a Manila, em 1615, convidando os franciscanos a instalarem-se no seu reino^[51]. E depois da queda de Malaca, como é sobejamente conhecido, boa parte dos portugueses instalaram-se em Macaçar, que

50 “Fundação das primeiras Cristandades nas ilhas de Solor e Timor”, in Sá (ed.) (1954-58), p. 502; Santa Catarina (1767), liv. IV, cap. V, p. 672.

51 Reid (1999), p. 144.

future to forge a specific identity of a considerable part of the Timorese population, was something instrumental at the time, a simple tool used by Timorese kingdoms and elites for their own benefit. In other words, and despite the rhetorical discourse of missionary sources reporting these events, there was not a real religious conflict opposing Christians to Muslims.

What was happening in Makassar was symptomatic. The information referring to this sultanate was apparently contradictory and caused some confusion among contemporary chroniclers and writers. It also caused similar perplexity in the authors of later periods. From the point of view of the missionaries in Timor, the Makassarese were Islamic champions and ruthless enemies of local Christians, but the Portuguese were actually quite welcome in their own kingdom. As occurred in similar situations on other sultanates, the clerics justified this duplicity by means of a dynastic change or by simple opportunism. Regarding the attack on Larantuka and Timor in 1641, the missionary sources mention the death of the former sultan that “*for so many years had professed a friendship with the Estado [da Índia]*” and the changes carried out by his successor, who allegedly took advantage on the fall of Melaka to launch the raiding attacks and was motivated by pride and greed.^[50]

Actually, the sultans of Makassar had never antagonized the Christians. Karaeng Mataoya (from Tallo) received Jesuit missionaries in his court and had an immense curiosity and interest about the Christian religion. On his conversion to Islam in 1605, some stories were told about an alleged invitation he made to both Melaka and Aceh asking for theologians of both religions, having decided to follow Islam thereafter. Catholic ceremonies were freely celebrated in Makassar and the sultan Ala'uddin (of Gowa) has written to Manila, in 1615, inviting the Franciscans to come and settle in his kingdom^[51]. After the fall of Melaka, as it is well known, an important

50 “Fundação das primeiras Cristandades nas ilhas de Solor e Timor”, in Sá (ed.) (1954-58), p. 502; Santa Catarina (1767), liv. IV, cap. V, p. 672.

51 Reid (1999), p. 144.

maské retórika ne'ebé inklui iha fonte missionária sira ne'ebé relata eventu sira-ne'e, laiha duni konflitu relijiozu ne'ebé opōin kristaun no musulmanu sira.

Buat ne'ebé akontese iha Makasar hanesan sintoma ida. Kona-ba sultanatu ne'e iha informsaun kontraditóriu uituan ne'ebé husik kronista sira, dala ruma, konfuzu no halo autór husi sékulu tuirmai hakfodak. Tuir misionáriu sira iha Timór, Makasar mak kampiaun husi islaun no inimigu metin ba kristandade, maibé lia loos ne'e katák ema iha reinu simu portugés sira di'ak loos. Hanesan situasaun seluk ne'ebé akontese iha sultanatu sira seluk, relijiozu sira esplika lia falsu ne'e ho mudansa dinástika ka oportunizmu de'it. Kona-ba kazu atake ba Larantuka no Timór iha tinan 1641, fonte missionária hatudu sultaun antigu nia mate ne'ebé "durante tinan barak pratika amizade ho Estadu [Índia nian]" no alterasaun ne'ebé nia susesór hala'o aproveita situasaun Malaka monu hodi lança atake ne'ebé mosu husi arrogânsia no ganânsia^[59].

Loloos, sultaun husi Makasar la ataka kristaun sira. Karaeng Mataoya (husi Tallo) uluk simu misionáriu jezuita iha nia korte no hatudu nia kuriozidade no interesse kona-ba relijiaun kristā. Nia konversaun ba islaun, iha tinan 1605, inklui istória kona-ba possível konvite ne'ebé nia halo ba Malaka no Aceh hodi haruka teólogo husi relijiaun rua ne'e, no depois mak nia hili relijiaun musulmana; iha ne'ebá kultu katóliku bele selebra ho liberdade no sultaun Ala'uddin (husi Gowa) hakerek ba Manila, iha tinan 1615, konvida fransiskanu sira mai hela iha nia reinu^[60]. No hafoin Malaka monu, hanesan ema hotu hatene, portugés balun ba hela iha Makasar, no uza fatin ne'e hanesan baze apoiu importante liu ba sira-nia atividade merkantil to'o iha dékada 1660, bainhira olandés sira obriga sultaun duni sira sai. Governador husi bispa du Malaka, Paulo da Costa, hela iha sultanatu entre 1645 no 1661 no komunidade katólika atinji kuaze ema rihun tolu^[61].

⁵⁹ "Fundação das primeiras Cristandades nas illas de Solor e Timór", in Sá (ed.) (1954-58), p. 502; Santa Catarina (1767), liv. IV, cap. V, p. 672.

⁶⁰ Liuraid (1999), p. 144.

⁶¹ Jacobs (ed.) (1988), p. 6; Andaya (2010), p. 402.



Karta anónima (João Teixeira Albernaz !?) husi ha'at nebé hamutuk ida deit, c. 1640. Bibliothèque du Port de Toulon. *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. IV.

Carta anónima (João Teixeira Albernaz !?) de um conjunto de quatro, c. 1640. Bibliothèque du Port de Toulon. *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. IV.

Anonymous letter (João Teixeira Albernaz !?) of a set of four, c. 1640. Bibliothèque du Port de Toulon. *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Armando Cortesão (Org.), Lisbon, 1960, vol. IV.

utilizaram como a mais importante base de apoio das suas atividades mercantis até à década de 1660, quando os holandeses forçaram o sultão a expulsá-los. O governador do bispado de Malaca, Paulo da Costa, residiu no sultanato entre 1645 e 1661 e a dimensão da comunidade católica chegou a atingir os três milhares^[52].

O caso de Macaçar constitui um bom exemplo das cautelas que é necessário tomar quando se procede à leitura dos documentos da época e permite traçar uma analogia com os tempos que se seguiram à fixação definitiva dos portugueses em Timor. As conversões ao catolicismo e as apostasias, tal como a precariedade das alianças e as revoltas contra as missões e os governadores portugueses, ocultavam lutas políticas e conflitos económicos entre os diversos reinos timorenses e os elementos, digamos, “estrangeiros” que estavam presentes na ilha, quer se tratasse de europeus – portugueses e holandeses – quer de asiáticos, como macaçares e chineses.

Além de marcar o início da missão em Timor de forma definitiva e ininterrupta, 1641 significou o início de uma relação cada vez mais próxima entre vários reinos timorenses e os cristãos de Larantuka, que passaram a interferir de forma crescente na ilha. Não apenas Mena, mas também Lifau e Amanuban acolheram a iniciativa de fr. António de S. Jacinto e receberam de Larantuka socorro e missionários logo após a conversão. Pouco depois, um contingente militar composto por centena e meia de mosqueteiros e liderado por Francisco Fernandes, um mestiço originário de Solor que desempenhava a função de capitão-geral de Larantuka, desembarcou em Timor. Esta expedição destinava-se a submeter os reinos que ameaçavam os recém-convertidos ao catolicismo e conjuravam para expulsar os portugueses, alegadamente por conta do sultão de Macaçar. Entre os alvos do corpo expedicionário português encontrava-se o reino de Wehali (ou Behale), que exercia uma considerável influência sobre os reinos da parte oriental da ilha e que foi derrotado e convertido ao catolicismo, segundo celebram as crónicas

part of the Portuguese community fled the city and settled in Makassar, which they used as the most important headquarters of their mercantile activities until the 1660s, when the Dutch forced the sultan to expel them. The Governor of the Diocese of Melaka, Paulo da Costa, lived in the sultanate between 1645 and 1661 and the dimension of the Catholic community rose to about three thousand souls.^[52]

The case of Makassar provides a good example of the cautions that need to be taken when reading the documents of the 16th and 17th centuries. It also permits to draw an analogy with the period that followed the definitive settlement of the Portuguese in Timor. The religious and political instability, say, the conversion to Catholicism or the apostasies, as well as the instable alliances or the rebellions against the Portuguese, veiled political tensions and economic conflicts involving the Timorese kingdoms and, let us say, “foreign” elements who were present on the island, whether they were Europeans – Portuguese and Dutch – or Asian, like the Makassarese or the Chinese.

In addition to mark the beginning of the Catholic missions in Timor in a permanent and uninterrupted basis, 1641 also points to a new era of close relations between various Timorese kingdoms and the Christians of Larantuka, whose interference in the affairs of the island became frequent. Not only Mena, but also Lifau and Amanuban welcomed the initiative of Friar António S. Jacinto and both received religious and military support from Larantuka after the conversion. Shortly after, a military contingent composed of hundred and a half musketeers and led by Francisco Fernandes, a mestizo from Solor who was Captain-General (*capitão-mor*) of Larantuka at the time, landed in Timor. The expedition was to submit the kingdoms that posed a threat to the newly converted to Catholicism and who conspired to expel the Portuguese, allegedly on behalf of the sultan of Makassar. Among the targets of the

52 Jacobs (ed.) (1988), p. 6; Andaya (2010), p. 402.

52 Jacobs (ed.) (1988), p. 6; Andaya (2010), p. 402.

Kazu Makasar mak exemplu di'ak kona-ba kuidadu ne'ebé presiza bainhira ita lee dokumentu husi époka ne'ebá no kazu ne'e permite halo analogia ho tempu ne'ebé tuir momentu portugés sira hela definitivu iha Timór. Konversaun ba katolisismu no apostazia, hanesan ho aliasa sira-nia prekaridade no revolta kontra misaun no governador portugés sira, hasubar luta política no konflitu ekonómiku entre reinu timoroan oioin no elementu “estranjeiru” ne'ebé presente iha illa, europeu sira – portugés no olandés – no aziátiku sira, hanesan Makasar no xinés sira.

Aleinde de marka misionasaun nia hahú iha Timór ho maneira definitiva no ne'ebé laiha interrupsaun, tinan 1641 signifika hahú husi relasaun besik liu ho reinu timoroan balun no kristaun husi Larantuka, ne'ebé hahú halo interferénsia boot liu iha illa. La'os de'it iha Mena, maibé mós iha Lifau no Amanuban simu inisiativa husi fr. António de S. Jacinto no simu ajuda no misionáriu sira husi Larantuka hafoin konversaun. Depois, kontinjente militar ida ho mosketeiru atus ida resin ne'ebé lidera husi Francisco Fernandes, mestisu husi Solor ne'ebé hala'o nia kna'ar nu'udar kapitaun-jeral Larantuka, tun iha Timór. Espedisaun ne'e hodi submete reinu sira ne'ebé ameasa sira ne'ebé foin halo kontersaun ba katolisismu no halo konspirasaun hodi duni sai portugés sira, tanba sultaun husi Makasar. Entre alvu korpu spedisionáriu portugés iha reinu Wehali (ka Behale), ne'ebé iha influénsia boot iha reinu sira parte illa nian no ne'ebé hasoru derrota no konverte ba katolisismu, tuir krónika dominikana hate-ten^[62]. Espedisaun ne'e liu tiha espedisaun ajudaida, ne'e duni espedisaun ne'e inisiativa hodi kria zona influénsia portugeza, ho aliserse iha fé katólika, maské iha mós ema ne'ebé defende katak uluk mós iha vontade husi reinu barak hodi foti kristianismu hanesan estratéjia ida hodi hado'ok an husi domínui tradisional ne'ebé Wehali no Sonbai^[63] ezerse.



Dezeñu husi autor anónimu ho nia inskrisaun “Haré husi foho Larantuka, rezidénsia prinsipal portuguéz sira nian iha Solor no Timor”, c. 1656 National Archief, Olanda.

Desenho de autor anónimo com a inscrição “Vista da montanha de Larantuka, residência principal dos portugueses em Solor e Timor”, c. 1656. National Archief, Holanda.

Drawing by anonymous author with the words “Mountain View of Larantuka, main residence of the Portuguese in Solor and Timor”, c. 1656. Nationaal Archief, Netherlands.

62 Santa Catarina (1767), liv. IV, kap. VI, p. 681-683.

63 Viola (2013), p. 187.

dominicanas^[53]. Mais do que uma expedição de socorro, tratou-se portanto de uma iniciativa destinada a criar uma zona de influência portuguesa, alicerçada na fé católica, embora haja quem defende que existia igualmente uma predisposição de vários reinos para aderirem ao cristianismo como estratégia para se eximirem à supremacia tradicional exercida por Wehali e Sonbai^[54].

O aprofundamento desta ligação aos cristãos de Larantuka teve dois efeitos principais, aliás interligados, que moldaram os destinos de Timor até ao final do século XVII: o surgimento de uma nova elite guerreira e dirigente, originária daquela ilha, que agia em articulação com os missionários dominicano-s e que controlou os destinos do “Timor português” durante várias décadas; e uma grande capacidade de enfrentar, desafiar e, em boa medida, superar a influência holandesa na ilha, que transformou assim Timor num caso excepcional no quadro geral do arquipélago malaio-indonésio.

Francisco Ferreira foi um exemplo precoce do que vulgarmente eram chamados de “larantuqueiros” nas fontes portuguesas e “topazes” ou “portugueses negros” nas holandesas. A sua origem era muito diversa, entre mestiços de origem portuguesa, cristãos locais, *mardijkers* (ou seja, antigos escravos libertos) ou “pampangos” (das Filipinas). A designação “topazes” parece ter origem indiana e significar “homem de duas línguas” ou “intérprete”. Noutras paragens, como em Malaca ou em Batávia, “topazes” e *mardijkers* eram mais ou menos equivalentes, mas no contexto timorense este último termo designava especificamente os grupos que serviam às ordens da VOC holandesa^[55].

Após a queda de Malaca e até aos finais do século XVII, os larantuqueiros representaram os interesses “portugueses” nesta região e desempenharam um papel cada vez mais importante em Timor. Foram o principal obstáculo ao avanço holandês na região ao longo do século, quando

Portuguese expeditionary force was the kingdom of Wehali (or Behale), who exerted a considerable influence on the kingdoms of the eastern part of the island and who was defeated and converted to Catholicism, according to the Dominican chronicles^[53]. More than a relief expedition, it was therefore an initiative to create a zone of Portuguese influence rooted in the Catholic faith, although some people argue that there was also a predisposition of several kingdoms to adhere to Christianity as a strategy to evade the traditional supremacy by Wehali and Sonbai.^[54]

The deepening of this connection to the Christians of Larantuka had two main effects, in fact interconnected, that shaped the fate of Timor until the end of the 17th century: firstly, the emergence of a new warrior elite and leadership, who worked closely with the Dominican missionaries and who controlled the destiny of the “Portuguese Timor” for several decades; secondly, a great ability to confront, challenge and, to a certain extent, overcome the Dutch influence on the island, thus transforming Timor into an exceptional case within the general framework of the Malay-Indonesian archipelago.

Francisco Ferreira was an early example of what was commonly named as “Larantuqueiros” in the Portuguese sources, and “Topazes” or “Black Portuguese” in the Dutch ones. Their origin was diverse, ranging from mestizos of Portuguese ancestry to local Christians, *Mardijkers* (i.e. former slaves) or “Pampangos” (from the Philippines). The designation “Topazes” seems to have Indian origin and means “man of two languages” or “interpreter”. In other places, like Melaka or Batavia, the notions of *Topazes* and *Mardijkers* meant more or less the same, but in the Timorese context the latter had a specific meaning, pointing to the groups that served under the orders of the Dutch VOC.^[55]

53 Santa Catarina (1767), liv. IV, cap. VI, pp. 681-683.

54 Viola (2013), p. 187.

55 Hägerdal (2012), p. 46.

53 Santa Catarina (1767), liv. IV, cap. VI, pp. 681-683.

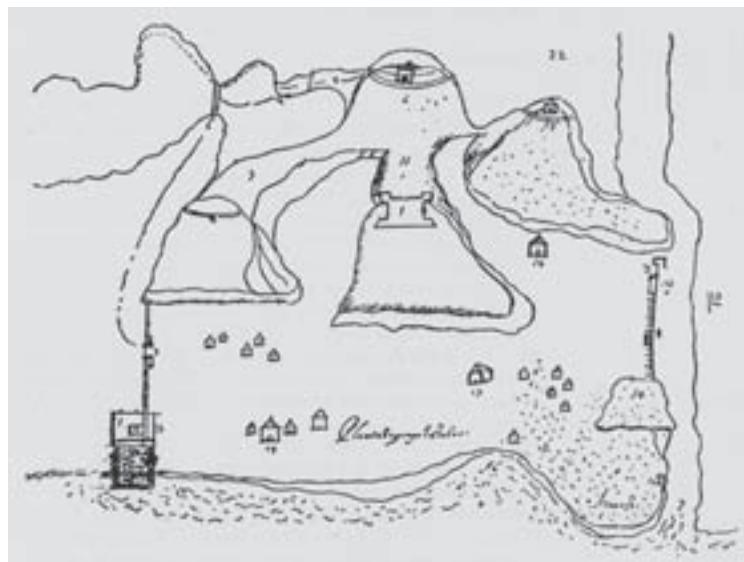
54 Viola (2013), p. 187.

55 Hägerdal (2012), p. 46.

Hametin ligasaun ida-ne'e ho kristaun Larantuka nian iha efeitu prinsipál rua, ne'ebé iha ligasaun, no define Timór nia destinu to'o iha sékulu XVII nia rohan: mosu elite funu na'in no dirijente foun, husi illa ne'ebá, ne'ebé hala'o nia atuasaun hamutuk ho misionáriu dominikanu sira no kontrola "Timór portugés" nia destinu durante dekada balun; no kapasidade boot hodi hasoru, dezafia no ultrapasa influénsia olandeza iha illa, no halo Timór sai kazu exesional iha kuadru jerál arkipélagu malaiu-indonéziu.

Francisco Ferreira hanesan exemplu antesipadu ba sira ne'ebé ema bolu "larantukaoan" iha fonte portugeza no "topaz" ka "portugés metan" iha fonte olandeza. Nia orijen oioin, entre mestisu ho orijen portugeza, kristaun lokál, *mardijkers* (ka, atan tuan ne'ebé livre) ka "pampangu" (husi Filipinas). Naran "topaz" karik ho orijen indiana no signifika "ema ne'ebé ko'alia dalen rua" ka "intérprete". Iha fatin sira seluk, hanesan iha Malaka ka iha Batávia, "topaz" o *mardijkers* maizoumenus atu hanesan, maibé iha kontestu timoroan ida ikus ne'e hatudu espesifikasiamente grupu sira ne'ené hatan ba VOC olandeza nia orden^[64].

Hafoin monu husi Malaka no to'o iha sékulu XVII nia rohan, larantukaoan reprezenta "portugés sira" nia interesse iha rejiaun ne'e no sira dezempeña kna'ar importante ba beibeik iha Timór. Sira mak obstáku prinsipál ba avansu olandés iha rejiaun iha sékulu ne'e nia laran, bainhira Estadu Índia portugés ladun boot no komunidade katólika sira moris ketak no lahó apoiu lojístico, material ka misionáriu. Iha tinan 1659, tuir fonte olandeza hatudu, akontese migrasaun larantukaoan sira bá Lifau: "portugés sira prontu hodi mai husi Larantuka to'o Timór, atu hela iha ne'eb'a no halo sira-nia komérsiu. [...] Kapitaun-mor ba hela iha Lifau ho ema 200 no 20 husi ita-nia olandés sira [renegadu] ne'ebé sei moris. [...] Totál hamutuk maizoumenus ema 300, entre ema mutin no mestisu, maibé bbarak liu mak metan ho moskete"^[65].



Planta eskemática husi sidade Lifau. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1951, vol. III.

Planta esquemática da cidade de Lifau. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1951, vol. III.

Schematic map of the city of Lifau. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, by Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisbon, 1951, vol. III.

⁶⁴ Hägerdal (2012), p. 46.

⁶⁵ Hägerdal (2012), p. 135 (ha'u nia tradusaun).

o Estado da Índia português se encontrava diminuído e as comunidades católicas viviam praticamente isoladas e sem apoio logístico, material ou missionário. Em 1659, segundo reporta uma fonte holandesa, parece ter ocorrido uma verdadeira migração de larantueiros para Lifau: “os portugueses estão prontos para vir de Larantuka para Timor, para ali se instalarem e fazerem o seu comércio. [...] O capitão-mor estabeleceu-se em Lifau com 200 homens e 20 dos nossos holandeses [renegados] que ainda estão vivos. [...] No total, serão umas 300 pessoas, entre as quais há alguns brancos e mestiços, mas a maior parte são negros com mosquetes”^[56].

Estes grupos têm sido objeto de especial interesse por parte de alguns historiadores, não apenas devido às suas origens diversas e ao papel que desempenharam em Timor, mas também porque constituíam o núcleo do “império informal” português na Ásia nos séculos XVII e XVIII^[57]. Possuíam duas características identitárias fundamentais: eram católicos e afirmavam ser “portugueses”. Agiam como intermediários entre as redes ligadas a cidades portuárias - como Macaçar, Batávia ou Macau - e as elites políticas dos reinos timorenses, estabelecendo contactos e desenvolvendo estratégias diplomáticas entre o interior e a costa, de forma a controlar o comércio do sândalo e de outras mercadorias.

Embora não se confundindo com os timorenses, os larantueiros adotaram estratégias de aliança política e de integração nas linhagens aristocráticas de vários reinos através de casamentos, cujos pormenores se desconhecem^[58]. Possuíam, além disso, um enorme prestígio social, político e ideológico que lhes advinha das capacidades militares e das vitórias sobre os holandeses e a que não era alheia uma forte componente mágico-religiosa. Os topazes ou larantueiros transpuseram para Timor o seu modelo de organização territorial, assente numa cadeia de comando de tipo militar, ao mesmo tempo que

After the fall of Melaka and until the end of the 17th century, the Larantueiros represented the “Portuguese” interests in this region and played an increasingly important role in Timor. They became the main obstacle to the progression of the Dutch influence in the region throughout the century, in a period when the Portuguese *Estado da Índia* was diminished and the Catholic communities lived virtually in isolation and without logistical, material or missionary support. In 1659, as reported by a Dutch source, a real migration of Larantueiros to Lifau seems to have taken place: “the Portuguese are ready to come over to Timor from Larantuka to settle there and perpetrate their trade. [...] The Captain-General has settled at Lifau with 200 people and 20 of our Dutch [renegades] who are still alive. [...] Together this makes 300 people among whom are a few whites and mestizos, but mostly blacks with shotguns”.^[56]

These groups have been object of particular interest by some scholars, not only due to their different origins and the role they played in Timor, but also because they formed the core of the Portuguese “informal empire” in Asia in the 17th and 18th centuries^[57]. They had two fundamental characteristics of identity: they were Catholics and claimed to be “Portuguese”. They acted as intermediaries between the networks that operated in the city-ports - like Makassar, Batavia or Macao - and the political elites of Timor, making contacts and developing diplomatic strategies linking the coastal regions to the kingdoms of the mountain, in order to control the trade in sandalwood and other commodities.

Although not merging with the Timorese, the Larantueiros adopted political strategies of alliance and integration, namely through marriages, into the aristocratic lineages of several kingdoms, but no details are known^[58]. Moreover, they enjoyed great social, political and ideological prestige derived from their military abilities and the victories achieved over the Dutch. A strong

56 Hägerdal (2012), p. 135.

57 Boxer (1947); Andaya (1995); Andaya (2010).

58 Hägerdal (2012), p. 134.

56 Hägerdal (2012), p. 135.

57 Boxer (1947); Andaya (1995); Andaya (2010).

58 Hägerdal (2012), p. 134.

Grupu sira-ne'e objetu interesse ba istoriadór balun, la'os de'it tanba sira nia orijen husi fatin oioin no kna'ar ne'ebé sira dezempeña iha Timór, maibé mós tanba sira konstitui núkleu “impériu informal” portugés nian iha Ázia iha sékulu XVII no XVIII^[66]. Sira iha karakterística identitária fundamental rua: sira katóliku no sira dehan katak sira ema “portugés”. Sira hanesan intermediáriu entre rede ho ligasaun ba sidade portuária – hanesan Makasar, Batávia ka Makau – no elite política reinu timoroan nian, estabelese kontaktu no dezenvolve estratégia diplomática entre interior no kosta, hodi kontrola komérsiu ai-kameli no merkadoria sira seluk.

Maské la konfunde ho timoroan sira, larantukaoan foti estratégia aliansa política no integrasaun iha liñajen aristocrática husi reinu oioin liuhusi kabén, ho detalle ne'ebé ma lahatene^[67]. Aleinde ne'e sira iha naran sósiál, político no ideológico ne'ebé mai husi sira-nia kbiit militár no husi sira-nia vitória bainhira hasoru olandés sira no iha mós komponente májiko-religiosa forte. Topaz ka larantukaoan sira hatama iha Timór sira-nia modelu kona-ba organizasaun territorial, hatuur iha kadeia komandu ho tipu militár, no sira hatama iha sira-nia domíniu reinu timoroan oioi, hanesa Animata, iha Oekusi nia laran^[68].

Iha tinan 1646, dominikanu sira, hafoin konsulta no autorizasaun husi vise-liurai Goa nian, hahú harii fortaleza ida iha Kupang, iha ponta osidental Timór nian. Maské la'os iha zona ne'ebé prodús ai-kameli, nia tasi-ibun halo nia hanesan fatin ida ho lokalizasaun estratégiku liu hodi kontrola illa nia komérsiu. Maibé, fortaleza portugeza la remata, tanba olandés sira foti nia iha tinan 1652 no transforma fortaleza ne'e iha sira-nia sede operasaun iha rejiaun tomak. Duni sai husi Kupang, kristaun sir aba hela iha Lifau, ne'ebé hanesan sentru ba prezensa portugeza iha Timór durante sékulu ida liu.

66 Boxer (1947); Andaya (1995); Andaya (2010).

67 Hägerdal (2012), p. 134.

68 Lobato (2014a), p. 199-200.

lograram incorporar nos seus domínios diversos reinos timorenses, como Animata, no interior de Oecussi^[59].

Em 1646, os dominicano, após consulta e autorização do vice-rei de Goa, iniciaram a construção de uma fortaleza em Kupang, na ponta ocidental de Timor. Embora não estivesse situado numa zona produtora de sândalo, a sua baía tornava-o no local estrategicamente mais bem localizado para controlar o comércio da ilha. A fortaleza portuguesa nunca foi, contudo, terminada, uma vez que os holandeses tomaram-na em 1652 e transformaram-na na sede das suas operações por toda a região. Expulsos de Kupang, os cristãos estabeleceram-se em Lifau, que se tornou o centro da presença portuguesa em Timor durante mais de um século.

magical-religious component was also certainly present. The Topazes or Larantueiros carried to Timor their model of territorial organization, based on a chain of command of military type, and they succeeded to incorporate several Timorese kingdoms, like Animata, in the interior of Oecussi, in their domains.^[59]

In 1646, the Dominicans, after consulting and having received the approval of the Viceroy of India, started to build a fort in Kupang, at the western end of Timor. Although not located in a producing area of sandalwood, the bay made Kupang a perfect strategic spot to control trade activities on the island. Yet the Portuguese never finished the construction works, since the Dutch took it in 1652 and made it their headquarters and centre of operations to the whole region. After being expelled from Kupang, the Christians moved to Lifau, which became the centre of the Portuguese presence in Timor for more than a century.

⁵⁹ Lobato (2014a), pp. 199-200.

⁵⁹ Lobato (2014a), pp. 199-200.

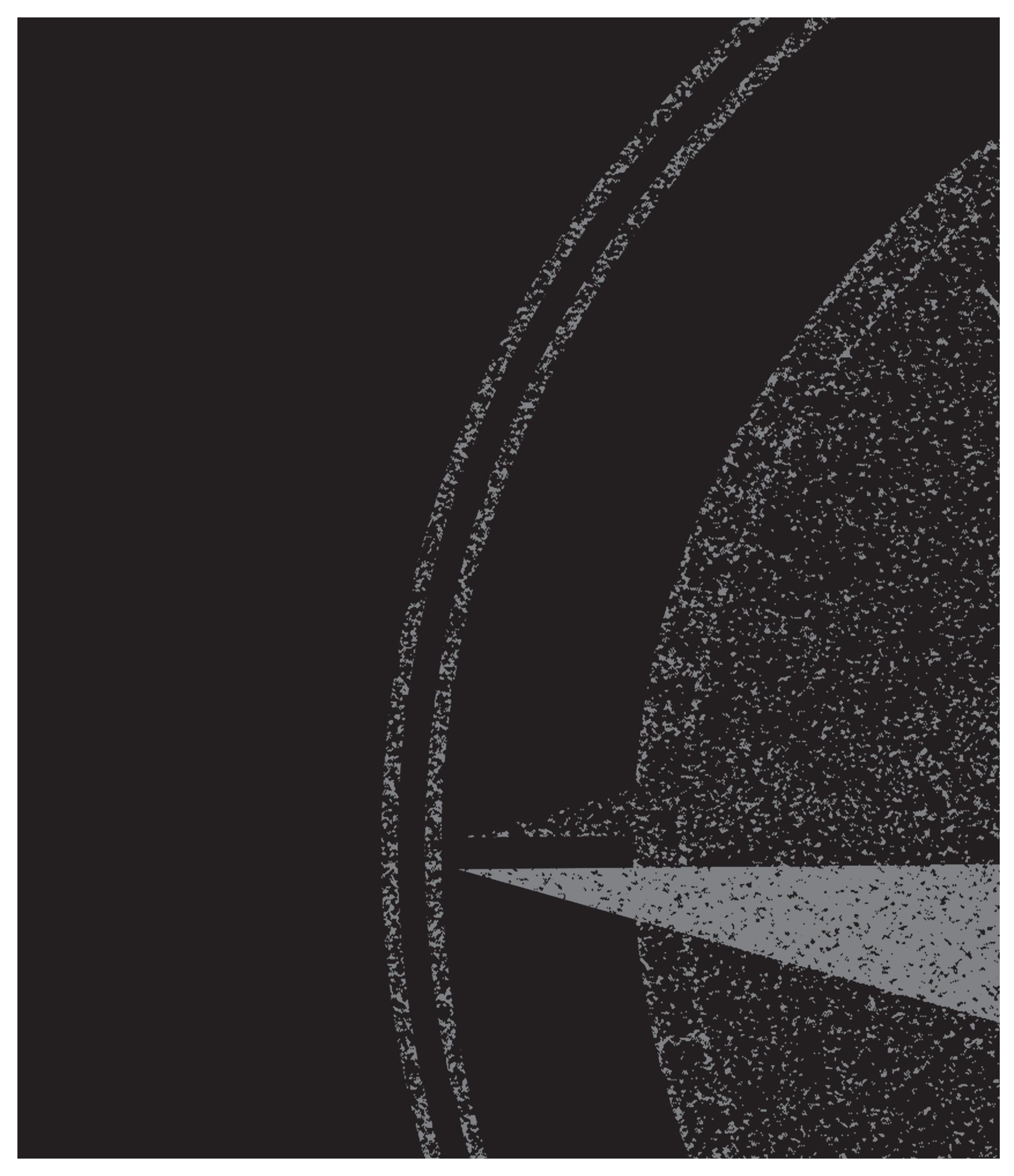


Mapa konstelasaun husi emisfériu sul huis Atlas Celestial husi Andreas Cellarius, husi tinan 1660-1661.

Mapa Mundu nian, husi Michael Swift, Lizboa, 2006.

Mapa das constelações do hemisfério sul do Atlas Celestial de Andreas Cellarius, cerca de 1660-1661. *Mapas do Mundo*, de Michael Swift, Lisboa, 2006.

Map of the Southern Hemisphere constellations, from Andreas Cellarius' Celestial Atlas, about 1660-1661. *Mapas do Mundo*, by Michael Swift, Lisbon, 2006.



**Portugés mutin
no portugés metan**

**Portuguese brancos
e portuguese negros**

**White Portuguese
and Black Portuguese**

EM 1699, O NAVIO INGLÊS ROEBUCK chegou a Timor e o capitão William Dampier teve ocasião de visitar Kupang e Lifau, respetivamente as capitais “holandesa” e “portuguesa” da ilha. O seu relato reflete os contrastes que existiam – e que o deixaram espantado – entre as duas localidades: enquanto Kupang tinha a bandeira da VOC hasteada, possuía soldados regulares e um governador com hábitos europeus que o recebeu com um jantar servido com talheres de prata e porcelana chinesa, Lifau era dirigida por um substituto do capitão português (ausente em Larantuka), as estruturas defensivas eram rudimentares e não havia praticamente artilharia ou munições; o inglês só via dois ou três brancos e um deles era o padre católico. Porém, e para sua surpresa, os “portugueses” eram aguerridos e diziam que bastaria uma ordem do rei de Portugal para varrerem os holandeses da ilha, enquanto estes acusavam um claro nervosismo perante a possibilidade de um ataque inimigo. Dampier faz, a certa altura, a seguinte descrição: “os habitantes da cidade [de Lifau] são, na sua maior parte, um tipo de *indianos* de cor de cobre e cabelo preto e liso. Falam português e são da religião romana, mas são livres de comer carne quando querem. Têm-se em grande consideração por causa da sua religião e descendência dos portugueses, e ficam muito zangados se alguém lhes disser que não são portugueses”^[60].

O testemunho do capitão inglês dá conta da segurança em que viviam os “portugueses negros”, uma vez que as suas ligações aos reinos timorenses, o seu conhecimento do terreno e a forma como controlavam os circuitos comerciais da ilha permitiam-lhes dominar boa parte da ilha. O próprio Dampier di-lo claramente: “estes [portugueses] não têm fortalezas, antes dependem da aliança com os nativos; e, de facto, já estão tão misturados que é difícil distingui-los se são portugueses ou *indianos*”^[61]. Os holandeses, pelo contrário, eram, para todos os efeitos, um poder estrangeiro.

IN 1699, THE ENGLISH SHIP ROEBUCK arrived in Timor and the captain William Dampier had the opportunity to visit Kupang and Lifau, respectively the “Dutch” and the “Portuguese” capitals on the island. His report reflects the existing contrasts – which left him astonished – between the two locations. Kupang displayed the VOC flag, had regular soldiers and was under the command of a Governor with European manners, who invited him to a dinner served with silverware and fine China. Lifau, on the contrary, was led by a substitute of the Portuguese Captain-General (absent in Larantuka), the defensive structures were rudimentary and there was no artillery or ammunition available; the Englishman saw only two or three whites, being one of them a Catholic priest. However, and to his surprise, the “Portuguese” were fearless and they said that they were just waiting for an order from the king of Portugal to expel the Dutch from the island. These, in turn, were clearly nervous before the possibility of an enemy attack. Dampier wrote, at some point, the following remark: “the inhabitants of the town [Lifau] are chiefly a sort of Indians, of a copper colour with black lank hair. They speak Portuguese and are of the Romish [Catholic] religion, but they take the liberty to eat flesh when they please. They value themselves on the account of their religion and descent from the Portuguese, and would be very angry if a man should say they are not Portuguese”^[60].

Dampier’s statement testifies the state of safety in which the “Black Portuguese” lived, due to their links to the Timorese kingdoms, their knowledge of the land and their control over the trade routes of the island. He declares it in a rather clear way: “these [Portuguese] have no forts, but depend on their alliance with the natives; and indeed they are already so mixt, that it is hard to distinguish whether they are Portuguese or Indians”^[61]. The Dutch, on the contrary, were, for all intents and purposes, a foreign power.

60 Dampier (1709), pp. 63.

61 Dampier (1709), pp. 78.

60 Dampier (1709), pp. 63.

61 Dampier (1709), pp. 78.

IHA TINAN 1699, NAVIU INGLÊS ROEBUCK too iha Timór no kapitaun William Dampier ba vizita Kupang no Lifau, ne'ebé illa nia capitál “olandesa” no “portugésa”. Nia relatu hatudu kontraste sira – ne'ebé halo nia hakfodak – entre fatin rua ne'e: Kupang hasa'e bandeira VOC, iha soldadu regular no governadór ida ho kostume europeu ne'ebé simu nia ho jantar ida ho garfu no kanuru osan mean no porselana xineza, kapitaun portugés (auzente iha Larantuka) nia substitutu mak dirije Lifau, estrutura defensiva báziku liuno kuaze laiha artillaria ka munisaun; inglês haree de'it ema mutin na'in rua ka tolu no ida mak amu katóliku ida. Maibé, nia hakfodak tanba “portugés sira” bravu loos no basta orden ida husi liurai Portugál atu sira dasa olandés sira husi illa, enkuantu olandés sira hatudu sira-nia nervozizmu kona-ba possibilidade hodi hasoru atake inimigu. Iha parte ida, Dampier halo deskrisaun tuirmai: “abitante sira iha sidade [Lifau] maioria tipu *indianu* ho kór mean no fuuk metan no been. Sira ko'alia portugés no sira-nia relijiaun romana, maibé sira livre atu han na'an tuir sira-nia hakarak. Sira halo-an tanba sira-nia relijiaun no dexendénsia husi portugés sira, no sira hirus loos karik ema ruma hatete ba sira katak sira la'os portugés”^[69].

Kapitaun inglês nia testemuñu hatudu kona-ba seguransa husi “portugés metan”, tanba sira-nia ligasaun ba reinu timoroan, sira-nia koñesimentu kona-ba fatin no maneria oinsá sira kontrola sirkuitu komersiál illa nian husik sira bele domina fatin luan iha illa. Dampier rasik hate-te: “[portugés sira] ne'e laiha fortaleza, sira depende husi aliansa ho rai'na'in sira; no, sira kahur tiha ona, ne'e mak susar hodi hatene se sira portugés ka *indianu*”^[70]. Olandés sira, ba efeitu sira hotu mak podér estranjeiru ida.

Hahú bainhira estabelese misaun katólika iha rejiaun, iha tinan 1641, no maské okupasaun iha Kupang, larantukaoan no nia aliadu timoroan sira halo VOC lakon dala barak. Derrota dahuluk akontese iha fulan juño tinan 1655, bainhira kontinjente olandés forte loos, ne'ebé



Ró “Roebuck”, William Dampier maka comandante.
Navio “Roebuck”, sob o comando de William Dampier.
Ship “Roebuck”, under the command of William Dampier.

⁶⁹ Dampier (1709), p. 63 (ha'u nia tradusaun).

⁷⁰ Dampier (1709), p. 78 (ha'u nia tradusaun).

Desde que a missão católica se instalara na região, em 1641, e apesar da ocupação de Kupang, os larantueiros e os seus aliados timorenses haviam infligido uma série de derrotas à VOC. A primeira ocorreu em junho de 1655, quando um forte contingente holandês, comandado pelo conquistador das Molucas, o almirante Arnold van Outshoorn, embrenhou-se no interior da ilha em direção a Amarassi (a leste de Kupang). Acossado pelos inimigos e desorientado pela chuva incessante, as forças holandesas acabaram por retirar e por abandonar a ilha. Dois anos mais tarde, na batalha de Mollo, os holandeses e os seus aliados de Amabi foram massacrados pelas forças “portuguesas” comandadas pelo capitão Simão Luís. Estes eventos, que reforçaram consideravelmente o prestígio dos topazes no seio dos reinos de Timor, inauguraram um período de praticamente um século, no decorrer do qual os holandeses limitaram-se a assegurar Kupang e colocaram de parte quaisquer iniciativas de alargar a sua zona de influência ou de disputar o poder aos “portugueses negros”^[62].

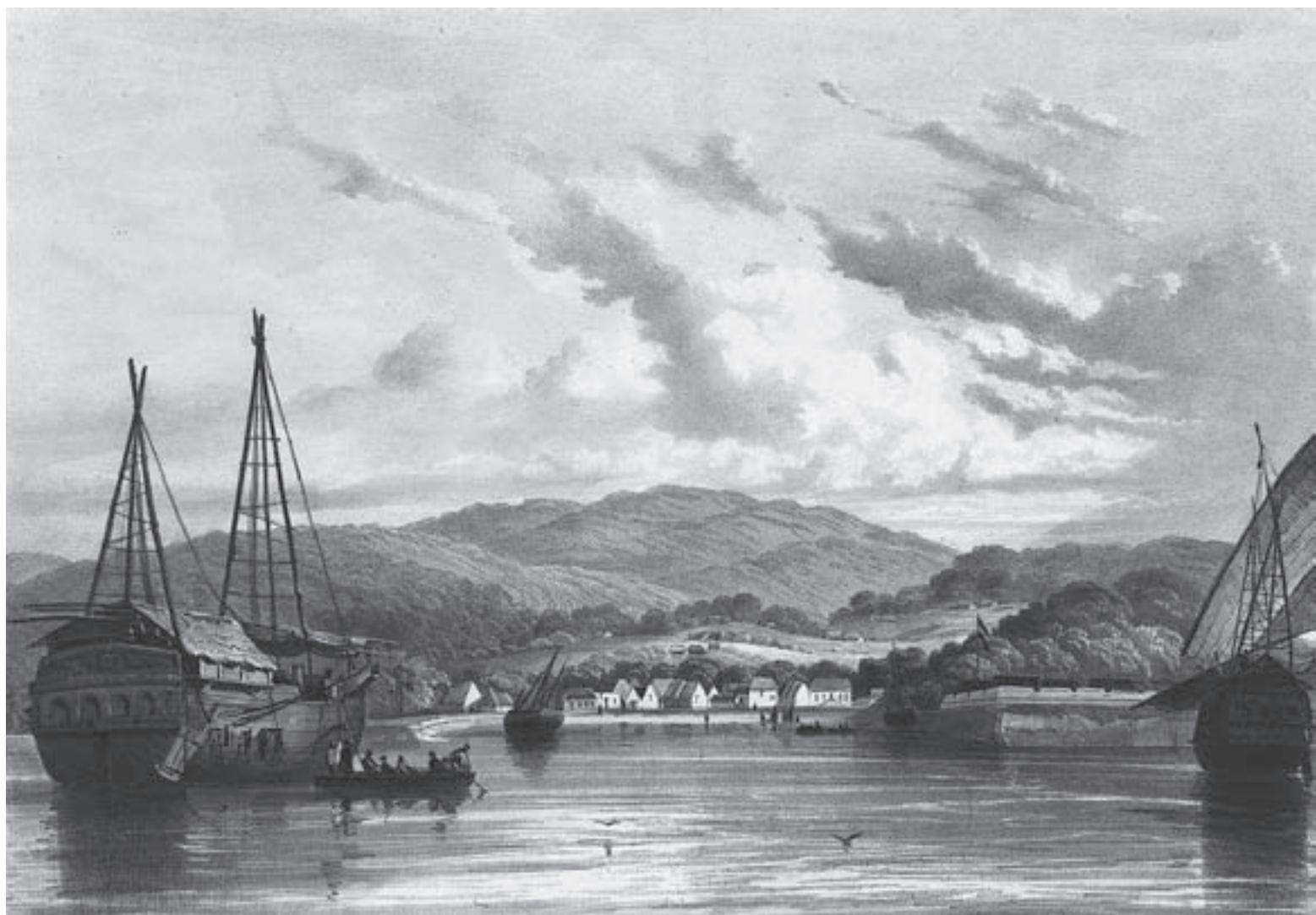
Reducido a uma presença distante em Goa e em Macau, o Estado Português da Índia não tinha capacidade de impor a sua vontade em Timor, nem no que diz respeito ao controle do trato do sândalo, nem no que toca ao comando político ou administrativo. Os vice-reis limitavam-se, portanto, a aceitar as realidades locais e a confirmar *a posteriori* quem assumia as funções de capitão-mor. Embora avessos a acatar as ordens oficiais, os larantueiros sempre iam mantendo parte da ilha fora do alcance da VOC, que controlava, de forma cada vez mais apertada, as redes de comércio do arquipélago malaio-indonésio. O último grande desafio à companhia holandesa foi protagonizado pelo sultão Hasanuddin (1653-1669) de Gowa (Macaçar), que resistiu às políticas monopolistas da VOC e que acabaria por ser derrotado por um contingente militar enviado preparada de Batávia. Aqui, e durante algum tempo, os portugueses sob a liderança de Francisco Vieira de Figueiredo puderam prosperar durante algum tempo

Since the Catholic mission settled in the region in 1641, and despite the occupation of Kupang, the Larantueiros and their Timorese allies had inflicted a series of defeats to the VOC. The first one took place in June 1655, when a strong Dutch army under the command of the conqueror of the Moluccas, the Admiral Arnold van Outshoorn, moved into the interior of the island towards Amarassi (east of Kupang). Beset by the enemies and disoriented by an incessant rain, the Dutch forces withdraw and eventually left the island. Two years later, at the battle of Mollo, the Dutch and their allies of Amabi were massacred by the “Portuguese” forces under the command of the Captain Simão Luis. These events, which have considerably increased the prestige of the Topazes in the context of the Timorese kingdoms, opened a period of almost a century when the Dutch were confined to Kupang and put away any military initiatives to extend their area of influence or to contest the power of the “Black Portuguese”.^[62]

Reduced to a distant presence in Goa and in Macao, the Portuguese *Estado da Índia* did not have the capacity to impose its will over Timor, nor regarding the control of the cargos of sandalwood, nor concerning the political or administrative command. Therefore, the Viceroys had no choice but to accept local realities and to confirm *a posteriori* who assumed the role of Captain-General. Despite refusing to accept orders from Goa, the Larantueiros kept part of the island out of the influence of the powerful VOC that controlled most trading routes on the Malay-Indonesian archipelago. The ultimate challenge to the Dutch company was led by Sultan Hasanuddin (1653-1669) of Gowa (Makassar), who resisted to the monopolistic Dutch policies and who was eventually defeated by a powerful military force sent from Batavia. In the sultanate, the Portuguese under the leadership of Francisco Vieira de Figueiredo were able to prosper for some time out of the range of the VOC, until they were expelled due to the Dutch demands.^[63]

62 Andaya (2010), pp. 412-413.

63 Boxer (1967), pp. 28-29.



konkistadór Molukas mak komanda, almirante Arnold van Outshoorn, tama iha illa laran atu bá Amarassi (iha parte leste Kupang). Inimigu sira tuir nia no nia lakon orientasaun tanba udan lapara, forsa olandeza fila no husik hela illa. Tinan rua liutan, iha batalla Mollo nian, olandés no sira-nia aliadu husi Amabi hasoru masakre husi forsa “portugueza” ne’ebé kapitaun Simão Luís komanda. Eventu sira-ne’e, haforsa topaz sira-nia naran iha reinu Timór nia laran, no sira inaugura períodu sékulu ida, no durante períodu ne’e olandés siraasegura de’it Kupang no lafoti iniciativa ida hodi haluan sira-nia zona influénsia ka hodi hasoru “portugés metan”^[71] nian poder.

⁷¹ Andaya (2010), p. 412-413.

Kontrolu ba Kupang husi olandés sira fó-sai buat importante ba-lun kona-ba futuru rai Timor nian. Litografia de Charles William Meredith van de Velde (1818-1898), *Timor: la ville de Koepang*, ca. 1860. Biblioteca Nasionál husi Portugál.

O controlo de Kupang pelos holandeses revelou-se importante para o futuro da Ilha de Timor. Litografia de Charles William Meredith van de Velde (1818-1898), *Timor: la ville de Koepang*, ca. 1860. Biblioteca Nacional de Portugal.

The control of Kupang by the Dutch proved to be important for the future of Timor Island. Lithography by Charles William Meredith van de Velde (1818-1898), *Timor: la ville de Koepang*, ca. 1860. National Library of Portugal.

fora do alcance da VOC, até terem sido forçados a abandonar o sultanato por exigência holandesa^[63].

Durante a segunda metade do século XVII, e ao mesmo tempo que o trabalho missionário se encontrava num impasse devido à carência de frades dominicano que prosseguissem o esforço de evangelização, o poder em Timor não foi disputado entre portugueses e holandeses, mas entre as fações em que se dividiam os “portugueses negros” e os respetivos aliados timorenses. O comando era disputado por dois clãs rivais, os Hornay e os Costa, que alternavam na liderança. O primeiro tivera origem na descendência de Jan Hornay, um comandante holandês da fortaleza de Solor que desertara para Larantuka e que se convertera ao catolicismo para escapar aos calabouços da VOC^[64]. Já o segundo provinha de Larantuka. Uma disputa entre as duas famílias no acesso ao cargo de capitão-mor, na década de 1660 e após a morte de Vieira de Figueiredo, acabou por resultar na eleição de Mateus da Costa, com o apoio dos dominicano.

Este capitão exerceu o poder à revelia das diretrizes emitidas pelo vice-rei de Goa, tendo chegado a expulsar Fernão Martins da Ponte, que fora enviado à ilha para substituí-lo no cargo de capitão-mor. Com a sua morte, em 1673, o poder passou para o clã rival. Durante mais de duas décadas, António Hornay governou Timor sem contestação e sem o aval das autoridades portuguesas, que acabaram por confirmá-lo no comando. Embora se declarasse súbito do rei de Portugal e enviasse presentes ao vice-rei da Índia, recusava qualquer tentativa de ceder o poder a um capitão enviado de Goa^[65].

As tentativas levadas a cabo pelos vice-reis para pôr fim ao que consideravam ser uma usurpação e controlar a instabilidade política em Timor foram sucessivamente goradas. Em 1695, aproveitando as notícias que davam conta da morte de António Hornay, o vice-rei D. Pedro António de Meneses enviou para Lifau, com o cargo de

In the late 17th century, while the missionary work was stalled due to the lack of Dominican friars to pursue the effort, the power in Timor was not disputed between the Dutch and the Portuguese, but between the factions that divided the “Black Portuguese” and their Timorese allies. The command was disputed by two rival clans, the Hornay and the Costa, who alternated the leadership. The Hornay had their familiar roots on the of spring of Jan Hornay, a Dutch commander of the Solor fortress who defected to Larantuka and converted to Catholicism to escape the dungeons of the VOC.^[64] The Costa came from Larantuka. In the 1660s, after the death of Vieira de Figueiredo, a dispute between the two families to access the position of Captain-General arose and resulted in the election of Mateus da Costa, supported by the Dominican friars.

This Captain exercised his power ignoring the orders and recommendations issued by the Viceroy of India. His boldness went so far as to get him to expel Fernão Martins Ponte, who had been sent to the island to replace him as Captain-General. When he died in 1673, the power was transferred to the rival clan. For more than two decades, António Hornay ruled Timor without challenge and lacking of cial approval from the Portuguese authorities, who eventually came to accept the situation *de facto* and to confirm him in command. Although he declared to be a subject of the King of Portugal and sent regular gifts to the Viceroy of India, he refused any attempt to cede his power to a Captain coming from Goa.^[65]

The attempts made by the Portuguese Viceroys to put an end to what was perceived as a usurpation and to control the political instability in Timor were frustrated. In 1695, taking advantage of the news about the death of António Hornay, the Viceroy D. Pedro António de Meneses sent to Lifau the Macanese António Mesquita Pimentel, appointed as Governor of Timor, who arrived there in the following year. He was received with enthusiasm by the

63 Boxer (1967), pp. 28-29.

64 Barnes (1987), pp. 229-230.

65 Boxer (1990), p. 189.

64 Barnes (1987), pp. 229-230.

65 Boxer (1990), p. 189.

Estadu Portugés iha Índia, ne’ebé agora ho prezensa kiik no do’ok iha Goa no Makau, laiha kapasidade hodi impōin nia vontade iha Timór, nomós kona-ba kontrolu ba ai-kameli, no kona-ba komandu político no administrativu. Ne’e duni, vise-liurai simu de’it realidade lokál no konfirma depois sé mak ka’er kna’ar nu’udar kapi-taun-mor. Maské sira lakohi simu orden ofisiál, laran-tukaoan mantein nafatin illa nia parte balun do’ok husi VOC, ne’ebé halo kontrolu metin liu ba rede komérsiu iha arkipélagu malaiu-indonéziu. Dezafiu ikus boot liu ba kompaña olandeza mak ida ne’ebé hala’o sultaun Hasanuddin (1653-1669) husi Gowa (Makasar), ne’ebé resiste ba políticas monopolista VOC nian no hasoru derrota liuhusi kontinjente militar ne’ebé mai no prepara iha Batávia. Iha ne’e, no durante tempu balun, portugés sira tuir Francisco Vieira de Figueiredo nia lideransa bele bu-ras do’ok husi VOC, to’o ema obriga sira sai husi sultanatu tanba ezijénsia olandeza^[72].

Durante sorin daruak sékulu XVII, no bainhira servi-su misionáriu hasoru impase impase tanba laiha frade dominikanu sira hodi kontinua esforsu evanjelizasaun nian, poder iha Timór lahasoru luta entre portugés no olandés sira, maibé entre parte sira ne’ebé fahe “portugés metan” no sira-nia aliadu timoroan. Klā rivál rua mak luta ba komandu, Hornay no Costa, ne’ebé troka malu iha lideransa. Ida dahuluk nia orijen iha dexendénsia Jan Hornay nian, komandante olandés iha fortaleza Solor ne’ebé dezerta ba Larantuka konverte ba katolisismu hodi la tama iha VOC nia komarka^[73]. Ida daruak mai husi Larantuka. Luta ida entre família rua hodi asesu ba kargu kapitaun-mor, iha dékada 1660 no depoizde Vieira de Figueiredo mate, rezulta iha Mateus da Costa nia elei-saun, ho dominikanu sira-nia apoiu.

Kapitaun ida-ne’e ezerse nia podér kontra orientasaun husi vise-liurai Goa, no nia duni sai Fernão Martins da Ponte, ne’ebé ema haruka bá iha illa hodi troka nia iha kargu kapitaun-mor nian. Bainhira nia mate, iha tinan

72 Boxer (1967), p. 28-29.

73 Barnes (1987), p. 229-230.

governador de Timor, o macaense António de Mesquita Pimentel, que aqui chegou no início do ano seguinte. Foi recebido com algum entusiasmo pela população, provavelmente cansada do estado de guerra civil em que se vivia, uma vez que a morte de António de Hornay desencadeara nova luta entre os dois clãs rivais. Porém, estas expectativas desfizeram-se rapidamente, quando o novo governador se comportou como um tirano e cometeu uma série de extorsões e violências – entre elas o assassinato de Pedro de Hornay, filho do anterior capitão – que desencadearam uma revolta geral que o forçou a regressar à Índia. O segundo governador enviado pelas autoridades de Goa, André Coelho Vieira, chegou a Lifau em 1698, mas Domingos da Costa, o novo líder dos larantueiros em revolta aberta contra o poder oficial português, impediu o seu desembarque e obrigou-o a regressar a Macau.

A situação só conheceu uma viragem definitiva com a nomeação do terceiro governador, em 1701. Não se tratava, ao contrário dos seus antecessores, de um morador de Macau, mas sim do secretário do Estado da Índia, António Coelho Guerreiro^[66]. A escolha do seu nome para o desempenho do cargo correspondia a um empenho renovado por parte do vice-rei em controlar a situação em Timor e debelar a revolta dos larantueiros. Embora as ordens de que foi provido lhe concedessem poderes alargados e uma grande margem de ação, os meios eram reduzidos: apenas 50 soldados, a que se juntaram outros 32 de Macau^[67].

A chegada de António Coelho Guerreiro a Timor, em 1702, assinala portanto uma nova fase da presença portuguesa na ilha. O novo governador dirigiu-se primeiro a Larantuka, onde se encontrava Domingos da Costa. Este comunicou-lhe as suas condições: o rei de Portugal poderia intitular-se rei de Solor e Timor, mas não deveria interferir diretamente na governança das ilhas. Coelho Guerreiro não aceitou e seguiu para Lifau após várias escaramuças. Estava assim declarada a guerra entre o governador e o capitão-mor, assinalando mais um episódio

local population, probably tired of the current state of civil war triggered by the death of António Hornay and the struggle between the two rival clans that followed. However, these expectations vanished swiftly when the new Governor behaved like a tyrant and committed extortions and acts of violence – among them the murder of Pedro de Hornay, son of the former captain – unleashing a general revolt that forced him to return to India. The second Governor sent by the Goan authorities, André Coelho Vieira, arrived in Lifau in 1698. However, the new leader of the Larantueiros, Domingos da Costa, was in open revolt against the Portuguese authorities, prevented him from going ashore and forced him to return to Macao.

The situation shifted only in 1701, when the third Governor António Coelho Guerreiro was appointed. Unlike his predecessors, he was not a resident from Macao, but a Secretary of the *Estado da Índia*^[66]. The choice of his name corresponded to a renewed commitment by the Viceroy to control the situation in Timor and to overpower the revolt of the Larantueiros. He was appointed with a wide range of civilian and military powers. However, the resources available to him were reduced: 50 soldiers, joined later by other 32 coming from Macao.^[67]

The arrival of António Coelho Guerreiro to Timor, in 1702, was an important landmark in the Portuguese presence in the island. The new Governor went to Larantuka before landing on Lifau and met Domingos da Costa. The leader of the Larantueiros presented his conditions: the King of Portugal could include “King of Solor and Timor” in his official titles, but should not interfere directly in the governance of the islands. Coelho Guerreiro did not accept the conditions and headed to Lifau after several skirmishes. Therefore, a state of war was declared between the Governor and the Captain-General, signalling another episode in the turbulent relations between the “Black Portuguese” and the “White Portuguese”.

66 Matos (1993a).

67 Matos (1974), p. 117.

66 Matos (1993a).

67 Matos (1974), p. 117.

1673, poder ba fali klā rival. Durante dékada rua liu, António Hornay governa Timór lahó kontestasaun no lahó autorizasaun husi autoridade portugeza sira, ne'ebé ikus liu konfirma nnia komandu. Maské nia deklara an nu'udar liurai Portugál nia súbdito no haruka prezente ba vise-liurai Índia nian, nia lasimu tentativa hotu hodi hatan ba poder kapitaun ida-nian ne'eb'e Goa haruka^[74].

Vise-liurai sira-nia tentativa hodi hakotu buat e'ebé sira konsidera hanesan nauk no hodi kontrola instabilidade política iha Timór la susesu hotu. Iha tinan 1695, aproveita notísia kona-ba António Hornay mate, vise-liurai D. Pedro António de Meneses haruka ba Lifau, ho kargu governador iha Timór, makaense António de Mesquita Pimentel, ne'ebé to'o iha ne'e iha tinan oin mai nia hahú. Populasaun sim unia ho haksolok, tanba populasaun kolon ona ho estadu funu sivil, tanba António de Hornay nia mate hahú luta foun entre klā rua rival. Maibé esperansa sira-ne'e lakon tiha lalais, bainhira governador foun nia lala'ok hanesanan tiranu ida no nia halo estorsaun no violénsia barak – hanesan oho Pedro de Hornay, kapitaun ikus nia ona – ne'ebé hamosu revolta jerál no obriga nia fila ba Índia. Governador daruak ne'ebé autoridade Goa sira haruka, André Coelho Vieira, to'o iha Lifau iha tinan 1698, maibé Domingos da Costa, larantukaoan nia líder foun halo revolta hasoru poder ofisial portugés, impede nia tuun no duni nia ba fali Makau.

Situasaun ne'e hatene mudansa definitiva ho governador datoluk nia nomeasaun, iha tinan 1701. Nia la'os, hanesan nia antesesór sira, ema ne'ebé hela iha Makau, maibé sekretáriu Estadu Índia nian, António Coelho Guerreiro^[75]. Hili naran ne'e hodi dezempaña kargu hatudu interesse foun husi vise-liurai hodi kontrola situasaun iha Timór no hapara larantukaoan sira-nia revolta. Maské orden ne'ebé nia simu fó poder no marjen asaun boot liu, meius mak menus: soldadu 50 de'it, no 32 tan husi Makau^[76].



Retratu abitante husi Oecusse iha albuln Fontoura husi kolónia portugeza Timor nian, c. 1937. Instituto Siénsia Sosial/Universidade Lizboa. Fundasaun Mário Soares.

Habitantes de Oecussi retratados no Álbum Fontoura da colónia portuguesa de Timor, c. 1937. Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa. Fundação Mário Soares.

Oecussi people portrayed in Fontoura Album of the Portuguese colony of Timor, c. 1937. Institute of Social Sciences of the University of Lisbon/ Fundação Mário Soares.

⁷⁴ Boxer (1990), p. 189.

⁷⁵ Matos (1993a).

⁷⁶ Matos (1974), p. 117.

entre os “portugueses negros” e os “portugueses brancos”. A ação de António Coelho Guerreiro podia ter fracassado, o que obrigaria novamente as autoridades portuguesas a contemporizar com os larantueiros. Porém, o novo governador possuía duas qualidades que lhe permitiram ser bem sucedido na sua tarefa: uma grande determinação e uma boa capacidade de adaptação às realidades de Timor.

Pouco depois de tomar posse, Coelho Guerreiro escreveu ao vice-rei Caetano de Melo e Castro a dar-lhe conta da sua vontade de não ceder às dificuldades que o seu cargo lhe colocava, nos seguintes termos: “não lhe hei de [a Domingos da Costa] largar o bastão com a facilidade com que o fez António de Mesquita [Pimentel], porque enquanto tiver alentos e munições com que sustentar a guerra lhe hei de dar a conhecer a diferença que vai de uma António Mesquita, ou mesquinho, a outro António, que tem dentes de coelho e é guerreiro por geração, e assim esteja V. Ex^a descansado que isto se há de defender até se derramar a última gota de sangue”^[68].

If António Coelho Guerreiro failed, the Portuguese authorities would be forced to compromise with the Larantueiros once again. However, the new Governor had two qualities that enabled him to be successful in his task: a great determination and a good ability to adapt to Timorese realities.

Shortly after taking office, Coelho Guerreiro wrote to the Viceroy Caetano de Melo e Castro reporting his determination not to give up, using the following pun: “I will not drop him [Domingos da Costa] the baton as easily as António Mesquita [Pimentel] did, because as long as I have the courage and ammunition to hold the war, I will let him know the difference that goes from one António Mesquita, or petty [mesquinho], to other António, who has rabbit [coelho] teeth and is a warrior [guerreiro] by generation, and so be Your Excellency assured that this is here to be defended until the last drop of blood is shed”.^[68]

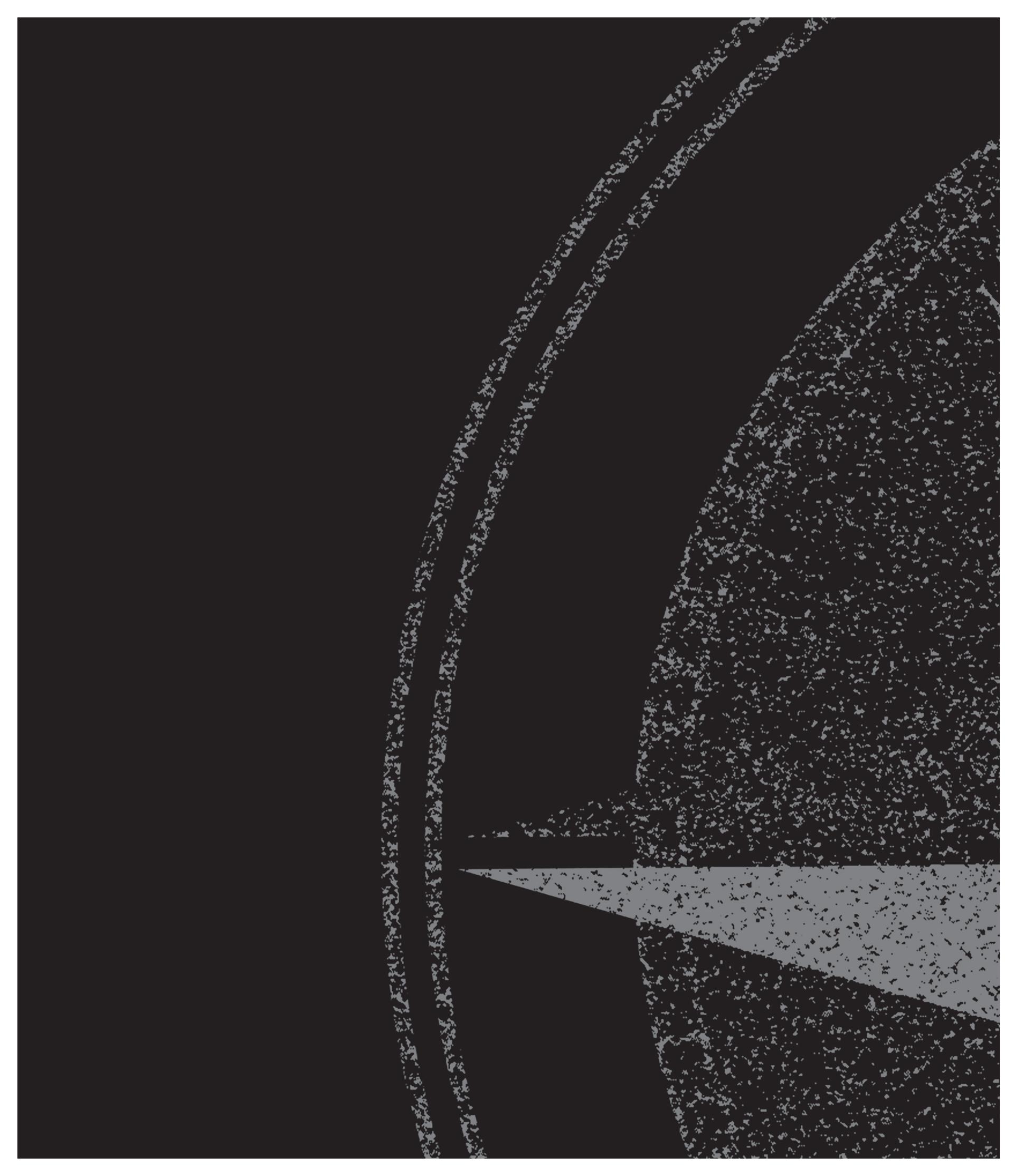
68 Carta de António Coelho Guerreiro ao vice-rei, 28.5.1702, in Pinto (2013), p. 64.

68 Letter from António Coelho Guerreiro to the Viceroy, 28.5.1702, in Pinto (2013), p. 64.

Momentu António Coelho Guerreiro to'o iha Timór, iha tinan 1702, marka faze foun kona-ba prezensa portugeza iha illa. Governador foun ba dahuluk Larantuka, no hasoru malu ho Domingos da Costa. Ida-ne'e fó hatene ninia kondisaun sira: liurai Portugál bele naran liurai Solor no Timór, maibé labele interfer diretamente iha illa sira-nia governasaun. Coelho Guerreiro lasimu no kontinua ba Lifaú depoizde luta balun. Hanesan ne'e mak deklara funu entre governador no kapitaun-mor, no assinala epizódiu ida tan kona-ba “portugés metan” no “portugés mutin”. António Coelho Guerreiro nia asaun bele frakasu, no ida-ne'e bele obriga autoridade portugeza kontemporizar ho larantukaoan sira. Maibé, governador foun iha kualidade rua ne'ebé halo nia susesu iha nia tarefa: determinasaun boot no kapasidade di'ak hodi adapta ba realidade Timór.

Hafoin nia tomada de pose, Coelho Guerreiro hakerek ba vise-liurai Caetano de Melo e Castro hodi fó hatene nia hakarak atu la monu ba difikuldade ne'ebé kargu ida-ne'e fó, iha termu sira tuirmai: “hau sei la husik [Domingos da Costa] nia bastaun hanesan António de Mesquita [Pimentel] halo, tanba enkuantu ha'u iha forsa no munisaun hodi sustenta funu ha'u sei fó hatene nia kona-ba diferença entre António Mesquita, ka meskiñu, no António seluk, ho nehan hanesan koellu no funu na'in liuhusi jerasaun, no hanesan ne'e bele ita-boot hakmatek tanba ita sei defende ida-ne'e to'o ran ikus fakar”^[77].

⁷⁷ Carta de António Coelho Guerliurairo ao vice-liurai, 28.5.1702, in Pinto (2013), p. 64.



8

**Timór no sékulu XVIII:
governadores, larantukaoan
e revoltas Nuno**

**Timor no século XVIII:
governadores, larantuqueiros
e revoltas**

**Timor in the 18th century:
Governors, Larantuqueiros
and rebellions**

COMO SE VIU, os primeiros anos do século XVIII trouxeram uma inovação importante no que diz respeito à presença portuguesa. Doravante, passou a existir na ilha um governador nomeado pelas autoridades do Estado da Índia que representava diretamente a coroa de Portugal e que colocava sob a sua proteção um determinado número de reinos timorenses. O principal mérito de António Coelho Guerreiro foi o de entender as limitações do seu poder e a fraqueza das suas posições, tanto mais que não era obedecido pelos larantueiros que continuaram a agir por conta própria e a manter plena autonomia em relação ao poder oficial português.

O governador criou um sistema de governo simples, que assentava na primazia do fator militar e não interferia na política ou na vida interna dos reinos timorenses. Não existia uma administração local; apenas um governo central, com sede em Lifau, que pouco mais era do que um “estado maior” composto pelo governador, bispo, tenente-geral, capitão-mor, juiz ou ouvidor, feitor, escrivão e alguns outros funcionários menores^[69]. Os reinos timorenses estavam obrigados a pagar um tributo anual, chamado “finta”, e a fornecer um determinado número de homens de armas. De facto, as necessidades militares constituíam a principal preocupação de Coelho Guerreiro e dos seus sucessores, dada a permanente instabilidade política e a situação de guerra endémica que a ilha viveu ao longo do século.

A habilidade do governador permitiu-lhe ir mais longe. Em primeiro lugar, procedeu à fusão entre títulos portugueses e timorenses, uma vez mais na sua componente militar, o que lhe garantiu uma espécie de militarização das estruturas timorenses. Significa isto que atribuiu patentes da hierarquia militar portuguesa às chefias tradicionais, concedendo a de brigadeiro ao rei de Sonbai – olhado como “imperador” da parte ocidental da ilha –, a de coronel aos diversos reis, a de tenente-coronel aos regentes, e as patentes de sargento-mor e capitão aos chefes locais. A associação entre títulos portugueses e poderes

AS MENTIONED ABOVE, the early years of the 18th century brought an important innovation in regard to the Portuguese presence. Hereinafter, there was a Governor on the island appointed by the authorities of the *Estado da Índia*. He represented the Crown of Portugal and had under his protection a certain number of Timorese kingdoms. The main virtue of António Coelho Guerreiro was his perception of the limits of his own power and how weak and fragile his positions were, since he was not obeyed by the Larantueiros who kept acting in full autonomy regarding Portuguese official power.

The Governor founded a political system based on the primacy of the military factor that did not interfere in the political and internal life of the Timorese kingdoms. There was no local administration; only a central government, with headquarters in Lifau. It was little more than a Council composed by the Governor, the Bishop, the Captain-General, a judge or an ombudsman, a factor, a scribe and some other minor officials^[69]. The Timorese kingdoms were forced to pay an annual tribute, called “finta”, and to provide a certain number of armed men. In fact, the military needs were the main concern of Coelho Guerreiro and his successors, given the permanent political instability and the endemic situation of war on the island, experienced throughout the 18th century.

The capabilities of the Governor enabled him to go further. Firstly, he merged some Portuguese and Timorese titles, once more in its military component, which granted him a kind of militarization of the Timorese structures. That is to say, he assigned the Portuguese military ranks to the traditional titles, granting the rank of Brigadier to the King of Sonbai – looked at as “emperor” of the western part of the island – Colonel to several kings, Lieutenant-Colonel to the regents, and the ranks of Captain and Sergeant to the local chiefs. The association between

⁶⁹ Thomaz (2001), pp. 502-503.

⁶⁹ Thomaz (2001), pp. 502-503.

HANESAN ITA HAREE, tinan dahuluk sékulu XVIII nian lori inovasaun ida ne’ebé importante kona-ba prezença portugeza. Ba oin, iha governadór ida iha illa, ne’ebé autoridade Índia nian maka nomea hodi representa diretamente koroa Portugál nian, no ne’ebé fó protesaun ba reinu timoroan balun. António Coelho Guerreiro nia kbiit prinsipál mak hatene nia podér nia limitasaun sira no nia pozisaun nia frakeza, liuliu tanba larantukaoan sira la halo tuir no kontinua sira-nia lala’ok tuir sira-nia hakarak no mantein autonomia tomak kona-ba podér ofisiál portugés nian.

Governador kria sistema governu simples ida, ne’ebé bazeia ba superioridade fatktór militar nian no laiha intrensia iha política ka iha moris internu reinu timoroan sira-nia. Laiha administrasaun lokál ida; iha de’it governu sentrál, ho sede iha Lifau, ne’ebé ladun boot liu duké “estadu maior” ida kompostu husi governador, bispu, tenente-jeral, kapitaun-mor, juiz ka ouvidor, feitor, eskriavaun no funzionáriu kiik sira seluk^[78]. Reinu timoroan sira iha obrigasaun hodi selu tributu anual, naran “finta”, no atu fó mane no arma balun. Ne’e duni, ba Coelho Guerreiro, no ba nia susesór sira, nesesidade militár mak preokupasaun prinsipál, tanba instabilidade política perrmanente no situasaun funu ne’ebé illa hasoru iha sékulu ne’e nia laran.

Governador nia kbiit loke dalan atu nia ba do’ok liu. Dahuluk, nia halo fuzaun entre título portugés no timoroan, dala ida tan iha ninia komponente militár, no ida-ne’e mak garante tipu militarizasaun husi estrutura timoroan. Signifika katak nnia fó patente ierarkia militar portugeza ba xefia tradisional, fó brigadeiru ba liurai husi Sonbai – ne’ebé ema haree hanesan “imperador” ida iha illa nia parte osidental –, koronel ba liurai oioin, tenente-koronel ba rejente, no patente sarjentu-mor no kapitaun ba xefe lokal sira. Iha sékulu molok ida ne’e, larantukaoan koko tiha ona asosiasaun entre título portugés no poder timoroan, maské iha eskala kiik^[79].

Orçamento apresentado por António Coelho Guerreiro, governador nomeado em 1704,
computo dos soldos e ordenados anuais
destinados para as garnições das ilhas de Timor e Solor

Estado maior	
Governador.....	10:000
Bispo de Malaca	3:333
Tenente general	2:300
Capitão mór do campo:	1:250
Engenheiro.....	1:000
Feitor.....	1:200
Ouvidor.....	363
Escrivão da feitoria	250
Escrivão da matricula.....	300
Cirurgião	400
Barbeiro.....	150
Tambor.....	90
	Guarnição
Sargento mór.....	800
11 Capitães, a 300 xarafins.....	3:300
12 Alferes, a 180.....	2:160
4 Ajudantes, a 240	960
12 Sargentos, a 150.....	1:800
560 Soldados, a 120.....	67:200
2 Condestaveis, a 140	280
60 Artilheiros, a 110.....	6:600
12 Embandeirados, a 100.....	1:200
11 Pagens, 60.....	660
21 Tambores, a 65.....	1:560
	Somma.....
	107:358

Orsamentu elabora husi governador António Coelho Guerreiro ba saláriu no ordenadu anual ba guarnisaun sira Timor nian no Solor. Afonso de Castro, *Posesaun Portuguéza sira iha Oseania*, Lisboa, 16. Fundasaun Mário Soares.

Orçamento elaborado pelo governador António Coelho Guerreiro para os soldos e ordenados anuais das garnições de Timor e Solor. Afonso de Castro, *As Possessões Portuguezas na Oceania*, Lisboa, 1867. Fundação Mário Soares.

Budget drawn up by the governor António Coelho Guerreiro to the wages and annual salaries of the garrisons of Timor and Solor. Afonso de Castro, *As Possessões Portuguezas na Oceania*, Lisbon, 1867. Fundação Mário Soares.

⁷⁸ Thomaz (2001), p. 502-503.

⁷⁹ Lobato (2014a), p. 200.

timorenses havia já sido ensaiada pelos larantuqueiros no século anterior, embora a uma escala muito menor^[70].

Em segundo lugar, a celebração dos acordos com os reis de Timor era feito através de um ceremonial com significado de consagração próxima da religiosa: para estes últimos, tratava-se de um pacto sagrado com o rei de Portugal e não de uma submissão, o que permitia forjar uma relação duradoura entre as duas partes. Os holandeses haviam procedido de modo idêntico com os reinos da região de Kupang, ainda no século XVII^[71].

Apesar do sucesso do primeiro governador na elaboração deste sistema de fidelidades com os reinos timorenses - em 1703 eram 25 os que haviam celebrado o pacto com a coroa de Portugal - e de utilizar em seu proveito as estruturas tradicionais das sociedades timorenses, a influência deste “Real partido” no contexto global da ilha era assaz limitada e a rede de alianças, muito frágil e sujeita a todo o tipo de perturbações e divisões.

Tradicionalmente, a visão da historiografia sobre as relações entre os portugueses e os reinos timorenses limitava-se a reproduzir a perspetiva dos documentos da época: a volubilidade dos reis de Timor, a sua divisão em “leais” e “rebeldes” e a sua predisposição para a revolta, muitas vezes por instigação dos holandeses. Esta visão era muito limitada e reduzia a complexidade das realidades políticas da ilha a um mero jogo de poder entre as duas potências europeias, menosprezando a dimensão especificamente timorense de muitos conflitos e tensões. Na realidade, existia uma competição entre os reinos timorenses entre si, não só por questões de prestígio e poder político mas também pela disputa do comércio do sândalo e de escravos, num jogo que envolvia os portugueses e os holandeses mas também os topazes. Muitas das situações de guerra e de alteração do cenário político resultavam da iniciativa dos poderes timorenses e das suas lutas internas, remetendo as autoridades coloniais, tanto portuguesas como holandesas, a um papel secundário e de mera

Portuguese titles and Timorese authorities had already been tested by the Larantuqueiros in the previous century, but at a much smaller scale.^[70]

Secondly, the pacts signed with the kings of Timor were involved in a formal and solemn apparatus, with a sense of ceremony similar to a religious act: the Timorese considered them as sacred alliances with the King of Portugal and not a submission, and this enabled the forge of a long-term relationship between the two parts. The Dutch had proceeded in a similar way towards the kingdoms of the Kupang region, still in the 17th century.^[71]

Despite the success of the first Governor establishing a system of loyalties with the kingdoms of Timor - in 1703, twenty five had signed the pact with the Crown of Portugal - and using the traditional structures of Timorese societies to his benefit, the influence of his “Royal Party” in the global context of the island was still quite limited, and the network of alliances was fragile and exposed to all sort of disturbance.

Traditionally, scholars and historians who studied the Portuguese-Timorese relations tended to follow the image provided by the documents of that time, stressing the alleged volubility of the local kings, how they were divided into “loyal” and “rebels” and their predisposition to revolt, often under the instigation of the Dutch. This was a rather biased and shallow vision that reduced the complexity of the political realities of Timor to a mere game of power between the two European powers, ignoring the specifically Timorese dimension of many conflicts and tensions. Actually, there was competition among the Timorese kingdoms, not only for the sake of prestige and political power but also due to disputes about trade on sandalwood and slaves, in a tension where the Portuguese and the Dutch - but also the Topazes - became involved. Most warlike events and shifts on the political scenario were the outcome of struggles and tensions among Timorese powers, reducing the role

70 Lobato (2014a), p. 200.

71 Hägerdal (2008).

70 Lobato (2014a), p. 200.

71 Hägerdal (2008).

Daruak, selebrasaun akordu ho liurai iha Timór halo liuhusi serimónia ho signifikadu ne'ebé atu hanesan konsagrashaun relijiosa: ba liurai sira, ne'e mak paktu sagradu ida ho liurai Portugál no la'os submisaun, no ida-ne'e mak permite relasaun ida naruk entre parte rua ne'e. Olandés sira mó halo buat hanesan ho reinu sira iha rejiaun Kupang, iha sékulu XVII^[80].

Maské governador dahuluk nia susesu bainhira halo sistema fidelidade ne'e ho reinu timoroan sira - iha tinan 1703, 25 selebra ona paktu koroa portugeza - no uza ba nia benefísiu rasik estrutura tradisional sosiedade timoroan sira-nia, influénsia husi "Real partidu" ne'e iha kontestu global illa nian limitadu no rede aliança sira fraku no loke ba perturbasaun no divizaun hosi tipu oioin.

Tuir tradisaun, istoriografia nia vizaun kona-ba relasaun entre portugés sira no reinu timoroan sira limita ba reproduzaun hosi dokumentu sira iha époka ne'ebá nia perspektiva: liurai Timór sira-nia volubilidade, sira-nia divizaun entre "leal" no "rebelde" no sira-nia predisposi-saun ba revolta, dala barak tanba olandés sira insetiva. Vizaun ne'e limitadu no hamenus kompleksidade husi realidade política iha illa hanesan jogo poder entre poténcia europeia rua, la fó valor ba dimensaun timoroan kona-ba konflitu no tensaun barak. Loloos, iha kompetisaun entre reinu timoroan sira rasik, la'os de"it tanba naran maibé mós tanba luta kona-ba komérsiu ai-kameli no atan, jogu ida ne'ebé envolve portugés no olandés sira maibé envolve mós topaz sira. Situasaun funu barak no mudansa iha senáriu político mak rezultadu husi poder timoroan no sira-nia luta internu, no haruka ba autoridade kolonial sira, portuguesa no olandez, papel sekundáriu ida no kontemporizasaun de"it, buat ida ne'ebé dokumentasaun europeia la reflete no la inklui^[81].

Frajilidade husi sistema fidelidade ne'ebé governadór António Coelho Guerreiro kria komprova bainhira iha tinan 1719 sai aliansa anti portuguesa no anti kristā ne'ebé halibur poder timoroan balun iha reinu Kamenasa. Uniaun



Timr oan. Desenho de Thomas Baine (1820-1875) hosi retratu.

Timorenses. Desenho de Thomas Baine (1820-1875) a partir de fotografia.

Timorese people. Draw by Thoman Baine (1820-1875) from a photo.

⁸⁰ Hägerdal (2008).
⁸¹ Hägerdal (2007).

contemporização, algo que a documentação europeia não reflete nem contempla^[72].

A fragilidade do sistema de fidelidades criado pelo governador António Coelho Guerreiro ficou bem demonstrada quando em 1719 tomou forma uma aliança antiportuguesa e anticristã que juntou diversos poderes timorenses em torno do reino de Camenaça. Foi uma união firmada com uma cerimónia ritual, que incluiu um juramento e um pacto de sangue, de acordo com os documentos^[73]. As suas motivações, mais do que uma simples hostilidade para com os portugueses ou o resultado de manobras holandesas, tiveram possivelmente origem na insatisfação pelo modo como fora feita a distribuição das patentes, uma vez que o governador português colocara Luca e Camenaça ao mesmo nível de outros *liurais* alegadamente inferiores na hierarquia política timorense^[74]. Outras causas próximas para esta união envolveram a degradação das relações com os larantueiros e o ambiente de verdadeira guerra civil causado pela rutura entre o governador português e o bispo.

Pouco depois, em 1725, e aparentemente devido a abusos cometidos pelos agentes portugueses na cobrança das *finutas*, vários reinos renovaram o pacto que haviam jurado em 1719 e revoltaram-se abertamente contra os portugueses, num processo que alastrou a boa parte da ilha e que envolveu um número significativo de reinos, sobretudo da parte oriental da ilha (o chamado “país dos Belos”). O conflito ficou conhecido como a “Guerra do Cailaco”, devido à batalha final que teve lugar num morro fortificado no reino com o mesmo nome, onde se reagruparam as forças timorenses após terem sido derrotadas pelas campanhas militares portuguesas^[75].

Há algumas questões interessantes que envolvem este conflito e que permitem entendê-lo para além da simples descrição das operações e dos combates. A primeira diz respeito ao momento de um dos seus episódios iniciais e

played by the colonial authorities, both Portuguese and Dutch, to a secondary importance, something not reflected or rarely mentioned in the European sources.^[72]

The fragility of the system of loyalties created by the Governor António Coelho Guerreiro became quite visible in 1719, when an Anti-Portuguese and anti-Christian alliance took shape and gathered several Timorese authorities around the kingdom of Camenaça. It was a union signed in a ritual ceremony, including an oath and a pact of blood, according to the documents^[73]. Their motivations did go beyond a simple hostility against the Portuguese or the result of Dutch manoeuvres. Possibly, they had origins in the dissatisfaction caused by the way the ranks were distributed, once the Portuguese Governor put Luca and Camenaça at the level of other *liurais* of allegedly inferior status in the Timorese political hierarchy^[74]. Other causes may have involved the deterioration of the relations with the Larantueiros and the environment of true civil war caused by the rupture between the Portuguese Governor and the Bishop.

Shortly after, in 1725, and apparently due to abuses perpetrated by Portuguese agents who collected the “*finutas*”, several kingdoms renewed the pact sworn in 1719 and openly rebelled against the Portuguese, in a process that spread to part of the island and involved a significant number of kingdoms, especially of the eastern half (the so-called “Country of Belo”). The conflict became known as the “War of Cailaco”, due to the final battle that took place on a fortified hill with the same name, where the Timorese forces regrouped after being defeated by the Portuguese military campaigns.^[75]

There are some interesting questions surrounding this conflict that allow a more comprehensive understanding beyond the simple description of military operations and fighting events. The first is related to one of its initial and more important episodes, the destruction of the

72 Hägerdal (2007).

73 “Documento Sarzedas” in Castro (1867), pp. 203-204.

74 Thomaz (2001), p. 506.

75 Sá (1949).

72 Hägerdal (2007).

73 “Documento Sarzedas” in Castro (1867), pp. 203-204.

74 Thomaz (2001), p. 506.

75 Sá (1949).

ne'e halo tuir serimónia rituál, ne'ebé inklui juramentu no paktu ran, tuir dokumentu sira^[82]. Nia motivasaun, aleinde ostilidade hasoru portugés sira ka rezultadu husi manobra olandeza, nia orijen karik tanba la satisfás ho maneira oinsá fahe patente, tanba governador portugés tau Luka no Kamenasa iha nível ne'ebé hanesan ho liurai seluk ne'ebé la boot iha ierarkia política timoroan^[83]. Razaun seluk besik ba uniaun ne'e envolve relasaun ho larantukaoan ne'ebé ladiak ba beibeik no ambiente funu sivil ne'ebé mosu tanba rutura entre governador portugés no bispu.

La kleur, iha tinan 1725, tanba ajente portugés sira halo abuzu bainhira halo kobransa ba *finta*, reinu oioin halo renovasaun paktu ne'ebé sira jura iha tinan 1719 no halo revolta kontra portugés sira, iha prosesu ida ne'ebé to'o iha kuaze iha illa tomak no envolve número reinu ne'ebé boot, liuliu iha parte orientál illa nian (naran “NASAUN husi Belu sira”). Konflitu ne'e ema hatene ho naran “Funu Kailaku”, tanba batalla ikus akontese iha fatin aas ho fortifikasiasaun iha reinu ida ho naran ne'ebé hanesan, no iha ne'ebá halibur fali forsa timoroan hafoin sira lakon bainhira hasoru kampaña militár portugueza^[84].

Iha kestaun balun interessante ne'ebé envolve konflitu ne'e no permite komprende aleinde operasaun no komba-te nia deskrisaun simples. Ida dahuluk kona-ba momentu epizódiu importante no hahú nian, sobu igreja Lifau no misionáriu rua mate. Ne'e akontese bainhira poder mamuk, molok governador foun to'o mai, no signifika katak “rebelde sira” haree ba dezorganizasaun ne'ebé eziste iha sorin portugés no sira hein, karik, hamrik jerál. Maibé, akontesimentu lao ba sorin kontráriu. Governador foun António Moniz de Macedo besik atum ai, no molok tuun iha Lifau hodi inaugura nia kargu, bá iha Larantuka no konsege larantukaoan no Francisco Hornay nia apoiu. Ne'e fó kedas naran boot ba nia no ekilibra fali balansa poder ba nia sorin, tanba momentu nia to'o iha Timór nia toma pose kedas ba nia kargu, simu fidelidade husi



Liurai foto Camenasa no nia Komitiva, 1910. Arkivu Istóriku Ultramarino.

A Rainha de Camenaça e sua Comitiva, 1910. Arquivo Histórico Ultramarino.

The Queen of Camenaça and her entourage, 1910. Arquivo Histórico Ultramarino.

82 “Documento Sarzedas” in Castro (1867), p. 203-204.

83 Thomaz (2001), p. 506.

84 Sá (1949).

mais marcantes, a destruição da igreja de Lifau e a morte de dois missionários. Isto ocorreu quando havia um vazio de poder, antes da chegada no novo governador, o que significa que os “rebeldes” contavam com a desorganização que existia do lado português e esperavam, provavelmente, um levantamento geral. Contudo, os acontecimentos sucederam-se no sentido oposto. Estava prestes a chegar o novo governador António Moniz de Macedo que, antes de desembarcar em Lifau para inaugurar o seu cargo, foi a Larantuka e conseguiu obter o apoio dos larantuqueiros e de Francisco Hornay. Isto granjeou-lhe de imediato grande prestígio e equilibrou novamente a balança de poder a seu favor, pois logo que chegou a Timor e tomou posse do seu cargo, recebeu a fidelidade de vários reis do “Serviço”, como descrevem os relatos da época: “Chegado a Lifau, foi recebido com grande gosto de todos, e em breves dias da posse do seu governo vieram render-se obedientes os cabos da província de Servião com todos aqueles reis e todos aqueles povos; estes juraram nas mãos de V. S. fidelidade para sempre”^[76].

É igualmente de realçar o facto de este conflito ter feito emergir na documentação portuguesa um termo – *caladi* – que marcava uma divisão identitária transversal dos timorenses, sendo utilizado para designar as populações das montanhas do interior que formava uma parte significativa dos “revoltosos”. A palavra, que provém do malaio *keladi* e que significa “inhame”, marcava por essa altura uma diferença importante com as populações da costa – que consumiam sobretudo arroz –, embora o termo viesse mais tarde a adquirir outras conotações, que se mantêm até aos nossos dias^[77].

Em 1727, depois do cerco ao “morro do Cailaco” e da rendição dos sitiados, os portugueses conseguiram uma momentânea acalmia. Como conta o próprio governador, no dia 1 de outubro desse ano “fez entrada nesta praça D. Matias da Costa, cabo maior de Camenaça, com todos os mais reis, cabeças, cabos e capitães que se haviam

⁷⁶ Carta de Gonçalo Magalhães de Meneses ao governador de Timor, dez. 1726, in Matos (1974), p. 381.

⁷⁷ Kamen (2010).

church of Lifau and the death of two missionaries. This occurred when there was an absence of authority before the arrival of the new Governor, which means that the “rebels” were counting on the disarray on the Portuguese side and probably expected a general uprising. However, the events unfolded in the opposite direction. The new Governor António Moniz de Macedo landed at Larantuka before disembarking in Lifau and managed to get the support from the Larantuqueiros and their leader Francisco Hornay. This immediately earned him great prestige and evened up again the balance of power on his favour, because as soon as he arrived to Timor and took charge of his office, several kings of the “Serviço” declared their allegiance to the Portuguese, as coeval sources say: “He arrived at Lifau and was received with great pleasure by all, and a few days after taking possession of his office, the chiefs of the province of Servião all came to pledge their obedience with all those kings, and all those people; they swore in the hands of Your Lordship fidelity forever”.^[76]

It is also important to highlight the fact that a word - *caladi* - emerged from this conflict in Portuguese documentation, signalling a major division in the identity of the Timorese, being used to designate the people from the mountains of the interior, who formed a significant part of the “insurgents”. The word, which comes from the Malay *keladi* meaning “yam”, marked at the time an important difference with the populations of the coast – that consumed mostly rice –, although the term would later acquire other connotations that persist up to the present day^[77].

In 1727, after the siege of the “Cailaco Hill” and the surrender of the besieged insurgents, the Portuguese were able to achieve a brief moment of peace. As the Governor reports, on October 1st that year “D. Matias da Costa, Corporal Major of Camenaça, came into this fort with all other kings, leaders, corporals and captains who had

⁷⁶ Letter from Gonçalo Magalhães de Meneses to the Governor of Timor, Dec. 1726, in Matos (1974), p. 381.

⁷⁷ Kammen (2010).



liurai “Serviaun” balun, hanesan hatudu relatu sira husi époka: “To’o iha Lifau, ema sim unia ho haksolok, no iha loron hirak nia laran hafoin tomada pose ba nia governu, kabu sira husi provínsia Serviaun mai rende obediensia hamutuk ho liurai no povu sira ne’ebá hotu; sira jura iha V. S. Nia liman fidelidade na nafatin”^[85].

Ita tenke hatudu mós katak konflitu ne’e hamosu iha dokumentsaun portugeza liafuan ida – *haladi* – ne’ebé marka divizaun identitária transversal entre timoroan, no uza hodi hatudu poplasaun husi fohó iha interior ne’ebé forma parte importante husi grupu “revoltozu”. Liafuan, mai husi malaiu *heladie* signifika “talas”, marka iha momentu ne’ebá diferença importante ho populasaun husi tasi-ibun – ne’ebé han barak liu mak etu –, maské tarde liu liafuan simu konotasaun seluk, ne’ebé hanesan to’o ohin loron^[86].

Reprezentasaun husi asaltu portugés, hetan apoiu husi grupu nativu timor-oan sira, ba fortaleza naturál husi fohó Kailaku, ne’ebé hetan hamrik hasoru nativu sira seluk lideradu husi uma Kamnase nian. Reproduzidu iha *A Planta de Cailaco: 1727*, husi Artur Basílio de Sá, 1949. Arkivu Istóriku Ultramarino.

Representação do assalto português, apoiado por grupos de nativos timorenses, à fortaleza natural do monte Cailaco, onde se encontravam insurgidos outros nativos liderados pela casa de Camnace. Reproduzida em *A Planta de Cailaco: 1727*, de Artur Basílio de Sá, 1949. Arquivo Histórico Ultramarino.

Representation of the Portuguese assault, supported by native Timorese groups, to the natural fortress of Mount Cailaco, where there were other native insurgents led by Camnace house. Reproduced *A Planta de Cailaco: 1727*, by Artur Basílio de Sá, 1949. Arquivo Histórico Ultramarino.

⁸⁵ Carta de Gonçalo Magalhães de Meneses ao governador de Timór, dez. 1726, in Matos (1974), p. 381.

⁸⁶ Kamen (2010).

levantado, conduzidos à minha presença para perdão, que me pareceu conceder-lhes em nome de el-rei nosso senhor [...], tudo para paz e quietação destas ilhas, que é o que sempre procurei”^[78]. Mas a paz, como se verá mais adiante, duraria pouco tempo.

Um dos fatores de instabilidade do governo português desta época envolvia as relações difíceis entre os governadores e os religiosos. A missão continuava entregue aos dominicanos, embora estivesse diminuída devido à dificuldade em obter novos pregadores para a missão e, sobretudo, à turbulência da ilha. O rei D. João V chegou a ordenar a sua substituição pelos jesuítas como forma de revigorar as missões católicas na região, mas a medida acabou por não ter efeito^[79]. Há notícias da criação, por ordem régia, de um seminário em Timor em 1738, mas pouco se sabe acerca da sua atividade^[80].

A partir dos finais do século XVII e até 1764, os bispos da diocese de Malaca – que formalmente abrangia Timor – residiram na ilha. A história das suas relações com os governadores portugueses não podia ser mais atribulada. O primeiro, D. fr. Manuel de Santo António (1697-1722), chegou a pedir ajuda militar aos topazes de Larantuka contra o governador português Manuel de Sottomayor, forçou-o a abandonar a ilha e acabou expulso pelo governador seguinte, António de Albuquerque Coelho. O último bispo morreu envenenado por um outro religioso, encerrando uma sucessão de guerras fratricidas que dividiu os portugueses e enfraqueceu consideravelmente o prestígio e a posição dos governadores.

Também não eram fáceis as relações com as comunidades topazes. Como se viu acima, existiu uma guerra aberta entre António Coelho Guerreiro e Domingos da Costa e, nas décadas seguintes, as relações entre os “portugueses brancos” e os “portugueses negros” continuaram muito instáveis, com paixões e alianças que se estabeleciam e

78 Carta do governador a D. Ventura da Costa dos remédios, régulo de Laleia. 2.10.1727, in Matos (1974), p. 392.

79 Carta de D. João V ao vice-rei da Índia, 22.3.1722, in Matos (1974), pp. 356-357.

80 Matos (1974), pp. 68-70.

revolted, were conducted to my presence asking for forgiveness, which I decided to concede them in the name of the King Our Lord [...], all on behalf of the peace and tranquillity of these islands, which is what I always looked for”^[78]. But the peace, as shall be seen below, would not last for long.

One of the causes of instability on the Portuguese government at the time involved the difficult relations between the Governors and the clerics. The mission was still under the responsibility of the Dominicans, although its importance had decreased due to the difficulty in obtaining new preachers for the mission and, especially, to the existing turmoil in the island. The King of Portugal John V has even decided to replace them by the Jesuits as a way to strengthen the Catholic missions in the region, but the measure turned out to have no effect^[79]. Some information points to the creation, by royal order, of a seminar in Timor in 1738, but little is known about its activity.^[80]

By the end of the 17th century and until 1764, the bishops of the Diocese of Melaka - that formally covered Timor - lived on the island. Their relations with the Portuguese Governors could not have been more troubled. The first, Friar Manuel de Santo António (1697-1722), asked the Topazes of Larantuka for help against the Portuguese Governor Manuel de Sottomayor, who forced him to leave the island; he was eventually expelled by the following Governor, António de Albuquerque Coelho. The last bishop died poisoned by other clerics, closing a succession of fratricidal wars that divided the Portuguese and considerably weakened the prestige and position of the Governors.

The relations with the Larantueiros were not easy either. As seen above, an open war between António Coelho Guerreiro and Domingos da Costa was declared,

78 Letter from the Governor to D. Ventura da Costa dos Remédios, ruler of Laleia. 2.10.1727, in Matos (1974), p. 392.

79 Letter from the King John V to the Viceroy of India, 22.3.1722, in Matos (1974), pp. 356-357.

80 Matos (1974), pp. 68-70.

Mapa husi exportasoens kontabilizadas husi alfândega Dili nian iha 1858, iha As Possessões Portuguezas na Oceania, de Afonso de Castro, 1867. Arkivu Rezisténsia Timorense.

Mapa das exportações contabilizadas pela alfândega de Díli em 1858, em As Possessões Portuguezas na Oceania, de Afonso de Castro, 1867. Arquivo da Resistência Timorense.

Map of exports accounted for by Dili customs in 1858, in *As Possessões Portuguezas na Oceania*, by Afonso de Castro, 1867. Arquivo da Resistência Timorense.

Mappa dos artigos exportados pela alfandega de Dilly no anno de 1858

	Rupias
48:816 Cates de cera	41:393,60
941:859 Cates de milho	26:920,57
566 Cates de couros	40,48
42:846 Cates de trigo	2:159,53
3 Cates de casca de tartaruga	15
6 Picos de arroz com casca	12
57 Cavallos	1:827
4:183 Cates de cebolas	230,60
30:883 Cates de batatas	968,83
26 Vaccas	600
413 Picos de sandalo	5:625,92
16:261 Cates de café	3:655,36
<hr/>	
Sommam os valores da exportação	<u>83:548,89</u>

N. B. O pico tem 100 cates ou 133 arrateis.

Iha tinan 1727, hafoin serku iha “foho Kailaku” no sitiadu sira rende, portugés konsegue momentu hakmatek uituan. Hanesan governador rasik konta, iha loron 1 fulan outubro tinan ida ne’ebá “tama iha prasa ne’e D. Matias da Costa, kabu maior husi Kamenasa, ho liurai sira seluk hotu, ulun, kabu no kapitaun ne’ebé hamrik, lori mai iha ha’u nia prezensa hodi husu perdaun, neebé ha’u fó tuir naran que el-rei nosu señor [...], hotu hodi halo dame no illa sira-ne’e bele hakmatektudo, tan ne’e mak ha’u sempre buka”^[87]. Maibé dame, hanesan ita atu haree, la naruk.

Fatór instabilidade ida ba governu portugés iha época ne’e envolve relasaun difisil entre governador no relijiozu sira. Misionasaun kontinua entrege ba dominikanu sira, maské menus tanba Susa atu hetan pregador foun ba misaun no, liuliu, tanba illa lahakmatek. Liurai D. João V ordena atu troka sira ho jezuita hanesan maneria ida hodi fortalese misaun katólika iha rejiaun, maibé medida ne’e la iha efeitu^[88]. Iha notísia balun kona-ba kriasaun, liuhusi orden réjia, semináriu ida iha Timór

⁸⁷ Carta do governador a D. Ventura da Costa dos remédios, régulo de Laileia, 2.10.1727, in Matos (1974), p. 392.

⁸⁸ Carta de D. João V ao vice-liurai da Índia, 22.3.1722, in Matos (1974), pp. 356-357.

desfaziam ao sabor das circunstâncias e das conjunturas políticas. Os larantueiros, cuja liderança continuava a pertencer aos clãs dos Costa e dos Hornay que se sucediam no comando, agiam de forma independente na captação e venda do sândalo para os mercados asiáticos ou para os holandeses de Batávia. Os governadores queixavam-se aos vice-reis de Goa que os holandeses estavam por detrás das revoltas e da turbulência promovida pelos larantueiros, nomeadamente por Domingos da Costa; mais precisamente, que este lhes fornecia sândalo, cera e escravos e que recebia em troca armas de fogo e munições, o que alimentava a guerra contra os portugueses. Este acordo tácito era geralmente levado a cabo usando os chineses de Kupang como intermediários, que utilizavam a sua rede de comércio e as suas ligações a Batávia e, daí, aos portos do sul da China, para pôr a funcionar toda uma estrutura mercantil concorrente do comércio oficial português entre Lifau e Macau^[81].

As dificuldades no financiamento do esforço de guerra e na manutenção das fortalezas e a escassez de soldados e abastecimentos vindos de Goa levava os governadores a depararem-se muitas vezes com uma situação de falta de recursos para exercer as suas funções, levando-os a fazer extorsões e a cometer abusos sobre os mercadores estrangeiros ou os timorenses. Uma das suas fontes principais de financiamento era a linha de comércio com Macau.

Tratava-se de uma “viagem” que deveria ser mutuamente vantajosa para os dois últimos focos da presença oficial portuguesa a oriente da Índia. Macau perdera há muito a função de porta de entrada exclusiva na China e os fabulosos lucros da “viagem de Japão” haviam desaparecido há décadas. Por outro lado, os imperadores da China haviam decretado o fim dos privilégios de Macau em relação a outros europeus e permitiam a todos o acesso a Cantão, em igualdade de circunstâncias. Sem forma de competir com os concorrentes comerciais mais poderosos, os mercadores de Macau encontraram na ligação a Timor uma alternativa de negócio que simultaneamente permitiria

so tension between the “White Portuguese” and the “Black Portuguese” extended in the following decades, with peace and alliances being established and broken according to circumstances and political opportunities. The Larantueiros, whose leadership continued to alternate between the Costa and the Hornay clans, purchased and sold sandalwood without constraints, supplying the Asian markets or the Dutch in Batavia. The Portuguese Governors complained to the Viceroys in Goa that the Dutch were behind the rebellions and the turmoil that was promoted by the Larantueiros, in particular by Domingos da Costa. More precisely, they accused him of supplying the Dutch with sandalwood, beeswax and slaves in exchange of firearms and ammunition, which resulted in the insurgency against the Portuguese. This tacit agreement was usually carried out using the Chinese of Kupang as intermediaries, who made use of their trading routes and connections to Batavia and, from there, to the city-ports of South China. They were able to run a whole commercial structure that was rival to the Portuguese official trading network between Lifau and Macao.^[81]

Deficient funding to the war efforts and the maintenance of the fortresses, as the permanent shortage of soldiers and supplies from Goa, in a global scenario of lack of resources to carry out their duties, paved the way to extortions and abuse over foreign merchants or the Timorese by the Governors. One of their main sources of money was the trading line with Macao.

The Macao-Lifau “voyage” should be mutually beneficial for the two last centres of the Portuguese empire East of India. Macao had lost the former function of exclusive gateway to China and the large profits obtained from the “voyage of Japan” had vanished for a long time. On the other hand, the emperors of China had ordered the end of the privileged status of Macao comparing to other Europeans, and allowed everyone to have access to Canton in equal circumstances. Unable to compete with more

81 Pinto (2014b), p. 153.

81 Pinto (2014b), p. 153.

iha 1738, maibé ita ladun hatene buat barak kona-ba nia atividade^[89].

Hahú iha sékulu XVII nia rohan no to'o iha tinan 1764, bispu sira iha diocese Malaka – ne'ebé formalmente inklui Timór – hela iha illa. Istória kona-ba sira-nia relasaun ho governadores portugéslabelle aat liu. Ida dahuluk, D. fr. Manuel de Santo António (1697-1722), husu ajuda militár ba topaz sira husi Larantuka kontra governador portugés Manuel de Sotomayor, obbriga nia sai husi illa no governador tuimai, António de Albuquerque Coelho, duni nia sai. Bispu ikus mate tanba religiozu ida seluk fó venenu ba nia, no taká funu maun-alin ne'ebé tuir malu no ne'ebé fahe portugés no hafraku governador sira-nia naran no pozisaun.

Relasaun ho komunidade topaz mós lafásil.hanesan ita haree iha leten, iha funu ida entre António Coelho Guerreiro no Domingos da Costa no, iha dékada sira tuirmai, relasaun entre “portugés mutin” no “portugés metan” kontinua la estável, ho dame no aliásane'ebé estabelese no hakotu tuir sirkunstánsia no situasaun política. Larantukaoan, ho lideransa ne'ebé pertense nafatin ba Costa no Hornay nia klā, ne'ebé troka malu de'it iha komandu, halo sira-nia asaun ho maneira independente hodi kaptano fa'an ai-kameli ba merkadu aziátiku ka ba olandés sira iha Batávia. Governador kesar ba vise-liurai iha Goa katak revolta no problema ne'ebé larantukaoan halo, olandés sira mak iha kotuk, liuliu Domingos da Costa; ida ne'e mak fó ai-kameli, sera no atan no simu arma fogu no munisaun, no ida ne'e ajuda funu kontra portugés sira. Jeralmente halo akordu sekretu ho xinés sira iha Kupang hanesan intermediáriu, ne'ebé uza rede komérsiu no sira-nia ligasaun ho Batávia no,husi ne'ebá, bá portu sira iha parte sul Xina nian, hodi hala'o estrutura merkantíl ida tomak ne'ebé konkorrente ba komérsiu ofisial portugés entre Lifau no Makau^[90].

Difikuldade iha finansiamentu funu no fortaleza sira-nia manutensaun no falta soldadu no abastesimentu ne'ebé

89 Matos (1974), p. 68-70.

90 Pinto (2014b), p. 153.

aos portugueses da ilha escoar o sândalo por um canal que não resultasse no favorecimento dos rivais holandeses.

Em 1678, o vice-rei da Índia havia entregado a Macau todo o comércio do sândalo, ordenando ao capitão de Timor António de Hornay que o canalizasse por esta via e que não o vendesse aos holandeses^[82]. A viagem era preparada em Macau pelos principais mercadores representados no Leal Senado, que competiam entre si pelos “bagues”, ou seja, pelas quotas de sândalo autorizado. Todos os anos vinha de Goa uma lista oficial (chamada “pauta”) com os nomes dos capitães dos navios macaenses autorizados a fazer a viagem.

Com a chegada do primeiro governador em 1702, passou a existir na prática uma dualidade política que dividia a presença portuguesa na ilha, mas também uma sobreposição de interesses económicos ligados à exportação de sândalo. Havia uma “viagem” oficial Macau-Lifau, mas simultaneamente existia uma multiplicidade de ligações comerciais, classificadas oficialmente como “contrabando”, que faziam concorrência a esta ligação.

O funcionamento deste sistema parecia não agradar a ninguém. Macau queixava-se de que os governadores de Timor impunham direitos alfandegários muito elevados, ou seja, o sândalo saía de Lifau a um preço muito alto e quando chegava a Macau era impossível vendê-lo com lucro nos mercados do Guangdong. E porquê? Porque as poderosas redes de mercadores chineses do Fujian (a que os portugueses costumavam chamar de *chinchéus*), que tinham uma importante comunidade em Kupang e em Batávia, adquiriam largas quantidades de sândalo aos “portugueses negros” de Timor e inundavam os mercados chineses a preços baixos. Por seu lado, os governadores de Timor eram incapazes de controlar os portos da ilha por onde este “contrabando” era feito em larga escala, e muito menos os laranqueiros que o executavam ou os reinos do interior de onde o sândalo provinha, e queixavam-se de que os navios de Macau também se abasteciam do mesmo

powerful commercial rivals, the merchant elite of Macao found in the connection with Timor an alternative business. At the same time, it would allow the Portuguese of the island to drain sandalwood through a channel that would not result in the benefit of the Dutch rivals.

In 1678, the Viceroy of India decided that trade on Timorese sandalwood should be diverted to Macao. He issued an order to the Captain-General of Timor, António de Hornay, commanding him to direct all the wood through this route and not to sell it to the Dutch.^[82] The voyage was prepared in Macao by the most important merchants represented in the Senate, who competed among themselves by the authorized quotas (“bagues”) of sandalwood. Every year came from Goa an official list (called “pauta”) with the names of the captains of the Macanese vessels authorized to make the journey.

With the arrival of the first Governor in 1702, it came to exist a double political power that divided the Portuguese presence in the island, but also an overlap of economic interests linked to the sandalwood trade. There was a Macao-Lifau “voyage”, but at the same time there was a multiplicity of parallel trade connections, officially classified as “contraband”, which competed with this connection.

The official system seemed not to please anyone. Macao complained that the Governors of Timor imposed very high tax customs, i.e. the sandalwood left Lifau at a high cost and when it arrived at Macau it was impossible to sell it in the markets of Guangdong with profit. And why did it happen? Because the powerful Chinese networks Fujianese merchants (whom the Portuguese used to call *chinchéus*), who had an important community in Kupang and in Batavia, purchased large quantities of sandalwood to the “Black Portuguese” in Timor and flooded the Chinese markets with it at low prices. On the other hand, the Governors of Timor were unable to control the ports of the island where this “contraband” was done at

82 Carta do vice-rei da Índia a António de Hornay, 7.5.1678, in Morais (1934), p. 36.

82 Letter from the Viceroy of India to António de Hornay, 7.5.1678, in Morais (1934), p. 36.

mai husi Goa lori governador sira hasoru dala barak situasaun falta rekursus hodi hala'o sira-nia funsaun, no halo sira hahú estorsaun no halo abuzu ba merkador estranjeiru ka timoroan. Fonte prinsipál ida finansiamen-tu nian mak liña komérsiu ho Makau.

“Viajen” ne’e tenke lori vantajen ba foku rua ikus husi prezensa ofisial portugeza iha oriente Índia nian. Makau lakon kleur ona nia funsaun hanesan odamatan tama ne’ebé eskluziva ba Xina no lukru makaas husi “viajen Japaun nian” lakon tiha ona iha dékada ida kotuk liuba. Husi sorin seluk, imperador Xina nian dekreta hapara priviléjiu ba Makau haree ba europeu sira seluk no sira permite asesu ba Kantaun, ho igualdade situasaun. Tanba laiha maneira hodi kompete ho konkorrente komersial poderozu liu, merkador sira husi Makau hetan iha ligasaun ho Timór alternativa negósiu ne’ebé permite ba portugés sira husi illa hasai ai-kameli liuhusi kanal ida ne’ebé la fó benefísiu ba nia rivál olandés.

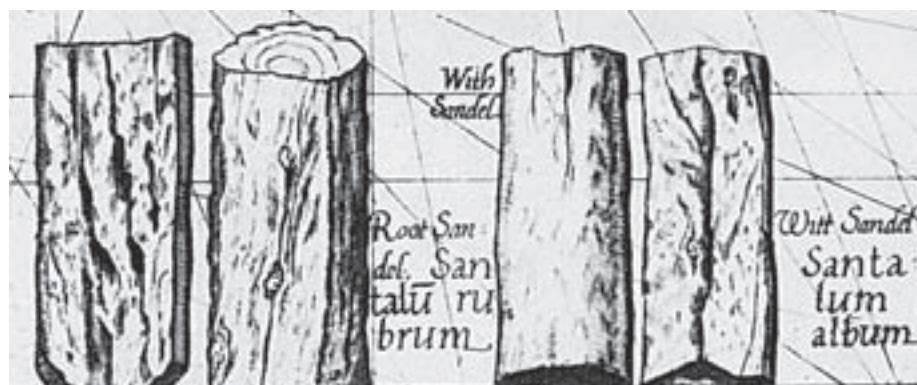
Iha tinan 1678, vise-liurai Índia entrega tiha ba Makau komérsiu tomak ai-kameli nian, ordena ba kapitaun iha Timór António de Hornay atu kanaliza liuhusi dalan ida ne’e no atu la faan ba olandés sira^[91]. Merkador prinsipal ne’ebé representa iha Leal Senadu mak prepara viajen ne’e iha Makau, sira kompete “bague sira” entre sira rasik, ka, kota ai-kameli ne’ebé autorizadu. Tinan-tinan mai husi Goa lista ofisial ida (naran “pauta”) ho kapitaun naviu makauoan, ne’ebé iha autorizasaun hodi halo via-jen, sira-nia naran.

Bainhira governador dahuluk too iha tinan 1702, iha prática hahú dualidade política ne’ebé fahe portugé si-ra-nia prezensa iha illa, maibé mós interesse ekonómiku sira hanesan ne’ebé liga ba esportasaun ai-kameli. Iha “viajen” ida ofisial Makau-Lifau, maibé iha mós ligasaun komersiál oioin, ne’ebé ho klasifikasiun ofisiál “kontrabandu”, ne’ebé halo konkorrénsia ba ligasaun ne’e.

⁹¹ Carta do vice-liurai da Índia a António de Hornay, 7.5.1678, in Morais (1934), p. 36.

sândalo de “contrabando” e que alimentavam os inimigos holandeses fazendo trocas comerciais em Batávia^[83]. Calcula-se que apenas 20 a 25% do sândalo exportado por Timor seguisse para Macau, e que a maior parte fosse destinado a Batávia, de onde seguia para a China. Seja como for, o comércio do sândalo estava em declínio, devido à exaustão das áreas onde crescia após séculos de exploração descontrolada.

a large scale. They were even less able to control the Larantuqueiros who executed it or the Timorese kingdoms of the interior where the sandalwood came from, so they complained that the vessels from Macao also purchased the same “smuggling” wood, feeding the Dutch by selling it in Batavia. It is estimated that only 20 to 25% of the sandalwood exported by Timor took its way to Macao, and that the largest share was destined to Batavia^[83], from where it went to China. In any case, the trade of sandalwood was declining, due to the exhaustion of the areas where it grew after centuries of uncontrolled logging.



Desenho ai-kameli mean no ai-kameli mutin, mais hosei rai Timor, iha mapa Bartolomeu Lasso (1592 – 1594). *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. IV.

Desenho do sândalo vermelho e do sândalo branco, trazidos de Timor, num mapa de Bartolomeu Lasso (1592-1594). *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Dir. Armando Cortesão, Lisboa, 1960, vol. IV.

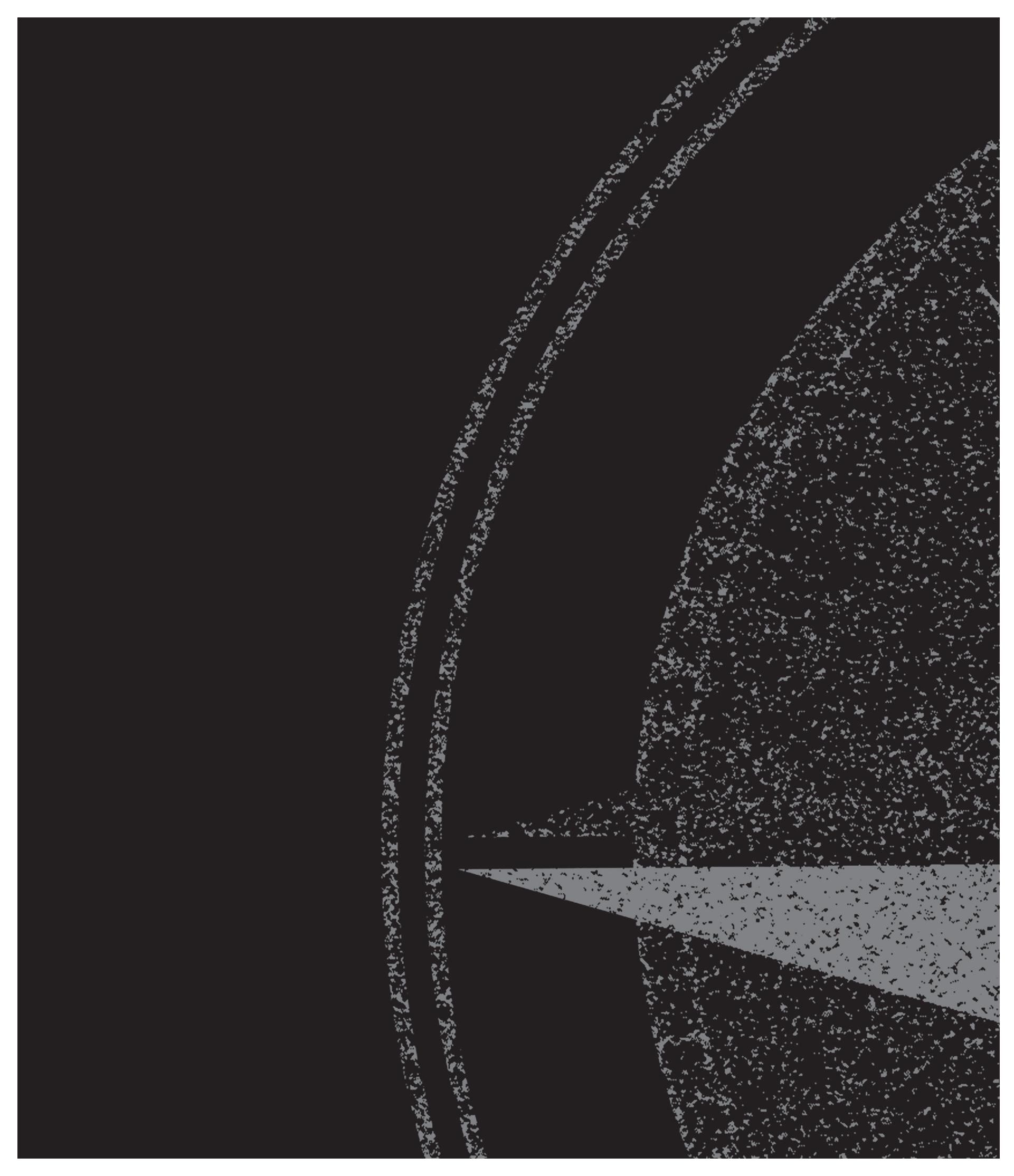
Drawing of red and white sandalwood, brought from Timor, in a map of Bartolomeu Lasso (1592-1594). *Portugaliae Monumenta Cartographica*, Armando Cortesão (Org.), Lisboa, 1960, vol. IV.

⁸³ Pinto (2014b), pp. 154-157.

⁸³ Pinto (2014b), pp. 154-157.

Sistema ida-ne'e nia lala'ok ema hotu la gosta. Makau kesar tanba governador sira iha Timór obriga selu direitu alfandegáriu aas loos, signifika katak, ai-kameli sai husi Lifau ho folin aas tebe-tebes no bainhira to'o iha Makau labele faan ona no Manan lukru iha merkadu Guangdong. Tanba saida? Tanba rede poderoza ho merkadór xinés husi Fujian (ne'eb'e portugés sira bolu *xinxéu sira*), iha komunidade importante iha Kupang no iha Batávia, sosa kuantidade ai-kameli barak ba "portugés metan" iha Timór no halo merkadu xinés nakonu ho folin baratu. Governador sira mós la konsege kontrola portu sira ne'ebé halo "kontrabandu" ne'e iha eskala boot, no menus liu larantukaoan ne'ebé ezekuta ka reinu sira iha interior, fatin husi ne'ebé ai-kameli mai, no sira kesar katak naviu husi Makau mós halo abastesimentu ho ai-kameli "kontrabandu" nian no alimента inimigu olan-dés sira bainhira halo troka komersiál iha Batávia [92]. ita bele kalkula katak 20 to'o 25% de'it husi ai-kameli ne'ebé esporta liuhusi Timór mak bá Makau, no maioria bá Batávia, no husi ne'ebá bá fali Xina. Komérsiu si-kameli komesa tuun, nia fatin moris esgotadu tanba nia buras sékulu ba sékulu liuhusi esplorasaun la kontrolada.

92 Pinto (2014b), pp. 154-157.



9

Iha Díli
Em Díli
In Dili

EM 1781, O HOLANDES Willem van Hogendorp descreveu Timor e afirmou que a ilha estava dividida em quatro regiões principais, embora o panorama político fosse confuso e as fronteiras, pouco claras: a primeira era controlada pelos holandeses e tinha a sua sede em Kupang; a segunda tinha o seu centro na região de Oecussi, era dominada pelos “portugueses negros” sob o comando de “um tal Hornay” e era aí visível a ação dos missionários, que batizavam as crianças e instruíam os fiéis no catolicismo; a terceira era o “distrito dos portugueses brancos ou europeus” centrado na região de Díli e dos reis vizinhos “aliados dos portugueses”. Por fim, a maior parte da ilha, o “distrito independente dos europeus”, era o país “Belo” formado por inúmeros pequenos reinos; uns favoreciam o comércio com os holandeses e outros, com os portugueses, e tomavam o partido de uns ou de outros conforme as ocasiões^[84].

O cenário descrito pelo administrador colonial holandês faz eco de uma diferença importante em relação a descrições de épocas anteriores: havia agora dois centros “portugueses” na ilha perfeitamente distintos, um controlado pelos “portugueses negros” em Lifau e outro com capital em Díli, onde residia o governador. Este quadro emergia após a mudança do governador português para esta última localidade em 1769, no rescaldo de uma fase particularmente difícil e turbulenta iniciada com a derrota dos larantueiros na batalha de Penfui, duas décadas antes.

Ao longo de quase um século, a presença holandesa estivera praticamente acantonada em Kupang, onde a Companhia geria as relações com os “cinco reinos aliados” que lhe garantiam apoio e segurança: Helong (junto a Kupang), Sonbai, Amabi, Amfoan e Taebenu^[85]. Esta limitação territorial ficara a dever-se, no essencial, a dois fatores: a presença dominante e hostil dos topazes era um obstáculo difícil de ultrapassar e a VOC, enquanto companhia de comércio, não tinha como prioridade estender a sua soberania ou alargar o seu controle sobre novos

84 Hogendorp (1810), pp. 278-280.

85 Hägerdal (2012), pp. 199-209.

IN 1781, THE DUTCH Willem van Hogendorp described Timor and said that the island was divided into four main regions, although the political view was confused and the borders, unclear: the first was controlled by the Dutch and had its headquarters in Kupang; the second had its centre in the region of Oecussi, and was under the domain of the “Black Portuguese” led by “a certain Hornay”, where was visible the work of the missionaries who baptised children and preached the Catholic faith; the third was the “district of the White or European Portuguese” centred in the region of Dili, and the neighbouring kings “allies of the Portuguese”. Finally, the “district independent from the Europeans”, forming the greater part of the island, was the “Country of Belo” consisting of countless small kingdoms; some favoured the trade with the Dutch and others, with the Portuguese, and they sided with one or the other according to the occasions.^[84]

The scenario described by the colonial Dutch administrator echoes an important difference from previous descriptions: there were now two “Portuguese” perfectly distinct centres in the island, one controlled by the “Black Portuguese” in Lifau and another with the capital in Dili, where the Governor lived. This picture emerged after the moving of the Portuguese Governor into this last location in 1769, in the aftermath of a particularly difficult and turbulent phase that had begun with the defeat of the Larantueiros in the Battle of Penfui, two decades earlier.

For nearly a century, the Dutch presence remained virtually quartered in Kupang, where the Company managed the relations with the “five allied kingdoms” that provided support and security: Helong (near Kupang), Sonbai, Amabi, Amfoan and Taebenu^[85]. This territorial restriction was due, essentially, to two aspects: the dominant and hostile presence of the Topazes was a rather difficult obstacle to overcome and the VOC, while a

84 Hogendorp (1810), pp. 278-280.

85 Hägerdal (2012), pp. 199-209.

IHA TINAN 1781, OLANDÉS Willem van Hogendorp halo deskrisaun kona-ba Timór no hatete katak illa ne'e fahe ba rejiaun haat prinsipál, maské panorama político konfuzu no fronteira laklaru: ida dahuluk olandes sira mak kontrola no nia sede iha Kupang; daruak ho nia sentru iha rejiaun Oekusi, no “portugés metan sira” mak domina liuhusi komandu husi “Hornay” no iha ne'ebá ita bele haree misionáriu nia asaun, sarani labarik no hanorin ema kona-ba katolismu; datoluk mak “portugés mutin ka europeu nia distritu” ne'ebé sentradu iha Díli no liurai viziñu “portugés sira-nia aliadu”. Ikus liu, illa nia parte boot liu, “distritu independente husi europeu sira”, mak NASAUN “Belo” ne'ebé inklui reinu sira kiik barak; balun di'ak ba komérsiu ho olandés sira no balun seluk, ho portugés sira, no sira fó apoiu ba ida k aba ida seluk konforme situasaun^[93].

Imajen ne'ebé administrador kolonial olandés deskreve hatudu diferença importante kona-ba deskrisaun husi époka molok ida ne'e: agora iha sentru “portugés” rua iha illa ne'ebé lahanesan, ida ne'ebé “portugés metan” kontrola iha Lifau no ida seluk iha kapital Díli, fatin ne'ebé governador hela. Kuadru ida-ne'e mosu hafoin troka governador portugés ba fatin ikus ne'e iha tinan 1769, iha reskaldu faze difísil loos no lahakmatek hahú bainhira larantukaoan lakon iha batalla Penfui nian, dekada rua molok ne'e.

Durante besik sékulu ida nia laran, prezensa olandeza pára iha Kupang, fatin iha ne'ebé Kompañia jere relasaun ho “reinu aliadu lima” ne'ebé garante apoiu no seguransa: Helong (besik Kupang), Sonbai, Amabi, Amfoan no Taebenu^[94]. Limitasaun territorial ne'e mai, liuliu, husi faktor rua: topaz nia prezensa dominante no ostil mak obstáculo difísil atu liu no VOC, nu'udar kompañia komérsiu nian, nia prioridade la'os atu aumenta nia soberania ka haluan nia kontrolu iha territóriu foun. Ba olandés sira, basta garante fortaleza nia seguransa, halo kontrolu estratéjiku iha porto Kupang kona-ba ligasaun



Bikan “Timor” (Petrus Regout & Co, Maastricht, Olanda)
Prato “Timor” (Petrus Regout & Co, Maastricht, Holanda)
“Timor” plate (Petrus Regout & Co, Maastricht, Holland)

93 Hogendorp (1810), pp. 278-280.

94 Hägerdal (2012), pp. 199-209.

territórios. Para os holandeses, bastava-lhes garantir a segurança da fortaleza, controlar estrategicamente o porto de Kupang nas ligações com Batávia e com os seus domínios em Banda e nas Molucas e garantir o fluxo de sândalo no interior das suas redes de comércio. Existia naturalmente uma rivalidade com os portugueses, pelo que as autoridades holandesas, ou seja, o *opperhoofd* ou governador de Kupang, não perdiam uma ocasião para promover a instabilidade, apoiar revoltas e minar a posição portuguesa perante os reinos de Timor. Mas apesar do estado de guerra quase endémica, o confronto direto com os representantes da coroa de Portugal era evitado, criara-se um *modus vivendi* de coexistência entre as duas partes e vigorava um equilíbrio precário entre as várias forças que se confrontavam no palco timorense.

Do lado dos governadores portugueses, a perspetiva não era muito diferente. Na maior parte do tempo, as ações imprevisíveis dos topazes e a forma como os líderes desafiavam a sua autoridade constituíam uma ameaça bem mais preocupante do que os atos dos adversários holandeses. Os governadores haviam incorporado a liderança dos larantuqueiros na sua hierarquia oficial, tendo atribuído o posto de “tenente-geral” a Domigos da Costa, em 1708. Não fora apenas um modo de reconhecer o seu poder, mas também uma forma de tentar controlar iniciativas militares que colocassem em risco o equilíbrio instável da ilha [86].

Na década de 1740, esse equilíbrio rompeu-se quando Gaspar da Costa, tenente-geral e líder dos topazes de Timor – e provavelmente filho de Domingos da Costa –, se envolveu no conflito que opunha os holandeses aos reis da ilha de Rote. Esta interferência acabou por arrastá-lo para uma série de incursões militares em diversos reinos de Timor ocidental, cujos chefes procuraram ajuda em Kupang e colocaram-se sob proteção holandesa. Em 1749, uma larga força militar composta por milhares de topazes e os seus aliados timorense, sob comando de Gaspar da Costa, ameaçou diretamente Kupang, assentando arraiais em Penfui, numa colina a leste da cidade.

86 Andaya (2010), pp. 410-411.

trading company, did not have a priority to expand its sovereignty or extend control over new territories. For the Dutch, it was enough to ensure the safety of the fortress, to strategically control the port of Kupang and the connections with Batavia, Banda and the Moluccas and to ensure the flow of sandalwood within their trading network. The rivalry with the Portuguese was obviously present and the Dutch authorities, i.e. the *Opperhoofd* or Governor of Kupang, did not miss an opportunity to promote instability, support uprisings or undermine the Portuguese position towards the Timorese kingdoms. But, in spite of the almost endemic state of war, direct confrontation with the representatives of the Crown of Portugal was avoided; there was a *modus vivendi* of coexistence between the two parties and a precarious balance among the several forces confronting in the Timorese stage prevailed.

On the side of the Portuguese Governors, the perspective was not much different. Most of the time, the unpredictable actions of the Topazes and the way their leaders defied their authority constituted a threat far more worrying than the actions of the Dutch opponents. The Governors had incorporated the leadership of the Larantuqueiros in their official hierarchy, having assigned the post of “Lieutenant-General” to Domingos da Costa, in 1708. It was not just a way to recognize his power, but also a mode trying to control military initiatives that could put the unstable balance of the island at risk. [86]

In the 1740s, this balance was broken when Gaspar da Costa, Lieutenant-General and leader of the Topazes of Timor - and probably son of Domingos da Costa -, got involved in the conflict that opposed the Dutch to the kings of the island of Rote. This interference dragged him to a series of military incursions into several kingdoms of West Timor, whose leaders sought for help in Kupang where they placed under the Dutch protection. In 1749, a large military force consisting of thousands of Topazes and their Timorese allies, under the command of Gaspar

86 Andaya (2010), pp. 410-411.

ba Batávia no ho nia domíniu sira iha Banda no iha Molukas no garante fluksu ai-kameli iha ninia rede komérsiu nia laran. Klaru, iha rivalidade ida ho portugés sira, tanba ne'e mak autoridade olandeza, *opperhoofd* ka governador iha Kupang, la lakon okaziaun ida hodi promova instabilidade, fó apoiu ba revolta no estraga posisaun portugeza iha reinu timoroan sira. Maibé, maské estadu funu kuaze permanente, sira evita hasoru malu diretamente ho representante koroa Portugál, sira kria maneira moris ida hodi parte rua moris hamutuk no iha ekilíbriu fraku entre forsa oioin ne'ebé hasoru malu iha palku timoroan.

Husi governador portugés sira-nia parte, perspetiva atu hanesan. Durante tempu barak nia laran, topz sira-nia asaun imprevizível no maneira oinsá líder sira desafia autoridademak ameasa ne'ebé preokupa liu duké adversáriu olandés nia asaun sira. Governador sira inklui larantuoan nia liderança iha ierarkia ofisial, no fó pos tu “tenente-jeral” ba Domigos da Costa, iha tinan 1708. Hanesan maneira hodi rekoñese nia poder, maibé mós maneira ida hodi kontrola inisiativa militár ne'ebé risku ba ekilíbriu instável illa nian^[95].

Iha dékada 1740, ekilíbriu kotu bainhira Gaspar da Costa, tenente-jeral no topaz nia iha Timór – no karik oan husi Domingos da Costa –, envolve an iha konflitu husi olandés kontra liurai sira iha illa Rote. Interferênsia ne'e lori nia ba inkursaun militár balun iha reinu oioin iha Timór osidental, no xefe husi reinu sira-ne'e buka ajuda iha Kupang no husu protesaun olandeza. Iha tinan 1749, forsa militar boot ida ne'ebé inklui topaz rihun ba rihun no nia aliadu timoroan sira, tuir komandu husi Gaspar da Costa, ameasa diretamente Kupang, no ba pára iha Penfui, iha sidade nia parte leste. Olandés sira halibur ezér situ ida ho *mardijkers*, elementu sira husi Solor, Roti no Sawu no forsa ho aliadu timoroan, hautuk sira halo “portugés sira” hasoru derrota todan ida, iha lorona 9 fulan novemburu. Maské iha versaun oioin kona-ba eventu, ita hatene katak Gaspar da Costa nia aliadu barak abandona kampu

95 Andaya (2010), pp. 410-411.

Os holandeses reuniram então um exército composto por *mardijkers*, elementos de Solor, Roti e Sawu e forças de aliados timorenses e infligiram aos “portugueses” uma pesada derrota, no dia 9 de novembro. Embora existam versões diferentes dos eventos, sabe-se que vários aliados de Gaspar da Costa abandonaram o campo de batalha e que o próprio ali perdeu a vida, juntamente com quatro reis timorenses^[87]. Não se sabe, contudo, a razão por que o governador português Manuel Correia de Lacerda não interveio e permaneceu à margem do conflito; talvez não se tenha apercebido da gravidade da situação ou, quem sabe, tenha medido mal as consequências que uma derrota acarretaria para os portugueses.

A batalha de Penfui teve profundos efeitos no reordenamento político de Timor. A vitória holandesa permitiu à VOC readquirir um notável capital de prestígio junto dos reis timorenses da parte ocidental da ilha, levando muitos dos que até então haviam estado sob influência direta dos portugueses a passar para a esfera adversária. Simultaneamente, os governadores de Kupang aproveitaram a retirada dos “portugueses negros” para fazer incursões militares com o mesmo objetivo e efeito. A batalha marcou o início do processo de declínio da superioridade militar dos larantueiros e da sua proeminência enquanto poder decisor no cenário político timorense, tendência que se acentuou ao longo do século seguinte e que acabaria por consumar a integração destes grupos nas sociedades locais e a sua fusão nas linhagens reais da ilha^[88].

Em 1751, o novo governador português, Manuel de Figueiredo Sarmento, escrevia ao vice-rei da Índia o seguinte:

“Cheguei a esta praça [de Lifau] a 26 de abril [...]. Poucos dias antes da minha chegada, veio notícia a esta praça que os holandeses tinham mandado vir para Kupang 4 mil homens da ilha de Rote e Sawu, para com eles socorrer o imperador Sonbai e os mais que, por ocasião do levantamento que fizeram contra Gaspar da Costa, se acham

da Costa, threatened Kupang directly, setting camps at Penfui, on a hill to the east of the city. The Dutch then assembled an army formed by *mardijkers*, elements from Solor, Roti and Sawu and forces from Timorese allied kingdoms and inflicted a heavy defeat to the “Black Portuguese”, on November 9th. Although there are different versions of the events, it is known that several allies of Gaspar da Costa have abandoned the field of battle and that he lost his life on the battlefield, together with four Timorese kings.^[87] However, we do not know the reason why the Portuguese Governor Manuel Correia de Lacerda did not intervene and stayed on the side lines of the conflict; perhaps he did not realize the seriousness of the situation or, who knows, he did evaluate poorly the consequences that a defeat would bring to the Portuguese.

The battle of Penfui had profound effects on political reordering of Timor. The Dutch victory allowed the VOC to reacquire an important capital of prestige among the Timorese kings on the western part of the island. Many of them, then under the direct influence of the Portuguese, changed sides. Simultaneously, the authorities of Kupang took advantage of the defeat of the “Black Portuguese” and made military incursions with the same purpose and effect. The battle was a landmark in the decline of the military superiority of the Larantueiros and their prominence as power makers in the Timorese political scenario, a tendency that increased over the following century and that would consummate the integration of these groups into local societies and their merge in the royal lineages of Timor.^[88]

In 1751, the new Portuguese Governor, Manuel Figueiredo Sarmento, wrote the following statement to the Viceroy of India:

“I came to this fortress [of Lifau] on April 26th [...]. A few days before my arrival, came to this fort information on how the Dutch transferred to Kupang four thousand men from the islands of Rote and Sawu, to help the Sonbai

87 Hägerdal (2012), pp. 364-367; Thomaz (2001), pp. 514-515.

88 Lobato (2014b), p. 200.

87 Hägerdal (2012), pp. 364-367; Thomaz (2001), pp. 514-515.

88 Lobato (2014b), p. 200.

batalla no nia rasik mate iha ne'ebá, hamutuk ho liurai timoroan na'in haat^[96]. Maibé, ita lahatene tanba saída mak governador portugés Manuel Correia de Lacerda la intervén no nia la partisipa iha konflitu; karik nia la komprende kona-ba situasaun nia gravidade ka, sé mak hatene, la sukat didiak konsekuénsia husi derrota ida ba portugés sira.

Batalla Penfui nia efeitu klean iha reordenamentu polítku Timór nian. Vitória olandeza permite katak VOC bele hetan fila-fali naran boot besik liurais timoroan sira iha parte osidental illa nian, no halo balun ne'ebé to'o iha momentu ne'e ho influénsia direta husi portugés sira muda fali ba parte adversáriu nian. Iha tempu hanesan, governador sira iha Kupang aproveita "portugés metan" nia retirada hodi halo inkursaun militár ho objetivu no efeitu ne'ebé hanesan. Batalla ne'e marka hahú husi prosesu hamenus larantukaoan nia superioridade militár no sira-nia importânsia nu'udar poder ne'ebé foti desizaun iha senáriu polítku timoroan, no tendénsia ne'e aumenta iha sékulu tuirmai nia laran no remata ho grupu sira-ne'e nia integrasaun iha sosiedade lokál no nia fuzaun ho liñajen real illa nian^[97].

Iha tinan 1751, governadór portugés foun, Manuel de Figueiredo Sarmento, hakerek ba vise-liurai Índia nia liafuan tuirmai:

"ha'u to'o iha praza ne'e [Lifau] iha loron 26 fulan abril [...]. Loron balun molok ha'u to'o, mai notísia ida dehan katak olandés sira haruka mai Kupang mane na'in rihun 4 husi illa Rote no Sawu, hodi ajuda imperador Sonbai no sira seluk ne'ebé, bainhira hamrik kontra Gaspar da Costa, agora refuijadu iha Kupang atu hamutuk ho sira remata sobu povoasaun balun ne'ebé sei nafatin halo tuir obe-diénsia real no, hamate sira, no mai iha prasa ne'e"^[98].



Maubara. Fotografia Fundação Mário Soares.

Maubara. Fotografia Fundação Mário Soares.

Maubara. Photo Fundação Mário Soares.

⁹⁶ Hägerdal (2012), pp. 364-367; Thomaz (2001), p. 514-515.

⁹⁷ Lobato (2014b), p. 200.

⁹⁸ Carta do governador de Timór ao vice-liurai da Índia, 13.6.1751, in Matos (1974), p. 416.

refugiados em Kupang para junto com eles vir acabar de destruir algumas povoações que ainda hoje se conservam na obediência real e, acabando com elas, passar a escalar esta praça”^[89].

A carta dá ainda conta da pressão diplomática a que as autoridades de Kupang sujeitavam os vários reinos timorense que eram aliados tradicionais dos portugueses (o de Suai, por exemplo), fazendo ofertas e entregando presentes no sentido de levá-los a jurar fidelidade à Companhia. O governador português tentara agir no sentido oposto, mas a conjuntura era-lhe claramente desfavorável. Nos anos seguintes, a VOC conseguiu estender, de forma irreversível, a sua posição de proeminência na parte ocidental de Timor em detrimento dos portugueses. Em 1759, Sonbai e Amacono, os dois reinos mais influentes do “Serviço”, converteram-se ao calvinismo e boa parte dos reis da região passaram a adotar nomes holandeses^[90]. Mais preocupante era o risco de a influência da Companhia holandesa se alargar igualmente à metade oriental de Timor (ou seja, o “país dos Belos”), onde era praticamente inexistente até esta época; a construção de um forte em Maubara, em 1756, foi um sinal inequívoco de que estava em marcha um processo de expansão por toda a ilha.

Com o “partido português” em clara regressão e com o governo de Lifau à beira do colapso (sofreu, entre outras vicissitudes, um cerco às mãos dos topazes de Francisco Hornay), o novo governador António Teles de Meneses decidiu, logo que chegou a Timor, transferir a capital para uma região mais favorável – ou seja, mais perto do “país dos Belos”. A 11 de agosto de 1769, depois de demolir o que restava da fortaleza, fez embarcar a artilharia e as 1200 pessoas que estavam sob a sua proteção no navio e nos 19 barcos pequenos de que dispunha, incendiou o que restava e no dia seguinte fez-se à vela. O destino escolhido

emperor and others who took refuge in Kupang, on the occasion of the upraise against Gaspar da Costa; they all intend to come out and destroy some of the villages that are still under Royal obedience, and after destroying them, to move on and climb this fort”.^[89]

The letter also reports the diplomatic pressure put by the authorities of Kupang to several Timorese kingdoms who were traditional allies of the Portuguese (like Suai), making offerings and delivering gifts to bring them to vow allegiance to the Company. The Portuguese Governor tried to act in the opposite direction, but the odds were clearly against him. In the following years, the VOC managed to extend, in an irreversible way, its position of prominence in the western part of Timor to the detriment of the Portuguese. In 1759, Sonbai and Amacono, the two more influential kingdoms of the “Country of Servião” converted to Calvinism and most kings of the region adopted Dutch names^[90]. More worrying to the Portuguese was the risk of expansion of the Dutch influence to the eastern part of Timor (say, the “Country of Belo”) where it was virtually non-existent until this period. The erection of a Fort in Maubara, in 1756, was a clear sign that a process of expansion was in motion.

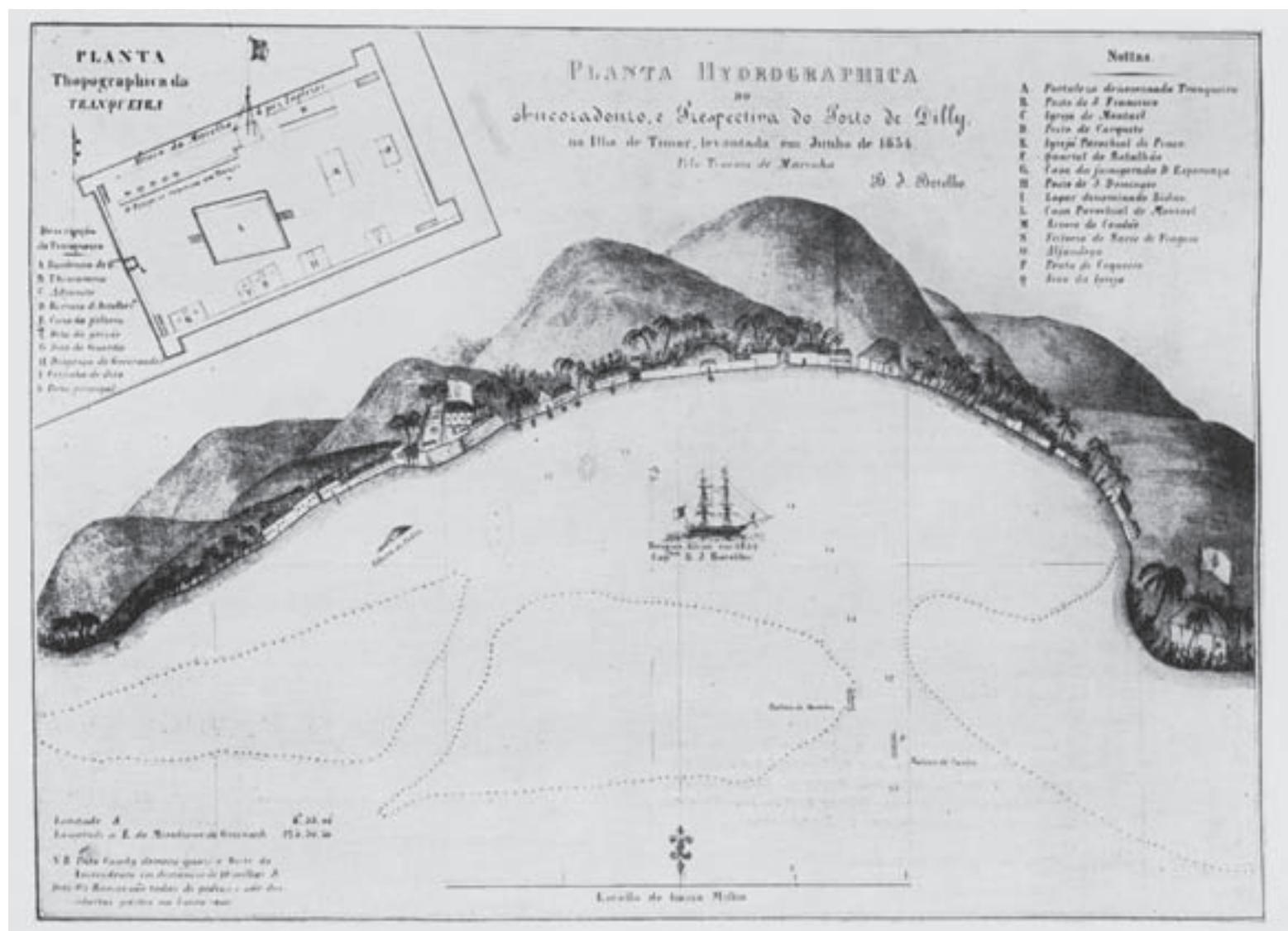
At this time, the “Portuguese party” was in clear regression and the government of Lifau came to be on the verge of collapse (it suffered, among other events, a siege from the Topazes of Francisco Hornay), so the new Governor António Teles de Meneses decided, as soon as he arrived in Timor, to move the capital to a region more favourable – i.e., closer to the “Country of Belo”. On August 11th 1769, after demolishing the remains of the fortress, he embarked the artillery and the 1200 people who were under his protection in the ship and 19 smaller boats at his disposal, issued orders to burn what was left and sailed out the next morning. The chosen destination

89 Carta do governador de Timor ao vice-rei da Índia, 13.6.1751, in Matos (1974), p. 416.

90 Thomaz (2001), p. 515.

89 Letter from the Governor of Timor to the Viceroy of India, 13.6.1751, in Matos (1974), p. 416.

90 Thomaz (2001), p. 515.



Surat ne'e hatudu presaun diplomátika ne'ebé autoridade Kupang halo ba reinu timoroan oioin ne'ebá aliadu tradiisionál husi portugés sira (ida Suai, porezemplu), halo oferta no fó presente ba sira hodi halo sira jura fidelidade ba Kompañia. Governador portugés koko halo asaun ba sorin kontráriu, maibé sirkunstánsia la favorável. Durante tinan hirak tuirmai, a VOC konsegue aumenta, ho maneira irreversível, nia pozisaun soberania iha parte osidental Timór nian la haree ba portugés sira. Iha tinan 1759, Sonbai no Amakono, reinu rua ne'ebé importante liu iha “Serviāun”, konverte an ba kalvinismo no liurai barak husi rejiaun hahú uza naran olandés^[99]. Buat ne'ebé preokupa liu mak risku katak Kompañia olandeza

^[99] Thomaz (2001), p. 515.

Planta idrográfica baía Dili nian, 1834. Arkivu Istóriku Militar.

Planta hidrográfica da baía de Dili, 1834. Arquivo Histórico Militar.

Hydrographic plant of the Dili Bay, 1834. Arquivo Histórico Militar.

foi Díli, onde chegou a 10 de outubro [91]. Os portugueses possuíam aqui um forte, que se localizava no reino de Motael. O rei, D. Alexandre Pereira, acolheu de bom grado os recém-chegados e forneceu-lhes todos os recursos necessários para a construção da nova capital.

Díli dispunha de um bom porto, abrigado dos ventos, e a região circundante era propícia ao cultivo de arroz, o que garantia boas condições para suportar um aumento de população. Devido à sua insalubridade, porém, vários governadores vieram mais tarde a sugerir uma nova mudança de capital, mas essa hipótese nunca se concretizou. Com a transferência da sede do poder português, começou assim a desenhar-se um novo quadro no equilíbrio político de Timor. Doravante, a influência portuguesa iria exercer-se sobre a metade oriental da ilha. Pouco depois da fundação de Díli, boa parte dos reis do “país dos Belos” declararam a sua fidelidade ao rei de Portugal. Ao contrário de Lifau, onde os governadores haviam sido obrigados a contemporizar com o poder sempre ameaçador dos larantueiros, na nova capital era possível estabelecer uma rede de relações diplomáticas diretas com os reinos timorenses.

Este novo cenário não significa, porém, que essas relações decorressem sem contrariedades ou revoltas. Uma das mais importantes deflagrou em 1779 e envolveu o reino de Luca, arrastando-se durante uma década. Ficou conhecida pelos portugueses como a “guerra dos doidos”, devido ao facto de um dos instigadores da revolta se ter rodeado de um ceremonial mágico-simbólico que lhe conferia uma alegada invulnerabilidade às armas portuguesas^[92]. Outro episódio ocorreu cerca de uma década mais tarde e foi desencadeado pelo conflito entre o governador, Feliciano António Lisboa, e o governador do bispado, o Pe. Francisco Luís da Cunha. A tensão entre as duas figuras portuguesas mais importantes causou uma guerra civil, quando o governador do bispado, refugiado em Manatuto, incitou um conjunto de reis timorenses à revolta. O

was Dili, where he arrived on October 10th [91]. The Portuguese had a fort here, which was located in the kingdom of Motael. The king, D. Alexandre Pereira, welcomed the newcomers and gave them all the necessary resources for the construction of the new capital.

Dili had a good harbour, sheltered from the winds, and the surrounding region was conducive to the cultivation of rice, providing good conditions to support an increase of population. However, due to its insalubrity, several Governors came later to suggest a new change of capital, but that hypothesis never materialised. With the move of the Portuguese headquarters, a new frame in the political balance of Timor was taking shape. Hereinafter, the Portuguese influence would increase in the eastern half of the island. Shortly after the foundation of Dili, most kings of the “Country of Belo” declared their loyalty to the King of Portugal. Unlike Lifau, where the Governors had been forced to compromise with the leaders of the Larantueiros, in the new capital it was possible to establish a web of diplomatic relations directly with the Timorese kingdoms.

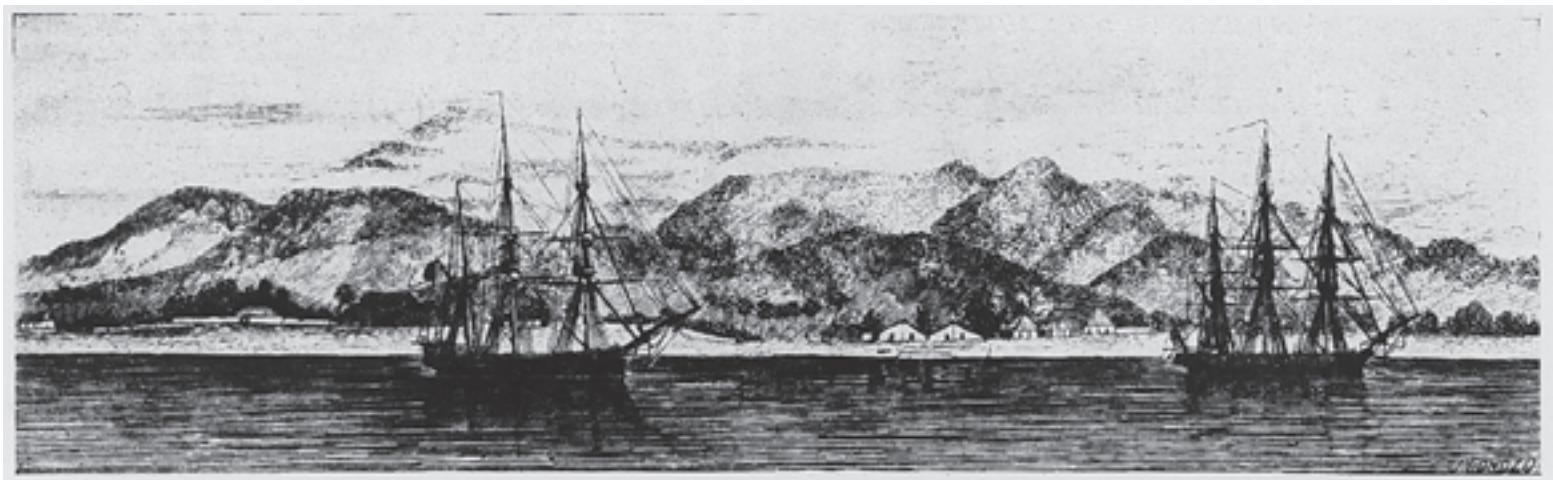
This new scenario did not mean, however, that those relations would develop without opposition or revolts. One of the most important sparked off in 1779 and involved the kingdom of Luca, dragging on for a decade. It became known in the Portuguese sources as the “War of the Madmen”, due to the fact that one of the instigators of the revolt has surrounded himself with a magical-symbolic ceremonial which gave him an alleged invulnerability to Portuguese firearms.^[92] Another episode occurred about a decade later and was triggered by the conflict between the Governor, Feliciano António Lisboa, and the Governor of the Diocese, Friar Francisco Luis da Cunha. The mutual hostility of the two most important Portuguese figures caused a civil war, when the Governor of the Diocese, after taking refuge in Manatuto, encouraged several Timorese kings to rebellion. The Governor

91 Carta do governador de Timor ao rei, 31.3.1770, in Castro (1867), pp. 251-255.

92 Figueiredo (2004), p. 125, n. 39.

91 Letter from the Governor of Timor to the King, 31.3.1770, in Castro (1867), pp. 251-255.

92 Figueiredo (2004), p. 125, n. 39.



nia influénsia ba mós sorin orientál Timór nian (ka, “Belu sira-nia NASAUN”), tanba to’o époka ne’e nia kuaze la eziste iha ne’ebá; harii forte ida iha Maubara, iha 1756, hanesan sinal klaru katak hahú ona prosesu espansaun iha illa tomak.

Ho “partidu portugés” ne’ebé hasoru regresaun no governu Lifau besik atu kotu (nia sofre, entre situasaun sira seluk, serku ida husi topaz Francisco Hornay nian), govenador foun António Teles de Meneses foti desizaun hodi, iha momentu nia to’o iha Timór, transfere kapítál ba rejiaun ida favorável liu – ne’e katak, besik liu “NASAUN Belu”. Iha loron 11 fulan Agostu tinan 1769, hafoin sobu fortaleza nia parte resin, haruka artillaria no ema na’in 1200 ne’ebé nia proteje atu tama iha naviu no iha ró kiik 19 ne’ebé iha, sunu buat ne’ebé resin no iha loron tuirmai sai ró. Destinu ne’ebé nia hili mak Díli, no nia to’o iha ne’ebá iha loron 10 fulan outubru^[100]. Portugés sira iha forte ida iha ne’e, iha reinu Motael. Liurai, D. Alexandre Pereira, simu ho di’ak ema ne’ebé foin to’o no fó ba sira rekursu nesesáriu hodi harii kapítál foun.

Díli iha portu ida di’ak, do’ok husi anin, no rejiaun ne’ebé haleu di’ak hodi kuda haree, no ida ne’e garante mós kon-disaun di’ak hodi suporta aumentu populasaun. Maibé, tanba nia insalubridade governador oioin, ikus liu, sujetre kapítál nia mudansa foun tan, maibé ipóteze ida-ne’e la

Portu Díli nian, 1870. *Ensaio Ikonografia Cidade Portugués sira nian ba Ultramar*, Luís Silveira, Hamutuk ba investigasaun Ultramar, Lisboa, 1951, vol. III.

O porto de Dili, 1870. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1951, vol. III.

The port of Dili, 1870. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, by Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisbon, 1951, vol. III.

^[100] Carta do governador de Timór ao liurai, 31.3.1770, in Castro (1867), p. 251-255.

governador reagiu com o levantamento de um exército que cercou e atacou os rebeldes. O conflito acabou por ficar sanado pela mediação do rei de Luca, mas a tensão que gerou arrastou-se durante vários anos.

A mudança para Díli não alterou a forma de relacionamento entre os governadores portugueses e os reinos timorenses aliados. Continuou a vigorar – e subsistiu até uma época muito tardia – o modelo criado pelo primeiro governador António Coelho Guerreiro. Este sistema já foi definido como de “protetorado”, mas o termo suscita várias dúvidas para a situação de Timor, designadamente por se tratar de um conceito do direito internacional caracterizado por uma relação desigual entre uma potência dominante e uma entidade política dominada, cenário dificilmente aplicável ao contexto timorense nesta época [93]. Seja como for, a relação entre os governadores e os reinos timorenses manteve a sua base fundamental durante dois séculos: uma aliança militar, a aceitação formal e ceremonial de um “pacto” com o rei de Portugal e o pagamento de um tributo (*finta*). Só nos finais do século XIX, com as campanhas de “pacificação” do governador Celestino da Silva, é que Portugal passou a exercer um verdadeiro domínio colonial em Timor, com a submissão dos reinos e a interferência na eleição das suas chefias, a introdução de uma administração local e uma economia de plantação, à semelhança de outras potências coloniais europeias. Até esse momento, o poder dos governadores portugueses sobre os reinos timorenses permaneceu muito reduzido e a sua capacidade de interferência para além dos limites de Díli, mínima.

De facto, e embora possa parecer paradoxal, a influência portuguesa em Timor diminuiu ao longo dos séculos XVIII e XIX, e não apenas devido às vicissitudes políticas, ao avanço da influência holandesa e ou à escassez de recursos à disposição dos governadores. Há igualmente a considerar a gradual mas inexorável perda da superioridade bélica, ou seja, os portugueses perderam a exclusividade do uso de armas de fogo, razão que esteve também, e

reacted raising an army that besieged and attacked the rebels. The conflict was solved through the mediation of the King of Luca, but the tension lasted for several years.

The transfer to Dili did not change the nature of the relationship between the Portuguese Governors and the allied Timorese kingdoms. The pattern created by the first Governor António Coelho Guerreiro continued to be valid, and persisted for a long time. This system has been defined as a “protectorate”, but the term raises some doubts regarding to Timor, in particular because it is a notion used in International Law that may be defined as an unequal relationship between a dominant power and a subdued political entity, a scenario hardly applicable to the Timorese context at this time [93]. Anyway, the relation between the Portuguese Governors and the Timorese Kings kept its fundamental aspects for two centuries: a military alliance, a formal and ceremonial acceptance of a “pact” with the King of Portugal and the payment of a tribute (the *finta*).

Portugal was able to undertake a true colonial dominance in Timor only at the end of the 19th century, after the campaigns of “pacification” carried out by the Governor Celestino da Silva. This new phase included the political submission of the Timorese kingdoms, with a direct interference in the elections, the introduction of a local administration and a plantation economy, like other European colonial projects. Until that moment, the effective power of the Governors over Timor remained low and with a minimum capacity to interfere beyond the region of Dili.

In fact, and although it may seem a paradox, the Portuguese influence in Timor decreased throughout the 18th and 19th centuries, and not just because of the political events, the expansion of the Dutch influence or the scarcity of the resources available to the Governors. The gradual but inexorable loss of military superiority is also to be considered, say, the Portuguese lost exclusivity on the

93 Thomaz (2001); Pinto (2014a).

93 Thomaz (2001); Pinto (2014a).

realiza. Ho sede poder portugés nia transferénsia, hahú kuadru foun kona-ba Timór nia ekilibriu político. Ba oin, influénsia portugeza hala'o iha illa nia sorin orientál. Hafoin fundasaun Díli, liurais balun husi "nasaun Belu" deklara sira-nia fidelidade ba liurai Portugál. Lahanesan ho Lifau, fatin ne'ebé governador sira hasoru obrigasaun hodi kontemporiza ho larantukaoan nia poder ameasador, iha kapital foun bele estabelese rede relasaun diplomática direta ho reinu timoroan sira.

Maibé, senáriu foun ne'e la signifika katak relasaun lao hotu lahó kontrariedadeka revolta. Ida importante liu mak hahú iha tinan 1779 no envolve reinu Luka, durante dékada ida nia laran. Portugés sira hatene nia ho naran "bulan nia funu", tana ema ida ne'ebé hahú revolta ne'e halo serimiál májiko-simbóliku hodi simu invulnerabilidade ba arma portugeza [101]. Epizódiu seluk mak akontese iha dékada ida tarde liu no mosu husi konflitu entre governador, Feliciano António Lisboa, no governador husi bispadu, amu Francisco Luís da Cunha. Tensaun entre figura portugeza rua importante liu kauza funu sivil ida, bainhira governadór husi bispadu, refugia iha Manatuto, no haruka liurai timoroan lubuk ida halo revolta. Governador reage ho ezersitu ida ne'ebé serku no ataka rebelde sira. Konflitu remata ho liurai Luka nia mediasaun, maibé tensaun ne'ebé mosu kontinua iha tinan hirak nia laran.

Mudansa ba Díli la muda relacionamentu entre governador portugés sira no reinu aliadu timoroan. Kontinua uza – no kontinua tempu hirak-nia laran – modelu ne'ebé governador dahuluk António Coelho Guerreiro kria. Sistema ne'e define ona hanesan "protetoradu", maibé lia-fuan hamosu dúvida balun kona-ba situasaun iha Timór, liuliu tanba ne'e konseitu ida direitu internasional ida ne'ebé karakteriza liuhusi relasaun ne'ebé lahanesan entre poténsia dominante ida no entidade política dominada ida, situasaun ne'ebé susar hodi aplika ba kontestu timoroan iha époka ne'ebá [102]. Maibé, relasaun



Militar portugués sira ho tropa sira segunda linha (morador sira) no prijoneiro sira (iha kraik), hafoin "kampanha pasifikasiun", c. 1900. Álbum husi tenente Carlos Leitão Bandeira, www.Scielo.br. Militares portugueses com tropas de segunda linha ("moradores") e prisioneiros (em baixo), após uma "campanha de pacificação", c. 1900. Álbum do tenente Carlos Leitão Bandeira, www.Scielo.br. Portuguese soldiers with second-line troops ("moradores") and prisoners (below), after a "pacification campaign", c. 1900. Carlos Leitao Bandeira's photo album. www.Scielo.br.

¹⁰¹ Figueiredo (2004), p. 125, n. 39.

¹⁰² Thomaz (2001); Pinto (2014a).

naturalmente, na origem do declínio do poder dos laran-tuqueiros. Como descrevem os relatos da época, os reinos de Timor podiam facilmente adquirir armas e munições, o que equilibrava as relações entre os diversos poderes mas potenciava disputas e conflitos e, no que dizia respeito às autoridades portuguesas, levou à degradação do sistema fiscal baseado nas *fintas*^[94]. Na verdade, para além do facto de estas contribuições se terem tornado praticamente voluntárias, a sua cobrança era ineficaz e estava sujeita a todo o tipo de irregularidades devido, entre outras falhas, à inexistência de um registo rigoroso (ou seja, um “tombo”) das mercadorias recebidas^[95].

use of firearms, which also explains the decline of the Larantueiros’ power. As coeval sources describe, the Timorese kingdoms could easily acquire firearms and ammunition, which balanced the relations among the various powers. However, it was also a source of ignition to disputes and conflicts and, in regard to the Portuguese authorities, it led to the degradation of the tax system based on the *fintas*^[94]. Actually, beside the fact that these contributions have become virtually voluntary, the tax collection was inefficient and vulnerable to all kinds of irregularities due, among other flaws, to the lack of an accurate record (a “*tombo*”) of the commodities received.^[95]

⁹⁴ Lobato (2014a), pp. 202-203.

⁹⁵ Carta do governador de Macau ao vice-rei da Índia, 14.12.1787, in HAG, *Macau*, vol. 1280, f . 720.

⁹⁴ Lobato (2014a), pp. 202-203.

⁹⁵ Letter from the Governor of Macao to the Viceroy of India, 14.12.1787, in HAG, Macau, vol. 1280, f . 720.

entre governador sira no reinu timoroan mantein nia baze fundamental durante sékulu rua: aliansa militar ida, aseitasaun formal no serimonial “paktu” ho liurai Portugál no selu tributu ida (*finta*). Iha sékulu XIX nia rohan, ho kampaña “pasifikasiwaun” governador Celestino da Silva nian, mak Portugál hahú domíniu kolonial tebes iha Timór, ho reinu sira-nia submisaun no interferensia iha xefia sira-nia eleisaun, introdusaun husi administrasaun lokál ida no ekonomia plantasaun, hanesan ho poténsia kolonial europeia sira seluk. To’o iha momentu ne’ebá, governador portugés nia poder ba reinu timoroan kiik loos no nia kapasidade interferénsia aleinde Díli nia limite, mínimu.

Ne’e duni, maské bele hanesan kontraditóriu, influénsia portugeza iha Timor menus liu iha sékulu XVIII no XIX, la’os de’it tanba situasaun política, influénsia olandeza nia avansu ka falta rekursus ba governador. Ita tenke konsidera mós gradual maibé inexorável lakon superioridade bélica, ka, portugés sira lakon eskluzividade kona-ba uza arma fogu nian, razaun ida ne’e mós iha orijen husi poder larantukaoan nia deklíniu. Hanesan relatu epóka nia deskreve, reinu sira iha Timór bele sosa arma no munisaun ho maneira fásil, no ida bele equilibra relasaun entre poder oioin maibé poténsia mós luta no konflitu no, kona-ba autoridade portuguesa, tulun ba degradasaun sistema fiskál ne’ebé bazeia ba *finta*^[103]. Loloos, aleinde kontribuisaun sira-ne’e voluntáriu ona, ninia kobransa la efikás no bele akontese tipu irregularidade oioin tanba, entre fala sira seluk, laiha rejistru rigorozu (tombu ida) kona-ba merkadoria ne’ebé simu tiha ona^[104].

Tabella da receita calculada para o anno económico de 1866–1867

	Rupias	Reis
Impostos directos		
Fintas dos reinos vassallos	2:803	
Fintas dos chinas.....	156	
Multas e condenações.....	700	
Dizimos.....	108	
Papel sellado	100	
Direitos de mercé e sello.....	50	
Contribuição de registro	200	
Imposto de escravos.....	230	
	4:367	1:3975440
Impostos indirectos		
Alfandegas	19:101	19:101
Proprios e rendimentos diversos		
Desconto para pagamento de dívidas dos funcionários á fazenda	4:851	
Outros créditos a cobrar	1:500	
Renda das varzeas nacionaes ..	149	
Correio.....	200	
Monte pio.....	400	
Licenças para casas de venda..	260	
Botica e desconto ás praças ..	3:000	
Dividendo da companhia comercial e agrícola	417	
Diversos rendimentos	100	
	10:877	3:4805640
Total.....	34:343	10:9905400

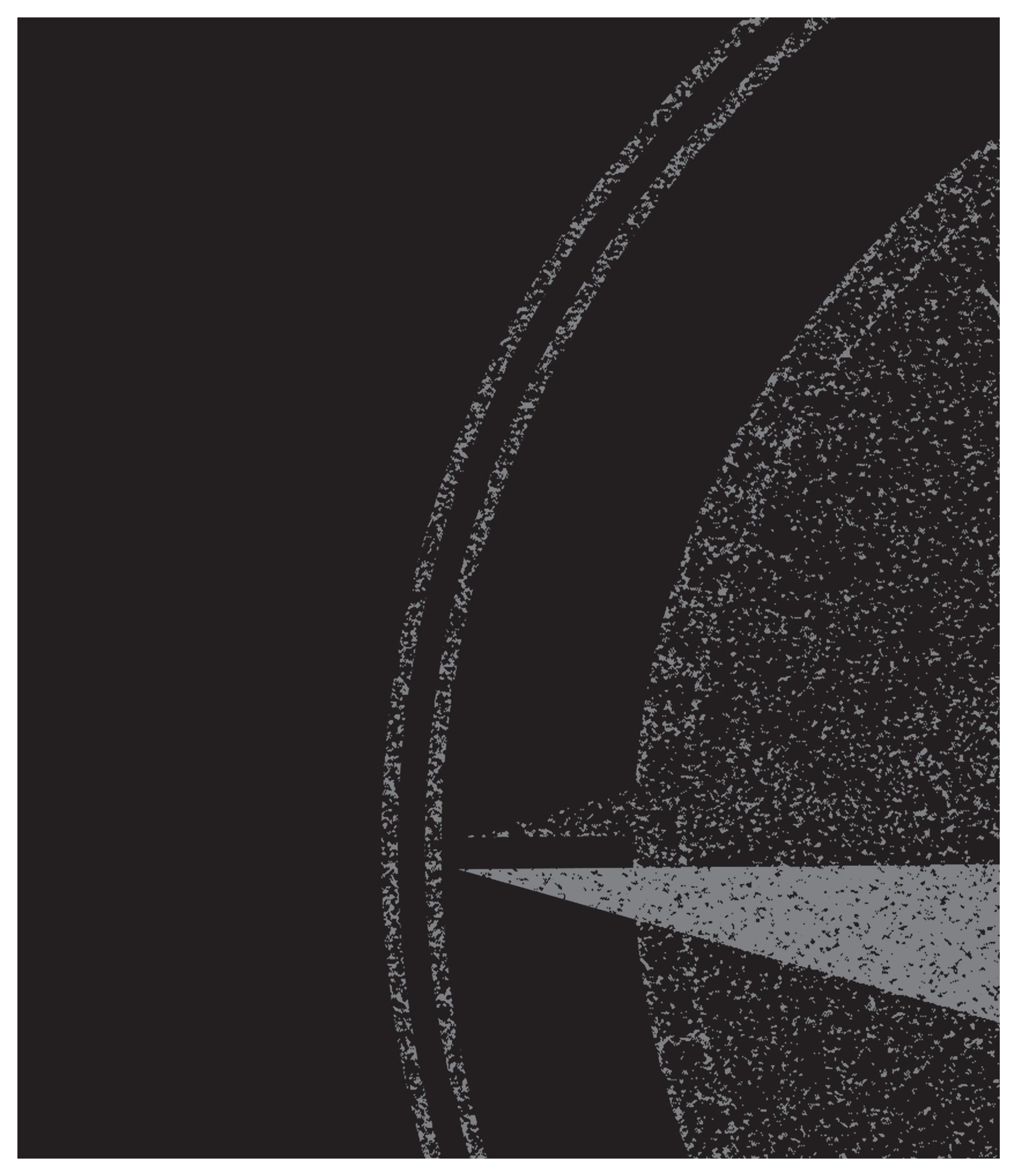
Receita 1866-1867. As Possessões Portuguesas na Oceania, Afonso de Castro, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867.

Receita 1866-1867. As Possessões Portuguesas na Oceania, Afonso de Castro, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867.

1866-1867 Revenue. As Possessões Portuguesas na Oceania, Afonso de Castro, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867.

¹⁰³ Lobato (2014a), pp. 202-203.

¹⁰⁴ Carta do governador de Makau ao vice-liurai da Índia, 14.12.1787, in HAG, Makau, vol. 1280, f. 720.



10

Reforma, konflikt
no marka fronteira

Reformas, conflitos
e delimitação de fronteiras

Reforms, conflicts
and demarcation of borders

AS PRIMEIRAS MEDIDAS RELEVANTES de reforma económica e administrativa foram tomadas pelo governador João Batista Vieira Godinho (1785-1788), certamente a figura portuguesa mais importante do último quartel do século XVIII. Para além de ter conseguido restabelecer a paz e de ter elaborado um plano de defesa das posições portuguesas, tomou medidas económicas com vista à captação de receitas, uma vez que as *fintas* eram manifestamente insuficientes e o Estado da Índia não dispunha de recursos financeiros para prestar um auxílio eficaz.

Foi nesse sentido que criou, em 1785, um regimento da alfândega de Díli. Este texto pretendia reorganizar e regulamentar o movimento do porto, definindo, em primeiro lugar, os produtos que eram transacionados e respetivas quantidades e direitos pagos. Estavam igualmente contemplados diversos incentivos, entre os quais a isenção do pagamento de direitos à importação de certas mercadorias como materiais para construção de navios. Previa igualmente a criação de um quadro de funcionários e de normas a seguir, de modo a tornar a alfândega eficaz, melhorar a cobrança de direitos e reduzir o contrabando^[96]. A este governador se ficou a dever, igualmente, a criação do “cofre do giro”, um fundo constituído por dinheiro adiantado pelo Senado de Macau destinado a estimular o comércio mediante empréstimos a particulares. O seu impacto ficou, contudo, abaixo das expectativas e acabou por ser extinto por volta de 1828. Por fim, o governador decretou ainda um conjunto de medidas de âmbito económico e social, como estímulos à construção naval.

Por esta altura era já perceptível que a presença portuguesa em Timor teria que se adaptar aos novos tempos. Era necessário que o velho modelo, assente no simples comércio de sândalo, cera e escravos, desse lugar a uma exploração dos recursos da ilha em moldes modernos. Alguns governadores ensaiaram reformas administrativas e económicas nesse sentido, mas a instabilidade política no reino, a distância e a prioridade concedida a outros pontos do império eram fatores que adiavam sucessivamente os

THE FIRST RELEVANT STEPS of economic and administrative reform were taken by the Governor João Batista Vieira Godinho (1785-1788), probably the most important Portuguese figure in the last quarter of the 18th century. Other than having succeeded in restoring the peace and drawing a defensive plan of the Portuguese positions, he took some economic decisions in order to increase revenue, since the *fintas* were manifestly insufficient and the *Estado da Índia* did not have financial resources to provide effective assistance.

In 1785, the first statute of the customs of Dili was issued. The text intended to reorganize and regulate the movement of the port, defining which products were traded, the respective volumes and duties paid. It also included several incentives, like an exemption of import duties on certain merchandises such as shipbuilding materials. It also considered the creation of a staff to the custom-house and basic working rules to make it more effective, to improve tax collection and to reduce smuggling^[96]. This Governor was also responsible for the creation of the “cofre do giro”, a financial fund consisting of money advanced by the Senate of Macao to stimulate commerce through individual loans. The impact of this fund was, however, reduced and it was extinguished around 1828. Finally, the Governor issued a set of measures in the economic and social spheres, like some stimuli to shipbuilding.

By this time it was evident that the Portuguese presence in Timor had to adapt to the new times. The old model based on trade in sandalwood, beeswax and slaves, should give place to the exploitation of resources in modern ways. Some Governors tested out administrative and economic reforms towards this direction, but the political instability in Portugal, the distance and the priority given to other places of the overseas empire were factors that successively postponed the reformation projects in Timor. In 1844, an administrative reform transferred the jurisdiction over the island from the *Estado da*

96 Figueiredo (2000), pp. 702-703.

96 Figueiredo (2000), pp. 702-703.

GOVERNADÓR João Batista Vieira Godinho (1785-1788), figura portugeza importante liu iha sékulu XVIII nia rohan. Aleinde nia konsege estabelese fila-fali dame no elabora planu defesa ida kona-ba pozisaun portugeza sira, nia foti medida ekonómika hodi kapta reseita, tanba finta sir ala to'o no Estadu Índia nian laiha rekursu finanseiru hodi fó ajuda efikaz.

Tuir hanoin ne'e mak, iha tinan 1785, nia kria rejimentu alfândega ida iha Díli. Testu ne'e buka organiza fali no regulamenta portu nia movimentu, no define, dahuluk, produtu ne'ebé komersializa no ninia kuantidade no diliuraitu ne'ebé selu. Insentivu oioin, hanesan izensaun pagamentu ba diliuraitu importasaun merkadora balun hanesan materiál hodi halo ró boot naviu. Prevé mós kuadru ida ba funzionáriu sira no ba norma atu tuir, hodi halo alfândeg efikáz, hodi hadi'ak kobransa diliuraitu sira no hamenus kontrabandu^[105]. Ema mós deve ba governadór ne'e kriasaun “kofre jiru nian”, fundu ida ho osan ne'ebé Senadu Makau nian adianta hodi estimula komérsiu liuhusi empréstimu ba ema partikulár. Maibé nia impaktu ladún hasoru esperativa aas no sei hakotu iha maizoumenus tinan 1828. Ikus liu, governadór dekreta medida lubuk ida iha ámbitu ekonómiku no sosiál, hanesan estímulu ba konstrusaun navál.

Iha tempu ne'e ema hatene ona katak prezensa portugeza iha Timór tenke adapata ba tempu foun. Presiza katak modelu tuan, hatuur iha komérsiu simples ai-kameli nian, sera no atan, fó fatin ba esplorasaun rekursus iha illa ne'ebé tuir modelu nodernu. Governadór balun koko reforma administrativa no ekonómika tuir ida ne'e, mai-bé instabilidade política iha reinu, distânsia no prioridade ne'ebé fó ba fatin sira seluk iha impériu mak fatór ne'ebé adia beibeik projetu transformasaun iha Timór. Iha tinan 1844, Estadu Índia pára tutela illa no nia ba fali dependénsia administrativa husi Makau. Aleinde reforma hodi hadia komérsiu esternu no ligasaun ho Makau, buka mós uza illa nia kondisaun naturál hodi promove agrikultura, ne'ebé permite kria infraestrutura,



Feto sira ba kuu kafe, Timor. Arquivu husi Rezisténsia Timorense. Mulheres na apanha do café, Timor. Arquivo da Resistência Timorense.

Women picking cof ee, Timor. Arquivo da Resistência Timorense.

^[105] Figueiredo (2000), pp. 702-703.

projetos de transformação de Timor. Em 1844, a ilha deixou de ser tutelada pelo Estado da Índia e passou a ficar sob a dependência administrativa de Macau. Para além de reformas destinadas a melhorar o comércio externo e as ligações a Macau, procurou-se igualmente aproveitar as condições naturais da ilha para promover a agricultura, o que permitiria criar infraestruturas, atrair colonos e moradores e obter receitas e fundos. Mais do que melhorar a produção agrícola, havia que introduzir os produtos que tinham mais-valia nos mercados internacionais, ou seja, criar uma “economia de plantação”.

O principal produto introduzido foi o café, à semelhança do que os holandeses haviam já feito em Java. As primeiras tentativas ocorreram durante o governo de José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa (1815-1818), a quem se ficou também a dever a introdução da cana-de-açúcar e da mandioca. Já o francês F. E. de Rosily havia notado, em 1772, que “a terra de Timor é, em geral, muito boa e adequada a tudo; a docura dos vales e das montanhas permite a produção de excelente café; as planícies e as colinas, de açúcar”^[97]. Porém, só nos meados do século XIX seriam feitos ensaios de forma sistemática para a criação de plantações de café. Foram também feitas explorações para a procura de ouro e outros recursos minerais, mas com resultados pouco animadores.

A criação de uma economia de plantação em Timor não era, naturalmente, tarefa fácil. Além de exigir financiamentos avultados e vontade política por parte das autoridades em Goa e em Lisboa, havia igualmente questões práticas que colocavam desafios de difícil resolução. Uma delas dizia respeito à mão de obra. Uma das propostas mais comuns era promover a imigração de chineses de Macau o que, embora tenha sido feito em pequena escala nos finais do século XVIII e ao longo de todo o século XIX, nunca atingiu a dimensão desejada^[98].

Quanto ao fator que havia permitido a fixação portuguesa na ilha e que constituía o principal traço identitário dos

Índia to Macao. Beyond the steps destined to improve the external trade and the connections to Macao, availing the natural conditions of the island to promote agriculture was also sought. This would create infrastructure to attract settlers and residents and to obtain revenues and funds. More than to increase production in agriculture, it was necessary to introduce products with value in international markets, i.e. to create an “economy of plantation”.

Cof ee was the most important product introduced in Timor, similarly to what had been made in Java by the Dutch. The first experiences occurred during the government of José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa (1815-1818), to whom it was also due the introduction of sugarcane and manioc. The French traveller F. E. de Rosily had already reported, in 1772, that “the land of Timor is, in general, very good and appropriate to everything. The softness of the valleys and mountains allows the production of excellent cof ee; the plains and the hills, of sugar”.^[97] However, only in the mid-19th century were attempted more intensive experiences to create cof ee plantations in Timor. Prospecting for gold mining and other mineral resources were also experienced, but the results were not encouraging.

Creating an economy of plantation in Timor was obviously not an easy task. Besides requiring substantial funds and political will from the authorities in Goa and in Lisbon, there were also practical problems uneasy to be solved. One of the most important was manpower. A common proposal was promoting the coming of Chinese immigrant workers from Macao. However, although it has been done in the late 18th century and throughout the 19th century, it never reached the required level^[98].

The Catholic religion was the vector that truly permitted the settlement of the Portuguese on a permanent basis and formed the distinctive feature of the Timorese kingdoms who accepted the pact with the King of Portugal,

⁹⁷ Lombard-Jourdain (1982), p. 89.

⁹⁸ Pinto (2014b), pp. 161-162.

⁹⁷ Lombard-Jourdain (1982), p. 89.

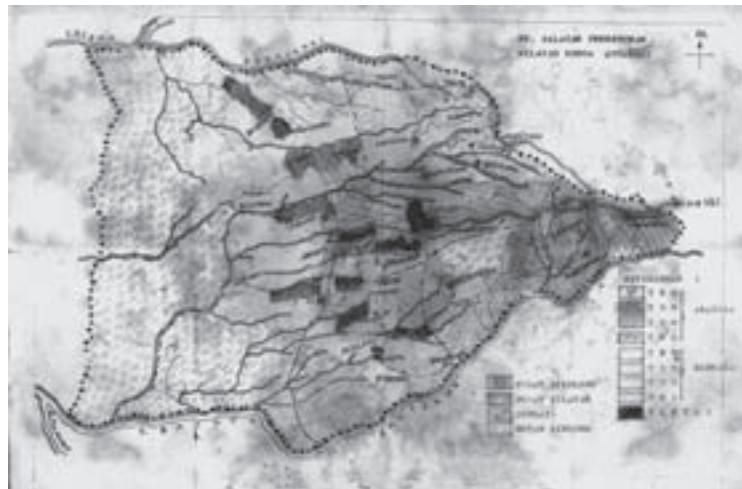
⁹⁸ Pinto (2014b), pp. 161-162.

dada kolonu no morador no hetan reseita no fundu sira. Aleinde hadia produsaun agrícola, tenke introdús mós produtu sira ne'ebé ho valór di'ak iha merkadu internasional, signifika, kria "ekonomia plantasaun" nian.

Kafé mak produtu prinsipál ne'ebé hatama, tuij buat ne'ebé olandés sira halo tiha ona iha Java. Tentativa dahuluk akontese durante José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa (1815-1818) nia governu, no nia mak hatama kana-de-asúkar no ai-farina. Fransés F. E. de Rosily haree ona, iha tinan 1772, katak "enjeral, rai iha Timór di'ak no adekuada ba buat hotu-hotu; vale sira no fohó di'ak ba produsaun kafé ho kualidade exelente; rai tetuk no rai aas, masin-midar nian" [106]. Maibé, iha sékulu XIX nia laran ema halo ensaiu ho maneira sistemática hodi kria plantasaun kafé. Ema halo mós esplorasaun hodi buka osan-mean no rekursu mineral seluk, maibé ho rezultadu ladun kapas.

Kria ekonomia plantasaun iha Timór la'os tarefa fásil, klaru. Aleinde eziji finansiamentu boot no vontade política husi autoridade sira iha Goa no Lisboa, iha mós kestaun práтика ne'ebé koloka dezafiu susar hodi rezolve. Ida kona-ba maun-de-obra. Proposta ida ne'ebé komún mak promove xinés husi Makau nia imigrasaun no, maské halo iha eskala kiik iha sékulu XVIII nia rohan no iha sékulu XIX nia laran, nunka atinji dimensaun ne'ebé ema hakarak [107].

Kona-ba fatór ne'ebé permite portugéz sira bele hela metin iha illa no konstitui trasu identitáriu reinu timoroan nian ne'ebé simu paktu ho liurai Portugál, ne'e katak, relijaun katólica, panorama laiha alterasaun boot. Ne'e signifika katak esforsu misionáriu tuan tuun no distânsia no izolamentu illa nian, hamutuk ho enfrakesimentu jerál misaun portugeza sira iha Ázia no, ikus liu, Istória Portugál nia mudansa rasik - porezemplu, hamate orden relijioza sira hafoin liberalizmu nanan - la permite haforça relijaun katólica iha sékulu XVIII nia laran no iha



Mapa husi plantasaun kafe nian "Salazar" iha Fatubessi, Hatulia, Ermera, s.d. Arkivu husi Rezisténsia Timorense.

Mapa da plantação de café "Salazar" em Fatubessi, Hatulia, Ermera, s.d. Arquivo da Resistência Timorense.

Map of the "Salazar" cof ee plantation in Fatubessi, Hatulia, Ermera, sd, Arquivo da Resistência Timorense.

¹⁰⁶ Lombard-Jourdain (1982), p. 89 (ha'u nia tradusaun).

¹⁰⁷ Pinto (2014b), pp. 161-162.

reinos timorenses que aceitavam o pacto com o rei de Portugal, ou seja, a religião católica, o panorama não se alterou significativamente. Quer isto dizer que o antigo esforço missionário havia declinado e que a distância e o isolamento da ilha, conjugados com o enfraquecimento geral das missões portuguesas na Ásia e, finalmente, as próprias vicissitudes da História de Portugal – por exemplo, a extinção das ordens religiosas que se seguiu à vitória do liberalismo – não permitiram o fortalecimento da religião católica ao longo do século XVIII e na primeira metade do século XIX^[99]. Só na segunda metade deste século, com a reorganização das dioceses e a ação do Pe. António Joaquim de Medeiros, a missão conheceu um novo impulso.

Na viragem para o século XIX, o quadro geral das potências coloniais europeias sofreu várias alterações que, apesar de não envolverem diretamente Timor, não deixaram de causar aqui algum efeito. A primeira foi a extinção da VOC, a poderosa Companhia das Índias Orientais que, após um período de expansão vigorosa ao longo do século XVII, entrou em declínio ao longo do seguinte. Foi nacionalizada em 1796 e em 1800 foi formalmente extinta. Qual o impacto deste evento em Timor? Com o desaparecimento da Companhia e a passagem dos seus domínios para a República Batava, mais tarde a coroa, o envolvimento holandês na ilha passou a ser oficial. Em segundo lugar, com as Guerras Napoleónicas, que eclodiram pouco depois, os ingleses ocuparam as posições holandesas por toda a Ásia, inclusive Kupang, não sem dificuldades e atrubulações^[100]. O Congresso de Viena, que colocou um ponto final na guerra, levou à retirada dos ingleses e à devolução de todas as posições à coroa holandesa.

Nesta época, Kupang era uma posição secundária e distante no quadro das Índias Orientais Neerlandesas. O sândalo de Timor perdera a importância que tivera noutros tempos e estava em vias de se esgotar. Além disso, a cidade era mantida por meras razões de ordem estratégica, como

but the situation had not changed significantly. The previous missionary efforts had declined and the isolation of Timor, together with the general waning of the Portuguese missions in Asia and, finally, the political and social turbulence in Portugal – like the extinction of the religious orders that followed the victory of Liberalism – did not favour the strengthening of the Catholic religion throughout the 18th century and in the early 19th century^[99]. Only in the second half, with the reorganization of the Dioceses and the action of Father António Joaquim de Medeiros, the missionary work experienced a new boost.

At the turn of the century, the general scenario regarding the European colonial presence in Asia suffered several changes. Although they did not involve Timor directly, they had some effect here. The first one was the extinction of the VOC, the powerful Dutch East India Company that, after a period of vigorous expansion throughout the 17th century, entered into decline during the following one. It was nationalized in 1796 and in 1800 was formally dissolved. What was the impact of this event in Timor? With the disappearance of the Company and the passage of its domains to the Batavian Republic, later the Kingdom of Holland, the Dutch involvement on the island became official. Secondly, the Napoleonic Wars, which broke out shortly after, took the British to occupy the Dutch positions in Asia, including Kupang, not without difficulties and tribulations.^[100] The Congress of Vienna, which put an end to the war, led to the withdrawal of the British and to the devolution of all the positions to the Dutch Crown.

At this time, Kupang was a secondary and remote position in the Dutch East Indies. The sandalwood of Timor had lost its previous relevance and was about to run out. Moreover, the Dutch kept the city by mere strategic reasons, as a point of support for the navigation to Amboin and Banda. In 1827, an English traveller wrote

99 Figueiredo (2004), pp. 242-261.

100 Farram (2007).

99 Figueiredo (2004), pp. 242-261.

100 Farram (2007).

sorin dahuluk sékulu XIX^[108]. Iha sorin daruak sékulu ida-ne'e mak, ho dioseze nia reorganizasaun no ho amu António Joaquim de Medeiros nia asaun, misionasaun hatene impulsu foun.

Durante mudansa ba sékulu XIX, kuadru jerál poténsia kolonial europeia nian hasoru alterasaun oioin ne'ebé, maské la envolve diretamente Timór, kauza mós efeitu iha ne'e. Mudansa ida mak VOC, poderoza Kompañia Índia Orientál, nia estinsaun, depoizde períodu espasaun makaas iha sékulu XVII nia laran, no hahú monu iha sékulu tuirmai. Nasionalizada iha tinan 1796 no formalmente estinta iha tinan 1800. Eventu ida-ne'e nia impaktu iha Timór saida? Ho Kompañia nia estinsaun no pasajen husi nia domíniu sira ba Repúblika Batava, no depois ba koroa, envolvimentu olandés iha illa komesa ofisiálmente. Daruak, ho Funu Napoleóniku, ne'ebé hahú iha tempu badak nia laran, inglés sira okupa pozisaun olandeza iha Ázia tomak, inklui Kupang, ho difikuldade no atribulasaun^[109]. Kongresu Viena nian, ne'ebé hakotu funu, duni sai inglés sira no obriga fó fali pozisaun hotu ba koroa olandeza.

Iha tempu ne'e, haree ba kuadru India Orientál Neerlandeza. Ai-kameli Timór-nian lakon nia importânsia husi tempu uluk nian no ladun iha ona. Aleinde ne'e, sira mentein sidade ida-ne'e tan de'it razaun ordén estratéjika nian, hanesan pontu apoiu ba navegasaun ba Amboinu no Banda. Iha tinan 1827, lemorai inglés ida hakerek katak nia hanoin kona-ba política ofisiál olandeza nian mak atu mantein illa ne'e "ho minímu despeza ne'ebé possível, apenas hodi evita nasaun seluk okupa"^[110]. Buat ida hanesan mós ema bele dehan kona-ba illa nia "sorin portugés", ne'ebé iha époka ne'ebá ema haree hanesan fatin remotu, ketak no no ne'ebé poder ofisiál haluhan.

Maibé, Timór kontinua fatin luta entre poténsia rua. Uluk akontese ona epizódiu tensaun balun entre governador portugés no *opperhoofd* ka governador Kupang nian,



Estudante no misionáriu sira husi Seminário Nossa Senhora de Fátima, s.d. Arkivu husi Rezisténsia Timorense.

Estudantes e missionários do Seminário de Nossa Senhora de Fátima, s.d. Arquivo da Resistência Timorense.

Students and missionaries of Nossa Senhora de Fátima Seminary, s.d. Arquivo da Resistência Timorense.

¹⁰⁸ Figueiredo (2004), p. 242-261.

¹⁰⁹ Farram (2007).

¹¹⁰ King (1827), p. 133 (ha'u nia tradusaun).

ponto de apoio à navegação para Amboino e Banda. Em 1827, um viajante inglês escreveu que ficara com a impressão de que a política oficial holandesa era a de manter a ilha “com o mínimo de despesa possível, apenas para evitar que outro país a ocupasse”^[101]. O mesmo podia ser dito acerca do “lado português” da ilha, olhada na época como local remoto, isolado e esquecido pelos poderes oficiais.

No entanto, Timor continuava a ser palco de disputas entre as duas potências. Já anteriormente haviam ocorrido episódios esporádicos de tensão entre o governador português e o *opperhoofd* ou governador de Kupang, envolvendo questões de ordem diplomática. Por exemplo, no último quartel do século XVIII, eram frequentes os apresamentos de embarcações asiáticas – nomeadamente macaçares – por navios holandeses, em portos que estavam teoricamente sob proteção portuguesa. A visão dos acontecimentos era diametralmente oposta: para uns, os macaçares eram súbditos de um sultanato submetido à Companhia, pelo que, se faziam comércio sem autorização desta, os holandeses tinham todo o direito de lhes apresá os navios; para outros, tratava-se de intoleráveis violações da soberania do rei de Portugal^[102].

O conflito mais grave ocorreu em 1818, com o chamado “incidente de Atapupu” que, na prática, se saldou pela passagem do controle deste importante porto para os holandeses. Os pormenores são conhecidos: tratava-se de um porto sob administração portuguesa, mas na prática, como não existia uma presença oficial, era usado pelos mercadores chineses – provavelmente de Kupang – como ponto de embarque de cargas de sândalo. Nesse ano, o governador português José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa ordenou a criação de uma alfândega no porto. Esperava-se que os chineses incitassem a população daquela região à revolta – o que já havia ocorrido em anteriores tentativas de criação de uma alfândega –, mas desta vez convenceram os chefes locais a colocar-se sob a bandeira holandesa. Não eram novas as queixas de que os chineses não apenas comerciavam por

his impressions about the official Dutch policy; according to him, they kept the island “at the minimum expense possible, only to avoid that other country could occupy it”.^[101] The same could be said about the “Portuguese side” of the island, considered at the time as a remote location, isolated and forgotten by the official authorities.

However, Timor persisted being a stage of dispute between the two European powers. Sporadic episodes of tension between the Portuguese Governor and the *Opperoofd* occurred, involving diplomatic issues most of the times. For example, in the last quarter of the 18th century, the seizure of Asian vessels – in particular from Makassar – by Dutch ships in Timorese ports theoretically under Portuguese rule were frequent. The vision of the events was diametrically opposite: for the Dutch, the Makassarese were subjects of a sultanate submitted to the Company; therefore, if they made trade without authorization, the Dutch had every right to capture the vessels; for the Portuguese, such events were intolerable violations of the sovereignty of the King of Portugal.^[102]

The most serious conflict occurred in 1818, in the so-called “incident of Atapupu” that resulted in the transmission of control of this important harbour from the Portuguese to the Dutch. The details are well known: the port was under Portuguese protection, but as there was no official presence, it was used by the Chinese merchants – probably from Kupang – as a loading point of sandalwood. In that year, the Portuguese Governor José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa ordered the creation of a customhouse in the port. It was expected that the Chinese would have encouraged local people to revolt – something that had happened in previous attempts to create a customhouse –, but this time they convinced the local chiefs to renounce their allegiance to the Portuguese and to put themselves under the Dutch flag. The complaints and suspicions that the Chinese not

¹⁰¹ King (1827), p. 133.

¹⁰² Carta do governador de Timor ao *opperhoofd* de Kupang, 12.5.1788, in HAG, *Macau*, vol. 1283, f s. 819-820.

¹⁰¹ King (1827), p. 133.

¹⁰² Letter from the Governor of Timor to the *Opperoofd* of Kupang, 12.5.1788, in HAG, *Macau*, vol. 1283, f s. 819-820.

ne’ebé envolve kestaun orden diplomatika. Porezemplu, iha sékulu XVIII nia tinan ikus, akontese beibeik na-viu olandés sira ka’er embarkasaun aziátika sira – liuliu Makasar, iha portu ne’ebé iha teoria hetan protesaun portugeza. Haree kona-ba akontesimentu sira kontráriu loos: ba balun, Makasar mak súbditu husi sultanatu ida ne’ebé submete ba Kompañia, no hanesan ne’e, karik sira halo komérsiu lahó autorizasaun, olandés sira iha direitu hodi ke’er sira-nia naviu; ba sira seluk, buat ne’e hanesan violasaun ba soberania liurai Portugál ne’ebé labele tolera [111].

Konflitu grave liu akontese iha 1818, ho insidente naran “Atapupu” ne’ebé, iha práтика, rezolve ho pasajen kontrolu portu importante ne’e ba olandés sira. Ema hatene detalle sira: fatin ne’e portu ho administraun portugeza, mai-be iha práтика, tanba laiha prezensa ofisiál ida, merkador xinés sira mak uza – karik husi Kupang – hanesan pontu embarke ba karregamentu si-kameli. Iha tinan ne’ebá, governador portugés José Pinto Alcoforado de Azevedo e Sousa ordena kriasaun alfândega ida iha porto. Sira hein katak xinés sira husu populasaun iha rejiaun ne’ebá atu halo revolta – buat ne’ebé akontese ona iha tentativa molok hodi kria alfândega ida –, maibé dala ida ne’e sira konvense xefe lokál sira atu hakruuk ba bandeira olandeza. Keixa sira la foun no dehan katak xinés sir ala halo komérsiu de’it ba olandés sira, maibé sira nia lala’ok mós hanesan agente diplomátiku besik reinu timoroan [112]. Hanesan ne’e, forsa militár ida husi Kupang assalta Atapupu no hasa’e bandeira olandeza, hamosu konflitu diplomátiku ida entre koroa rua. Sira prepara duni es-pedisau ida iha Goa hodi okupa fali portu ne’e, maibé liurai husi Portugál, D. João VI, ne’ebé iha Brazil iha momentu ne’ebá, foti desizaun hodi la halo reaksaun tanba nia tauk insidente bele afeta relasaun entre nasaun rua ne’e [113].

Ezisténsia hamutuk husi poténsia europeia rua ne’e iha Timór mak realidade ida iha sékulu XIX nia laran, maibé

¹¹¹ Carta do governador de Timór ao *opperhofd* de Kupang, 12.5.1788, in HAG, *Makau*, vol. 1283, f. 819-820.

¹¹² Carta do governador de Timór ao vice-liurai da Índia, 13.6.1751, in Matos (1974), p. 417.

¹¹³ Figueiredo (2004), pp. 129-130; Pinto (2014b), p. 160.



ARTIGO 3.^a

A encravação de Oikoussi comprehende o es-tado de Ambenu em toda a parte aonde ali está arvorada a bandeira portugueza, o estado de Oikoussi propriamente dito, e o de Noimuti.

Os limites d’esta encravação são as fronteiras entre Ambenu e Amfoang, ao oeste de Insana e Reboki (Beboki), comprehendendo Cisale a leste, e Sonnebait, comprehendendo Amakono e Tunebaba (Timebaba) ao sul.

Tratadu demarkasaun nian no troka husi posesoens portugés no olandés sira balun iha arkipélagu Solor no Timor, entre Liurai sira husi Portugál no Olanda, asinadu, iha Lisboa, 20 Abril 1859. Edisaun Imprensa Nasional. Arkivu Istóriku Militár.

Tratado de demarcação e troca de algumas possessões portuguesas e neerlandesas no arquipélago de Solor e Timor, entre os Reis de Portugal e dos Países Baixos, assinado, em Lisboa, a 20 de abril de 1859. Edição Imprensa Nacional. Arquivo Histórico Militar.

Treaty of demarcation and exchange of some Portuguese and Dutch dominions on the Solor and Timor Archipelago, between the kings of Portugal and the Netherlands, signed in Lisbon on April 20, 1859. Imprensa Nacional. Arquivo Histórico Militar.

conta dos holandeses, mas também que agiam como seus agentes diplomáticos junto dos reinos timorenses^[103]. Deste modo, uma força militar de Kupang tomou Atapupu de assalto e içou aqui a bandeira holandesa, desencadeando um conflito diplomático entre as duas coroas. Chegou a ser preparada uma expedição em Goa para reocupar o porto, mas o rei de Portugal D. João VI, que se encontrava então no Brasil, decidiu não reagir com receio de que o incidente afetasse a relação entre os dois países^[104].

A coexistência entre as duas potências europeias em Timor foi uma realidade ao longo do século XIX, mas ambos os lados sentiam a necessidade de fazer uma delimitação rigorosa das respetivas áreas de influência, ou seja, de definir uma fronteira terrestre que separasse as duas jurisdições. O problema era mais premente do lado holandês e envolvia o quadro mais vasto do poder das restantes potências europeias, nomeadamente franceses e ingleses. Com as “guerras do ópio” e a fixação britânica em Hong Kong, o Extremo Oriente passara a desempenhar um papel importante nas disputas coloniais, razão pela qual os holandeses temiam que Portugal cedesse à Inglaterra as posições que ocupavam em Timor. As negociações entre Portugal e os Países Baixos iniciaram-se em 1847 e viriam a conduzir ao acordo de delimitação negociado e aceite pelo governador José Lopes de Lima (1851-1852). Devido aos protestos que suscitou, uma vez que previa a renúncia de Portugal a Solor, Flores e Adonara, o acordo só foi firmado a 20 de abril de 1859, pelo Tratado de Lisboa, onde ficaram enumerados os reinos sob a jurisdição de cada uma das partes^[105].

A partir desse momento, Timor ganhou a configuração política que se mantém até aos dias de hoje. A parte ocidental da ilha foi integrada nos domínios das Índias Orientais Neerlandesas, que mais tarde deram origem à República Indonésia. Os reinos que ficaram sob administração portuguesa formam, hoje, a República Democrática de Timor-Leste.

¹⁰³ Carta do governador de Timor ao vice-rei da Índia, 13.6.1751, in Matos (1974), p. 417.

¹⁰⁴ Figueiredo (2004), pp. 129-130; Pinto (2014b), p. 160.

¹⁰⁵ Tratado de Lisboa, 20.4.1859, in *East Timor and the International Community* (1997), pp. 1-2.

only traded on behalf of the Dutch, but also acted as their diplomatic agents in the Timorese kingdoms, were not new^[103]. In the aftermath, a military force from Kupang assaulted Atapupu and hoisted the Dutch flag, triggering a diplomatic conflict between the two crowns. An expedition was prepared in Goa to reoccupy the port, but the King of Portugal John VI, then in Brazil, decided not to react under the fear that the incident would affect the relations between the two countries.^[104]

The two European powers coexisted in Timor throughout the 19th century, but both sides felt the need to make an accurate demarcation of their respective areas of influence, defining a land border that would separate the two jurisdictions. The problem was more acute on the Dutch side and involved a wider framework of the presence in Asia of other European powers, especially the French and British. After the Opium Wars and the British definitive settlement in Hong Kong, the Far East came to play an important role in colonial disputes. The Dutch feared that Portugal would yield to the British their positions in Timor. The negotiations between Portugal and the Netherlands started in 1847 and led to an agreement of demarcation that was accepted by the Governor José Lopes de Lima (1851-1852). Due to the protests it caused, since it predicted the withdrawal of Portugal from Solor, Flores and Adonara, the agreement was only signed on April 20th, 1859, in the Treaty of Lisbon, where the kingdoms under the jurisdiction of each part were listed.^[105]

From that moment on, Timor gained the political configuration that remains until the present day. The western part of the island has been integrated in the Dutch East Indies, which later originated the Republic of Indonesia. The kingdoms that were considered under the Portuguese administration form the Democratic Republic of Timor-Leste today.

¹⁰³ Letter from the Governor of Timor to the Viceroy of India, 13.6.1751, in Matos (1974), p. 417.

¹⁰⁴ Figueiredo (2004), pp. 129-130; Pinto (2014b), p. 160.

¹⁰⁵ Treaty of Lisbon, 20.4.1859, in *East Timor and the International Community* (1997), pp. 1-2.

parte rua hotu sente nesesidade hodi limita ho rigór idak-dak-nia área influénsia rasik, ne'e katak, nesesidade hodi define fronteira terrestre ne'ebé fahe jurisdisaun rua. Problema ne'e urgente liu husi parte olandéza no envolve kuadru podér boot liu ba poténsia europeia, liuliu ba fransés no inglês sira. Ho funu ópio nian no fiksasaun británika iha Hong Kong, Estremu Oriente hahú dezempeña knaar importante iha luta kolonial, razaun tanba saída olandés sira ta'uk Portugál fó ba Inglaterra posisaun ne'ebé okupa Timór. Negosiasaun entre Portugál no Países Baixos hahú iha tinan 1847 no depois kondús tuir akordu delimitasaun negosiadu no aseite ba governadór José Lopes de Lima (1851-1852). Tanba protestu sira ne'ebé hamosu, dala ida tan ha'u halo protestu ne'ebé provínsia hamosu, tanba prevee renunsia husi Portugál to'o Solor, Flores no Adonara, akordu estabelese iha loron 20 fulan Abril tinan 1859, liuhusi Tratadu de Lisboa, no iha ne'ebé hatudu reinu sira ho jurisdisaun husi parte idak-idak^[114].

Hahú iha momentu ne'ebá, Timór hetan forma política ne'ebé mantein to'o ohin loron. Illa nia parte osidentál integra tiha iha dominíu Índia Oriental Neerlandeza nian, ne'ebé tarde liu fó moris ba Repúblika Indonézia. Reinu sira ne'ebé ho administrasaun mak forma, ohin loron, Repúblika Demokrática Timór-Leste.



Aspektu husi sidade Díli iha 1892. *Ensaiu Ikonografia Cidade Portugueza sira Ultramar nian*, Luís Silveira, Hamutuk Investigasaun sira Ultramar nian, Lisboa, 1951, vol. III.

Aspecto da cidade de Díli em 1892. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, de Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisboa, 1951, vol. III.

View of Dili in 1892. *Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar*, by Luís Silveira, Junta de Investigações do Ultramar, Lisbon, 1951, vol. III.

¹¹⁴ Tratado de Lisboa, 20.4.1859, in *East Timór and the International Community* (1997), páj. 1-2.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAPHY

FONTE SIRA

FONTES

SOURCES

Barbosa, Duarte (1989), *Livro do que Viu e Ouviu do Oriente Duarte Barbosa*, Lisboa, Pub. Alfa.

Cruz, Gaspar da (1989), “Tractado em que se cõtam muito por esteso as cousas da China” [1569], in *Enformação das Cousas da China - textos do século XVI*, ed. de Rafaella d’Intino, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

Cummings, William P. (ed.) (2007), *A Chain of Kings – The Makassarese Chronicles of Gowa and Talloq*, Leiden, KITLV Press.

Dampier, William (1709), *A Continuation of a Voyage to New Holland, &c., in the year 1699*. Londres, James Knapton.

Erédia, Manuel Godinho de (1613), “Historia de Serviços com Martírio de Luís Monteiro Coutinho”, Biblioteca Nacional de Portugal, *Reservados*, cod. 414.

Gavetas da Torre do Tombo (As) (1967), Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, vol. VI.

HAG (Historical Archives of Goa, Panaji, Goa), *Macau*, vols. 1280 e 1283.

Hogendorp, M. W. van (1810), “Description de l’Ile de Timor”, in M. Malte-Brun (ed.), *Annales des Voyages, de la Géographie et de l’Histoire*, Paris, F. Buisson, vol. VI, pp. 273-327.

Jacobs, H. (ed.) (1974), *Documenta Malucensia*, Roma, Institutum Historicum Societatis Jesu, vol. I.

Jacobs, H. (ed.) (1988), *The Jesuit Makasar Documents (1615-1682)*, Roma, Jesuit Historical Institut.

King, Phillip P. (1827), *Narrative of a Survey of the Intertropical and Western Coasts of Australia*. Londres, John Murray, vol. I.

Luz, Francisco Mendes da (ed.), (1952), *Livro das Cidades e Fortalezas que a Coroa de Portugal tem nas partes da Índia*, Coimbra, Biblioteca da Universidade.

Pigafetta, Antonio (1922), *Primer Viaje en Torno del Globo*, ed. de Federico Ruiz Morcuende, Madrid, Ed. Calpe.

Pires, Tomé (1978), *A Suma Oriental de Tomé Pires*, ed. de Armando Cortesão, Coimbra, Imprensa da Universidade.

Sá, Artur Basílio de (ed.), (1954-58), *Documentação para a História das Missões do Padroado Português do Oriente / Insulíndia*, Lisboa, Agência Geral do Ultramar, vols. I-V.

Santa Catarina, Lucas de (1767), *Quarta Parte da História de S. Domingos*, Lisboa, António Rodrigues Galhardo.

Santos, João dos (1999), *Etiópia Oriental e Vária História de Cousas Notáveis do Oriente*, ed. de Manuel Lobato e Maria do Carmo Vieira, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Silveira, Francisco Rodrigues (1996), *Reformaçāo da Milícia e Governo do Estado da Índia*, Lisboa, Fundação Oriente.

Sousa, Luís de (1767), *Terceira Parte da História de S. Domingos*, Lisboa, António Rodrigues Galhardo.

ESTUDU SIRA

ESTUDOS

STUDIES

Andaya, Leonard Y. (1995), ‘The Portuguese Tribe in the Malay-Indonesian Archipelago in the Seventeenth and Eighteenth Centuries’, in Francis A. Dutra e João Camilo dos Santos (eds.), *Proceedings of the International Colloquium the Portuguese and the Pacific*, Santa Barbara, Centre for Portuguese Studies, pp. 129-48.

- Andaya, Leonard Y. (2010), "The 'Informal Portuguese Empire' and the Topasses in the Solor Archipelago and Timor in the Seventeenth and Eighteenth centuries", *Journal of Southeast Asian Studies*, 41, 3, pp. 391-410.
- Barnes, R. (1987), "Avarice and Iniquity at the Solor Fort", *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*, 143, 2/3, pp. 208-236.
- Bellwood, Peter, James J. Fox e Darrell Tryon (eds.) (2006), *The Austronesians – Historical and Comparative Perspectives*, Canberra, ANU Press.
- Belo, Dom Carlos Filipe Ximenes (2001), "Subsídio para a Bibliografia de Timor Loro Sa'e – Uma listagem cronológica de livros, revistas, ensaios, documentos e artigos desde 1515 a 2000", *Povos e Culturas*, 7, pp. 247-372.
- Boxer, C. R. (1947), *The Topasses of Timor*. Amesterdão, Koninklijke Vereeniging Indisch Institute.
- Boxer, C. R. (1965), *The Dutch Seaborne Empire, 1600-1800*, Londres, Hutchinson.
- Boxer, C. R. (1967), *Francisco Vieira de Figueiredo – A Portuguese Merchant-Adventurer in Southeast Asia, 1624-1667*, Haia, Martinus Nijhof .
- Boxer, C. R. (1990), *Fidalgos no Extremo Oriente*, Macau, Fundação Oriente / Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau.
- Castro, Afonso de (1867), *As Possessões Portuguesas na Oceania*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Cummings, William P. (2002), *Making Blood White – Historical Transformations in Early Modern Makassar*, Honolulu, Hawai'i University Press.
- East Timor and the International Community – Basic Documents* (1997), Cambridge University Press.
- Farram, Steven (2007), "Jacobus Arnoldus Hazaart and the British interregnum in Netherlands Timor, 1812-1816", *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*, 163, 4, pp. 455-475.
- Figueiredo, Fernando (2000), "Timor", in A. H. de Oliveira Marques (ed.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. III, *Macau e Timor – Do Antigo Regime à República*, Lisboa, Fundação Oriente, pp. 697-793.
- Figueiredo, Fernando (2004), *Timor. A Presença Portuguesa (1769-1945)*, dissertação de doutoramento em História, Universidade do Porto – Faculdade de Letras [policopiado].
- Fox, James J. (2000), "Tracing the Path, recounting the past: historical perspectives on Timor", in James J. Fox e Dionísio Babo Soares (eds.), *Out of the Ashes: Destruction and Reconstruction of East Timor*, Londres, C. Hurst & Co., pp. 1-29.
- Furber, Holden (2004), *Rival Empires of Trade in the Orient, 1600-1800*, New Delhi, Oxford University Press.
- Hägerdal, Hans (2006), "Servião and Belu; Colonial Conceptions and the Geographical Partition of Timor", *Studies on Asia*, III-3, pp. 49-64.
- Hägerdal, Hans (2007), "Rebellions or Factionalism? Timorese Forms of Resistance in an Early Colonial Context, 1650-1769", *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*, 163, 1, pp. 1-33.
- Hägerdal, Hans (2008), "White and Dark Stranger Kings: Kupang in the Early Colonial Era", *Moussons*, nº 12 [<http://moussons.revues.org/1510>].
- Hägerdal, Hans (2012), *Lords of the Land, Lords of the Sea – Conflict and Adaptation in Early Colonial Timor, 1600-1800*, Leiden, KITLV Press.
- Israel, Jonathan I. (1989), *Dutch Primacy in World Trade, 1585-1740*, Oxford, Clarendon Press.
- Kammen, Douglas (2010), "Subordinating Timor – Central Authority and the Origins of Communal Identities in East Timor", *Bijdragen tot de Taal-, Land- en Volkenkunde*, 166, 2/3, pp. 244-269.

- Lobato, Manuel (1999), *Política e Comércio dos Portugueses na Insulíndia – Malaca e as Molucas de 1575 a 1605*. Macau, Instituto Português do Oriente.
- Lobato, Manuel (2000), “Timor”, in A. H. de Oliveira Marques (ed.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. I, tomo II, *De Macau à Periferia*, Lisboa, Fundação Oriente, pp. 351-374.
- Lobato, Manuel (2014a), “Influência política, ocupação territorial e administração (in)direta em Timor (1702-1914), in José Vicente Serrão et al. (eds.), *Property Rights, Land and Territory in the European Overseas Empires*, Lisboa, CEHC-IUL, pp. 197-210.
- Lobato, Manuel (2014b), “Luso-Eurasian Influence in Timor (Early Sixteenth Century to the Mid-nineteenth Century”, *Journal of Asian History*, 48.2, pp. 165-203.
- Lombard-Jourdan, Anne (1982), “Un mémoire inédit de F.E. de Rosily sur l’île de Timor (1772)”, *Archipel*, 23, 1982, pp. 75-104.
- Loureiro, Rui (2001), “Discutindo a Formação da Presença Colonial Portuguesa em Timor”, *Lusotopie*, pp. 143-155.
- Morais, A. Faria de (1934), *Subsídios para a História de Timor*, Bastorá, Tip. Rangel.
- Matos, Artur Teodoro de (1974), *Timor Português, 1515-1769 – Contribuição para a sua História*, Lisboa, Faculdade de Letras.
- Matos, Artur Teodoro de (1993a), “António Coelho Guerreiro, mercador, burocrata e governador”, *Mare Liberum*, 5, pp. 107-111.
- Matos, Artur Teodoro de (1993b), ‘Timor and the Portuguese trade in the Orient during the 18th Century’, in Artur Teodoro de Matos e Luís Filipe F. Reis Thomaz (eds), *As Relações entre a Índia Portuguesa, a Ásia do Sueste e o Extremo Oriente*, Macau / Lisboa, pp. 437-445.
- Pinto, Paulo Jorge de Sousa (1997), *Portugueses e Malaios – Malaca e os Sultanatos de Johor e Achém, 1575-1619*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal.
- Pinto, Paulo Jorge de Sousa (2013), “Século XVII”, in Jorge Santos Alves e António Vasconcelos de Saldanha (eds.), *Governadores de Macau*, Macau, Livros do Oriente.
- Pinto, Paulo Jorge de Sousa (2014a), “Traders, middlemen, smugglers: the Chinese and the Formation of Colonial Timor (18th-19th Centuries), in José Vicente Serrão et al. (eds.), *Property Rights, Land and Territory in the European Overseas Empires*, Lisboa, CEHC-IUL, pp. 267-277.
- Pinto, Paulo Jorge de Sousa (2014b), “Visitors and Settlers: Notes on Timor and the Chinese as Cultural and Economic Brokers”, *Journal of Asian History*, 48.2, pp. 139-164.
- Ptak, Roderich (1983), “Some References to Timor in Old Chinese Records”, *Ming Studies*, 17, pp. 37-48.
- Ptak, Roderich (1987), “The Transportation of Sandalwood from Timor to China and Macao, c. 1350-1600”, in Roderich Ptak (ed.), *Portuguese Asia: Aspects in History and Economic History (16th and 17th Centuries)*, Estugarda, Steiner Verlag, pp. 87-109.
- Reid, Anthony (1993), *Southeast Asia in the Age of Commerce, 1450-1680, vol. II: Expansion and Crisis*, New Haven / Londres, Yale University Press.
- Reid, Anthony (1999), “A Great Seventeenth Century Indonesian Family: Matoaya and Pattingalloang of Makasar”, in *Charting the Shape of Early Modern Southeast Asia*, Londres, Silkworm Books.
- Sá, Artur Basílio de (1949), *A Planta de Cailaco – Valioso Documento para a História de Timor*, Lisboa.
- Schulte Nordholt, H. G. (1971), *The Political System of the Atoni of Timor*. Haia, Martinus Nijhof .
- Thomaz, Luís Filipe F. R. (1994), “Relance da História de Timor”, in *De Ceuta a Timor*, Lisboa, Difel.

Thomaz, Luís Filipe F. R. (2001), “Timor: o Protectorado Português”, in A. H. de Oliveira Marques (ed.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. II, *Macau e Timor – o Declínio do Império*, Lisboa, Fundação Oriente, pp. 493-526.

Tibbets, G. R. (1979), *A Study of the Arabic Texts Containing Material on Southeast Asia*, Leiden/ Londres, E. J. Brill.

Vickers, Adrian (2005), “The New Order: Keeping Up Appearances”, in Grayson Lord e Shannon L. Smith (eds.), *Indonesia Today: Challenges of History*, Singapura, Institute of Southeast Asian Studies, pp. 72-84.

Villiers, John (1985), “As derradeiras do mundo: The Dominican Missions and the Sandalwood Trade in the Lesser Sunda Islands in the Sixteenth and Seventeenth Centuries”, in *II Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa*, Lisboa, IICT, pp. 571-600.

Vasconcelos, Frazão de (1929), “Dois Inéditos Seiscentistas sobre Timor”, *Boletim Geral das Colónias*, V, nº 54, pp. 72-81.

Viola, Maria Alice Marques (2013), *Presença Histórica “Portuguesa” em Larantuka (séculos XVI e XVII) e suas implicações na contemporaneidade*. Tese de doutoramento em Antropologia, Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas [policopiado].

Komemora tinan atus lima (500) navegador no misionáriu portugés sira to’o mai Timor no tinan 40.^º ba aniversáriu ba Proklamasau Repúblika Demokrátika Timor-Leste, Sekretaria Estadu Artes no Kultura no Arkivu Nasionál Timor-Leste halibur materiál sira kona-ba prezensa portugés nian no mos elementu kultura timorense. Ami reproduz sasin balun iha ne’e, tau iha iniciativa ne’ebé organiza iha Oecusse no iha Díli husi Arkivu & Muzeu Rezisténsia Timorense no husi Fundasaun Mário Soares.

Assinalando os 500 anos da chegada dos navegadores e dos missionários portugueses a Timor e o 40.^º aniversário da Proclamação da República Democrática de Timor-Leste, a Secretaria de Estado das Artes e Cultura e o Arquivo Nacional de Timor-Leste reuniram materiais alusivos à presença portuguesa e, bem assim, elementos da cultura timorense.

Reproduzimos aqui alguns desses testemunhos, expostos nas iniciativas organizadas em Oecussi e em Díli pelo Arquivo & Museu da Resistência Timorense e pela Fundação Mário Soares.

Marking the 500th anniversary of the arrival of the Portuguese navigators and missionaries to Timor and the 40th anniversary of the proclamation of the Democratic Republic of Timor-Leste, the Secretary of State for Arts and Culture and the National Archives of Timor-Leste gathered materials alluding the Portuguese presence and, also, elements of East Timorese culture.

Here we reproduce some of those testimonies, displayed in the initiatives organized in Oecussi and in Dili by the Arquivo & Museu da Resistência Timorense and the Fundação Mário Soares.



Estatua mane no feto ho "Belak Natali", ai, besi, Oekussi, Sék. XX
Estátuas masculina e feminina, ornamentadas com "Belak Natali", madeira e metal, Oecussi, Séc. XX

Male and female statues, decorated with "Belak Natali", wood and metal, Oecusse, 20th Century

Signifika katak hametin abut ba lisan hotu hotu no sai hanesan sasan luluk hodí adora. Oferese husi partikular ba Muzeu Nasional, iha tinan 1996.

Destinam-se a manter as raízes das casas sagradas, tornando-se objetos igualmente sagrados para adoração.

Doação feita por particular ao Museu Nacional, em 1996.

Intended to keep the roots of the sacred houses, making it equally sacred objects of worship. Private donation to the National Museum in 1996.

Sekretaria Estadu Arte no Kultura | Secretaria de Estado da Arte e Cultura | State Secretariat for Arts and Culture

Bandeira Portugál, Algodaun

Bandeira de Portugal, algodão

Flag of Portugal, cotton

Bandeira Repúblika Portugeza ne'ebé simu, hafoin Funu Mundial Daruak, husi Mateus Freitas, Liurai Muapitene, Postu Administrativu husi Lospalos, Munisípiu Lautém.

Durante período Indonézia família consegue halo'ot bandeira. Iha tinan 2014 familia halo doasaun ba Governu Timor-Leste, integra ba kolesaun Muzeu Nasional.

Bandeira da República Portuguesa recebida, após a II Guerra Mundial, por Mateus Freitas, Liurai de Muapitene, Posto Administrativo de Lospalos, Município de Lautém.

Durante o período indonésio, a família conseguiu preservar a bandeira. Em 2014, a família fez a doação ao Governo de Timor-Leste, integrando a coleção do Museu Nacional.

Flag of Portugal received after World War II, by Matthew Freitas, Liurai of Muapitene, administrative post of Los Palos, Municipality of Lautém.

During the Indonesian period the family can preserve the flag. In 2014 the family makes a donation to the Government of Timor-Leste, integrating the collection of the National Museum.

Sekretaria Estadu Arte no Kultura | Secretaria de Estado da Arte e Cultura | State Secretariat for Arts and Culture





Mákina hakerek, besi, dékada 30 husi sék. XX
Máquina de Escrever, metal, década de 30 do Séc. XX
Typewriter, metal, 30s of 20th Century

Mákina hakerek mekánika. Destina ba produsaun dokumentu eskritu ho modu uniforma.
Máquina de escrever mecânica. Destinada à produção de documentos escritos de modo uniforme.
Mechanical typewriter. For the production of written documents uniformly.

Arkivu Nasional Timor-Leste | Arquivo Nacional de Timor-Leste |
National Archive of East Timor

Selu Mutin, besi no ai, metade daruak husi Sék. XX
Selo Branco, metal e madeira, segunda metade do Séc. XX
White Stamp, metal and wood, second half of the 20th Century.

Uza husi Servisu Notariadu Administrasaun Portugeza iha "Província Timor" (Viqueque) hodi auténtika dokumentu ofisiál sira.
Usado pelos Serviços de Notariado da Administração Portuguesa na "Província de Timor" (Viqueque) para autenticar documentos oficiais.
Used by Notary Services of the Portuguese administration in the "Timor Province" (Viqueque) to authenticate official documents.

Arkivu Nasional Timor-Leste | Arquivo Nacional de Timor-Leste |
National Archive of East Timor





Insígnia, besi, 1952

Insígnia, metal, 1952

Insignia, metal, 1952

Frente e verso da medalha atribuída a Mateus Freitas, Liurai de Muapitene, Posto Administrativo de Lospalos, Município de Lautém, por ocasião da visita do ministro do Ultramar a Timor

Frente e verso da medalha atribuída a Mateus Freitas, Liurai de Muapitene, Posto Administrativo de Lospalos, Município de Lautém, por ocasião da visita do ministro do Ultramar a Timor.

Frente e verso da medalha atribuída a Mateus Freitas, Liurai de Muapitene, Posto Administrativo de Lospalos, Município de Lautém, por ocasião da visita do ministro do Ultramar a Timor.

Sekretaria Estadu Arte no Kultura | Secretaria de Estado da Arte e Cultura | State Secretariat for Arts and Culture

Bomboneira, fainsa moldada, pintura polikroma, orijen deskoñesidu, Sék. XX

Bomboneira, faiança moldada, pintura policromada, origem desconhecida, Séc. XX

Bonbonniere, molded faience, polychrome painting, unknown origin, 20th Century

Resipiente ki'ik ba dose, dala barak, serve deit ba dekorasaum
Recipiente pequeno para doces, muitas vezes, apenas, com função decorativa.

Small container for sweets, often only with decorative function.

Sekretaria Estadu Arte no Kultura | Secretaria de Estado da Arte e Cultura | State Secretariat for Arts and Culture





Buli, faiansa moldad, pintura polikroma, orijen deskoñesidu, Sék. XX
Bule, Faiança moldada, pintura policroma, origem desconhecida, Séc. XX

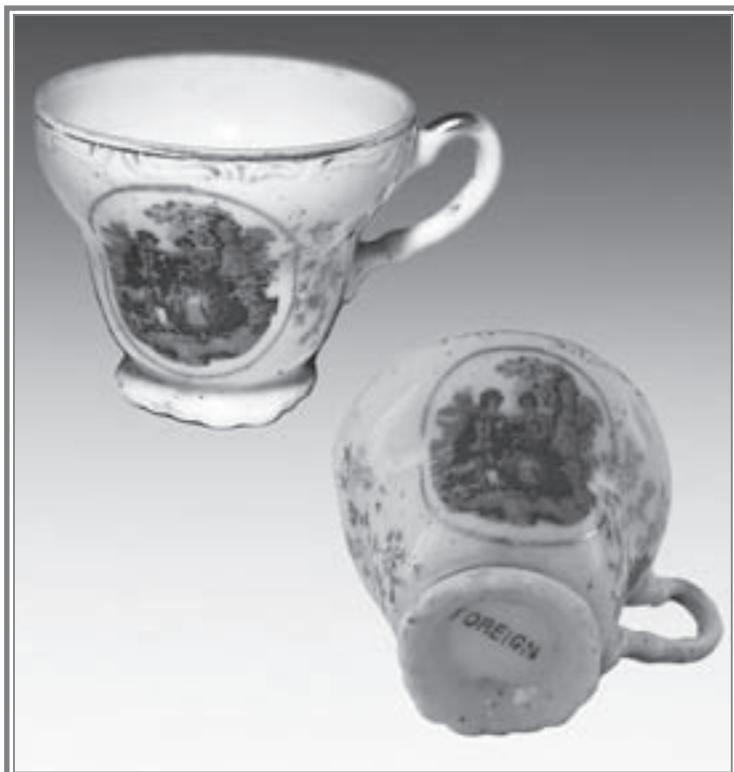
Teapot, molded faience, polychrome painting, unknown origin, 20th century

Resipiente ida ne'ebé uza hodi halo infuzaun ba xá no destina ba ninia servisu. Propriedade Júlio Freitas, Suku Muapitene, Postu Administrativu Lospalos, Munisípiu Lautém. Hetan durante Administraun Portugeza nia rohan no subar iha gruta ida durante tinan 24 husi okupasaun Indonéziu. Hafoin Restaurasaun Independénsia família sira entrega ba Governu Timor-Leste, integra ba kolesaun Muzeu Nasional.

Recipiente no qual se faz a infusão do chá e que se destina ao seu serviço. Propriedade de Júlio Freitas, Suco Muapitene, Posto Administrativo de Lospalos, Município de Lautém. Adquirido durante os últimos anos da Administração Portuguesa e escondidas numa gruta durante os 24 anos da ocupação indonésia. Após a Restauração da Independência foi gentilmente cedido pela família ao Governo de Timor-Leste, integrando a coleção do Museu Nacional.

Pot in which the tea infuses and is served. Property of Julio Freitas, Muapitene Suku, administrative post of Los Palos, Municipality of Lautém. Acquired during the last years of Portuguese administration and hidden in a cave during the 24 years of Indonesian occupation. After the Restoration of Independence was kindly provided by the family to the Government of Timor-Leste, integrating the collection of the National Museum.

Sekretaria Estadu Arte no Kultura | Secretaria de Estado da Arte e Cultura | State Secretariat for Arts and Culture



Xavena ou Xíkara, Faiansa moldada, Pintura Polikroma, orijen deskoñesidu, Sék. XX

Chávena ou Chícara, Faiança moldada, Pintura Policroma, origem desconhecida, Séc. XX

Cup, Molded faience, Polychrome painting, unknown origin, XX Century

Resipiente uza hodi hatama kafé, xá, susubeen ou buat hemu sira seluk ne'ebé manas. Hetan durante Administrasaun Portugeza ninia rohan no subar iha gruta ida durante tinan 24 iha okupa-saun indonéziu. Hafoin Restaurasaun Independénsia família sira entrega ba Governu Timor-Leste, integra ba kolesaun Muzeu Nasional.

Recipiente usado para ingerir café, chá, leite ou qualquer outra bebida quente. Adquirida durante os últimos anos da Administração Portuguesa e escondidas numa gruta durante os 24 anos da ocupação Indonésia. Após a Restauração da Independência foram gentilmente cedidas pela família ao Governo de Timor-Leste.

Container used to drink coffee, tea, milk or any other hot drink. Acquired during the last years of Portuguese administration and hidden in a cave during the 24 years of Indonesian occupation. After the Restoration of Independence was kindly provided by the family to the Government of Timor-Leste.

Sekretaria Estadu Arte no Kultura | Secretaria de Estado da Arte e Cultura | State Secretariat for Arts and Culture



Medalha, Besi, Sék. XX
Medalha, Metal, Séc. XX
Medal, Metal, 20th Century

Atribui husi Administrasaun Portugeza ba Mateus Freitas, Liurai Muapitene, Postu Administrativu Lospalos, Munisípiu Lautém. Insígnia hodi uza iha serimónia ofisiál oin-oin.

Atribuídas pela Administração Portuguesa a Mateu Freitas, Liu-
rai de Muapitene, Posto Administrativo de Lospalos, Município de
Lautém. Insígnia destinada a ser usada em cerimónias oficiais.

Awarded by the Portuguese Administration to Mateu Freitas, Liu-
rai of Muapitene, administrative post of Los Palos, Municipality of
Lautém. Insignia intended for use in of cial ceremonies.

Sekretaria Estadu Arte no Kultura | Secretaria de Estado da Arte e
Cultura | State Secretariat for Arts and Culture

Krús, Besi, Sék. XX
Cruz, Metal, Séc. XX
Cross, Metal, 20 th Century

Pesa ne'e pertense ba kolesaun Muzeu Provinsiál Timor-Timur / Lorosa'e, harii durante períodu Indonéziu nian. Iha tinan 1999 ne'e lori ba rai liur. Tempu balun oin mai, Syméon Antoulas halibur kolesaun ida ho objetu 59 no kontaktu ho Governu Timor-Leste. Objetu sira ne'e fila mai iha tinan 2010 hodi integra ba kolesaun Muzeu Nasional.

Peça pertencente à coleção do Museu Provincial Timor-Timur, criado durante o período indonésio. Em 1999 foi levada para o exterior. Posteriormente, Syméon Antoulas reuniu uma coleção de 59 objetos e contactou o Governo de Timor-Leste. O conjunto regressou em 2010 integrando a coleção do Museu Nacional.

Piece belonging to the collection of the Provincial Museum Timor Timur, created during the Indonesian period. In 1999 it is taken to the outside. Later, Symeon Antoulas brings together a collection of 59 objects and contact the Government of Timor-Leste. The set back in 2010 by integrating the collection of the National Mu-
seum.

Sekretaria Estadu Arte no Kultura | Secretaria de Estado da Arte e
Cultura | State Secretariat for Arts and Culture





Telefone, Besi, Século XX
Telefone, Metal, Século XX
Telephone, Metal, 20th Century

Uza iha faze Administrasaun Portugeza nia rohan iha Timor (1945-1975). La permite indikasaun ba número. Fila manivela, kontaktu telefonista ida ne'ebé estabelese ligasaun sira entre aparellu telefoniku oin-oin.

Usado na ultima fase da Administração Portuguesa em Timor (1945-1975). Não permitia a indicação do número. Girando a manivela, contactava-se um(a) telefonista que estabelecia as ligações entre os diferentes aparelhos telefónicos.

Used in the last phase of the Portuguese Administration in East Timor (1945-1975). Did not allow the indication of the number. Turning the crank, contacted them into a operator who established the links between different telephones

Arkivu Nasional Timor-Leste | Arquivo Nacional de Timor-Leste | National Archive of East Timor

Lista telefóniku, 1968

Lista Telefónica, 1968

Phonebook, 1968

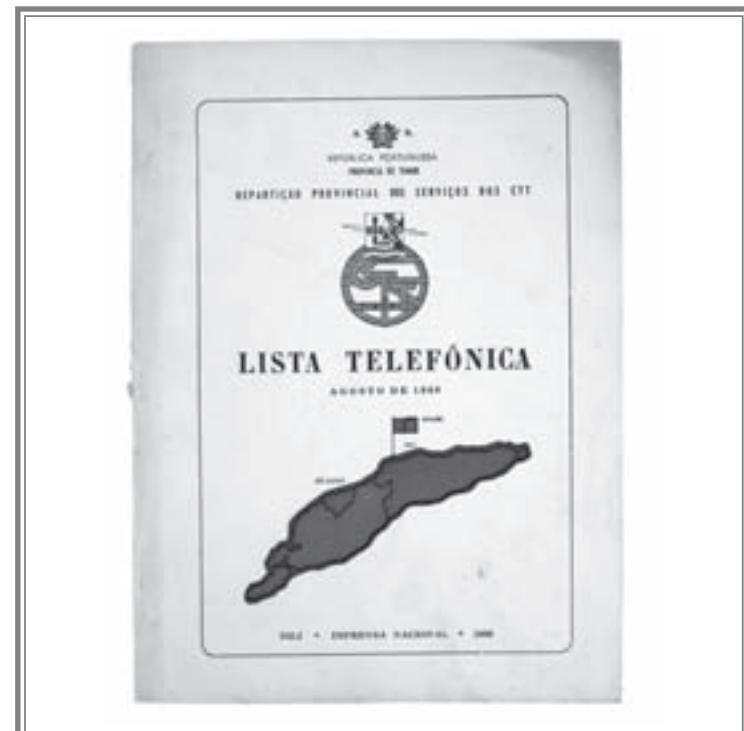
Repartisaun Provinsiál husi Servisu CTT nian. Repúblika Portuguesa, Província Timor nian, Díli, Imprensa Nacional.

Repartição Provincial dos Serviços dos CTT. República Portuguesa, Província de Timor, Díli, Imprensa Nacional.

Provincial Department of Services of CTT.

Portuguese Republic, Province of Timor, Dili, Imprensa Nacional.

Arkivu Nasional Timor-Leste | Arquivo Nacional de Timor-Leste | National Archive of East Timor





Deklarasaun ba Matriz Predial Prédio Sirkunkrisaun husi Oecusse, kona-ba parte ne'ebé okupa husi Servisu Administrasaun Estatal, 1953.

Declaração para a Matriz Predial de Prédios da Circunscrição de Oecusse, respeitante à parte ocupada pelos Serviços de Administração Estatal, 1953.

Declaration to the Register of buildings in the Circumscription of Oecusse, for the part occupied by the State Administration Services, 1953.

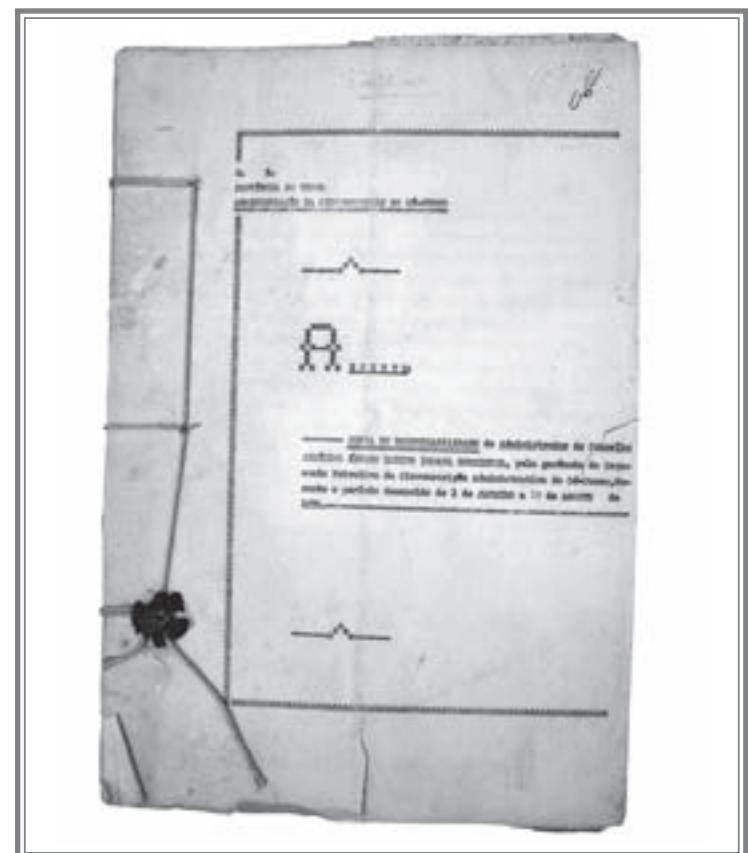
Arkivu Nasional Timor-Leste | Arquivo Nacional de Timor-Leste | National Archive of East Timor

Kópia inventáriu husi artigu material, mobiliáriu no utensíliu ba kargu Sirkunkrisaun administrasaun husi Oecusse, no ba responsabilidade husi Administradór Sirkunkrisaun, Fernando Plínio dos Santos Tinoco, iha período 1 fulan Janeiru to'o 17 fulan Setembru 1964.

Cópia do inventário dos artigos de material, mobiliário e utensílios a cargo da Circunscrição administrativa de Oe'cusse, e à responsabilidade do Administrador de Circunscrição, Fernando Plínio dos Santos Tinoco, no período de 1 de janeiro a 17 de setembro de 1964.

Copy of the inventory of items of equipment, furniture and fixtures in charge of the administrative district of Oe'cusse, and the responsibility of the Administrator, Fernando dos Santos Plinio Tinoco in the period from January 1 to September 17, 1964.

Arkivu Nasional Timor-Leste | Arquivo Nacional de Timor-Leste | National Archive of East Timor





Pedidu billete identidade husi Cristóvão da Cunha, husi Siclulif, Suku Kosta, Sirkunkrisaun husi Oecusse. Imprensa Nasional Timor nian. Arkivu identifikasiasaun Timor, 1975.

Pedido de bilhete de identidade de Cristóvão da Cunha, natural de Siclulif, Suco Costa, Circunscrição de Oe'cusse. Imprensa Nacional de Timor. Arquivo de Identificação de Timor. 1975.

Identity Card Request of Cristóvão da Cunha.

Natural from Siclulif, Suco Costa, Circumscription of Oe'cusse. National Press of Timor. Timor Identification Archives. 1975.

Arkivu Nasional Timor-Leste | Arquivo Nacional de Timor-Leste | National Archive of East Timor

Seara

Tinan III, Fulan Novemburu 1951. Imprensa Nacional de Timor.

Ano III, novembro e dezembro de 1951. Imprensa Nacional de Timor.

Year III, November and December 1951. Imprensa Nacional de Timor.

Arkivu Nasional Timor-Leste | Arquivo Nacional de Timor-Leste | National Archive of East Timor



INDISE

ÍNDICE

INDEX

Prefásiu	3	6 Tinan 1641 no nia efeitu sira	75
Dr. Rui Maria de Araújo, Primeiru-Ministru Repúblika Demokrátika Timór-Leste		1641 e os seus efeitos	75
Prefácio	4	1641 and its effects	75
Foreword	5		
Aprezentasaun	7	7 Portugés mutin no portugés metan	89
Hamar, Antoninho Baptista Alves (AMRT) e Alfredo Caldeira (FMS)		Portuguese brancos e portugueses negros	89
Apresentação	6	White Portuguese and Black Portuguese	89
Presentation	6		
Tinan 500 Portugal-Timor	13	8 Timór no sékulu XVIII: governadores,	101
Paulo Jorge de Sousa Pinto, CHAM – Universidade Nova de Lisboa		larantukaoan e revoltas	101
500 Anos Portugal-Timor	13	Timor no século XVIII: governadores,	101
500 Years Portugal-Timor	13	larantuqueiros e revoltas	101
1 Illa ai-kameli nian	13	Timor in the 18th century: Governors,	101
A ilha do sândalo	13	Larantuqueiros and rebellions	101
The island of the sandalwood	13		
2 Melaka no Timór	21	9 Iha Díli	119
Malaca e Timor	21	Em Díli	119
Malacca and Timor	21	In Dili	119
3 Frade no merkadór sira	35	10 Reforma, konfliitu no marka fronteira	135
Frades e mercadores	35	Reformas, conflitos e delimitação de fronteiras	135
Friars and merchants	35	Reforms, conflicts and demarcation of borders	135
4 Jau no makasár sira	49	Bibliografia	146
Jaus e macaçares	49	Bibliografia	146
Javanese and Makassarese	49	Bibliography	146
5 Dezafiu olandés	63	Materiál sira kona-ba prezensa portugés nian	
O desafio holandês	63	no mos elementu kultura timorense	
The Dutch challenge	63	Materiais alusivos à presença portuguesa	150
		e elementos da cultura timorense	150
		Materials alluding the Portuguese presence	
		and elements of East Timorese culture	150
		Fixa Téknika	160
		Ficha Técnica	160
		Technical Data	160

FIXA TÉKNICA

FICHA TÉCNICA

TECHNICAL DATA

Koordenasaun | Coordenação | Coordination

Alfredo Caldeira
Hamar, Antoninho Baptista Alves

Investigasaun no Textu sira | Investigação e Textos | Research and Content

Paulo Jorge Sousa Pinto (CHAM - Universidade Nova de Lisboa)

Tradusaun | Traduções | Translation

Tétum: Dulce Turquel, Luís Cardoso,
Abraão Marino Santos, Moisés de Jesus,
Mateus Campos Pinto
Inglés | Inglês | English
Maria Amália Reis, Paulo Jorge Sousa Pinto, Victor Ramos

Reprodusaun fotográfika | Reprodução fotográfica | Photographic reproduction

António Coelho
Tadeu Amaral Sarmento

Produsaun | Produção | Production

Inês Quintanilha
Catarina Santos
Zélia Pereira
Paulo Andringa
Mara Bernardes de Sá
Cristina Prata
André Borges Guterres
Domingos da Costa Oliveira

Ema ne'ebe fo kontribuisaun | Colaboradores | Contributors

Maria Isabel Ximenes
Cecilia de Assis
Abílio da Silva
Horácio Marques
Carlito Martins
Boaventura da Silva

Design

Gonçalo Castilho

Impresaun | Impressão | Print

Gráfica Pátria

**FUNDAÇÃO
MÁRIO SOARES**

**RESISTÊNCIA
TIMORENSE**
ARQUIVO & MUSEU
**REZISTÉNSIA
TIMORENSE**
ARKIVU & MUZEU

Fonte/Imajen sira | Fontes/Imagens | Fonts/Images

Ensaio de Iconografia das Cidades Portuguesas do Ultramar, vol. III, Luís Silveira, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1951

Livro das Plantas de todas as fortalezas, cidades e povoações do Estado da Índia Oriental, António Bocarro, Goa, 1635

Mapas do Mundo, Michael Swift, Lisboa, 2006

Os Portugueses em Solor e Timor de 1515 a 1702, Humberto Leitão, Lisboa, 1948

Portugaliae Monumenta Cartographica, Armando Cortesão (Dir.), Lisboa: Comissão para as Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique, 1960

Arquivo da Resistência Timorense

Arquivo Nacional de Timor-Leste

Arquivo Histórico Militar, Portugal

Arquivo Histórico Ultramarino, Portugal

Beinecke Rare Book & Manuscript Library, Yale University, Estados Unidos da América

Biblioteca Nacional de Portugal

Biblioteca Pública de Évora, Portugal

Fundação Mário Soares, Portugal

Instituto de Ciências Sociais/Universidade de Lisboa, Portugal

Maritiem Museum Rotterdam, Holanda

Nationaal Archief, Holanda

Secretaria de Estado de Arte e Cultura, Timor-Leste

Wellcome Library, Londres, Inglaterra

Entidade Parseiria sira | Entidades Parceiras | Partner Organizations



Ministério da Administração Estatal
Arquivo Nacional de Timor-Leste



Embaixada de Portugal em Díli



Apoiu | Apoio | Sponsors



**FUNDAÇÃO
ORIENTE**

Bainhira ita hakarak dignifika historia ita tenki hare di-diak tuir abordagem científika, hodi haktuir di-diak povu nain rua nia moris iha tinan atus lima nia laran, no mos hare di-diak tuir evolusaun politika, economika e social regiaun nian, hetan influensia barak.

Ita nia historia hamutuk, lekar ba fatin barak, dook malu tebetebes, hanesan Lisboa, Goa, Malaca, Solor, Flores no mos Timor. Fatin sira nee hatudu Globalização neebe halo keda iha tinan atus lima nia laran, bainhira troka malu sasan no mos kultura.

A significação da História exige uma abordagem aprofundada e cientificamente correta da vivência entre os dois povos ao longo de cinco séculos e da sua inserção na evolução política, económica e social da região e do cruzamento incessante de influências.

Com efeito, a nossa história comum liga locais tão distantes e diferentes como Lisboa, Goa, Malaca, Macau, Solor, Flores e Timor, expressando a globalização ocorrida há 500 anos no comércio e na troca de culturas.

Historical elevation demands rigorous approach and a scientifically accurate depiction of life experiences between the two peoples over the course of five centuries and their relation with the political, economical and social evolution of the region and the endless crossing of influences.

Indeed, our common history links places as far and different as Lisbon, Goa, Malacca, Macao, Solor, Flores and Timor, expressing the globalisation that occurred 500 years ago in trade and in the cultural exchanges.